

ANDREW ROBERTS



HITLER & CHURCHILL

SEGREDOS DA LIDERANÇA



JORGE ZAHAR EDITOR



ANDREW ROBERTS

HITLER & CHURCHILL

Segredos da Liderança

Tradução:
Maria Luíza X. de A. Borges



Para Peter Wyllie

Sumário

Lista de ilustrações

INTRODUÇÃO

O paradigma clássico da liderança • O paradigma moderno da liderança • Hitler e Churchill: sua permanente relevância

HITLER E CHURCHILL ATÉ 1939

Criação do mito nacional • Oratória • Hitler evita Churchill • Carisma • Relações públicas • Um lugar só para eles • Arquitetura • Acessórios, símbolos e marcas • O trato com as pessoas • Ouvir conselhos • Delegação versus intromissão • “Trabalhar para o Führer”

HITLER E CHURCHILL A PARTIR DE 1940

Churchill assume o poder • O percurso de Hitler até Compiègne • Comando de missão • Churchill sem meias palavras • Conquista de plenos poderes • Derrotar o derrotismo • Em busca de aliados • O triunfo da vontade • O uso da tensão criativa: Churchill e Alanbrooke • Hitler fala de Churchill • Churchill fala de Hitler • O uso de inteligência secreta • Demissões • A resistência a Hitler • Dia D: a nêmesis de Hitler

CONCLUSÃO

Os experimentos de Milgram e Asch • Responsabilizar-se • A hora de partir • Churchill como historiador • O lugar de Churchill na história

Notas

Bibliografia

Agradecimentos

Índice

Lista de ilustrações

- [1.](#) Hitler em 1930.
- [2.](#) Churchill ao deixar Downing Street, para comunicar à Câmara dos Comuns o afundamento da frota francesa em Orã (1940.)
- [3.](#) A Liga das Donzelas cultua seu ídolo sob o olhar de Heinrich Himmler.
- [4.](#) O Comício do Partido do Reich pela Honra e a Liberdade em Nuremberg (1936).
- [5.](#) Churchill conserta um telhado em seus anos de ostracismo.
- [6.](#) Churchill envergando seu “*siren suit*”, em Chartwell (1939).
- [7.](#) Churchill, acompanhado por Bob Boothby, sua filha Diana e seu guarda-costas, inspetor W.H. Thompson, caminha para a Câmara dos Comuns (1929).
- [8.](#) O general Werner von Blomberg com Hitler.
- [9.](#) Hermann Göring com Hitler.
- [10.](#) Churchill, dez meses após seu acidente na Quinta Avenida, é carregado para sua residência em Londres (1932).
- [11.](#) Hitler na cadeia em Landsberg.
- [12.](#) O encontro de Hitler, recém-eleito chanceler, com seu antigo comandante-em-chefe presidente Hindenburg em Postdam (1933).
- [13.](#) O Führer inspeciona suas tropas fora do Castelo [Hradschin], em Praga, em 15 de março de 1939, ao invadir o restante da Tchecoslováquia.
- [14.](#) O comediante Weiss-Ferdl em seu camarim em 1930; Hitler estudou seu *timing*, elocução e técnicas.
- [15.](#) Hitler banca o canastrão para seu fotógrafo favorito, Heinrich Hoffmann.
- [16.](#) Churchill, na Casa Branca, durante um pronunciamento pelo rádio (1943).

- [17.](#) Hitler com Blondi.
- [18.](#) Hitler com Eva Braun.
- [19.](#) Foto muito rara do míope Hitler usando óculos.
- [20.](#) Hitler posa com crianças.
- [21.](#) Benito Mussolini de calção de banho.
- [22.](#) Churchill não se preocupava muito com a aparência.
- [23.](#) Hitler em trajes sóbrios, realçando sua simplicidade *vis-à-vis* seus generais.
- [24.](#) Goebbels conta uma piada para o Führer.
- [25.](#) O arquiteto Albert Speer e Hitler admiram sua obra na inauguração da nova Chancelaria do Reich em 1938.
- [26.](#) Mais de 270 metros de esplêndidas galerias antecedem o gabinete do Führer.
- [27.](#) Churchill caminha pelas ruas de Londres em 26 de maio de 1940.
- [28.](#) Os secretários de Hitler fumavam na ausência dele.
- [29.](#) Hitler numa festa em 1937 com dois papais-noéis.
- [30.](#) Churchill com sua filha Mary.
- [31.](#) O ministro das Finanças Hjalmar Schacht saúda o busto do Führer (1935).
- [32.](#) Kingsley Wood e Anthony Eden aconselham Churchill horas antes de ele se tornar primeiro-ministro em 10 de maio de 1940.
- [33.](#) O Gabinete de Chamberlain durante a guerra em outubro de 1939.
- [34.](#) O general-de-divisão Erich von Manstein.
- [35.](#) O general Walther von Brauschitsch, Hitler e o general Franz Halder dirigem o comando de missão.
- [36.](#) O marechal-do-ar sir Hugh Dowding, do Comando de Caças.
- [37.](#) Bob Boothby, grande amigo e confidente de Churchill até se envolver no “caso do ouro tcheco” em 1941.
- [38.](#) Os marechais-de-campo lord Alanbrooke e Bernard Montgomery com Churchill na França (1944).
- [39.](#) Churchill, envergando uniforme militar, na Conferência de Teerã.
- [40.](#) Hitler inspeciona os danos após o atentado que sofreu em 20 julho de 1944.
- [41.](#) Bruno Gesche, comandante da Guarda Pessoal SS de Hitler.

- [42](#). Foto forjada e depois distribuída pela Executiva Política de Guerra (PWE) britânica.
- [43](#). Alguns livros afirmam que o Führer era homossexual.
- [44](#). Hitler usando a Cruz de Ferro de Primeira Classe, a braçadeira com a suástica e o quepe pontudo.
- [45](#). Churchill com alguns de seus acessórios favoritos: chapéu *homburg*, colete listrado, gravata-borboleta de bolinhas e lenço num arranjo elaborado.

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

- [1](#), [3](#), [4](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [18](#), [21](#). The Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz
- [2](#), [5](#), [6](#), [16](#), [27](#), [30](#), [32](#), [36](#), [37](#), [44](#), [45](#). Hulton Getty
- [7](#), [8](#), [10](#), [39](#). Popperfoto
- [9](#), [29](#), [31](#), [38](#). Ullstein Bild
- [15](#). Voller Ernst
- [17](#), [19](#), [20](#), [24](#), [25](#), [26](#), [28](#), [40](#). The Walter Frentz Archive
- [22](#). The Imperial War Museum [23](#), [33](#), [34](#). AKG London
- [35](#). Heidemarie Schall-Riacour
- [41](#). Bayerische Staatsbibliothek
- [42](#). Richard Garnett

Introdução

“Mantenho os olhos abertos e o que eles me mostram me faz pensar. O futuro é inescrutável mas aterrador; deveis permanecer leais a mim. Quando eu já não puder refrear e controlar, já não serei o guia.”

Savrola, *de Winston Churchill*

“Como podem cem pessoas ser guiadas por uma única?” Essa foi uma das perguntas para dissertação no meu exame de ingresso à Universidade de Cambridge e, embora há muito ela me fascine, só ao cabo de vinte anos finalmente encontrei tempo para tentar resolvê-la. Trata-se, no entanto, de uma pergunta que reside no cerne da história e da civilização. Se uma pessoa não fosse capaz de comandar outras cem, não teria havido nenhuma guerra, mas tampouco teria havido catedrais, a exploração do espaço ou orquestras filarmônicas. A capacidade que uma pessoa tem de fazer outras cem cumprirem suas ordens é o alicerce sobre o qual todo o esforço humano coletivo se funda, para o bem ou para o mal. Sendo assim, como isso acontece?

Seria razoável esperar que, tendo a política e a sociedade mudado de maneira tão fundamental ao longo dos séculos, o mesmo tivesse ocorrido com a natureza da liderança. Desde que as sociedades agrárias firmadas em obrigações feudais foram suplantadas no Ocidente por democracias apoiadas em instituições representativas, deveríamos ser regidos por imperativos diferentes e conduzidos por apelos a motivos muito diversos para a ação. O assombroso, contudo, é que, mesmo numa era que se considera tão sofisticada quanto cínica, em tempos de perigo a liderança inspirada ainda se funda em ampla medida na suspensão da crença.

Esse vernáculo inalterável é evidente a partir das modificações mínimas

que ocorreram na linguagem da liderança. Ler o Discurso do Funeral de Péricles de 431 a.C. (“Atenas coroa seus filhos”), o discurso “Entre nós não podes mais morar” de Cícero contra o usurpador Catilina em 63 a.C., ou o discurso “O clamor de toda a Inglaterra” pronunciado por John Pym em 1642, é compreender que o estoque de emoções humanas a que os líderes recorrem é limitado e, de maneira notável, constante. Se ouvíssemos esses três oradores hoje, ficaríamos provavelmente tão comovidos quanto seus espectadores na época. Esse estoque de emoções pode ser saqueado, plagiado, mas acima de tudo aprendido. O propósito deste livro é examinar como duas personalidades absolutamente opostas pilharam esse pequeno léxico, às suas diferentes maneiras, para ganhar o prêmio que, como ambos sabiam, só um deles poderia alcançar: a vitória na Segunda Guerra Mundial.

Em 1941, quando quis ilustrar o espírito de resistência ao nazismo, o diretor de cinema Sir Alexander Korda contratou Laurence Olivier para fazer o papel-título em *Henrique V* de Shakespeare. A fala do rei diante da brecha em Harfleur era diretamente análoga aos discursos que Churchill estava fazendo naquele ano, embora mais de três séculos os separassem. A verdadeira liderança nos comove de uma maneira que está profundamente enraizada em nossos genes e psique. Se os fatores subjacentes à liderança permaneceram os mesmos por séculos, não seria possível aprender essas lições e aplicá-las a situações felizmente muito distantes daquelas de vida ou morte de 1939-45?

A liderança — como a coragem e até a sinceridade — pode estar completamente separada dos conceitos de bem e mal. Adolf Hitler foi tanto corajoso como sincero ao promover suas crenças, por mais abomináveis que elas fossem. Estudar as qualidades de liderança somente de pessoas cujas ações aprovamos seria privarmo-nos dos exemplos de alguns dos líderes mais influentes do mundo. Sem dúvida o maior criminoso de nosso tempo, Osama bin Laden é, não obstante, um líder e merece que investiguemos como conseguiu persuadir tantas pessoas a provocar tamanha destruição. Assim como o marechal-de-campo Montgomery manteve uma fotografia emoldurada de Erwin Rommel em sua caravana durante toda a campanha do deserto, deveríamos tentar estudar as técnicas de liderança de nossos inimigos para sermos finalmente capazes de derrotá-los.

Nosso mundo ainda é, de maneira reconhecível, aquele que nos foi legado pelo arranjo pós-Hitler de 1945. As grandes potências, descontando-se o fato de a Rússia e a Europa Oriental terem se livrado do comunismo em 1989-91,

são basicamente as mesmas da ocasião em que as Nações Unidas foram fundadas em São Francisco ao fim da guerra. Exceto na época da implosão da Iugoslávia — que não levou a qualquer conflito fora da região —, nenhuma fronteira européia foi alterada. Se contarmos a Coreia como uma ação de polícia das Nações Unidas, nenhuma guerra foi travada diretamente entre quaisquer Grandes Potências, a não ser da China com a Índia em 1959. Assim, as seis últimas décadas alteraram a Europa menos que qualquer período de tempo semelhante desde a Idade Média. A descolonização já estava em curso antes que Winston Churchill deixasse o cargo em 1955, e se ele voltasse à Terra hoje os chefes do estado-maior não demorariam muito para instruí-lo sobre a atual disposição do planeta. Hitler — o Satã que não podemos apagar da memória — precisaria que lhe explicassem Hiroshima e Nagasaki, mas o resto lhe seria bastante compreensível. Afinal, ele previu em seu *bunker* que, com sua morte, os vencedores finais seriam os Estados Unidos e a Rússia e, embora a reunificação da Alemanha fosse talvez empolgá-lo por alguns momentos, o fato de ela ter ocorrido de maneira tão pacífica e democrática o deixaria devidamente enfurecido. Os acontecimentos de 1939-45 ainda configuram nosso mundo com suas lições e seus legados. A relevância permanente de Hitler e Churchill para nossas vidas é incontestável; Saddam à parte, o Ocidente desfruta hoje aqueles “amplos planaltos ensolarados” que Churchill nos prometeu e Hitler tentou com tanto afincio destruir.

O fato de Churchill ser ainda reconhecido como a personificação da liderança corajosa foi indelevelmente salientado na esteira dos ataques da Al-Qaeda aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Naquele momento de dor e aflição, os americanos retornaram muitas e muitas vezes ao exemplo dele para exprimir seus sentimentos mais profundos acerca de sua perda, seu destemor e determinação. Churchill surgiu mais uma vez como uma figura de vulto no que pode ser chamado — segundo o título de um de seus próprios livros — “a crise mundial”. Em seu discurso Estado da União de 2001, o presidente George W. Bush, discursando sobre suas reações aos ataques aos Estados Unidos, disse: “Não vacilaremos, não esmoreceremos, não cederemos e não fraquejaremos.” Tratou-se de um eco consciente do pronunciamento que Churchill fez pelo rádio aos Estados Unidos em fevereiro de 1941, em que declarou: “Não cederemos e não fraquejaremos; não afrouxaremos ou nos cansaremos.” Em seu discurso aos aturdidos sobreviventes do Pentágono no dia 12 de setembro, uma manhã depois que

tantos de seus camaradas haviam sucumbido, o secretário de Defesa dos EUA Donald Rumsfeld disse: “No ápice do perigo para sua própria nação, Winston Churchill falou da ‘hora mais gloriosa’ (*finest hour*) para ela. Ontem, os Estados Unidos e a causa da liberdade humana foram alvo de ataque.” Rumsfeld voltou ao tema de Churchill várias vezes posteriormente e, em agosto do ano seguinte, disse a três mil membros do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, na Califórnia, que havia paralelos diretos entre o relativo isolamento diplomático dos EUA a respeito da projetada guerra contra o Iraque e a posição solitária de Churchill contra o apaziguamento da Alemanha na década de 1930. Tudo que li sobre os “anos de ostracismo” de Churchill me leva a concluir que esses paralelos realmente existem.

Levado a percorrer as salas do Gabinete de Guerra durante sua visita a Londres em 2001, o presidente Bush qualificou Churchill como “um dos líderes realmente fascinantes”, e pediu à Embaixada Britânica em Washington que guarnecesse o Salão Oval com um busto dele esculpido por Epstein.¹ (Ronald Reagan já tinha pendurado um retrato de Churchill na Sala de Guerra da Casa Branca.) Hoje é Churchill que, 37 anos após a sua morte, está ajudando a fornecer um vocabulário e o vernáculo para o espírito de resistência destemida que os Estados Unidos desejam projetar sobre o resto do mundo. O *Boston Daily Record* declarou: “Winston Churchill e suas palavras são interminavelmente citados e aprovados”, e quando Bush visitou a área devastada do Ground Zero em Manhattan, fizeram-se comparações com as excursões que o primeiro-ministro fazia ao East End durante a Blitz para levantar o moral. Enquanto se preparava para a guerra contra o Iraque, o presidente deu a saber que estava lendo um livro intitulado *Supreme Command: Soldiers, Statesmen and Leadership in Wartime* [Comando supremo: soldados, estadistas e liderança em tempo de guerra] do acadêmico americano Eliot A. Cohen, que tem um capítulo dedicado à relação de Churchill com seus chefes do estado-maior.² (Num nível mais mundano, o comediante Jim Carrey mencionou Churchill ao doar seu nada mundano cheque de um milhão de dólares para o fundo filantrópico criado para as famílias das vítimas do 11 de setembro.)

Na cerimônia carregada de emoção para promover grande número de bombeiros de modo a preencher os postos de seus colegas tombados, o prefeito Rudolf Giuliani citou Churchill e foi louvado pelo *Washington Post* como “Churchill com um boné ianque”. (Uma imagem nada absurda, de fato, já que o líder britânico gostava de usar bonés e chapéus excêntricos e por

vezes exóticos.) Quando visitou a Grã-Bretanha em fevereiro de 2002, o prefeito Giuliani declarou a Alice Thomson, do *Daily Telegraph*: “Recorri a Churchill para que me ensinasse como revigorar o espírito de uma nação agonizante. Depois do ataque costumava conversar com ele. Durante os piores dias da Batalha da Inglaterra, Churchill nunca saiu de Downing Street dizendo: ‘Não sei o que fazer’, ou ‘Estou perdido’. Ele saía com uma direção e um propósito, mesmo que tivesse de forjá-los.”³

“*Mesmo que tivesse de forjá-los.*” Uma das teses deste livro é que durante grande parte do tempo entre o término da retirada de Dunquerque, em 3 de junho de 1940, e a invasão da Rússia por Hitler 52 semanas mais tarde, em 22 de junho de 1941, Churchill teve de fato de recorrer regularmente à impostura. A despeito de toda a sua esplêndida oratória durante esse período, ele não sabia de fato como seria possível derrotar a Alemanha. O embuste é por vezes um elemento crucial da liderança, mas como São Paulo escreveu em sua primeira epístola aos Coríntios, “Se a trombeta emitir um som incerto, quem se preparará para a batalha?” A certeza de Churchill se propagou entre o povo britânico, ainda que, em 1940, fosse difícil compreender, com base em qualquer análise racional concebível, como seria possível ganhar a guerra.

Embora antes e especialmente depois da guerra Churchill tenha tido em certas ocasiões um desempenho decepcionante em alguns dos altos cargos de Estado que ocupou, naqueles meses vitais de 1940-41 e durante o resto do conflito, até 1945, levou a cabo façanhas extraordinárias de liderança. No cerne de tudo isso estava um logro tão tremendamente audacioso que, se os acontecimentos não tivessem provado que estava certo, ele teria provavelmente se arriscado a um *impeachment*. (É claro que, se os eventos tivessem provado que estava errado, e a Grã-Bretanha tivesse sido invadida com sucesso, a punição pelo Parlamento teria sido a menor de suas preocupações.) Este livro examinará esse logro de boa-fé bem como os logros malévolos praticados por seu antagonista.

O paradigma clássico da liderança

Ao longo de toda a história, provou-se relativamente fácil para os líderes encontrar pessoas dispostas a matar por eles; o que lhes tem sido muito mais difícil é encontrar pessoas dispostas a morrer por eles. As pessoas criadas nos países ocidentais modernos, racionalistas-cristãos, em geral exigiram pelo

menos uma possibilidade marginal de sobrevivência, mas isso não as impediu de se engajar voluntariamente, em tempo de guerra, em operações e unidades que envolviam taxas de sobrevivência baixíssimas. A alternativa que o Henrique V de Shakespeare ofereceu para o rompimento das defesas de Harfleur foi, afinal de contas, “fechar a muralha com nossos ingleses mortos”, e ambas as guerras mundiais do século XX viram pessoas dispostas a aceitar taxas elevadas de baixas, sobretudo no corpo dos oficiais de infantaria na Primeira Guerra Mundial e no Comando de Bombardeiros na Segunda Guerra Mundial. Isso foi uma espécie nobre sacrifício; o que o mundo viu no dia 11 de setembro de 2001 foi exatamente o avesso dessa imagem.

Quando Osama bin Laden estava estimulando seus seguidores a cometer o suicídio, os métodos que usou parecem ter sido, em essência, indistinguíveis daqueles usados nos tempos medievais pelos Assassinos ou pelo Mádi e califa no Sudão nas décadas de 1880 e 1890. Parecem ter tido também estreita semelhança com os usados com os pilotos camicases japoneses de 1944-45. Churchill, que lutou contra o califa e presenciou a destruição final de seu exército em Omdurman em 1898, teria reconhecido imediatamente o que descreveu (num contexto muito diferente) como “um faquir de um tipo muito conhecido no Oriente”. A natureza desse tipo de liderança carismática pseudo-religiosa — também exibida pelo líder de seita Jim Jones quando convenceu mais de 900 de seus seguidores a cometer suicídio na Guiana em 1978 — parece escapar à compreensão ocidental moderna. Grigori Rasputin e alguns dos líderes das primeiras cruzadas parecem ter gozado algo do mesmo poder de sedução — Hitler certamente tinha — e é preciso compreender isso para que a presente ameaça ao Ocidente possa ser superada.

Se o estilo de liderança de Bin Laden é essencialmente hitlerista em seu vernáculo e em seus antecedentes, e George W. Bush e seus conselheiros mais gabaritados voltam-se para Churchill à procura de inspiração, não poderia a guerra contra o Terror ser vista, de forma legítima, como uma retomada da Segunda Guerra Mundial por procuração? Acredito que sim, e a dicotomia entre as técnicas de liderança carismáticas de Hitler *versus* as técnicas de liderança genuinamente inspiradoras de Churchill será um dos temas centrais deste livro. Pois os segredos de ambos os tipos de liderança podem ser aprendidos quase de cor e controlados em benefício de qualquer pessoa atenta à história e à expressão eficaz.

Alan Bullock, em sua biografia conjunta de Adolf Hitler e Josef Stálin, que

tem por subtítulo *Parallel Lives* [Vidas paralelas] demonstrou como muitas das técnicas totalitárias dos nazistas foram copiadas dos bolcheviques. Obviamente a combinação dos talentos satânicos mas inegáveis de Albert Speer, Joseph Goebbels e da cineasta Leni Riefenstahl tornaram os comícios nazistas muito mais impressionantes visualmente que as paradas na Praça Vermelha, tão caras ao politburo soviético. Mas a habilidade em organizar espetáculos de ambos os regimes equivalia a pouco mais que um evento de *show business* produzido por meio de microfones, efeitos de iluminação, fumaça e espelhos.

Naquela bela e sutil crítica à técnica ditatorial, o filme *O mágico de Oz* produzido por Hollywood em 1939, o até então apavorante mágico revela-se um charlatão mirrado que é mantido ocupado atrás de uma fachada imponente, puxando alavancas que produzem chamadas e barulhos furiosos. Hitler, Stálin, Mussolini e Franco, o filme sugere, na realidade não passavam muito disso, se pelo menos as democracias ocidentais tivessem coragem, decência e intelecto para enfrentá-los sem medo. No entanto, apesar de tudo o que descobrimos sobre suas inadequações pessoais, esses homens foram responsáveis pelo massacre de tal número de inocentes que o século XX ficará manchado para sempre como, na expressão de um eminente historiador, “a Era da Infâmia”.⁴ Na vida real, em vez de voar de volta para o Kansas em seu balão, o mágico teria fuzilado o Espantalho, o Homem de Lata, o Leão Corajoso e Dorothy (e sem dúvida Totó para completar).

“Um homem não pode dar mais triste prova de sua própria pequenez que a descrença em grandes homens”, escreveu Thomas Carlyle em *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* [Sobre os heróis, seu culto e o poema épico na história], mas não será o contrário mais verdadeiro? Não há *pathos* em nossa busca constante de líderes, quando ainda não aperfeiçoamos a arte de ser seguidores maduros, descrentes da atribuição de qualidades super-humanas a pessoas que sabemos perfeitamente serem apenas de carne e osso como nós? Uma democracia madura deveria se envergonhar desses acessos periódicos de culto do herói, assim como uma mulher madura se acanha ao lembrar da paixão que alimentou quando adolescente pelo capitão do time de beisebol da escola. “Um dos anseios mais universais de nosso tempo”, escreveu o pensador político americano James MacGregor Burns, “é uma avidez por liderança irresistível e criativa”. Uma avidez que muitas e muitas vezes conduziu ao desastre, como quando a França clamou pela liderança de Napoleão em 1799, a Rússia se voltou para Lênin em 1917

e ampliou seu erro com Stálin menos de uma década depois, e não menos de 13 milhões de alemães votaram em Hitler em 1932. “Não nos deixaremos enganar de novo” cantou The Who na canção política “We won’t get fooled again”. Mas o fato é que nos deixamos, muitas vezes.

Como sir Ian Kerhaw, o último e melhor biógrafo de Hitler, mostrou em 1987 em seu livro *The “Hitler Myth”* [Hitler, o mito]: “A disposição para depositar toda esperança na ‘liderança’, na autoridade de um ‘homem forte’, não era em si mesma, é claro, peculiar da Alemanha. A promoção por elites ameaçadas e a aceitação por massas ansiosas de liderança forte e autoritária, quase sempre personificada numa figura ‘carismática’, foi (e ainda é) experimentada por muitas sociedades em que um sistema pluralista fraco é incapaz de resolver fraturas políticas e ideológicas e é percebido como estando numa crise final.” Longe de ser, como acreditava Carlyle, um sinal de grandeza — ou de ausência de pequenez — a glorificação da liderança exercida por “grandes homens” talvez seja apenas um sinal da condição de Terceiro Mundo de um país.

Filósofos anarquistas, e alguns pensadores libertários modernos, sustentaram com convicção que o problema subjacente é a própria existência do conceito de liderança, pelo menos numa escala nacional. Essa parece ser também uma queixa dos que protestam contra a globalização tomando de assalto qualquer cidade corajosa (ou audaciosa) o bastante para sediar uma reunião de cúpula de “líderes mundiais”. Fosse a humanidade capaz de se organizar de tal modo que um só homem não pudesse deter poder absoluto sobre uma centena, eles alegam, estaríamos todos em melhor situação. Assim como marxistas ortodoxos acreditam que o Estado “desapareceria” após a implosão do capitalismo por força da contradição interna, anarquistas como Pierre Proudhon e Mikhail Bakunin afirmaram que um dia a própria necessidade de líderes políticos desapareceria por completo. Mas, embora tenha ganhado algum terreno desde a guerra, em especial nos Estados Unidos durante a década de 1960 e no início da década da 1970, essa tese continua tão utópica como sempre.

A mais rápida vista-d’olhos no mundo moderno mostra-nos como os “líderes mundiais” estão mais ubíquos e em evidência hoje que em qualquer momento desde 1945. Os líderes passaram a personificar seus países na imaginação popular e, mesmo na era da integração européia, mantiveram um perfil público muito mais notável do que teria sido possível prever apenas trinta anos atrás. A influência que levou a esse aumento da importância dos

líderes mundiais — se não necessariamente do poder real de que dispõem — não parece fadada a desaparecer no futuro próximo. Isso se deve em grande parte ao aumento exponencial da velocidade e penetração da tecnologia da informação, mediante a qual mais pessoas em mais lugares podem tomar conhecimento muito mais depressa das coisas que estão acontecendo. Sendo os principais porta-vozes de seus países, os líderes mundiais tiraram pleno proveito desse desenvolvimento para promover seus perfis corporativos.

Longe de significar que passamos a considerar cada questão com mais cuidado para debater mais conscienciosamente o que está acontecendo, a revolução das comunicações e da informação significou que delegamos, levemente, um número crescente de responsabilidades de tomada de decisão aos nossos líderes. A disputa de 2002 entre a Índia e o Paquistão pela Caxemira foi reduzida na mídia mundial a um impasse entre o primeiro-ministro Vajpayee e o presidente Musharraf, e saber se Osama bin Laden estava ou morto ou ativo foi considerado uma questão mais merecedora de notícias que a libertação do próprio Afeganistão do Talibã. Em 1780 o *whig* John Dunning, membro do Parlamento, propôs à Câmara dos Comuns uma moção segundo a qual “a influência da Coroa aumentou, está aumentando e deveria ser diminuída”. O mesmo pode ser dito hoje da influência dos líderes mundiais.

Os líderes tendem a se tornar uma parte maior, não menor, de nossas vidas cotidianas porque a política está sendo cada vez mais simplificada pela mídia, e não há melhor maneira de simplificar uma questão que concentrar-se na personalidade de um único líder, ou, melhor ainda, nas personalidades de dois líderes antagônicos. A necessidade, sob o sufrágio universal, de agradar ao que é efetivamente o mínimo denominador intelectual comum do eleitorado — pelo menos entre aqueles propensos a votar — conduziu inevitavelmente ao rebaixamento indiscriminado dos padrões relativos à persuasão, um processo que os próprios políticos ajudam e estimulam com entusiasmo hoje em dia.

Aqui está uma única frase do epílogo do discurso de William Gladstone que pôs abaixo o orçamento de 1852 para financiamento do déficit de Benjamin Disraeli (e com ele todo o ministério tóri):

Volto os olhos com pesar para os dias em que me sentava mais perto de meus nobres amigos do lado oposto a este em que agora me encontro, e sinto ser meu dever usar aquela liberdade de expressão que, estou certo,

os ingleses haverão de tolerar, quando vos digo que se derdes vossa anuência e vossa elevada autoridade a esse princípio muito falacioso e pernicioso sobre o qual o esquema financeiro do governo se funda — podeis recusar meu apelo agora — podeis acompanhar o nobre cavaleiro, o ministro das finanças até o *lobby*; mas minha crença é que virá o dia em que lamentareis esse voto — à medida que suas conseqüências cedo ou tarde se desdobrarem — lamentareis esse voto com amargura, mas com um pesar tardio e inútil.⁵

Talvez esta tenha sido uma das frases mais longas da obra do “*Grand Old Man*”, mas seria possível imaginar alguém na política moderna pronunciando algo semelhante? Frases de três palavras, sem verbo; declarações intelectualmente permissivas inseridas numa reportagem de televisão; referências a bordões do futebol ou de novelas — é disso que é feita a oratória política moderna.

O vocabulário da política clássica, envolvendo discursos repletos de alusões literárias e clássicas, simplesmente não é apropriado hoje porque o declínio dos padrões educacionais tornou impossível para grande parte do eleitorado compreendê-lo, mesmo que o próprio político tenha expediente intelectual para proferir discursos do calibre necessário. O grande advogado e político *whig* lorde Brougham disse: “A educação torna fácil conduzir um povo, mas difícil forçá-lo; fácil governá-lo, mas impossível escravizá-lo.” É terrível pensar que o contrário também poderia ser dito acerca da educação deficiente que está sendo imposta aos eleitorados de amanhã.

Isto não é simplesmente esnobismo reacionário — não tenho nenhum desejo de imitar a *Princesse de Petitpoix* em *Coningsby* de Disraeli, que sentia ser seu dever na vida “vingar a causa das dinastias decaídas e de uma nobreza degradada” — mas o fato é que Gladstone, Disraeli, Rosebery, Balfour e lorde Salisbury acreditavam na política como um processo de elevação e, em seus discursos, buscavam conscientemente quase tanto educar quanto persuadir. Poucos líderes hoje estão imbuídos do mesmo propósito moral em seus discursos, e os que estão constatarem ser impossível não soar arrogantes.

Com a democracia veio a demagogia e, como Aristóteles previu, não há no mundo um tipo de governo mais cínico que uma perfeita democracia, porque ela não pode admitir a possibilidade de seu soberano, o povo, alguma vez estar errado. A culpa pelos males sociais é lançada hoje sobre líderes

políticos como raramente ocorria sob o regime das antigas oligarquias. Com a condenação vem a crença subconsciente de que os líderes são capazes de mudar tudo, até a natureza humana. Essa suposição absurda nunca é tão evidente quanto nas cerimônias de “encontro com o povo” do primeiro-ministro, em que Tony Blair é com freqüência solicitado a transformar em lei medidas que em tempos anteriores seriam apropriadamente confiadas aos bispos, para que as implorassem através da prece, ou em alguns casos aos santos, mediante a intervenção divina. O Parlamento teria facilidade em estabelecer por lei que todos devem ser afáveis e bons, escreveu lorde Salisbury num de seus ensaios *Saturday Review* na década de 1860, ou que a gravidade não deveria provocar a queda ocasional de faxineiros dos peitoris das janelas, mas há limites para seu verdadeiro poder.

Em tempo de paz, é durante as campanhas para eleições gerais que a liderança política moderna está em maior evidência. Esses sempre foram períodos irritantes, detestáveis para qualquer pessoa com não mais que um resíduo de orgulho ou dignidade humana. A eleição britânica de 1992 viu um ponto particularmente baixo nesse aspecto, quando as discussões se reduziram a acusações de aumentos de impostos “duplamente calamitosos” e o governo acusou a oposição de contar “*porkies*” (gíria *cockney* rimada para *lies*, mentiras).

Como sir Max Beerbohm compreenderia tudo isso? Considere sua Rede Lecture de 1943 sobre Lytton Strachey: “Este, ao que dizem, deverá ser o século do homem comum. Gosto de pensar que na manhã de 1º de janeiro do ano 2000 a humanidade estará livre para desprender as suas mãos, erguer-se dos seus joelhos e buscar à sua volta uma outra forma de fé, talvez mais racional.” Já deixamos essa data para trás, e não há nenhum sinal visível de coisa alguma que não a mesma genuflexão. Se *The End of History and the Last Man* [O fim da história e o último homem] de Francis Fukuyama está correto ao prever a predominância global permanente da social-democracia, nunca haverá.

“As guerras entre povos serão mais terríveis que as guerras entre reis”, advertiu Churchill em seu discurso à Câmara dos Comuns sobre o orçamento do Exército em 1901. Pois, como ele escreveu em seu romance *Savrola*, “a galantaria cavalheiresca não está entre as características peculiares da alvoroçada democracia.”⁶ Churchill, o paladino da democracia, destacou esse problema quando, numa tarde brumosa de novembro de 1947, teve um longo devaneio sobre seu pai enquanto pintava em seu ateliê em Chartwell, sua casa

de campo. Talvez tenha sido mais uma visão, já que lemos, em sua própria descrição manuscrita do incidente: “Tive de repente uma sensação estranha. Virei-me com minha paleta na mão e ali, sentado numa poltrona de espaldar reto de couro vermelho, estava meu pai”, que na realidade morrera 52 anos antes. Durante a “conversa” dos dois, o filho disse ao pai, que fora o fundador do que era então chamado a Democracia Tóri: “Não tivemos outra coisa senão guerras desde que a democracia prevaleceu.”⁷

Não só a democracia norteou as guerras mais sangrentas da história, como algumas delas — a do Vietnã e a do Golfo, por exemplo — foram travadas especificamente em seu nome. Quando se luta por uma idéia e não por um objetivo geográfico particular, como a Silésia ou a Alsácia-Lorena, é quase impossível transigir. As guerras da democracia têm tendido a se tornar guerras sem quartel; como uma religião secular moderna, a democracia requer rendição incondicional. Ela desdenha a contemporização de maneira muito parecida com a dos combatentes das oito guerras religiosas por que a França passou entre 1562 e 1595. A insistência na rendição incondicional da Alemanha nas guerras mundiais prolongou os dois conflitos, ao passo que guerras anteriores, do século XVIII, eram questões dinásticas limitadas que em geral terminavam quando uma província era tomada e se tornava possível assinar um tratado de paz. Churchill reconheceu esse problema e só conseguiu evitar a guerra contra a Espanha de Franco em maio de 1944 ao chamar a atenção da Câmara dos Comuns: “Há toda a diferença do mundo entre um homem que o derruba com um golpe e um homem que o deixa em paz.” Tivesse a Guerra Fria de 1946-89 em algum momento eclodido em guerra direta entre superpotências, provavelmente só teria terminado após destruição maciça, porque a democracia, como lorde Salisbury disse do cristianismo militante, não conhece meio-termo quando defrontada com oposição resoluta.

O paradigma moderno da liderança

Já que o padre Peregrino Laziosi, que viveu em Siena no século XIII, é o santo padroeiro dos tumores malignos, é ele, presumivelmente, que vela sobre o aumento do número de relações-públicas nomeados por indicação que infestam o Estado britânico para assegurar que os líderes se mantenham tão afastados quanto possível do povo que lideram. O sr. Wharton, em *The*

Prime Minister [O primeiro-ministro] de Trollope, “era um tóri da escola antiga, que detestava conchavos, abominava profundamente a classe de políticos para os quais a política era uma profissão e não uma ocupação de fé”. Os líderes atuais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos — de todos os partidos — são cada vez mais atraídos para a política como uma profissão, não levados a ela por um senso verdadeiro de responsabilidade pública, e têm cada vez menos “hinterlândia”, o clichê corrente para interesses externos não-políticos.

Esse processo foi ruim para a natureza da liderança, uma vez que os políticos modernos consideram quase impossível renunciar por questões de princípio ou por infrações, já que não têm outro lugar para onde ir. Em julho de 1954, quando renunciou por causa da compra compulsória de terras em Crichel Down antes que qualquer pessoa tivesse realmente sugerido que deveria fazê-lo, sir Thomas Dugdale, o ministro da Agricultura no governo de Churchill em tempo de paz, retornou às suas atividades tradicionais, mal voltando os olhos para sua carreira interrompida. Hoje os ministros tendem a se agarrar ao cargo até serem ameaçados de demissão. Esse é um dos espetáculos menos edificantes na política e solapa mais ainda o respeito do povo por seus líderes.

Isto não é afirmar que os líderes do passado eram menos ambiciosos que os dos nossos dias, pois evidentemente não eram. Como disse o primeiro-ministro britânico lorde Rosebery na biografia que escreveu de seu amigo e adversário político, lorde Randolph Churchill: “O homem ambicioso que é capaz de observar sem desgosto a ascensão ou o sucesso de um contemporâneo é muito mais raro que o cisne negro.”⁸ Isso não é mais que afirmar que os líderes de ontem tendiam a reconhecer quando seu tempo estava claramente encerrado, e afastar-se, de uma maneira que é bastante estranha a políticos como David Mellor e Stephen Byers, de cujas mãos foi preciso arrancar lenta e penosamente as funções ministeriais. No século V a.C. Confúcio disse: “Não há espetáculo mais deleitável que ver um velho amigo cair de um telhado alto”, mas o mal disfarçado *Schadenfreude* que muitos outros políticos — especialmente colegas de partido — manifestaram diante dessas duas renúncias penosamente prolongadas tendeu a enojar o povo.

Há muito que os políticos vêm sendo seduzidos para o gozo do cargo por seus próprios atrativos, sem considerar aonde ele poderia levar. Quando, em julho de 1834, lorde Melbourne estava considerando se devia assumir como

primeiro-ministro, tal qual lhe fora oferecido pelo rei Guilherme IV, seu notoriamente franco secretário particular Tom Young exclamou: “Ora, com os diabos, um cargo como esse nunca foi ocupado por nenhum grego ou romano: e mesmo que dure só três meses, terá valido a pena ser o primeiro-ministro da Inglaterra.” “Por Deus, é verdade”, respondeu Melbourne. “Eu vou!” Assim fez, e foi primeiro-ministro por um total de seis anos e 255 dias. A ambição *per se* não é má coisa num líder, desde que esteja aliada a talento genuíno, como estava no caso de Melbourne. Mas como Alistair McAlpine, o ex-tesoureiro do Partido Tóric, constatou no Partido Conservador de John Major: “Não há lugar nem para sentimento nem para princípios nas vidas dos excessivamente ambiciosos.”

John Adair, o primeiro professor de estudos sobre liderança do mundo, expressa sucintamente a importância do momento e do lugar na liderança ao dizer: “É difícil ser um grande líder em Luxemburgo em tempo de paz.” Para se alçarem ao grau de grandeza que alcançaram respectivamente, Napoleão precisou do Terror, César precisou das Guerras Gálicas e Churchill precisou dos nazistas. (A respeito de Churchill, contudo, cabe observar que, tivesse ele morrido em abril de 1940, antes de se tornar primeiro-ministro, já teria sido uma figura importante na política do século XX.) Um dos personagens das “Lampitt Chronicles” de A.N. Wilson enfatiza sucintamente a importância da oportunidade histórica ao comentar sobre sua própria vida desperdiçada: “Eu nunca ‘fiz’ coisa alguma: é difícil ver, depois de Suez, o que se teria podido ‘fazer’, mesmo que fôssemos feitos da mesma fibra moral dos velhos pioneiros do Império.”⁹ Enoch Powell expressou esse sentimento quase niilista da melhor maneira, em termos políticos, ao afirmar, depois de Suez, que o Império não fazia mais sentido e a Comunidade Britânica não era um substituto lógico.

Em 1927 o jornalista americano Heywood Braun escreveu: “Assim como toda convicção começa como um capricho, assim todo libertador faz seu aprendizado como um excêntrico. Um fanático é um grande líder que apenas acaba de entrar numa sala.”¹⁰ Os líderes podem surgir antes de seu tempo, e se este não estiver maduro para eles, podem ser esquecidos, por mais carismáticos ou inspiradores que sejam pessoalmente. Os líderes precisam de seu João Batista mais do que eles próprios, seus partidários ou a história o admitirão de bom grado. Oliver Cromwell precisou de John Pym, o general Franco precisou do general Mola, Gamal Abdel Nasser contou com o general Neguib, e Ronald Reagan precisou de seu Barry Goldwater para abrirem seus

próprios caminhos para o poder. Tony Blair teve o raro luxo de ter dois João Batistas em Neil Kinnock e John Smith, que tornaram suas idéias mais palatáveis e seu caminho mais suave.

O processo é muitas vezes penoso para a imagem de são João, como foi claramente para o próprio Batista. Eles raramente obtêm o reconhecimento que merecem e tendem a lembrar a abadessa del Pilar em *The Bridge of San Luis Rey* [A ponte de San Luis Rey], de Thornton Wilder, que “era uma dessas pessoas que permitiram que suas vidas fossem erodidas porque se apaixonaram por uma idéia... antes de seu aparecimento predeterminado na história da civilização”. Muitas vezes “o precursor” não é um colega político, mas um intelectual, alguém cujos pensamentos tornam possível para o líder dizer e fazer coisas que teriam sido inconcebíveis mesmo apenas uma geração mais cedo. Margaret Thatcher, por exemplo, precisou que as idéias econômicas de Friedrich von Hayek, Milton Friedman, sir Keith Joseph e Enoch Powell fossem disseminadas em larga escala antes de poder empreender suas vastas reformas de livre mercado na década de 1980. Ela reconhece copiosamente essas dívidas intelectuais, mas muitas vezes os líderes gostam de dar a impressão de que elaboraram sua ideologia inteiramente por conta própria. Entretanto, como Heine declarou em *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha*: “Observem isso, vocês, orgulhosos homens de ação. Vocês não passam dos carregadores subconscientes dos homens de idéias... Maximilien Robespierre nada mais foi que a mão de Jean-Jacques Rousseau, a mão ensangüentada que extraiu do útero do Tempo o corpo cuja alma Rousseau criara.” Nem Hitler nem Churchill foram precedidos por um vulto de João Batista; não foram os carregadores subconscientes de ninguém.

Hitler e Churchill: sua permanente relevância

Para tentar estimar o poder que a Segunda Guerra Mundial continua a exercer sobre nós, reuni vários recortes de jornal durante duas semanas em março de 2000, um período escolhido inteiramente ao acaso, separando tudo o que se relacionasse com a Segunda Guerra Mundial, um evento de seis anos de duração que, afinal de contas, terminara 55 anos antes. Nesses 14 dias, Israel divulgou os diários de Adolf Eichmann; provas conclusivas de parte a parte começaram a ser apresentadas no processo por difamação David Irving

versus Deborah Lipstadt e Penguin Books com relação ao Holocausto; por fim, e com evidente relutância, o pretenso Führer austríaco Jörg Haider acusou Hitler como o homem mais perverso do século, um lugar que até então reservara para Churchill e Stálin; foi proposto que o quarto plinto em Trafalgar Square, vazio, fosse ocupado por uma estátua compósita de “Mulheres na Guerra”; reivindicações de indenização por obras de arte pilhadas pelos nazistas, ou sua restituição, foram estimadas entre 800 milhões e 2,5 bilhões de libras; noticiou-se que Leni Riefenstahl, de 97 anos, sobrevivera à queda de um helicóptero no Sudão, e estava prestes a ser representada por Jodie Foster num filme sobre sua vida; apontamentos manuscritos de um discurso feito por Hitler ao Reichstag em 1939 foram arrematados por 11.800 libras num leilão; Neville Lawrence, o pai de Stephen Lawrence, adolescente negro assassinado^a, comparou as experiências dos jovens negros na Grã-Bretanha com as de Anne Frank; um homem vestido como Hitler foi preso tentando entrar de penetra na Ópera de Viena; foram publicados excelentes obituários de Harold Hobday, que rompeu a represa do Eder com uma bomba de ricochete, e Dominic Bruce, o oficial da RAF que fez nada menos que 17 tentativas de fuga de campos alemães de prisioneiros de guerra, entre eles Colditz; a correspondência da rainha-mãe durante a guerra a respeito do duque e da duquesa de Windsor suscitou grande interesse da mídia; e o plano do general da SS Walter Schellenberg para a invasão nazista da Grã-Bretanha em 1940 foi publicado na íntegra, inclusive com a lista das 2.820 pessoas que seriam presas. Como se vê, mesmo mais de meio século depois, a Segunda Guerra Mundial continuava a fazer manchetes. Para nós, soldados britânicos, a guerra está longe de terminar.

Isto se deve em parte ao fato de que a história do período 1939-45, e especialmente do ano transcorrido entre junho de 1940 e julho de 1941, fala ao próprio cerne da percepção que a Grã-Bretanha tem de si mesma como uma nação. Tem aspectos que interessam tanto à direita quanto à esquerda. Para a direita, aqueles 386 dias em que “ficamos sós”, embora com o apoio inestimável do Império e da Comunidade Britânica, e também a aliança da Grécia, representam a expressão máxima da soberania, provando os benefícios inestimáveis da independência nacional. Para a esquerda, foi o tempo em que o fascismo como um conceito — não meramente as nações da Alemanha e da Itália — foi derrotado pelas forças da democracia tal como representadas pelo que Churchill chamou “a Grande Coalizão”, que incluiu o

Partido Trabalhista de Clement Attlee. Michael Foot disse certa vez que 1940 foi um símbolo poderoso demais para ser confiscado pela direita, e é em parte porque ambos os lados do espectro político se valem ideologicamente dos eventos daquele ano que nosso preeminente *annus admirabilis* sobreviveu como um totem tão potente. Como *The Times* escreveu num editorial em 5 de junho de 1990: “Muitos países celebram o dia em que sua independência foi conquistada ou seu antigo regime derrubado. Nada disso é aplicável à Grã-Bretanha, um país sem um dia nacional próprio... A Grã-Bretanha rememora um ano nacional... A iconografia de 1940 não pode estar muito longe daqueles que têm a Grã-Bretanha na sua mente.”

Há uma tribo na África Oriental em que o principal dever do curandeiro é prever o que um antigo grande chefe teria feito em qualquer conjunto dado de circunstâncias, e ambos os lados do debate sobre o grau da integração britânica à União Européia extraíram grande inspiração de Winston Churchill. Os euro-federacionistas como Michael Heseltine gostam de citar Churchill em defesa do conceito da unidade européia, embora tendam a deixar de acrescentar que o líder da guerra não desejava realmente que a Grã-Bretanha participasse dela. Sir Edward Heath também gosta de ponderar que é para evitar guerras futuras como aquela que disputamos que o continente deve se federar. Da mesma maneira, os que se opõem ao projeto Maastricht para a Europa, como o membro do Parlamento Bill Cash e o historiador Norman Stone — cujos pais morreram ambos na guerra — evocam os resultados desastrosos da tentativa de empurrar a Grã-Bretanha para um super-Estado europeu sem seu pleno consentimento.

É para 1940-41 que somos sempre compelidos a nos voltar quando procuramos as razões por que os britânicos se orgulham de sê-lo. Há uma multiplicidade de coisas que a Grã-Bretanha, sem dúvida, faz muito bem, mas parece da mesma forma haver sempre outros países que fazem exatamente as mesmas coisas melhor. É difícil pensar em ter orgulho da Grã-Bretanha simplesmente por causa da pompa, das corridas de carro, da indústria da música *pop* e da criação do Serviço Nacional de Saúde, até porque a Alemanha teve seu próprio sistema nacional de saúde muito mais cedo. É preciso haver mais alguma coisa, e para muitos é o que a Grã-Bretanha fez mais de 60 anos atrás. Diferentemente de qualquer outra potência, o Império Britânico permaneceu no campo desde o início — com exceção dos dois primeiros dias após a invasão alemã da Polônia — até que o Dia da Vitória sobre o Japão (VJ-Day) assinalou o fim, e essa é uma causa

para enorme e justificável orgulho.

A sensação de catarse gerada pelos anos de guerra foi tal que tudo o que ocorreu desde então tendeu a ser percebido como menor, mais seguro, mais trivial, menos magnífico. O período pós-guerra na Grã-Bretanha foi também inevitavelmente uma era pós-heróica. A Grã-Bretanha de Harold Wilson, Edward Heath e Jeremy Thorpe da década de 1970 simplesmente não podia pretender se comparar em termos de *glamour* e romantismo à de Churchill, Eden e Montgomery do início da década de 1940. Contudo, através de todas as várias tensões que se acumularam na Grã-Bretanha do pós-guerra — o naufrágio do Império, as desvalorizações periódicas da libra, imigração em massa da Nova Comunidade Britânica, a debacle de Suez, o recurso ao Fundo Monetário Internacional, os distúrbios das relações industriais na British Leyland e o Inverno do Descontentamento de 1978-79 — a lembrança de 1940-41 foi sempre um consolo e um lembrete de que, por sob todas as humilhações, havia uma grande nação.

Muitas outras nações tiveram sua idade de ouro, seu momento sob as luzes da ribalta. A tragédia particular de minha geração, a do *baby-boom*, é esse momento ter sido tão recente. É quase uma receita de niilismo, saber que nada pode recapturar aquele período sublimemente heróico. Assim como os gregos permanecem orgulhosos, com razão, dos feitos dos atenienses no século V a.C., os franceses se exaltam quando contemplam o Arco do Triunfo (embora ele represente como vitórias batalhas que a França de fato perdeu), os americanos reverenciam os pais da Constituição dos Estados Unidos, e os mongóis ainda veneram (contrariando ordem governamental estrita) a memória de Gêngis Khan, assim também não podemos tirar da mente o ano em que, como T.S. Eliot escreveu em seu poema “Little Gidding”, “a história agora está na Inglaterra”.

Há poucos indícios de que o interesse pela guerra esteja declinando pelo simples fato de seus participantes estarem saindo de cena, como o interesse pelo Partenon na Grécia, por Napoleão na França ou pela Constituição nos Estados Unidos tampouco declinou com a morte de seus protagonistas e autores imediatos. O primeiro quarto do século XXI verá os veteranos da Segunda Guerra Mundial marcharem para fora do campo de batalha da vida, mas o fascínio e a admiração por seus feitos não morrerão com eles. Muito tempo depois que todas as relações pessoais tiverem sido rompidas, os personagens, eventos e lições do que aconteceu entre 1939 e 1945 serão lembrados por gerações futuras. A reintrodução dos dois minutos de silêncio

no Dia do Armistício é um sinal do interesse redutivo por aquele tempo, e de veneração a ele. Sempre que dou palestras sobre a guerra em escolas, ouço repetidamente dos professores que esse é, de longe, o período histórico favorito de seus alunos.

Alguns acreditam que a obsessão da Grã-Bretanha pela guerra é infantil e prejudicial ao nosso processo de maturação como um Estado europeu normal. Sustentam que as feridas já estão em grande parte cicatrizadas, sendo apenas espicaçadas quando *hooligans* entoam letras xenofóbicas com a música de “The Dambusters’ March” em jogos internacionais de futebol. Mas as manchetes daquelas duas semanas de março de 2000 deveriam convencê-los do contrário. Como T.S. Eliot também disse em seu poema “Nascemos com os mortos: Veja, eles retornam e nos trazem consigo.” Sejam bancos suíços respondendo judicialmente a judeus que exigem reparações, jovens alunos americanos venerando Hitler e depois desencadeando terror na Columbine High School, ou platéias afluindo a filmes de Spielberg como *A lista de Schindler* ou *O resgate do soldado Ryan*, os ecos da guerra de Hitler continuarão a reverberar incessantemente, talvez de maneiras que hoje mal podemos adivinhar.

Muitos fatores levariam à vitória final dos aliados e à derrota alemã na Segunda Guerra Mundial: entre eles destaca-se a vasta superioridade em números e material. Mas a liderança de Hitler e Churchill também desempenhou um papel vital nela. As lições que podemos aprender de seus respectivos comportamentos entre 1939 e 1945 podem nos ajudar no modo como abordamos os dilemas muito menos graves de nosso próprio tempo. Que segredos de liderança Hitler empregou para hipnotizar uma nação? Se hoje podemos ver tão facilmente sua verdadeira natureza, por que o povo alemão não foi capaz disso na época? Por que as advertências de seu arquiadversário Winston Churchill não foram ouvidas quando ele estava prevendo justamente o que Hitler estava prestes a fazer? Ele acertou em quase todos os aspectos, e essa presciência temistocleana é a essência da liderança. Ao contrário de Hitler, Churchill havia sido educado e formado para exercer liderança desde o nascimento e, não obstante, ela só lhe foi confiada quando já era quase tarde demais. Por quê?

Acredito que precisamos compreender como a liderança funciona, como é usada e, com tanta freqüência, mal-usada. Precisamos saber o que faz de alguém um bom líder, mas também como detectar todos aqueles truques que pretensos líderes usam para tentar ganhar nossa confiança e apoio.

Precisamos saber como identificar os Führers do futuro, porque de uma coisa podemos ter certeza: da próxima vez, eles certamente não estarão usando as reveladoras botas de cano alto e braçadeiras.

^a Referência ao crime ocorrido em Londres em 1993. (N.T.)

Hitler e Churchill até 1939

“Você sabe o quanto posso parecer violento, mas sou violento com um homem apenas — Hitler.”

Churchill a seu novo secretário particular, John Martin

Todos nós conhecemos bem as cenas de vastas multidões bajuladoras fazendo filas pelas ruas para saudar Hitler em suas várias viagens pelo Terceiro Reich na década de 1930. São simuladas, é claro, mas a adoração estampada nos semblantes dos alemães comuns não era. Como pôde um espécime pouco sedutor — com seu bigodinho absurdo, voz irritante e olhar fixo — ter chegado a merecer essa devoção fanática?

Numa medida raramente vista fora de um contexto religioso, o fenômeno de Adolf Hitler permitiu a pessoas inteligentes suspender a atividade daquela parte de seus cérebros que gera a racionalidade. O ministro da Defesa alemão, marechal-de-campo Werner von Blomberg, afirmou que um aperto de mão cordial do Führer podia curá-lo de um resfriado. O marechal-de-campo Göring disse: “Se Hitler lhe dissesse que você era uma mulher, você sairia do prédio convencido disso.” Há um sem-número de outros exemplos de pessoas inteligentes — tanto homens quanto mulheres — que eram fascinadas por Hitler. Como lembrou um dos oficiais mais graduados de seu estado-maior, general Walter Warlimont, “Difícilmente um dos grandes comandantes do teatro de guerra, quando convocado para fazer uma apresentação ou relatório no quartel-general, resistia à presença extraordinária de Hitler.”¹

Churchill, em contraposição, nunca pareceu exercer qualquer tipo de poder pessoal quase místico sobre os outros. Enquanto Hitler tinha carisma, Churchill não tinha. Como era possível que Hitler despertasse tão mais veneração e adulação que o primeiro-ministro britânico? E por que, apesar

disso, foi Churchill que acabou se provando o líder mais bem-sucedido? Seja como for, o que fez de Hitler e Churchill líderes, e que talentos e técnicas eles empregaram para induzir milhões a segui-los?

Fizeram-se várias tentativas de comparar Hitler e Churchill. Nas palavras de um historiador da família Churchill, John Pearson:

Sob vários aspectos Churchill e Adolf Hitler eram constrangedoramente parecidos. Ambos eram homens implacáveis, obcecados pelo poder militar e com acentuado senso de predestinação pessoal. Ambos eram autodidatas, intensamente nacionalistas e extremamente agressivos diante da oposição. Ambos, também, eram personalidades fortemente egocêntricas, oradores impressionantes, atores inatos e conversadores magnetizantes, mais do que capazes de dominar os que caíam sob seu feitiço. Ambos... [encontravam] seu relaxamento na pintura, no monólogo especulativo e em projeções noturnas de seus filmes favoritos. Havia até uma estranha semelhança no modo como ambos esboçaram fantasias fortemente autobiográficas dos caminhos que pretendiam percorrer até o poder, Churchill em [seu romance] *Savrola* e Hitler em *Mein Kampf*.²

Lamentavelmente, quaisquer percepções proveitosas que esta passagem poderia conter são destruídas quando o autor prossegue afirmando que Churchill “poderia provavelmente” ter agido da mesma maneira que Hitler em sua ascensão ao poder, quando, de fato, a idéia de Churchill afundando-se até sua gravata-borboleta de bolinhas no sangue de seus inimigos políticos é inteiramente estapafúrdia. Os líderes poderosos, em sua maioria — certamente não só Hitler e Churchill — são “personalidades egocêntricas”, “extremamente agressivos diante da oposição”, mas enquanto Churchill demovia sua oposição com argumentos e a derrotava com votos no Parlamento, Hitler executou seus opositores a tiros na Noite dos Longos Punhais e usou Dachau e outros campos de concentração para se livrar do resto. Churchill jamais teria cogitado recorrer a táticas desse tipo, mesmo que as tensões internas da Alemanha da década de 1920 tivessem se reproduzido em seu próprio país. É verdade que ele confinou britânicos sem julgamento sob a Norma 18B em 1940, mas sempre considerou isso, em suas próprias palavras, “odioso no mais alto grau”, e libertou-os assim que o pôde fazer em segurança. Reservava o uso do gás para quando — e se — os alemães

invadissem as ilhas britânicas, em vez de fazer dele um instrumento de genocídio contra civis.

O nacionalismo de Churchill era inegavelmente profundo e bem articulado, mas nunca se assemelhou ao nacionalismo ressentido, paranóico e cruel que Hitler adotava. Mais do que no “monólogo especulativo”, Churchill era realmente exímio no diálogo e nas tiradas espirituosas; logo teria se cansado das platéias mudas, extasiadas, que o Führer apreciava. Churchill só era “obcecado pelo poder militar” em tempo de guerra; simplesmente aconteceu que dois de seus períodos no poder coincidiram com as duas guerras mais terríveis da história humana. Em tempo de paz, ele se concentrou em estabelecer a legislação que proibiu o emprego de meninos com menos de 14 anos em minas, introduziu a Seguridade Nacional e deu uma tarde por semana de folga para todos os trabalhadores. Ademais, Churchill pintava para fins de relaxamento e prazer; Hitler pintava casas para se sustentar e deixou de fazê-lo quando sua necessidade de dinheiro se atenuou.

A tentativa de equiparar *Mein Kampf* de Hitler ao romance *Savrola* de Churchill foi o mais absurdo dos expedientes de Pearson. Enquanto o primeiro livro é um projeto para a busca de *Lebensraum* (espaço de vida) no leste pela Alemanha nazista e um tratado sobre a superioridade racial dos arianos sobre os eslavos, *Savrola* é um leve melodrama romântico sobre um caso de amor entre a mulher do presidente de uma republiqueta latino-européia e o líder da oposição do país, o herói que dá nome ao romance. Escrito em 1897 e publicado em 1900, *Savrola* contém de fato algumas referências à política, entre elas alusões neodarwinistas à sobrevivência das mais aptas entre as nações; elas refletiam o pensamento eugenista da época, com que Churchill concordava, mas qualquer semelhança com *Mein Kampf* termina aí. O livro certamente não esboçou uma fantasia autobiográfica sobre a ascensão de Churchill ao poder, até porque *Savrola* defende a apaziguamento do ditador Molara, deixa o país quando a Revolução começa e só chega ao poder em Laurenia no epílogo do livro, em que todos estão vivendo felizes e assim viverão para sempre.

Em contraste com *Mein Kampf*, *Savrola* não foi um sucesso comercial, tendo o próprio Churchill admitido: “Sempre instei firmemente meus amigos a se absterem de lê-lo.” É fácil entender por que, diante de sua trama absurda, a caracterização unidimensional e os clichês persistentes. Ratos abandonam navios que naufragam, pessoas rebaixam-se para prevalecer, tiros saem pela culatra, a heroína ama o chão em que o herói pisa, é chegada a hora, e “No

amor e na guerra tudo é permitido”. O livro está cheio também das observações politicamente incorretas que se poderia esperar de uma obra de seu tempo: o rei da Etiópia tem um rosto “negro mas vivo”, a sina de uma mulher é a abdicação e a obediência, e acerca do que é praticamente o único personagem da classe trabalhadora do livro, “não leremos mais, pois a história não se ocupa de gente assim”. O herói, Savrola, é um filósofo de 32 anos, astrólogo amador e estadista, que é atraído para a política mais por ambição que por desejo de contribuir para o bem público.

Em praticamente todas as facetas de suas personalidades, dois homens não teriam podido ser mais diferentes que Hitler e Churchill. Este último era um hedonista consumado, com enormes apetites. Em 1943, na viagem para a conferência de Quebec a bordo do navio *Queen Mary*, por exemplo, Churchill comeu uma refeição composta de “ostras, *consommé*, linguado, peru assado, gelo com melão-cantalupo, queijo Stilton e grande variedade de frutas, *petit fours* etc., tudo regado com champanhe (Mumm 1929) e um Liebfraumilch excepcional, seguidos por um conhaque de 1870.”

A relação de Churchill com a bebida é uma questão importante. Ele costumava dizer que o álcool lhe dera mais do que lhe tirara, e todos os que bebem lhe fariam coro. Em seu caso, porém, com uma compleição de touro que lhe serviu bem até sua nona década, essa era a pura verdade. Embora Hitler acreditasse que Churchill era um alcoólatra incurável, não é isso que os dados sugerem. Churchill estava claramente brincando quando recusou uma xícara de chá por razões médicas, dizendo: “Meu médico me proibiu de tomar qualquer coisa não-alcoólica entre o café da manhã e o jantar.” Na verdade, como ele escreveu em sua autobiografia, *My Early Life* [Meus primeiros anos: um rosto errante], “fui criado e formado para ter o mais profundo desprezo por pessoas que se embebedam”. Seu amigo, o professor Frederick Lindemann calculou certa vez que, durante toda a sua vida, Churchill tomara champanhe suficiente para encher meio vagão de trem, mas levou mais de meio século para fazê-lo.³ (O “Prof” foi um mestre do que hoje chamaríamos incorreção política, tendo uma vez perguntado a um funcionário público: “Que proposta absurda é essa de abolir a fome?”)

Acusações de alcoolismo feitas pelo falecido historiador David Irving em sua biografia em vários volumes de Churchill — o tipo de hino de ódio que teria sido escrito caso a Segunda Guerra Mundial tivesse sido ganha pelo lado errado — papagueia a toada padrão da propaganda nazista. Felizmente, porém, o sr. Irving nos dá em seus livros indícios suficientes para refutar suas

próprias alegações. Assim, quando declara que num fim de semana em Chequers em agosto de 1941 o consumo de álcool (clarete à parte) consistiu de duas garrafas de champanhe, uma de porto, meia garrafa de conhaque, uma de vinho branco, uma de xerez e duas de uísque, ele também nos revela quantas pessoas estavam consumindo essa bebida. Somente no almoço de domingo estavam reunidos em torno da mesa de Churchill: lady Horatia Seymour, lorde e lady Cranborne, lorde e lady Bessborough, “um Rothschild e sua mulher”, um oficial da RAF e o (reconhecidamente abstêmio) primeiro-ministro canadense, William Lyon Mackenzie King. Se dividirmos a quantidade de bebida consumida pelo número de refeições servidas e depois novamente pelo número de membros da família e convidados presentes (neste caso pelo menos nove), ela deixa de parecer excessiva, especialmente quando se consideram os generosos padrões de hospitalidade reinantes nas casas de campo ricas da época.⁴ Assim, a julgar pelas estatísticas do próprio Irving, Churchill não pode ser acusado de alcoolismo, a menos que se afirme que ele tomou sozinho toda a provisão de bebidas de Chequers. Mas, como sabemos pelo testemunho de vários de seus secretários particulares, que os preparavam, Churchill gostava de seus conhaques e uísques muito diluídos com água e soda.

(O autor Clive Ponting queixou-se também de que Churchill e Eden tomaram um caro conhaque de 1865 juntos em novembro de 1940. Contudo seria legítimo perguntar: se eles não mereciam o luxo de tomar um conhaque excelente enquanto lutavam para salvar a civilização, quem merecia? A biografia de Churchill do sr. Ponting e o seu livro *1940: Myth and Reality* [1940: Mito e realidade] que nega persistentemente o heroísmo da Grã-Bretanha em sua hora mais gloriosa, o tornam parecido, mais que qualquer outra coisa, com os escreventes já calvos do poema de John Betjeman “Slough”, que “sem ousar levantar os olhos para ver as estrelas/ Arrotavam”.)

Hitler, por outro lado, pode ser acusado — e de fato condenado — por ser antitabagista, abstêmio e vegetariano. Não era um abstêmio total porque, segundo ele mesmo declarou em seu julgamento de 1924 após o chamado “*Putsch* da Cervejaria”, ocasionalmente “ingeria água ou cerveja por causa da secura da minha garganta”. Mais tarde, uma cerveja escura especial com o baixíssimo teor alcoólico de 2% foi fabricada para ele pela cervejaria de Holzkirchen na Baviera. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hitler observou certa vez que pouco se podia fazer para alterar os hábitos de alimentação e bebida do povo a curto prazo, mas que depois da guerra “trataria do

problema”. Acenava-se aos povos arianos, após a vitória, com a medonha perspectiva de um Reich submetido a baixos teores alcoólicos e livre de colesterol.

Na vida privada, Hitler era um daqueles vegetarianos fanáticos que às vezes difamam essa perversão. Na década de 1920, quando um amigo chamado Mimi Reiter pediu uma costeleta de vitela à milanesa, ele fez uma careta e disse: “Não, vá em frente e coma isso, mas não entendo que possa querer uma coisa dessa. Nunca pensei que desejaria devorar... a carne de animais mortos. Cadáveres!” Chamava caldo de carne de “chá de cadáver” e costumava contar uma história que achava engraçada sobre uma avó falecida cujos parentes jogaram seu corpo num riacho para servir de isca para lagostins. Para um convidado que estava comendo enguia defumada ele observou que a melhor maneira de engordar enguias era dar-lhes gatos mortos, e a senhora que comiam leitões disse: “A meus olhos isso parece exatamente um bebê assado.” Deixando de lado a grosseria com seus convidados e as imagens mórbidas às quais recorria, a rematada ironia de estar Adolf Hitler a dar lições sobre a estética imoral de cadáveres e da morte é deleitável.

Uma vez Hitler foi presenteado com uma lagosta por pescadores de Heligoland, mas ele pretendia proibir o consumo desses animais “feios e caros” e não gostava de ser visto comendo pratos caros. Durante os primeiros meses após assumir o poder, assinou nada menos que três leis distintas para assegurar a proteção e o tratamento correto dos animais, e em janeiro de 1936 seu governo decretou: “Devem-se matar caranguejos, lagostas e outros crustáceos jogando-os com rapidez em água fervente. Quando possível, isso deve ser feito individualmente.” É que, após muita discussão em altos níveis governamentais, as autoridades haviam decidido que esse era o método mais humano de matá-los.

Hitler gostava também de caviar, até descobrir o quanto se gastava com ele e substituí-lo por ovas de peixe, pois a idéia de um líder que comia caviar era incompatível com sua auto-imagem. Churchill reagia vigorosamente contra esse tipo de gente, e num memorando para lorde Woolton, do Ministério dos Alimentos, em julho de 1940 escreveu: “Quase todas as pessoas extravagantes em matéria de comida que conheci, os que passavam a castanhas e outros do gênero, morreram jovens após um longo período de decadência senil... A maneira certa de perder a guerra é impingir ao povo britânico uma dieta de leite, farinha de aveia, batatas etc., regados nas

ocasiões de gala com um pouco de suco de lima.”

Hitler era quase totalmente desprovido de senso de humor, salvo o mais negro, e até as últimas horas de sua vida foi um solteirão incapaz de se entregar emocionalmente a outro ser humano. Churchill, em contraposição, era um homem de família, um espírito benevolente e gozava de merecida fama por sua espirotuosidade. Os gostos artísticos dos dois homens também não poderiam ter sido mais diferentes. Hitler sabia muito sobre música clássica em geral e era inspirado pelas obras de Richard Wagner em particular. Churchill preferia marchas militares, Gilbert e Sullivan, o comediante do teatro de variedades Harry Lauder e as canções escolares que havia cantado em Harrow e lembrou com afeto pelo resto de sua vida. Quando criança, Diana Mosley, prima de Churchill através de sua mulher Clementine, lembra-se de tê-lo ouvido cantar “Soldiers of the Queen” “e outras baladas de sua juventude, enquanto marcava o compasso com sua mão branca e bem formada.”⁵ Quando estava participando da conferência de Quebec, Churchill “fez vários membros de sua comitiva, inclusive o rabugento [subsecretário permanente do Ministério das Relações Exteriores, sir Alexander] Cadogan, participarem de um coro de velhas canções de *music hall*”.⁶ Churchill era um exemplo do gracejo de Noël Coward em *Private Lives* sobre o poder da música popular; não suportava ouvir a canção sentimental “Keep Right on to the End of the Road” porque ela o fazia chorar.

Praticamente qualquer coisa podia provocar lágrimas em Churchill. Enquanto muitos líderes modernos lutam com esforço para fabricar emoções genuínas, Churchill — que era essencialmente uma figura da Regência no modo claro como expunha seus sentimentos — era regularmente dominado por elas. Se George W. Bush ou Tony Blair chorassem em público durante a guerra contra o Terror, isso sem dúvida poderia abater um grande número de pessoas, mas Churchill era tão naturalmente lacrimoso que parece ter passado boa parte da Segunda Guerra Mundial em lágrimas. “Eu choro muito, você sabe”, disse uma vez a seu secretário particular no pós-guerra, Anthony Montague Browne. “Você vai ter de se acostumar com isso.” O secretário logo o fez, inclusive quando lágrimas rolaram pela face do primeiro-ministro ao contemplar a lista dos mortos na guerra no Boodle’s Club em St. James’s. Como o secretário particular anterior de Churchill, sir John (“Jock”) Colville explicou, isso era “parte de seu caráter e natureza, ele não tinha medo de ser emotivo.”

Churchill chorou ao ser informado de que os londrinos estavam fazendo fila para comprar alpiste para seus canários durante a Blitz; depois do seu discurso “Sangue, trabalho, lágrimas e suor”; no batismo de seu neto e xará, Winston; ante os aplausos despertados por seu anúncio, na Câmara dos Comuns, do ataque à marinha francesa em Orã; ao percorrer o East End durante a Blitz em setembro de 1940; no final da visita à Grã-Bretanha do enviado americano Harry Hopkins; ao saber dos sofrimentos da França ocupada em junho de 1941;⁷ ao assistir o filme de Alexander Korda *That Hamilton Woman* a caminho de Placentia Bay; no serviço religioso a bordo do HMS *Prince of Wales*, quando lá;⁸ durante a parada após a batalha de El Alamein; ao receber os resultados da eleição geral de 1945;⁹ durante o discurso de John Freeman em resposta ao *Gracious Speech* em 1945; na primeira reunião Alamein no Royal Albert Hall, ao encontrar os que haviam sido feridos na batalha;¹⁰ no funeral de sir Stafford Cripps, e em muitas outras ocasiões. Em 1952, por ocasião do funeral do rei Jorge VI, o duque de Windsor escreveu para a duquesa: “Espero ver Bebê Chorão mais uma vez antes de embarcar”, observando: “Ninguém chorou na minha presença. Só Winston, como de costume.” Para um aristocrata do século XIX era inteiramente antibritânico demonstrar os próprios sentimentos assim de modo tão aberto, mas em épocas anteriores isso fora comum e era inteiramente churchilliano.

(Anthony Montague Browne continuou servindo fielmente a Churchill até a morte deste em janeiro de 1965, sacrificando sua carreira diplomática. Foi a ele que coube registrar a morte na prefeitura de Kensington, tendo escolhido “estadista” em vez de “aposentado” como a ocupação do falecido. Antes que o caixão fosse fechado, o gato malhado Jock, de que Churchill gostava muito, entrou no quarto, pulou dentro do caixão, espreitou o rosto imóvel e foi embora, para nunca mais entrar de novo naquele quarto. Além da família, Montague Browne foi o único a caminhar atrás do catafalco no funeral de gala. Ele se lembrou como, no fim do longo dia de notáveis honras fúnebres nacionais, voltou do cemitério de Bladon em Oxfordshire “afogado numa onda de doloroso pesar pelo brusco declínio da Grã-Bretanha, contra o qual [Churchill] lutara em vão”. Ao chegar em seu apartamento em Eaton Place, descobriu que ele fora arrombado por ladrões. Não poderia haver melhor metáfora da moderna Grã-Bretanha.)

Embora seja impossível imaginar dois homens mais diferentes que Hitler e Churchill, como líderes eles tiveram muito mais em comum do que se

poderia pensar. O atributo-chave que partilharam foi uma tenacidade de objetivo quase sobre-humana que conservaram durante todos os seus longos anos de adversidade e fracasso. A prisão de Landsberg na Baviera, onde Hitler foi parar em 1923, era um lugar ameaçador, embora ele tenha sido tratado com muita leniência ali. Ele acabara de tentar tomar o poder, mas seu *Putsch* da Cervejaria malograra pateticamente. De fato, até os seus 40 anos, Adolf Hitler foi um fracasso sob quase todos os aspectos. Durante a maior parte da década de 1920 seu Partido NSDAP (apelidado Nazista) não ganhou eleições em lugar nenhum. Nas eleições de 1929, por exemplo, obteve meros 2,6% dos votos. A maioria das pessoas na época via Hitler como o líder de brincadeira de um partido de brincadeira, reconhecidamente desprovido de qualquer futuro político.

Churchill tinha plena compreensão do que Hitler passara nesses anos de ostracismo alemão. Em seu livro de 1937, *Great Contemporaries* [Contemporâneos ilustres], reproduziu um artigo de 1935 em que dissera que a história da luta de Hitler não podia ser lida sem admiração pela coragem, a perseverança e a força vital que lhe haviam permitido contestar, desafiar, aplacar ou sobrepujar todas as autoridades ou resistências que lhe bloqueavam o caminho, no que chamou de “a longa e extenuante batalha [de Hitler] pelo coração alemão”. (Com louvável ousadia, Churchill chegou a conservar estas — e outras — palavras generosas sobre Hitler na reimpressão de 1941 desse livro.)

Em contraste com Hitler — que teve na vida todas as desvantagens necessárias ao sucesso — Churchill teve todos os privilégios que tantas vezes pressagiam a mediocridade. Nasceu no palácio de Blenheim, bem no ápice do *establishment* político britânico. Quando estava na escola preparatória, seu pai, lorde Randolph Churchill, era ministro das Finanças. Foi-lhe legado um início muito mais fácil que o de Hitler, filho de um simples funcionário da alfândega austríaca. Neto de um duque, de quem foi o herdeiro presuntivo até os dez anos, Churchill teve uma promissora carreira como ministro do Interior antes que o desastre se abatesse sobre ele na condição de ministro da Marinha (primeiro lorde do Almirantado) na Primeira Guerra Mundial. Por causa de uma combinação de julgamento militar incorreto e um azar assombroso, o plano que concebeu, a campanha de Gallipoli, foi um dispendioso fracasso, e ele foi obrigado a renunciar ao Gabinete, desonrado. Sua mulher, Clementine, sempre se lembrou disso como o ponto mais baixo na vida do marido, quando consta que ele teria chegado até, por um curto

tempo, a pensar em suicídio.

Mas Churchill não se deixou prostrar. Tinha a política tão entranhada em seu sangue que a discutiu com Lloyd George na sacristia enquanto esperava para assinar o livro de registro durante a cerimônia de seu casamento, e não estava prestes a deixar esse mundo. Em 1924 tornou-se ele próprio o ministro das Finanças e, após trabalhar por cinco anos nesse alto posto, escolheu mais uma vez o ostracismo quando renunciou do Gabinete Fantasma para empenhar-se em uma campanha longa, penosa e em última instância condenada ao fracasso contra o autogoverno indiano. Seus apelos para que a Grã-Bretanha pusesse fim à Guerra Civil Russa e a impressão de excessiva irritabilidade que causou durante a Greve Geral não lhe valeram uma melhor reputação; ao contrário, somados ao apoio excêntrico e aparentemente interesseiro que deu ao rei Eduardo VIII durante a Crise da Abdicação, fizeram-no parecer aos olhos dos britânicos como um defensor da guerra e um rebelde imperialista irremediavelmente reacionário. Em uma votação acirrada ele escapou de ser destituído por seu próprio eleitorado. Houve, na realidade, a opinião de que, quando Churchill — depois de ter anunciado desastres tantas vezes, com relação a tantas questões diferentes e por um período tão longo — finalmente encontrou tempo para chamar a atenção para o tamanho da Luftwaffe, já não era levado a sério. Ele próprio escrevera sobre esse fenômeno em *Savrola*, ao descrever a imprensa anti-Molara de Laurenia e o modo como “o pior resultado do uso habitual de uma linguagem enérgica é que, quando um momento especial realmente chega, não há como enfatizá-la.... Eles tinham comparado o chefe do Estado tantas vezes e de modo tão vívido a Nero e Iscariotes — o que era uma vantagem para estas ilustres figuras —, que era difícil saber que tratamento lhe poderiam dar agora.”¹¹

Na década de 1930, exceto por uns poucos meses, Churchill foi um homem do passado. O escritor Christopher Sykes chamou-o “uma desastrosa relíquia do passado” e até seu amigo, o barão da imprensa canadense Max Beaverbrook, o descreveu como um “*busted flush*” [algo como uma expectativa frustrada]. Em 1931 foi publicado um livro intitulado *The Tragedy of Winston Churchill* [A tragédia de Winston Churchill]. Durante uma década ele foi obrigado a passar grande parte de seu tempo na casa de Chartwell no Kent, pintando, assentando tijolos e escrevendo a biografia de seu notável ancestral John Churchill, o primeiro duque de Marlborough. Em 1937, quando a membro tóri do Parlamento lady Astor visitou Josef Stálin, o

líder russo lhe perguntou sobre as perspectivas políticas de seu velho inimigo. “Ah, ele está acabado”, ela respondeu, uma visão de Churchill a que a maioria dos comentadores políticos da época teria feito eco.

Entretanto, como Hitler, Churchill aferrou-se resolutamente às suas crenças, a principal sendo a de que fora escolhido pela Providência para salvar seu país. Apesar da hostilidade e da zombaria generalizadas, continuou a advertir sobre a ameaça do ataque nazista. Isso começou cedo; em março de 1933 denunciou “a agitada insurgência de ferocidade e espírito belicoso” que estava então se alastrando na Alemanha nazista. Quando Hitler ocupava o cargo de chanceler havia apenas dois meses, Churchill chamou a atenção para “o tratamento impiedoso das minorias” na Alemanha, e o modo como o país “abandonara suas liberdades para aumentar seu poder”. Em particular, enfatizou a rápida expansão da Luftwaffe e a fraqueza contrastante da Real Força Aérea (RAF). Ao descrever a “conflagração incalculável” que poderia ser desencadeada por um ataque a Londres com bombas incendiárias, Churchill foi acusado de alarmismo pelo primeiro-ministro britânico Stanley Baldwin.

Parte do problema era que Churchill não se ajustava a postos subordinados. A inquietação e frustração gerada por sua inconformidade com outros papéis levaram praticamente a todos a se equivocarem sobre suas capacidades de liderança, mas alguns de seus colegas as reconheceram cedo. O ministro das Relações Exteriores na época da deflagração da Primeira Guerra Mundial, sir Edward Grey, observou certa vez: “Dentro em breve, graças ao pleno vigor intelectual, Winston estará impossibilitado de ser qualquer coisa num Gabinete senão primeiro-ministro”. A determinação de Churchill emergia como a qualidade vital exigida para a liderança nacional, mas ele não se adequava bem a nenhuma posição senão a do sumo governante. Sua energia, iniciativa e mente enciclopédica, quando exercitadas nos cargos subordinados que ocupou ao longo de toda a sua carreira, simplesmente despertavam a hostilidade de colegas e superiores. Muitos de seus pares viram sua mudança para o “Número Dez”^a em 1940 com temor e susto. Anos depois, o ministro do Gabinete de Guerra sir Ian Jacob escreveu: “Eles ainda não tinham a experiência ou a imaginação para compreender a diferença de um dínamo humano ao zumbir na periferia e ao se conduzir ao centro.”

Embora Churchill tivesse aspirado ao posto na década de 1930, mais tarde sentira-se enormemente aliviado por ele não lhe ter sido oferecido, pois isso o deixara inteiramente livre de qualquer responsabilidade pela política de

apaziguamento do Governo Nacional. “Asas invisíveis batem sobre mim”, escreveu mais tarde. Durante toda a sua vida, Churchill acreditou que fora escolhido pelo Destino para coisas maiores e esse foi um fator-chave em sua energia. Certa vez, na Grande Guerra, quando seu abrigo antiaéreo foi rebentado por um projétil alto-explosivo momentos depois de ele o deixar, disse ter tido “uma forte sensação de que uma mão se estendera para me tirar por um triz de um lugar fatal”. Longe de ser um cristão convencional, Churchill acreditava num tipo de providência que lhe reservava um destino especial, embora tivesse condenado semelhante idéia em *Savrola*, quando o herói diz à heroína: “Sempre admirei a audácia do homem de pensar que um Poder Supremo haveria de colocar cartazes no céu com os detalhes de seu sórdido futuro, e que seu casamento, seus infortúnios e seus crimes estariam escritos em letras de sóis no pano de fundo do espaço infinito. Somos átomos irrelevantes ... Percebo minha própria insignificância, mas sou um micróbio filosófico, e isso me diverte mais que o contrário.” Como o próprio Churchill o expressou, somos todos insetos, mas ele gostava de se imaginar um vagalume.

Em 1931, depois de ser atropelado por um motorista ítalo-americano ao atravessar a Quinta Avenida, ele disse: “Houve um momento... de um mundo em chamas, de um homem horrorizado... Não entendo por que não fui quebrado como uma casca de ovo, ou esmagado como uma groselha.” Pode não ter entendido na época, mas tinha suas suspeitas de que o Destino o assinalara especialmente para salvar seu país. Por isso continuou a alertar da ameaça do ataque nazista em todas as oportunidades. (Numa réplica a Willie Gallagher, o único membro comunista do Parlamento na Câmara dos Comuns, Churchill disse em 1944: “Fui durante 11 anos uma figura bastante solitária nesta Casa e segui meu caminho com paciência; portanto deve haver esperança para o nobre colega.”)

Dos nada menos que 700 artigos que Churchill publicou em jornais — cobrindo tudo, desde água gelada e sabugo de milho a Mussolini e a ascensão da Luftwaffe, para publicações tão distintas quanto *Cosmopolitan* e *Pall Mall Gazette* —, um foi um ensaio sobre Moisés que certamente não deixou nos leitores nenhuma dúvida quanto a quem, na crença de Churchill, haveria de conduzir seu povo à Terra Prometida. “Todo profeta deve provir da civilização, mas todo profeta tem de ir para o deserto”, escreveu. “Deve ter uma impressão profunda de uma sociedade complexa e de tudo o que ela tem para dar, e depois atravessar períodos de isolamento e meditação. É por esse

processo que a dinamite psíquica é feita.” Toda essa filosofia auto-referente devia soar ligeiramente irritante e ridícula para muita gente em 1932, mas teria parecido bastante diferente oito anos mais tarde, depois que a dinamite — tanto psíquica quanto física — explodira. Se Churchill teve um modelo político nessa época, foi Clemenceau, sobre o qual escreveu em *Great Contemporaries* (sem dúvida de maneira semi-autobiográfica): “Ele foi derrotado em seu eleitorado do Var, e deixou suas fronteiras sob os sarcasmos e insultos da gentilha. Raras vezes um homem público foi mais cruelmente perseguido e caçado em tempo de paz. Dias sombrios, sem dúvida, e os triunfos maldosos de adversários outrora ultrajados!” Anos depois, porém, em 1917: “foi nesse momento... que o velho feroz foi convocado para o que foi de fato a Ditadura da França. Ele retornou ao poder como Mário retornara a Roma; desacreditado por muitos, temido por todos, mas predestinado, inevitável”. Após assumir o poder, Churchill escreveu sobre Clemenceau (devaneando sobre si mesmo): “Ele parecia um animal selvagem andando para cá e para lá atrás de grades, rosnando, os olhos dardejando; e tudo à sua volta era uma assembléia que teria feito qualquer coisa para evitar tê-lo naquele lugar, mas, tendo-o posto ali, sentia que devia obedecer.” Seria difícil imaginar uma descrição melhor do Partido Conservador britânico em maio de 1940.

A filha de Churchill, Mary Soames, embora tenha escrito corretamente que ele “tinha uma forte fé subjacente num Deus Providencial”, assinalou também que “não era religioso num sentido convencional — e certamente não freqüentava a igreja com regularidade.”¹² Parece que o dever básico do Ser Todo-Poderoso em quem Churchill acreditava, mas por quem manifestava escassa reverência, era velar pelo bem-estar físico de Winston Leonard Spencer-Churchill. Numa ocasião, quando um clérigo visitante qualificou-o de “um pilar da Igreja”, ele respondeu: “Bem, não me parece que isso possa ser dito de mim. Mas gosto de pensar em mim mesmo como um arcobotante.” Gostava dos hinos, comportava-se externamente como um anglicano, à maneira da maioria dos políticos conservadores da época, aprovava o papel que a Igreja desempenhava então como um bastião da estabilidade social, e aplaudia a participação que ela tivera no desenvolvimento do Estado. Ademais, usava o ateísmo dos bolcheviques contra eles politicamente e embora, nas palavras de seu amigo sir Desmond Morton, “não acreditasse que Cristo era Deus... reconhecia-o como o mais excelente caráter que jamais existiu”. Admirava em particular a coragem que

Jesus mostrara em sua maneira de morrer, um aspecto da índole de um homem que sempre foi significativo para ele.

Churchill não estava só brincando quando escreveu da Índia para sua mãe em 1897: “Sou tão presunçoso, não acredito que os Deuses criaram um ser tão potente como eu para um fim tão prosaico” como a morte numa escaramuça na fronteira noroeste. Quando consideramos quantas vezes Churchill esteve perto da morte durante sua longa vida, é difícil não admitir que ele talvez tivesse razão (ainda que de maneira um tanto blasfema) ao supor que “asas invisíveis” batiam sobre ele. Afinal, segundo as estatísticas, que probabilidade atuarial tinha um homem que viveu seu tipo de vida de morrer finalmente como um nonagenário? Consideremos o que poderia ter acontecido. Ele foi um prematuro de sete meses, depois que sua mãe sofreu uma queda ao caminhar com caçadores numa caçada na propriedade de Blenheim e em seguida fez uma “difícil cavalgada de pônei” de volta ao palácio. Nem o obstetra londrino nem seu auxiliar de Oxford conseguiram chegar a tempo para o parto. Aos 11 anos, quando estudava em Brighton, Churchill por pouco não morreu de pneumonia, uma doença que voltaria a se manifestar durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Seu filho Randolph escreveu que esse ataque de 1886 pôs “Churchill mais perto da morte que em qualquer momento de sua longa e aventureira vida”. Seu outro flerte com a morte foi mais auto-infligido, quando, aos 18 anos, saltou de uma ponte numa brincadeira de perseguição com o irmão e o primo na propriedade de sua tia lady Wimborne perto de Bournemouth. Com a queda de quase nove metros num terreno duro, rompeu um rim e ficou inconsciente por três dias. “Por um ano tive a vida por um fio”, lembrou. Depois quase se afogou no lago de Genebra.

As histórias de suas proezas em Cuba, onde testemunhou o combate com as forças espanholas, na fronteira noroeste da Índia com a tropa de campo Malakand, no ataque do 21º Lanceiros na batalha de Omdurman, e também ao escapar de um campo de prisioneiros de guerra em Pretória durante a Guerra dos Bôeres estão bem documentadas; de fato o lema regimental dos 21º Lanceiros, “Morte ou glória”, parece sintetizar perfeitamente as opções com que Churchill procurou se confrontar entre 1895 e 1900. Mas esse aparente desafio à morte não terminou na sua juventude. Ele sobreviveu até a uma queda de avião.

Depois de sua renúncia forçada da Chancelaria do Ducado de Lancaster em consequência do fracasso da campanha Gallipoli na Grande Guerra, Churchill

assumiu o comando do 6º batalhão dos Real Fuzileiros Escoceses na França. O generalato num castelo, muito atrás das linhas daquele conflito, exercido por tantos oficiais aliados veteranos não era para ele. Volta e meia, quando estava inspecionando uma trincheira ou um abrigo, um projétil alto-explosivo alemão aterrissava ali um instante antes da sua chegada ou logo após a sua partida.

Embora nunca tenha sofrido uma tentativa de assassinato — uma curiosa falha numa vida trepidante sob todos os demais aspectos —, Churchill claramente cortejou o perigo muitas vezes durante a Blitz, quando costumava subir no teto do prédio do Almirantado para observar a batalha aérea, apesar do perigo constante de rajadas de balas, *shrapnel*, projéteis alto explosivos e quedas de avião. Esteve lá em cima em setembro de 1940, o mesmo mês em que o pátio do palácio de Buckingham, apenas na outra extremidade do Mall, foi atingido em cheio. Churchill, que caçava e tomou aulas de vôo, levou uma vida que poderia ter sido interrompida prematuramente em mais de duas dezenas de ocasiões antes da conquista da vitória na Segunda Guerra Mundial. A fé na própria estrela, no que ele chamava seu “guardião” e “mão condutora”, era um pré-requisito para um líder que desejava ter o tipo de existência ativa que escolhera para si.

O historiador Paul Addison caracterizou as crenças espirituais de Churchill como “uma mistura de ambição, mito histórico e um resíduo de convicção religiosa”. Se foram esses os ingredientes que sustentaram sua autoconfiança durante os meses de dúvida e desespero que se seguiram à catástrofe de Dardanelos, quem pode acusá-lo por eles? De todo modo, havia uma enorme ambigüidade em suas verdadeiras crenças religiosas. Em junho de 1950, numa reunião do Gabinete Fantasma, ele se referiu à vinda do “Velho” em sua ajuda e mais tarde teve de explicar que se referia a Deus; três anos depois, contudo, após seu derrame, disse a seus médicos que não acreditava na imortalidade da alma e que a morte era “veludo negro — sono eterno”. Fora assim que a qualificara em *Savrola*, meio século antes, quando o presidente de Laurenia enfrentou a morte “e além dela nada viu — aniquilamento — noite negra, negra”.¹³

Em várias cartas de Churchill, no entanto, há também uma admissão de que o Céu de fato existe, especialmente o céu enternecedor que deveria ser entregue a Clementine caso ele viesse a morrer nas trincheiras, de onde escreveu: “Não me pranteie demais. Sou um espírito confiante em meus direitos. A morte é só um acidente, e não o mais importante que nos acontece

nesse estado de ser... se há algum outro lugar, estarei olhando por você.” Em seu livro *Thoughts and Adventures* [Pensamentos e aventuras] (1932) ele escreveu também: “Quando chegar ao Céu pretendo dedicar uma parte considerável de meu primeiro milhão de anos à pintura, e assim chegar ao fundo da matéria.”

Sendo, em suas próprias palavras, “deficiente no sentido religioso” — tendo perdido especificamente qualquer fé anglicana que pudesse ter adotado por volta dos 23 anos —, Churchill desenvolveu uma crença fundamental, quase pagã, na Sina e no Destino que lembrava muito a de Napoleão. Mas não a de Hitler. Porque Hitler se viu cada vez mais como o Ser Supremo que podia controlar a Providência, algo inteiramente alheio ao sistema de crença de Churchill (reconhecido também como egotista em alto grau). No mínimo, pode-se dizer que Hitler tinha uma fé mais inabalável em sua própria estrela, uma certeza de sua capacidade de conduzir ele próprio o Destino. Acreditava que fora por obra do Destino que nascera em Braunau am Inn, perto da fronteira alemã, e que nada menos que a “Divina Providência” o enviara a Viena para se envolver com o sofrimento das massas; e, é claro — exatamente como aconteceu a Churchill —, fora também uma mão invisível que o protegera nas trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial, quando tantos de seus camaradas haviam morrido.

Tudo isso, Hitler raciocinava, devia ter sido arranjado para um propósito, e este claramente devia ser grandioso. Na altura do verão de 1937 ele se acreditava sem dúvida infalível, declarando: “Quando volto os olhos para os cinco anos que ficaram para trás, posso dizer, essa não foi uma obra de mãos humanas apenas.” Imagine-se o invencível amor-próprio que é preciso ter para dizer ao povo alemão, como ele o fez num discurso: “É o milagre da era que me tendeis encontrado, que me tendeis encontrado entre tantos milhões. E eu vos encontrei, essa é a ventura da Alemanha.” Nisso ele era estimulado pelo Partido Nazista: o SS *GruppenFührer* Schulz, da Pomerânia, por exemplo, só desdenhava as comparações de Adolf Hitler com Jesus, porque, enquanto Cristo tinha meros 12 discípulos, Hitler tinha 70 milhões.¹⁴

Hitler invocava também seu *Schicksal* (Destino) e a *Vorsehung* (Providência) quando queria simplesmente evitar tomar uma decisão. De fato, só se inclinava a tomar decisões quando isso lhe era imposto pelos acontecimentos ou por seus adversários; do contrário, como disse o historiador Karl Dietrich Bracher, sua confiança no Destino era parte da racionalização de sua repulsa instintiva a tomá-las. Hitler declarou que não

faria um gesto: “Nem que todo o partido tente me compelir à ação. Não agirei; esperarei, não importa o que aconteça. Mas se a voz falar, então saberei que é chegada a hora de agir.” A crença de ter na mente um receptor de vozes é um conhecido sintoma de esquizofrenia. Se a idéia de Hitler como um Messias nacional tornou-se um novo tipo de fé para a Alemanha nazista, era uma fé em que ele próprio comungava entusiasticamente.

O senso de tudo-ou-nada que Hitler e Churchill ambos adotaram em seus anos de ostracismo também era uma conseqüência do fato de que nenhum dos dois tinha recursos próprios, pelo menos até que o sucesso de seus livros — no caso de Hitler *Mein Kampf* e no de Churchill *The Second World War* [A Segunda Guerra Mundial] — lhes desse segurança financeira. Embora nunca tenha sido tão pobre como Adolf Hitler foi durante seu período de ostracismo, Churchill viveu durante muitos anos numa gangorra à beira da ruína. As pessoas tendem a supor que, por ser neto de um duque e ter nascido num palácio, Churchill era também rico, mas isso está longe da verdade. Durante quase toda a sua vida, e por certo antes da publicação de suas memórias da guerra em 1948, as dívidas de Churchill o deixavam com frequência beirando o vermelho. As despesas acarretadas por seu estilo de vida esplendidamente suntuoso quase sempre consumiam tudo o que ganhava com seu jornalismo e o salário ministerial. No verão e no outono de 1918, por ocasião da quarta gravidez de sua mulher Clementine, sua situação financeira estava tão precária que se acredita que ela chegou a oferecer seu bebê para adoção pela mulher do general sir Ian Hamilton.

Depois de obrigado a renunciar por causa do fracasso de Gallipoli em maio de 1915, Churchill não voltou a receber seu salário ministerial de cinco mil libras por ano até julho de 1917, quando Lloyd George nomeou-o ministro das Munições. Nesse meio tempo, teve de sobreviver com o soldo de oficial do Exército e a remuneração de um membro “menor” do Parlamento, numa época em que nenhum dos dois era generoso. Clementine não tinha herança alguma a receber e podia contribuir muito pouco para as finanças da família. Em 1918 tinham tão pouco dinheiro que quando o contrato de aluguel de sua residência londrina em Eccleston Square venceu, tiveram de se mudar para a casa da tia de Churchill, Cornelia, em Tenterden Street, transversal à Oxford Street. A situação se agravou ainda naquele ano quando Churchill recebeu uma carta do Ministério da Agricultura queixando-se de que a terra de sua casa de campo, Lulleden no Sussex, não estava sendo plenamente cultivada, num período em que todos os proprietários de terra britânicos eram obrigados

a produzir alimentos. (O servidor público sir Maurice Hankey lembrou de ter passado um final de tarde com Churchill em 1917 “perambulando por sua propriedade bela e agreste”.) Em sua resposta ao ministério, Churchill teve de admitir que simplesmente não tinha capital para investir na maquinaria necessária para cultivar o solo.

Embora sua atividade jornalística fosse lhe proporcionar mais tarde uma grande renda, ele escreveu relativamente pouco durante a Primeira Guerra Mundial, e vários anos se passariam antes que a renda proveniente de sua história dessa guerra, *The World Crisis* [A crise mundial], começasse a afluir. Com sua reputação em seu ponto mais baixo após Gallipoli, ele também não podia recorrer ao generoso grupo de amigos ricos que ocasionalmente o livraria de apertos durante os anos do ostracismo de 1931-39 e que em certa altura lhe deu um carro Daimler de presente de aniversário. Apesar de toda a sua genialidade em outras áreas, Churchill era um especulador financeiro inepto, que, em 1929, perdeu o equivalente a 250 mil libras de 2002 num único dia da Quebra de Wall Street.

Assim, tanto Hitler quanto Churchill conheceram tempos difíceis, embora não se possa compará-los, já que Hitler não tinha amigos do tipo que o ajudariam financeiramente a ponto de lhe comprar um Daimler. Os dois homens, contudo, tinham em comum uma tenacidade, uma crença inquebrantável em sua missão, não importa o que os outros dissessem deles, e em grande parte foi isso que lhes valeu seguidores depois que as circunstâncias políticas mudaram. Hoje pensamos em Hitler e Churchill como líderes poderosos, mas tendemos a esquecer o quanto sua ascensão ao poder parecia improvável ao povo na época. Ambos haviam sido fracassos, Hitler na década de 1920 e Churchill na de 1930. Como então puderam se tornar líderes de seus países depois de um tempo tão curto?

Criação do mito nacional

Hitler usou seu tempo na prisão de Landsberg para escrever um livro, ou melhor, para ditar um livro a seus acólitos Rudolf Hess e Emil Maurice, que também estavam cumprindo pena por sua participação no *Putsch* da Cervejaria. Ele soa como uma obra proferida por um homem a andar de um lado para outro numa cela de cadeia, revelando as frustrações de seu confinamento em sua fúria deambulatória. *Mein Kampf* é um livro pavoroso

sob todos os aspectos: uma mistura adulterada, desfocada, de hipernacionalismo maníaco, darwinismo distorcido e anti-semitismo repulsivo. Até certo ponto como Karl Marx, que reduziu a história à mera história da luta de classes, a história da humanidade segundo Hitler não passa de uma luta racial, e os males do mundo são atribuídos a uma conspiração internacional judaico-bolchevique. A subjugação de povos pretensamente inferiores, como os eslavos, é proposta como a receita da salvação alemã. *Mein Kampf* encerra também, entretanto, o segredo da impressionante ascensão de Hitler à posição de Führer da Alemanha.

A criação de uma lenda nacional abrangente é epicentral para a formação de um movimento político moderno. Para Hitler, tratava-se do *Dolchstosslegende* (o mito da punhalada pelas costas). Segundo essa explicação para a derrota da Alemanha na Grande Guerra, a rendição de novembro de 1918 ocorrera não em decorrência de perdas insustentáveis no campo de batalha, muito menos da má estratégia de homens como Hindenburg ou Ludendorff, ou mesmo da incompetência do kaiser, mas porque uma conspiração sinistra de socialistas e judeus havia traído o honesto e corajoso *Volk* (povo) alemão a partir de dentro. Essa análise, que os historiadores são unânimes em considerar desprovida de mérito histórico positivo, foi martelada nos ouvidos dos alemães em todas as oportunidades disponíveis pelos nazistas.

Vez por outra Hitler contava a história germânica desde o tempo de Arminio, o herói germano que desafiou o Império Romano, passando pelo imperador Barba-Roxa e Frederico o Grande, criando um passado heróico mítico para toda a Alemanha que podia ser vigorosamente contraposto às humilhações do Tratado de Versalhes de 1919, por ele atribuídas à pretensa punhalada pelas costas. Na verdade, é claro, a derrota ocorrera porque as tropas alemãs foram apunhaladas pela frente pelas tropas britânicas, francesas, americanas e canadenses, não pelas costas pelos judeus.

Até não-nazistas passaram a acreditar implicitamente no *Dolchstosslegende*, com o bálsamo psicológico perfeito que proporcionava a uma nação orgulhosa sem experiência de derrotas. Numa biografia publicada em 2002 veio à tona que, na década de 1920 o príncipe de Pless, um dos mais importantes aristocratas da Alemanha, ouviu de seu pai que ele jantara na noite anterior na Pariser Platz em Berlim com a rica anfitriã judia Frau Von Friedländer, e que ela lhe teria dito:

Talvez vocês não compreendam que quase ganharam a guerra porque nós os estávamos ajudando no mundo todo e que foi só por nossa causa, os judeus, que as coisas pioraram tanto para vocês depois. Como se lembram, em 1917 Balfour fez sua famosa declaração em que prometeu, a nós judeus, uma pátria na Palestina. Até então estávamos do lado dele, porque o kaiser nos prometera uma pátria, mas depois da declaração de Balfour foi decidido que deveríamos tomar partido dos Aliados. Foi o que fizemos, e todo o poder de nossa organização mundial trabalhou nesse sentido. Vocês não compreendem, é claro, o grande erro que cometeram aqui na Alemanha e na Áustria ao permitir que judeus fossem oficiais comissionados em seus exércitos, porque isso nos deu a possibilidade de obter informação em todos os níveis, até e inclusive o do estado-maior, e descobrir o funcionamento do seu maquinário militar, o que nunca teríamos conseguido de outra maneira. Passávamos essa informação para os Aliados. Assim eles sempre sabiam com muita antecedência quais eram seus planos e onde e como o próximo movimento militar aconteceria.

Segundo o príncipe de Pless recordou, “meu pai ficou extremamente perturbado. Não conseguia se conformar com o fato de que seus amigos judeus, que conhecera anos antes da guerra e que haviam fingido ser leais súditos alemães, amigos fiéis e defensores do kaiser, estavam na realidade, o tempo todo, dispostos a trabalhar contra ele se seus líderes políticos assim ordenassem.”¹⁵ Se aristocratas cultos podem ter se deixado enganar por mentiras e teorias conspiratórias tão absurdas, quanto não deve ter sido mais fácil para as massas alemãs menos letradas?

Por mais repugnantes que suas crenças centrais nos pareçam hoje, Adolf Hitler ofereceu uma visão clara em *Mein Kampf*: a de um *Reich* (Império) alemão que um dia dominaria a Europa. Para um povo que se considerava oprimido por influências funestas — por absurdas que fossem as teorias por trás delas —, isso provou-se irresistível. Em seu livro Hitler escreveu:

Se hoje a nação alemã, confinada numa área inaceitável, enfrenta um futuro lamentável, isso não é um ditame do Destino. Revoltar-se contra esse estado de coisas não é tampouco uma afronta ao Destino... Ou a Alemanha será uma potência mundial ou não haverá Alemanha. E para ser uma potência mundial ela precisa daquela magnitude que lhe dará a

posição necessária no mundo de hoje, e vida aos seus cidadãos.¹⁶

Pouca gente levou essa visão a sério naquele momento. Mas a convicção de Hitler era tão inquebrantável que ele não permitiu que nada o detivesse. Tinha um profundo senso de missão. “Os judeus não promoveram o dia 9 de novembro de 1918 impunemente”, disse ele ao ministro tcheco das Relações Exteriores, Franzisek Chvalkovsky, em janeiro de 1939. “Esse dia será vingado.” Essa teoria conspiratória distorcida e paranóica exibia o que os psicólogos contemporâneos diagnosticariam como os principais sintomas de uma psicopatia. No entanto, Hitler teria sido um psicopata de que muito pouca gente ouviria falar, não tivesse sido a crise do capitalismo conhecida como a Quebra de Wall Street.

Quando a bolsa de valores americana veio abaixo em Nova York em outubro de 1929, tudo mudou drasticamente para Hitler. Logo depois a Grande Depressão atingiu a Europa, trazendo em sua esteira desemprego para milhões e inquietação social generalizada. Em maio de 1928 os nazistas haviam ganhado 2,6% do voto popular e só uma dúzia de cadeiras no Reichstag, mas na altura de setembro de 1930 — quando a Alemanha tinha cinco milhões de desempregados — eles ganharam 18,3% dos votos e mais de uma centena de cadeiras. No mês seguinte ao da Conferência de Lausanne — que, em junho de 1932, encerrou os pagamentos de reparações pela Alemanha impostos pelo Tratado de Versalhes — os nazistas ganharam 37,4% dos votos. Nessa eleição, os partidos antidemocráticos tiveram a maioria dos votos; pela primeira vez na história, um Estado grande e moderno votara deliberadamente contra a democracia. Agora que a Alemanha estava dilacerada por crises, Hitler subitamente ganhou aquilo de que todo líder de sucesso precisa: seguidores. Seis meses depois ele era o chanceler.

Churchill também tinha uma visão forte, inabalável: a de um Império Britânico poderoso fundado em valores civilizados. Durante a década de 1930, no estúdio que tinha em sua casa de campo em Chartwell, Kent, ele escreveu muitos discursos advertindo dos perigos que a Alemanha nazista representava para a Grã-Bretanha e o mundo. Este é um excerto de um que fez para o City Carlton Club em setembro de 1935, quando as ameaças italianas à Abissínia (a Etiópia atual) se tornavam cada vez mais incisivas e, na Alemanha, as leis de Nuremberg estigmatizaram os judeus e fizeram da suástica a bandeira oficial do Reich de Hitler.

A Alemanha está se rearmando numa escala gigantesca e com velocidade sem precedentes. Toda a força e o poder do nazismo estão sendo concentrados em preparações bélicas por terra, mar e ar. A nação alemã, sob a ditadura de *Herr* Hitler, está gastando este ano pelo menos seis vezes mais do que nós no Exército, na Marinha e na Força Aérea somados. As finanças alemãs são um orçamento de guerra perpétuo. Admiro o notável povo alemão, mas o rearmamento da Alemanha, organizado e conduzido como é agora, deve parecer a qualquer pessoa com algum senso de proporção o fato mais importante e assustador hoje no mundo.¹⁷

Reconhecendo que a política exterior expansionista de Hitler acabaria fatalmente por significar guerra, Churchill pediu muitas e muitas vezes à Grã-Bretanha que empreendesse um programa abrangente de rearmamento pesado. Poucos lhe deram ouvidos. Ele foi denegrido ora como “belicoso e militarista”, ora como um “lobo solitário”, ou ainda — pelo *Daily Express* em outubro de 1938 — como “um homem que tem a mente impregnada das conquistas do [primeiro duque de] Marlborough”.¹⁸ Fora nesse mesmo mês que o governo Chamberlain decidira não entrar em guerra com a Alemanha por causa do plano de Hitler de desmembrar a Tchecoslováquia, decisão que foi delirantemente aplaudida pela grande maioria dos britânicos. A visão de Churchill estava claramente em total dessintonia com a época.

Foi somente em 15 de março de 1939, depois que os nazistas haviam invadido e ocupado o resto da Tchecoslováquia que ocorreu ao povo britânico que Churchill talvez tivesse estado certo o tempo todo acerca das verdadeiras intenções de Hitler. Compreenderam que, tirando proveito da indecisão da Grã-Bretanha e da França, a Alemanha estava determinada a dominar a Europa. Finalmente, após meia década de advertências, um número crescente de pessoas se dispunha a aderir à visão de Churchill de uma aliança poderosa disposta a defender a liberdade.

Assim, tanto Hitler quanto Churchill ganharam adeptos graças a uma visão a que se aferraram resolutamente. Uma posição visionária assim é a chave da verdadeira liderança, e é particularmente poderosa se os líderes a sustentam em meio à adversidade, como Hitler e Churchill fizeram. Nas palavras de Ronald Reagan: “Apossar-se de uma visão e mantê-la, essa é a própria essência da liderança bem-sucedida — não apenas nos bastidores de cinema onde a aprendi, mas em toda parte.”

A de Hitler, é claro, era fantasticamente funesta, mas não foi assim que o povo alemão a considerou na época. Embora para nós suas idéias pareçam inteiramente abomináveis, muitos alemães acreditaram que ele realmente lhes oferecia um panorama fulgurante de um futuro melhor. Em sua maior parte, sem dúvida, essa visão era definida pelas coisas a que ele se opunha, não pelas que defendia. Ele era contrário ao socialismo, ao bolchevismo, ao Tratado de Versalhes, ao liberalismo, aos judeus, às grandes empresas, à democracia e ao conservantismo aristocrático de estilo antigo, remanescente da época dos Guilhermes. Dizer a que nos opomos é muito mais fácil (e em geral mais eficaz em política) do que dizer o que defendemos, e Hitler levou essa verdade a novos apogeus.

Oratória

“A força que sempre desencadeou as maiores avalanches religiosas e políticas na história não foi outra, desde tempos imemoriais, senão a força mágica da palavra”, Hitler escreveu. Para ele as palavras eram “marteladas” que tinham o poder de “abrir as portas dos corações das pessoas”. Ele admirava a oratória arrebatada do primeiro-ministro britânico David Lloyd George, sobre a qual disse: “Os discursos desse inglês [sic] foram as atuações mais maravilhosas, pois atestavam um conhecimento absolutamente espantoso da alma das amplas massas do povo.” No tocante à propaganda, os nazistas foram pioneiros, introduzindo ampla variedade de idéias inovadoras. Por exemplo, inventaram os breves períodos reservados para fotos num evento, e não se pode negar que os comícios de Hitler eram espetáculos impressionantes, envolvendo dezenas de milhares de pessoas marchando exatamente no mesmo passo. Contudo, a despeito da extravagância visual desses comícios, era no seu episódio central — sua oratória — que Hitler sabia que devia se superar. Para tanto, tal como Churchill, ele não delegava a ninguém a redação de seus discursos. Nenhum dos dois homens recorria às falanges de escritores de discursos que os políticos de hoje tanto apreciam.

Em suas atuações públicas, Hitler usava o velho truque do *show business* de fazer as pessoas esperarem por ele para fomentar a exaltação e a expectativa, tanto antes de fazer sua aparição quanto depois de já ter subido ao palanque. Costumava estudar seu público, segurando seu cinto militar com o lema, *Gott Mit Uns*” (Deus conosco) gravado na fivela, por vezes por até

meio minuto antes de começar a falar. Iniciando de maneira relativamente pausada e com uma voz baixa, profunda, era só no final que vociferava e berrava da maneira tantas vezes vista em cinejornais. Costumava também falar em meio aos aplausos, assim que eles começavam a declinar, e terminar com frases mais curtas e mais contundentes. Várias dessas técnicas, muito diferentes das habitualmente usadas nas democracias ocidentais da década de 1930, tornaram-se prática padrão na oratória atual.

Tenacidade e carisma apenas não teriam feito de Hitler o Führer da Alemanha. Ele precisou ainda vender a si mesmo e à sua visão. Para ter êxito, os líderes devem ser capazes de levar a si mesmos e às suas mensagens ao povo, e o principal meio sempre foi — e provavelmente sempre será — o *show* do discurso político. Apesar de toda a facilidade de compreensão da palavra escrita, das imagens, das mensagens de texto e dos links de vídeo, nada é tão persuasivo, tão politicamente poderoso como a oratória direta. Até hoje, apesar de todos os estratagemas modernos de relações públicas oferecidos pela televisão, o rádio, a Internet e a multimídia, continuamos julgando nossos líderes fundamentalmente por sua capacidade de nos comover mediante sua oratória. Políticos que não falam bem em público raramente fazem grandes líderes.

Hitler e Churchill entraram ambos para a história como oradores extremamente marcantes, mas é surpreendente que a oratória não tenha sido um dom natural de nenhum dos dois. Embora ambos tenham, por fim, revelado talento, precisaram de trabalhar muito arduamente para desenvolvê-lo. Hitler gostava que a expectativa em torno de suas aparições públicas fosse intensificada por um ato de aquecimento. Num discurso para operários na fábrica Dynamo, da Siemens, em Berlim a 10 de novembro de 1933, esse ato foi encenado por seu ministro da Propaganda, dr. Joseph Goebbels. Esse discurso, proferido apenas nove meses depois que Hitler se tornara chanceler, proporciona uma ilustração perfeita do método sinistro mas magistral com que o Führer conseguia criar um senso de comunhão entre ele e seu público. Merece ser considerado com alguma atenção pois revela os vários métodos que Hitler usava para jogar com as emoções de um público não necessariamente favorável a ele.

“Compatriotas alemães, meus trabalhadores alemães”, começou Hitler, “se hoje estou me dirigindo a vocês e a milhões de outros trabalhadores alemães, tenho mais direito de fazê-lo que qualquer outro.” Embora soubesse muito bem que, provavelmente, muitos naquele público majoritariamente da classe

trabalhadora tinham simpatias esquerdistas, em menos de um minuto ele os ganhara com uma referência a seu serviço nas trincheiras durante a guerra, algo por que muitos deles também haviam passado. “Outrora estive entre vocês. Durante quatro anos e meio, estive no seu meio. E à custa de dedicação, aprendizado — e, tenho de dizer, fome — fui lentamente galgando os degraus. No meu íntimo, sempre continuei sendo o que fora antes.” Essa referência à falta generalizada de alimentos sofrida pela Alemanha em 1918-19 foi um golpe de mestre, um dos muitos nesse discurso.

Ele continuou: “Não estava, porém, entre aqueles que trabalhavam contra os interesses da nação. Tinha a convicção de que o destino da nação devia encontrar representação, para que um terrível dano para todo o povo, mais cedo ou mais tarde, pudesse ser evitado. Isso me distinguia dos outros.” Em seguida veio a ataque ao Tratado de Versalhes. Ao restringir a Alemanha a um Exército de cem mil homens, sem blindados ou aviação, e a uma Marinha sem navios de mais de 10.000 toneladas, os Aliados haviam tentado proteger-se de uma Alemanha ressurgente após a Grande Guerra.¹⁹ Apesar de ser muito menos severo que os termos que a Alemanha planejava impor ao resto da Europa, se vitoriosa, o tratado dissolveu o estado-maior alemão, estipulou a ocupação da Renânia até que seus termos fossem aceitos, exigiu reparações financeiras e continha uma cláusula que culpava a Alemanha por iniciar deliberadamente a guerra. Embora cada uma das cláusulas do Tratado de Versalhes fosse em si perfeitamente razoável, em conjunto elas valeram a Hitler seu melhor (e de fato o único) argumento político racional. Como ele o expressou em seu discurso na Siemens: “A teoria de que vitorioso e vencido devem permanecer em sua posição legal para sempre, essa teoria levou a um novo ódio no mundo, à perpetuação do desastre, à incerteza, à desconfiança num lado e à fúria no outro.” Era um ódio e uma fúria que Hitler passaria a década seguinte fazendo tudo que estava em seu poder para insuflar e depois desencadear.

Hitler entendia muito pouco de economia, mas sabia que seus espectadores provavelmente entendiam ainda menos. Assim, foi para os aspectos financeiros de Versalhes que se voltou em seguida.

O mundo não foi pacificado, como se explicou na época, mas, ao contrário, o mundo foi mergulhado num regateio incessante e numa discórdia incessante. E a segunda tese foi igualmente louca: que é

preciso destruir o vencido também sob o ponto de vista econômico, de tal modo que o vitorioso tenha uma economia melhor. Uma teoria louca, mas que percorre como um fio vermelho todo o Tratado de Versalhes e que dá lugar finalmente ao fato de que, durante dez anos, eles tentaram, por um lado, onerar a economia de um grande povo com um fardo insuportável e, por outro, destruí-la tanto quanto possível, eliminar todas as suas oportunidades. Sofremos as conseqüências disso. O modo como, para cumprir suas obrigações econômicas, a Alemanha foi cada vez mais forçada a se jogar nos mercados exportadores sob quaisquer tipos de condições, o modo como a disputa competitiva internacional começou aqui e o modo como dívida política foi gradualmente transformada em dívidas econômicas.

Do ponto de vista econômico isso era tolice, até porque os Aliados já haviam começado a minorar o peso da dívida alemã, que foi também significativamente reduzida pela Grande Depressão. Mas como retórica funcionava, e era só isso que importava para Hitler quando passou para outro de seus tópicos preferidos: os judeus. O objetivo principal do discurso era defender o rearmamento sem consideração às restrições internacionais. Era óbvio que isso prejudicaria a posição internacional da Alemanha, mas Hitler deixava claro que pretendia assumir a responsabilidade:

O conflito entre as pessoas e o ódio em seu meio estão sendo alimentados por partes interessadas muito específicas. É uma panelinha internacional pequena, sem raízes, que está lançando as pessoas umas contra as outras, que não quer que elas tenham paz. É uma gente que está em casa tanto em lugar nenhum quanto em toda parte, que não tem em lugar algum um solo em que tenha sido criada, uma gente que vive hoje em Berlim, amanhã em Bruxelas, depois em Paris, e então de novo em Praga ou Viena ou Londres e que se sente em casa em toda parte.

Nessa altura um homem na platéia gritou: “Os judeus!” Sem parar para tomar conhecimento dele, ou disso, Hitler continuou: “Eles são os únicos que podem ser qualificados de internacionais, porque operam seus negócios em toda parte, mas o povo não os pode seguir... De uma coisa eu sei sobre os que hoje agitam contra a Alemanha, sobre essa panelinha internacional que difama de tal maneira o povo alemão: nenhum deles jamais ouviu o zunido de

uma bala passando.” Na verdade, é claro, os judeus tinham um excelente registro de combate nas trincheiras durante a Grande Guerra, como até a SS teve de admitir quando, na Conferência de Wannsee que planejou a Solução Final em 1942, Reinhard Heydrich ordenou que “veteranos gravemente feridos e judeus com condecorações de guerra (Cruz de Ferro da Primeira Classe) fossem aceitos nos guetos dos idosos, em vez de ser “evacuados para o leste”.²⁰

Em seu discurso *Siemensstadt*, Hitler em nenhum momento mencionou realmente os judeus, mas era óbvio para todos a quem estava se referindo. Não era preciso que o idiota no público gritasse o nome. Certa vez Hitler comentou que, se os judeus não existissem, “teríamos de inventá-los. É essencial ter um inimigo tangível, não um meramente abstrato”.²¹ No Estado nazista, esperava-se que todas as classes estivessem unidas na chamada *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo). Nada gera mais unidade que um inimigo comum; o ódio aos judeus constituía assim a espinha dorsal do poder de Hitler. Ao não mencionar abertamente os judeus em sua fala, Hitler criava mais um laço entre ele e o público, atraindo-o para sua conspiração de forma tácita.

A arenga na fábrica Dynamo continuou, e a essa altura Hitler estava realmente gritando:

Eles deveriam ver que estas minhas palavras não são o discurso de um chanceler, que por trás delas está todo o povo como um só homem, homem por homem, mulher por mulher. O que está unido hoje é o próprio povo alemão. Por séculos ele buscou sua sina na discórdia, com resultados terríveis. Penso que é tempo de buscar nosso destino na unidade, de tentar realizá-lo como uma comunidade unida e indivisível. E na Alemanha eu sou a garantia de que essa comunidade não favorecerá um lado apenas. Podem ver em mim o homem que não pertence a classe alguma, a casta alguma, que está acima de tudo isso. Nada tenho senão um vínculo com o povo alemão.

Essa proclamação pelo líder de não pertencer a classe alguma e de seu compromisso com a comunidade foi saudada com vivas e aplausos, enquanto o hino do Partido Nazista, a canção de Horst Wessel, era entoado.

O povo alemão, Hitler estava enfatizando, era completamente distinto dos judeus. Transmitir esse senso da diversidade dos não-alemães era tão

importante quanto enfatizar a identidade da própria raça ariana.²² O filósofo britânico Bertrand Russell acreditava que “poucas pessoas conseguem ser felizes a menos que odeiem alguma outra pessoa, nação ou credo”, mas por que Hitler odiava os judeus? É uma pergunta bastante direta, e central para a história do século XX, mas ainda não há nenhuma resposta de todo satisfatória para ela. Várias teorias diferentes foram propostas, atribuindo o ódio de Hitler à sífilis que ele teria contraído de uma prostituta judia, ao fato de ter sido enganado pelo médico judeu dr. Eduard Bloch, que tratou sua mãe de um câncer de mama, até à sua expulsão da Academia de Artes Visuais de Viena por professores supostamente judeus. Mas poderia haver uma resposta mais sinistra que essas, tão ingenuamente monocausais? Seria possível que Hitler, em seu íntimo, não tivesse de fato nada contra os judeus, tendo apenas atinado que demonizá-los seria uma jogada política compensadora?

Num livro recente e inovador intitulado *Hitler's Vienna: A Dictator's Apprenticeship* [A Viena de Hitler: o aprendizado de um ditador], a historiadora Brigitte Hamann chegou mesmo a afirmar que, durante sua permanência em Viena de 1908 a 1913, Hitler de fato apreciava os judeus e se dava bem com vários deles. Suas pesquisas investigaram cada canto de Viena, desde os livros contáveis do dr. Bloch até as origens raciais dos examinadores da Academia de Artes Visuais. Com tudo isso, conseguiu revolver profundamente a psicopatologia do Führer, com resultados fascinantes.

Muito do que Hitler escreveu em *Mein Kampf* sobre os anos que passou em Viena revela-se exagerado ou falso. O que é incontrovertível, contudo, é que, embora tivesse conhecido judeus e convivido com eles durante seu período de penúria como pintor e fanático por ópera, Hitler foi bem tratado por eles e não lhes manifestou nenhum sinal claro de hostilidade. Durante todos os tediosos e intermináveis monólogos que teceu mais tarde sobre seus dias de agruras em Viena, Hitler nunca mencionou ter tido uma má experiência com um judeu ali. É possível até declarar que alguns dos seus melhores amigos eram judeus, como Josef Neumann e Siegfried Löffner. Longe de lhe ter sido inculcado por seu pai rude e bêbado, ou por suas origens provincianas austríacas, seu anti-semitismo parece ter sido abraçado muito mais tarde, provavelmente como uma manobra de todo cínica para melhorar suas perspectivas políticas após a Grande Guerra. Pobre, tímido, sem talentos, um completo assexuado, introvertido, socialmente invejoso e monomaníaco, o jovem Hitler, quando morou em Viena, era “um estrangeiro inseguro numa

grande metrópole”, como disse mais tarde Albert Speer. Em vez de alterar sua personalidade para se adaptar ao meio, como a maioria das pessoas normais teria feito, Hitler ensimesmou-se cada vez mais, culpando os vienenses por não o estimarem devidamente.

Foram os ressentimentos mesquinhos dessa época infeliz passada na capital austríaca que definiram muitas das linhas gerais do que viria a ser o nazismo. Tudo o que era preciso para criar as condições necessárias à proliferação do bacilo de suas idéias era uma imensa guerra européia. Imediatamente, um ano apenas depois que Hitler deixou Viena, veio o cataclismo de agosto de 1914. O ditador tinha cumprido seu aprendizado e, depois que o anti-semitismo fora cinicamente adicionado a seu credo, estava pronto para atacar. Pouca diferença faz, é claro, se o anti-semitismo de Hitler nasceu de uma aversão pessoal, de erros percebidos ou de seu oportunismo político, mas esta última parece ser a opção correta.

O escritor Frederic Raphael tem uma nova e interessante teoria que é uma interpretação psicológica da versão de que o médico judeu da mãe de Hitler a teria enganado e/ou diagnosticado erroneamente. Segundo sua tese:

Se o dr. Bloch foi incapaz de curar o câncer de Frau Hitler é improvável — para não dizer impossível — que alguém naquela época o pudesse ter feito. Nem Hitler diz isso. Que “Adi” amava sua mãe é fora de dúvida; o mesmo pode ser dito de Proust, que, entretanto, num famigerado artigo publicado no *Figaro*, defendeu o matricídio alegando que, afinal de contas, todo mundo anseia às vezes por matar a mãe. Será astucioso demais sugerir que Hitler, vendo os sofrimentos de sua mãe, desejou (muito humanamente) que eles terminassem, mas que ao terem fim com a morte dela, sentiu-se tão culpado que transferiu seu desejo vergonhoso para o médico judeu, que lhe serviu assim de bode expiatório?²³

Provavelmente é mesmo “astucioso” demais, até porque Hitler pode muito bem ter sido um dos milhões de nós que nunca quisemos fazer mal às nossas mães, mas certamente não é mais duvidoso que muitas das teorias monocausais produzidas para explicar o Holocausto.

Algumas pessoas consideram que não apenas é irrelevante saber onde Hitler contraiu seu anti-semitismo, como é também moralmente errado investigar a questão muito a fundo. Afirmam que isso favorece pessoas que, como David Irving, assumem a idéia oposta. Como o escritor e crítico

Jonathan Meades assinalou com argúcia, há

uma escola de charlatanismo cujos adeptos brigões tentam explicar Hitler inventando histórias folclóricas de traumas psicosssexuais ou dando crédito a elas: a mãe de Hitler foi supostamente tratada ou diagnosticada de maneira indevida por um médico judeu e morreu; Hitler pode ter contraído sífilis de uma prostituta judia — essas especulações são odiosas porque procuram tornar o judeu individual culpado pelas abominações que sua raça teve de sofrer. Há, inevitavelmente, teorias do testículo único e de sevícias satânicas. Há a história absurda de Hitler ainda criança tendo seu pênis mordido por uma cabra em cuja boca estava tentando urinar.²⁴

Esta última teoria, se verdadeira, explica muito sobre Hitler mas presumivelmente não sobre seu anti-semitismo. E mesmo que Hitler fosse monórquido, isso não explica por que 13 milhões de alemães votaram no NSDAP em 1932, já que não sabiam que lhe faltava um testículo (o que, aliás, não era o caso). O interessante não é tanto o que moveu Hitler, mas o que levou o povo o alemão a abandonar a democracia e apoiar um líder cujo revanchismo era proclamado tão ruidosamente em todas as oportunidades.

Em seu discurso na fábrica Dynamo da Siemens foi somente em passagens cuidadosamente escolhidas que Hitler se entregou a uma fúria completamente calculada e bem ensaiada. Em geral, não vociferava nem espumava durante seus discursos, embora seja mostrado nesse estado na maior parte dos filmes que vemos. Reinhard Spitzzy, secretário particular do ministro alemão das Relações Exteriores Joachim von Ribbentrop, lembrou que, certa vez, quando Hitler terminava um bom almoço com seu *staff*, um criado entrou na sala para anunciar a chegada de um diplomata britânico:

Hitler deu um pulo, tal a sua perturbação. “*Gott im Himmel!* Não o deixe entrar por enquanto — ainda estou de bom humor.” E então, diante dos olhos de seu *staff*, induziu em si mesmo, sozinho, uma ira artificial — seu rosto escureceu, a respiração ficou pesada e os olhos dardejavam. Em seguida passou à sala contígua e representou para o pobre inglês uma cena tão barulhenta que cada palavra era audível da mesa de almoço. Dez minutos depois voltou, a testa molhada de suor. Fechou cuidadosamente a porta atrás de si e disse com uma risadinha:

“Senhores, preciso de chá. Ele acha que estou furioso!”²⁵

Líderes têm de ser atores, e Adolf Hitler compreendia isso muito bem, ainda que ele próprio fosse um tanto canastrão. No princípio de sua carreira, estudou as atuações de um comediante bávaro chamado Weiss-Ferdl para aprender como cativar um público. Tal qual um ator, Hitler ensaiava incessantemente suas poses e gestos diante do espelho em seu quarto miserável na Thierschstrasse de Munique. Existem também fotografias dele fazendo o mesmo muito mais tarde em sua carreira. Foi nas ruas e nas cervejarias de Munique que Hitler começou a praticar seu ofício inicial de agitador político, por vezes falando para platéias que não passavam de uma dúzia de pessoas. Ali aprendeu em que medida o efeito que conseguia produzir sobre o público dependia do planejamento e preparo cuidadosos do material. Qualquer pessoa que tenha tentado se dirigir a um público no Speakers’ Corner, no Hyde Park em Londres sabe com que rapidez essa experiência endurece uma pessoa intelectual e emocionalmente, em especial quando é preciso lidar com importunos casuais e francos opositores.

Hitler examinava pessoalmente a acústica das cervejarias de modo a poder alterar o tom e o volume da voz de acordo com ela. Certa vez, cometeu o erro de fazer um discurso numa manhã de domingo. O público, como ele o descreveu mais tarde, estava “frio como gelo”. Dali em diante, passou a preferir programar seus discursos para a noite, quando seus públicos eram mais receptivos à sua mensagem. Como escreveu em *Mein Kampf*, “Parece que de manhã e durante o dia a mente humana se rebela contra qualquer tentativa que outrem faça de lhe impor sua vontade ou opinião. À noite, no entanto, sucumbe facilmente ao domínio de uma vontade mais forte.” (Atores profissionais confirmam esse ponto de vista; por alguma razão, as platéias são muito mais receptivas nos espetáculos noturnos que em matinês. Foi preciso uma mente singular como a de Hitler para tirar proveito político desse fenômeno.)

Efeitos teatrais como música marcial, mares de bandeiras, fileiras cerradas de membros das tropas de assalto e, em especial, uma iluminação dramática — por vezes usando refletores militares, por vezes tochas em chamas seguradas nas mãos — eram usados nas assembléias e comícios para aumentar ainda mais a receptividade do público, e os nazistas foram pioneiros no uso de recursos de propaganda que se tornaram corriqueiros na arena política de hoje. O contraste com Churchill não poderia ser mais

completo. Ele fez poucos comícios e não empregava nem relações-públicas nem efeitos especiais. Era na Câmara dos Comuns que preferia falar, ou pelo rádio, quando a audiência fisicamente presente era em comparação, pequena. Confiava no poder da palavra falada e no poder de persuasão do melhor argumento. Não foram truques demagógicos que fizeram dele o mais notável orador do século XX, mas seu excepcional domínio da língua inglesa. Como escreveu em *My Early Life*: “Eu faria todos os meninos aprenderem inglês; depois faria os mais inteligentes aprenderem latim como uma honra e grego como um prazer. Mas a única coisa pela qual eu os castigaria seria por não saber inglês. Eu os castigaria duramente por isso.”

Churchill não era um orador nato; poucas pessoas o são. Após uma experiência desastrosa aos 30 anos, tentando fazer um discurso à Câmara dos Comuns inteiramente de cor, abandonou essa prática. De fato, chegava às vezes a passar de dez a 14 horas preparando um único discurso, ocasionalmente ao som de música marcial tocando no gramofone, trabalhando e retrabalhando até que por fim o considerava perfeito. Como seu amigo lorde Birkenhead dizia de brincadeira: “Winston passou os melhores anos de sua vida escrevendo discursos de improviso.” Churchill dizia que o melhor conselho que jamais recebera sobre oratória parlamentar viera de Henry Chaplin, político tóri e ex-ministro do Gabinete, que lhe dissera: “Não tenha pressa. Expanda sua argumentação. Se tiver alguma coisa a dizer, a Casa ouvirá.” Foi um conselho de que Churchill tirou bom proveito, e, ocasionalmente, um efeito devastador.

Em *Savrola*, Churchill descreveu a gênese do notável discurso que o herói proferiu na prefeitura de Laurenia. O trecho parece uma explicação tão manifestamente autobiográfica do processo de criação de uma fala política que merece ser repetido na íntegra:

Seu discurso — ele fizera muitos e sabia que não se pode obter nada de bom sem esforço. Essas proezas de oratória feitas de improviso só existiam nas mentes dos ouvintes; as flores da retórica eram plantas de estufa. Que havia então a dizer? Sucessivos cigarros haviam sido consumidos mecanicamente. Em meio à fumaça ele viu um discurso que penetraria fundo os corações de uma massa; um pensamento elevado, uma figura de linguagem, exprimidos naquela dicção correta que é compreensível até para os menos letrados e comove o mais simples; algo para elevar suas mentes das preocupações materiais da existência e para

despertar sentimento. Suas idéias começaram a tomar a forma de palavras, a agrupar-se em frases; ele murmurava para si mesmo; aliterava instintivamente. As idéias sucediam-se umas às outras, como um regato flui celeremente e a luz cambia em suas águas. Pegou um pedaço de papel e começou a tomar notas às pressas com um lápis. Aquela era uma idéia importante; não poderia a tautologia acentuá-la? Rascunhou uma frase, riscou-a, poliu-a e a reescreveu. O som agradaria aos seus ouvidos, os sentidos desenvolveriam e estimulariam suas mentes. Que jogo! Seu cérebro continha as cartas que ele tinha de jogar, e o mundo, o prêmio pelo qual jogava. Enquanto trabalhava, as horas passavam. A criada, ao entrar com seu almoço, encontrou-o silencioso e absorto; já o vira assim antes e não ousou interrompê-lo. A comida não provada esfriou sobre a mesa, enquanto os ponteiros do relógio giravam com vagar, marcando o passo uniforme do tempo. Logo ele se levantou, e completamente dominado por seus próprios pensamentos e linguagem, começou a andar pelo cômodo em passadas curtas, falando para si mesmo em voz baixa e com grande ênfase. De repente parou e, com estranha violência, sua mão desceu sobre a mesa. Era o fim do discurso.²⁶

A “capacidade retórica”, escreveu Churchill, “não é nem inteiramente inata, nem é inteiramente adquirida, mas cultivada”. Ele era um perfeccionista, não um orador nato, e em 1940-41 o resultado foi certamente a perfeição. As cadências dos discursos que Churchill fez naquele ano deviam muito às horas em que, como um jovem hussardo subalterno estacionado na Índia quase meio século antes, estudara as obras históricas de Gibbon e Macaulay. Churchill criou sua própria síntese das frases grandiloqüentes e de maior eco do primeiro e do espírito mordaz do segundo. Sua oratória foi também influenciada pela retórica do final do período vitoriano de William Gladstone, do político irlandês-americano Bourke Cockran e seu próprio pai, lorde Randolph Churchill, o orador político mais hipnótico de seu tempo.

O estilo rebuscado, à moda antiga, de Churchill não impressionava todos. Alguns o achavam falso, outros, pomposo, outros ainda zombavam dele como uma mistura de canastrão com artista de *music hall*. Houve até um momento durante os “anos de gafanhotos”^b da década de 1930, em que a Casa dos Comuns o silenciou aos gritos quando ele tentou fazer a defesa do

rei Eduardo VIII durante a Crise da Abdicação. De fato, foi só a partir de 1940, naquele teste supremo do povo britânico, que a retórica de Churchill se elevou à altura dos perigos do momento para criar a beleza sublime dos seus melhores discursos de guerra. A derrota na frente ocidental, a retirada de Dunquerque, a Queda da França, a batalha da Inglaterra, a Blitz, a ameaça de invasão — produziram todos discursos e frases que viverão enquanto viver a língua inglesa.

No verão de 1940, os discursos de Churchill eram quase tudo o que o povo britânico tinha para sustentá-lo. Com Hitler no controle da Europa continental de Brest a Varsóvia, nem os chefes de estado-maior tinham qualquer plano lógico para chegar à vitória. Com a Rússia e os Estados Unidos fora do conflito, tudo o que Grã-Bretanha podia fazer era resistir, rezando desalentadamente para que alguma coisa acontecesse. Não podendo de fato apelar para a razão em suas declarações de certeza na vitória final, Churchill tinha de apelar para o coração.

Sem dispor de muito em matéria de alento ou boas notícias para o povo britânico, Churchill assumiu um risco político ao escolher deliberadamente enfatizar, no lugar deles, os perigos. Três dias apenas após tornar-se primeiro-ministro disse à Câmara dos Comuns: “Nada tenho a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor.” Não tentou nenhuma evasiva diante da natureza da empreitada a enfrentar, enquanto suas palavras varriam uma década de apaziguamento, dúvida e derrotismo, que ele uma vez chamara de “as longas, arrastadas marés de inação e rendição”. Sem hesitar, situou o conflito no contexto áspero de uma luta maniqueísta entre o bem e o mal, a verdade e a mentira, o certo e o errado. Era isso que os britânicos ansiavam por ouvir. Ao sair da Câmara dos Comuns ele comentou com o amigo Desmond Morton: “Aquilo tocou os sujeitos, não foi?”²⁷

O efeito foi certamente extraordinário. Como a escritora Vita Sackville-West disse ao marido, o ministro da Informação Harold Nicolson. “Uma das razões por que ficamos emocionados com essas expressões elisabetanas é que sentimos por trás delas todo o endosso maciço do poder e da decisão, como uma grande fortaleza: nunca são palavras que se diz só por dizer.” A menção da Inglaterra elisabetana é elucidativa, pois Churchill arregimentou os serviços do passado para levantar o moral britânico, convocando os fantasmas de Drake e Nelson para assinalar ao povo que a Grã-Bretanha enfrentara perigos como aqueles antes e saíra vitoriosa. A mensagem subliminar era a de que o faria novamente. Ele não tinha escrúpulos em

adaptar frases de sucesso para uso em seus discursos, fossem elas suas ou de outrem; por exemplo, sua famosa frase sobre a RAF na batalha da Inglaterra talvez tenha devido alguma coisa à declaração de sir John Moore sobre a tomada da Córsega em 1793: “Nunca tanto foi feito por tão poucos homens.”

Isaiah Berlin, no ensaio publicado sob o título *Mr Churchill in 1940* [Sr. Churchill em 1940], empenhou-se em mostrar como o primeiro-ministro britânico adquiriu “uma imaginação histórica tão sólida, tão abrangente a ponto de envolver todo o presente e todo o futuro na moldura de um passado rico e multicolorido.” Churchill esperava de seus ouvintes pelo menos um conhecimento básico da história britânica; nunca os depreciou ou foi condescendente com eles adaptando seu estilo às exigências percebidas das massas modernas. Nas palavras de Berlin, “o arcaísmo de estilo a que os discursos do sr. Churchill durante a guerra nos habituaram são ingredientes indispensáveis do tom elevado, a vestimenta do cronista cerimonioso, que a solenidade da ocasião exigia.”

No dia 11 de setembro de 1940, Churchill discursou para a nação pelo rádio sobre a probabilidade de uma invasão alemã, dizendo:

Não podemos saber quando eles tentarão vir; não podemos saber ao certo se realmente o farão; mas ninguém deveria fechar os olhos para o fato de que uma invasão maciça, em grande escala desta ilha está sendo preparada com toda a meticulosidade e o método alemães, e de que ela pode ser iniciada agora — na Inglaterra, na Escócia ou na Irlanda, ou em todas as três.

Esse discurso foi transmitido das profundezas das Salas do Gabinete de Guerra, um complexo subterrâneo em Whitehall à prova de bombas com escritórios e alojamentos secretos. Ele havia sido construído pouco antes da guerra para abrigar o núcleo central do governo na eventualidade de raids aéreos. Churchill fez esse discurso pouco depois dos primeiros bombardeios sobre Londres, sabendo que, mesmo que Hitler tivesse decidido não invadir, os bombardeiros da Luftwaffe tenderiam a continuar aterrorizando as cidades britânicas.

Foi assim que ele transmitiu a convicção de que a Grã-Bretanha poderia enfrentar o que quer que viesse pela frente:

Portanto, devemos encarar a próxima semana, aproximadamente, como

um período muito importante em nossa história. Ela se equipara aos dias em que a Armada espanhola chegava ao Canal, e Drake estava terminando seu jogo de *bowls*; ou quando Nelson se interpôs entre nós e a Grande Armada de Napoleão em Boulogne. Lemos tudo sobre isso nos livros de história; mas o que está acontecendo agora tem uma escala muito maior e muito mais consequências para a vida e o futuro do mundo e sua civilização que esses dias heróicos do passado.

Churchill fazia as pessoas sentirem que não estavam sós nessa luta: estavam marchando com a história. Ele próprio um historiador, estava em perfeitas condições de situar o impasse da Grã-Bretanha em 1940 diretamente em seu contexto histórico. Para um povo que aprendia na escola sobre as proezas de Drake e Nelson, isso tinha um efeito eletrizante. Churchill já pedira heroísmo do povo britânico ao invocar o futuro milênio, com as palavras: “Tratemos de enfrentar nossos deveres, e de nos portar de tal maneira que, se o Império Britânico e a Comunidade Britânica durarem por mil anos, os homens ainda dirão: ‘Aquela foi nossa hora mais gloriosa’.” Agora ele recorria ao milênio anterior, equiparando a situação com a de 1588, quando a Invencível Armada investira contra a Inglaterra de Elisabeth I, e a de 1804, quando Napoleão ameaçara invadir a Grã-Bretanha. Como primeiro-ministro, certa vez encaminhou um memorando a R.A. Butler no Ministério da Educação: “Sabe como tornar as crianças mais patrióticas? Conte-lhes que Wolfe tomou Quebec.” Isso não funcionava apenas com crianças; mobilizando a história a seu favor ele estimulava as pessoas a se verem a si mesmas como parte de um longo contínuo, algo que, como o sugere o enorme sucesso dos livros sobre as Guerras Napoleônicas durante a Segunda Guerra Mundial, era muito eficaz.

No contexto da política e da sociedade atuais, grande parte da argumentação de Churchill e do vocabulário em que era expressada eram, sem dúvida claro, muito politicamente incorretos. Clive Ponting queixou-se do modo como Churchill referia-se continuamente à “nossa própria vida britânica, e à longa continuidade de nossas instituições e do Império”, em vez de “expressar uma visão do futuro destinada a atrair uma democracia moderna”. Isso ocorria porque, para Churchill, estava claro que a nação britânica estava lutando fundamentalmente antes por sua própria identidade e sobrevivência, que por quaisquer idéias utópicas de decência e democracia, muito menos de igualdade e fraternidade. Por isso ele apelava para a crença

antiga, tribal, que o povo britânico alimentava então, baseada sobretudo nas façanhas de seus antepassados e no orgulho por seu êxito imperial. Realmente essa não é mais um tipo de linguagem a que a política possa recorrer, mas na época ajudou a nos salvar.

Há aqueles, como o falecido lorde Hailsham — ele escolheu o fórum singular do programa *Desert Island Discs*, da Radio 4, para revelar essa teoria — que vêem no surgimento de Winston Churchill como primeiro-ministro em maio de 1940, horas antes de Hitler iniciar sua *Blitzkrieg* sobre o Ocidente, uma prova da existência de Deus. Não sendo teólogo, prefiro endossar a opinião do locutor americano Ed Murrow sobre o fenômeno Churchill em 1940: “Ele mobilizou a língua inglesa, e enviou-a para a batalha.” A página impressa não é o meio correto para esses discursos, certamente. Para sentir um arrepio na espinha às palavras de Churchill é preciso ouvir gravações. Só elas podem transmitir os rosnados, os súbitos rugidos leoninos, as frases líricas, a voz modulada pelo charuto e o conhaque, o puro desafio vindo direto das vísceras, a insistir na não-rendição numa guerra até a morte.

Churchill sofria de uma leve gagueira e de um ceceio, que afetavam suas falas em público. Como seu pai, teve dificuldade em pronunciar a letra “s” a vida toda. Quando rapaz, tentava remediar o problema ensaiando frases difíceis como “*The Spanish ships I cannot see for they are not in sight*”. Mais tarde, durante o circuito de conferências que fez nos Estados Unidos, começou a curar seu ceceio e a inibição que ele lhe causava. Mas embora tenha lutado arduamente para superá-lo nunca controlou por completo seu defeito de fala. “Os que o ouviam falar na meia-idade e na velhice concluíam que ele dominara mais a inibição que o defeito”, brincou mais tarde seu filho Randolph. O ceceio de Churchill é perceptível até em seus discursos mais famosos, que inspiraram a nação durante a guerra, o que levou detratores a supor — erroneamente — que estava pronunciando mal as palavras por causa da bebida.²⁸

O estratagema *Siemensstadt* de Hitler de não se referir a seus inimigos diretamente também foi usado às vezes por Churchill. Em novembro de 1934, numa fala pelo rádio sobre as causas prováveis de uma futura guerra, ele chamou a atenção para uma “nação de 70 milhões a poucas horas de distância por ar aprendendo que a guerra é um exercício glorioso”, numa referência clara, mas indireta, à Alemanha nazista. Sempre que sentia poder mencionar seus inimigos diretamente, porém, fazia-o com muito gosto. Suas avaliações

de Ribbentrop e Mussolini durante a guerra, em particular, eram cruéis, numa mistura de histrionice com sincero desdém. Qualificava Mussolini ora como “esse sabujo desqualificado”, ora como “um laçao e servo” ou “o mero utensílio para a vontade de seu senhor”. A própria maneira como pronunciava a palavra “nazistas”, prolongando-a para fazê-la soar como “*narr-zies*”, ilustrava seu desprezo por eles. “Todo mundo tem o direito de pronunciar palavras estrangeiras como bem entende”, era sua saudável máxima.²⁹

Piadas, muitas das quais zombavam dele mesmo, eram uma parte essencial dos discursos de Churchill. Só me deparei com uma ocasião em que Churchill deixou de entender uma piada. Numa discussão sobre a extravagante autopromoção de Montgomery, Jock Colville, secretário particular de Churchill, interveio dizendo que o general proibira as bandas do 8º Exército de tocar “The British Grenadiers”. Quando Churchill perguntou por que, Colville respondeu que era por causa do primeiro verso: “*Some talk of Alexander H*” (o general Harold Alexander era o rival de Monty no deserto.) Os outros convidados em volta da mesa explodiram numa gostosa gargalhada, mas na manhã seguinte Colville descobriu, para seu horror, que Churchill levava a história a sério e ditara um memorando para o chefe do estado-maior imperial determinando que a ordem de Montgomery fosse imediatamente anulada. Como Colville lembrou, “quando expliquei, constrangido, que só dissera aquilo como piada, achou muita graça”. Afora essa exceção que confirma a regra, o humor era para Churchill uma parte essencial da vida. Ele tinha também enorme propensão para a alegoria interessante, divertida, como: “Punir a China é como fustigar uma água-viva.” Ditos espirituosos tendem a ficar associados a pessoas genuinamente dotadas de senso de humor — como Oscar Wilde, George Bernard Shaw e Noël Coward —, mesmo que eles não os tenham realmente pronunciado, e Churchill foi sem dúvida beneficiado por esse fenômeno.

Hitler, embora fosse supostamente um bom imitador na intimidade, quase nunca fazia gracejos em público. A imitação, de todo modo, é uma espécie de artifício de prostituta, e sob os demais aspectos seu humor era do tipo cruel; nada o divertia mais que o embaraço de outras pessoas. Depois da guerra, Albert Speer lembrou a brincadeira cruel que Hitler e Goebbels haviam feito com o porta-voz nazista oficial junto à imprensa estrangeira, Ernst “Putzi” Hanfstaengl, cujas ligações pessoais com o Führer incomodavam o detentor do esplêndido título de ministro da Propaganda e da Informação. Hitler devia muito a Hanfstaengl; tinham sido amigos desde 1923, quando ele emprestara

a Hitler os mil dólares com que os nazistas começaram a imprimir o *Völkischer Beobachter* como um jornal diário. Egresso de Harvard, Hanfstaengl conferira a Hitler certo ar de respeitabilidade nos primeiros dias do movimento. Nada disso, porém, pôde protegê-lo da malignidade de Goebbels, que

começou a lançar calúnias sobre o caráter de Hanfstaengl, descrevendo-o como mesquinho, ávido por dinheiro e de honestidade duvidosa. Certa vez apresentou uma gravação fonográfica de uma canção inglesa e tentou provar que Hanfstaengl roubara sua melodia para uma marcha popular que compusera. O chefe da imprensa estrangeira já estava em uma situação desfavorável quando, na época da Guerra Civil Espanhola, Goebbels contou a seus companheiros de mesa que Hanfstaengl fizera comentários negativos sobre o espírito de luta dos soldados alemães que lá combatiam. Hitler ficou furioso. Aquele sujeito covarde não tinha o direito de julgar a coragem de outros e precisava de uma lição, declarou. Dias depois Hanfstaengl foi informado de que deveria fazer uma viagem de avião; foram-lhe entregues ordens lacradas de Hitler, que só deveriam ser abertas depois que o avião decolasse. Uma vez no ar, Hanfstaengl leu, horrorizado, que seria deixado em território espanhol vermelho, onde deveria trabalhar como agente de Franco. À mesa, Goebbels contou cada detalhe a Hitler: como Hanfstaengl suplicara ao piloto que voltasse; tudo não devia passar de um mal-entendido, insistira. Mas o avião, Goebbels contou, continuou a voar em círculos durante horas sobre o território alemão. Por fim o piloto anunciou que teria de fazer um pouso de emergência e aterrisou em segurança no aeroporto de Leipzig. Só então Hanfstaengl... percebeu que lhe haviam pregado uma peça perversa... Todos os capítulos dessa história provocaram grande hilaridade à mesa de Hitler — tanto mais que, nesse caso, Hitler havia tramado o logro junto com Goebbels.³⁰

Como não é de surpreender, pouco depois Hanfstaengl deixou a Alemanha para se exilar nos Estados Unidos. Ali atuou algumas vezes como conselheiro de Roosevelt quando o presidente queria perscrutar a mente de seu principal antagonista.

Esse tampouco foi um exemplo isolado: Goebbels compreendia como podia usar o senso de humor do Führer e seu gosto por esse tipo de

brincadeira para se promover e neutralizar adversários potenciais. Faz parte da verdadeira liderança perceber quando se está sendo manipulado, mas ao que parece Hitler não notava a manipulação de Goebbels, provavelmente o nazista mais inteligente do Terceiro Reich. Quando um membro graduado do partido, Eugen Hadamowski, começou a aspirar a uma promoção ao controle do Reichsrundfunk (o sistema radiofônico do Reich), Goebbels decidiu armar uma outra peça requintada. Estava reservando esse cargo para um de seus próprios amigos, mas desconfiou de que Hitler poderia preferir Hadamowski, que ganhara sua gratidão antes mesmo da subida dos nazistas ao poder, por ter organizado com muita eficiência os sistemas de alto-falantes para sua campanha eleitoral.

Albert Speer descreveu a estratégia cruelmente brilhante que Goebbels concebeu para solapar sua *bête noire*:

Mandou que Hanke, secretário de Estado no Ministério da Propaganda, fosse até ele e o informasse oficialmente de que Hitler acabara de nomeá-lo Reichsintendant (diretor geral) do rádio. À mesa, Hitler ouviu o relato de como Hadamowski ficara radiante com essa notícia. Como a descrição foi sem dúvida extremamente colorida e exagerada, Hitler tomou toda a história por piada. No dia seguinte Goebbels mandou imprimir alguns exemplares de um jornal que noticiava a falsa nomeação e louvava as qualidades do novo designado de forma extravagante. Descreveu o artigo para Hitler, com todas as suas expressões ridículas, e encenou o êxtase de Hadamowski ao ler aquelas coisas a seu próprio respeito. Mais uma vez, Hitler e todos à mesa gargalharam. Naquele mesmo dia, Hanke pediu ao recém-nomeado Reichsintendant que fizesse um discurso num microfone desligado e mais uma vez os comensais de Hitler se esbaldaram quando a história foi contada.

Com a credibilidade de Hadamowski arruinada pelas suas costas (e provavelmente sem a menor justificção), Goebbels pôde indicar seu próprio homem para o cargo ainda vacante. Na avaliação de Speer: “De certo ponto de vista, era a Hitler que essas intrigas realmente tapeavam. Até onde pude observar, Hitler de fato não se equiparava a Goebbels nessas matérias... Mas certamente deveríamos parar para pensar por que Hitler permitia que esse jogo sujo prosseguisse e até o estimulava. Uma palavra de desagrado teria

certamente interrompido esse tipo de coisa por um bom tempo.”³¹

Brincadeiras perversas como essas são uma forma de humor muito pouco elevada, e saber que Hitler participou da humilhação de um funcionário eficiente e trabalhador simplesmente porque este, ao que se dizia, era ambicioso demais, revela-nos muito sobre o desprezo que nutria pela raça humana em geral. Se comparamos isso com as magníficas tiradas e piadas brilhantemente engraçadas de Wiston Churchill, a dicotomia é óbvia. (A gênese da que é talvez a mais famosa piada de Churchill, cujo clímax é “E a senhora é feia, mas de manhã estarei sóbrio”, pode talvez ser encontrada em *Savrola*, em que ele escreveu acerca da mulher do presidente Molar, Lucile: “É difícil, se não impossível, ignorar uma bela mulher; elas continuam belas e o desdém recua.”)³²

Muitas das piadas de Churchill são demasiado conhecidas para serem repetidas aqui, mas há uma que, por alguma razão, não foi incluída nas usuais antologias “Espírito e sabedoria” de seu humor (talvez por ser apócrifa). Na década de 1930, depois de fazer uma palestra nos Estados Unidos sobre os diversos aspectos positivos e benefícios do Império Britânico, uma americana energicamente antiimperialista fez uma longa pergunta sobre a política britânica com relação ao movimento de independência de Mahatma Gandhi, culminando com as palavras: “Então, Sr. Churchill, o que vocês pretendem fazer com seus índios [*indians*]?” “Pelo menos, senhora” — diz-se que o grande homem respondeu —, “não o que vocês fizeram com os seus”.

Hitler evita Churchill

Fora Putzi Hanfstaengl quem quase chegara a organizar um encontro entre Hitler e Churchill em agosto de 1932, quando Churchill estava na Alemanha percorrendo os campos de batalha de Marlborough como parte da pesquisa para sua biografia de seu ilustre ancestral. No mês anterior, o filho de Churchill, Randolph, cobrira a campanha eleitoral de Hitler para o *Sunday Graphic* — tendo inclusive voado no suposto avião do Führer de assembléia para assembléia — e estava ansioso para que seu pai encontrasse o homem que, segundo ele já tinha se convencido naquela altura, “não hesitará em mergulhar a Europa na guerra assim que tiver montado um exército capaz de fazê-lo”.³³ Hanfstaengl, que conheceu Randolph por meio de seus contatos com a imprensa estrangeira, jantou com Churchill no hotel em que este se

hospedava em Munique.

Durante o jantar, Hanfstaengl falou de Hitler “como um homem enfeitiçado” — quando a “missão” dele em relação à “Espanha vermelha” estava ainda muitos anos à frente — e disse a Churchill que, como Hitler costumava tomar chá toda tarde naquele mesmo hotel, não teria dificuldade em articular um encontro dos dois. Segundo as memórias de Hanfstaengl — escritas depois que ele deixou a Alemanha, podendo portanto terem sido fortemente distorcidas —, Hitler não gostou da idéia de encontrar alguém “que sabia ser seu igual em habilidade política” e teria acrescentado: “De todo modo, dizem que esse sr. Churchill é um francófilo apaixonado.” Isso mostra que Hitler pelo menos já ouvira falar de Churchill naquela altura de sua carreira, e por comentários que fez mais tarde fica claro que havia também lido pelo menos alguns dos escritos autobiográficos do britânico.

Hanfstaengl manteve a esperança de que numa tarde ou numa noite, durante a estada de Churchill, Hitler — que recentemente recusara o cargo de vice-chanceler na expectativa declarada de que a própria Chancelaria logo lhe seria oferecida — viesse a se sentir suficientemente curioso sobre ministro da Marinha britânico durante a guerra para ir até o hotel tomar um café com ele, sua filha Sarah, Randolph, o proprietário do *Daily Telegraph* lorde Camrose e o professor Lindemam. Naquela noite, durante o jantar, numa discussão sobre a “ampla representação” dos judeus nas profissões liberais na Alemanha, Churchill dissera a Hanfstaengl: “Diga ao seu chefe que o anti-semitismo pode ser um bom começo, mas é um mau adesivo.”

Churchill nunca teve a oportunidade de dizer nada a Hitler diretamente porque ele nunca apareceu, mas no dia seguinte Hanfstaengl fez uma tentativa final de convencer o líder nazista a se encontrar com o homem que um dia — sem que nenhum dos dois o soubesse ainda — se provaria sua nêmesis. Hitler cometeu exatamente o mesmo erro que tantos estavam fazendo na política britânica na época; anulou Churchill, dizendo a Hanfstaengl: “De todo modo, que papel Churchill desempenha? Ele está na oposição e ninguém lhe dá ouvidos.” A resposta atrevida de Hanfstaengl, “as pessoas dizem o mesmo sobre você”, também não o fez mudar de idéia. Dois dias depois Churchill e seu grupo haviam deixado a cidade para voltar à Inglaterra, tendo Hitler se mantido a distância até que partiram.

Perdeu-se assim um dos encontros memoráveis da história, é possível que em razão de um complexo de inferioridade da parte de Hitler, mas mais

provável porque ele aceitava a idéia corrente de que Churchill era “um *busted flush*” e não merecia seu tempo. Nesse caso, este deveria ser acrescentado à lista dos erros básicos de cálculo de Hitler. É impossível, é claro, conjecturar o que poderia ter acontecido caso os dois homens tivessem se encontrado, mas se Churchill fosse tentado a transmitir sua mensagem sobre o anti-semitismo dificilmente se teriam falado por muito tempo, ou tido um duelo de idéias, em particular porque nenhum falava a língua do outro. O mais provável é que o encontro tivesse se assemelhado à pesagem de dois adversários antes de uma luta de boxe. Na pior das hipóteses, poderia ter sido uma das grandes decepções da história, com uma troca formal e mutuamente insincera de amabilidades *pro forma* e algumas generalizações sobre suas experiências na Grande Guerra. Talvez seja melhor, portanto, que ele simplesmente não tenha acontecido.

Carisma

Enquanto Churchill nunca realmente projetou carisma, Hitler o irradiava. Churchill tinha uma personalidade impressionante, que muitos poderiam tomar por carisma, mas carisma é diferente. A liderança carismática funda-se nas qualidades quase místicas que os seguidores atribuem a seus líderes. Essa forma de poder não tem raízes na tradição ou base na autoridade institucional; não reconhece nenhuma constituição e é completamente distinta do poder de um estadista eleito numa democracia. Ninguém jamais quis dar a Churchill poderes ditatoriais como os que foram concedidos a Hitler. Embora tenha sido o arquétipo do líder inspirador, Churchill não era encarado como super-humano, etéreo ou existindo num plano diferente que o resto da humanidade. (Nem todos concordariam com esta avaliação: o jovem cientista R.V. Jones, que foi convocado à Sala do Gabinete em junho de 1940 para explicar a Churchill o sistema de orientação por sinais de rádio da Luftwaffe, revelou que “sempre que nos encontrávamos durante a guerra eu sentia que estava sendo recarregado pelo contato com uma fonte vivificante de poder”, o que, naturalmente, lhe parecia estimulante.³⁴)

Há um sem-número de exemplos de pessoas que ficavam fascinadas por Hitler. Como ele conseguia isso? Em primeiro lugar, Hitler descobriu cedo em sua carreira que era capaz de intimidar e dominar outras pessoas apenas fitando-as sem piscar. Isso lhe dava uma aura de determinação e de convicção

inabalável. Como na brincadeira infantil de “quem pisca primeiro?” Hitler raras vezes piscava quando fitava alguém a quem queria impressionar. Isso podia ser estranhamente desconcertante para os que não tinham a menor idéia do que ele era capaz. Albert Speer lembrou que uma vez teve um “duelo de piscadelas” com Hitler durante um jantar. Quando Hitler o fitou, Speer resolveu tentar sustentar seu olhar. Hitler continuou de olhos fixados em Speer, esperando que ele desmontasse. Nas palavras de Speer: “Quem sabe que instintos primitivos estão envolvidos nesses duelos entre olhos que se fitam... dessa vez tive de reunir uma força quase inumana, aparentemente para sempre, para não ceder ao impulso crescente de desviar os olhos.”³⁵ Felizmente, nesse momento Hitler teve de atender a um pedido da mulher sentada a seu lado e assim foi obrigado a interromper o duelo.

Hitler era favorecido pelo fato de ter os olhos de sua mãe, que eram de um tom inusitado de azul-claro com uma estranha mescla de um cinza esverdeado. Um enorme número de pessoas atesta o efeito estranhamente poderoso que os olhos de Hitler tinham sobre os outros. O embaixador francês Robert Coulondre pareceu trespassado por eles, e o dramaturgo Gerhart Hauptmann contou que tê-los visto foi o momento mais importante de sua vida. Martha Dodd, a filha do embaixador americano, declarou que eram “assustadores e inesquecíveis”. A irmã de Nietzsche, Elisabeth, disse deles: “Buscavam-me... em toda parte.” Ligeiramente projetados e quase sem pestanas, os olhos do Führer exerciam um efeito curiosamente hipnótico, ou pelo menos passaram a fazê-lo depois que a propaganda nazista espalhou esse dom. Na criação do carisma, boa parte é auto-sugestão, e se Coulondre, Hauptmann e Dodd não tivessem ouvido falar antes do poder dos olhos de Hitler, é provável que não o tivessem notado.

O carisma de Hitler, é claro, envolvia mais que seu mero olhar. A maioria das pessoas acredita que carisma é uma qualidade pessoal natural, que se tem ou não. De fato, é um traço adquirido, e na verdade uma espécie de logro. É a nossa percepção que dota um líder de carisma; afinal, ninguém nasce carismático. Nenhuma das pessoas que conheceram Hitler como um cabo nas trincheiras da Grande Guerra ou como um artista frustrado em Viena se lembra dele como carismático, nem como tendo muito de um líder. Ele só adquiriu carisma graças a seus sucessos políticos e seus esforços incessantes para criar um culto de sua própria personalidade. Hitler alimentou com firmeza essa condição de super-homem infalível até que milhões se provaram dispostos a aceitá-la segundo a avaliação abominavelmente inflada dele

próprio. Seu biógrafo sir Ian Kershaw descreve seu estado de espírito na altura de 1936 como de “autoglorificação narcisista”.³⁶

Depois que atribuímos uma autoridade incontestável a um líder, ele (ou ela, de quando em quando) simplesmente adquire carisma, termo que deriva da palavra grega para espírito. Líderes religiosos por vezes têm carisma — pelo menos aos olhos de seus seguidores —, porque sua autoridade é fundada na fé. No nazismo, como uma religião secular, passava-se o mesmo. O historiador Michael Burleigh mostrou o quanto a ideologia nazista tinha em comum com um culto religioso, sobretudo em sua deificação da figura do Messias.³⁷ A autoridade do Führer era incontestável, e Hitler enfatizava deliberadamente o carisma que lhe era atribuído ao cultivar essa condição de super-homem. Evitava associar-se a qualquer coisa que pudesse ser impopular ou que pudesse fazê-lo parecer falível. Era raro que demonstrasse emoção e mantinha-se resolutamente afastado de situações que exigissem a manifestação de sentimentos humanos comuns.

Quase todas as pessoas que conheceram Hitler pessoalmente confirmam que era difícil relaxar na sua presença. Embora um filme feito por sua namorada Eva Braun mostre que ele era em geral amigável e cortês em ocasiões sociais, calor humano ou afeição genuínos estavam inteiramente ausentes. Ao contrário, Hitler preferia cercar-se de uma aura de inacessibilidade. Nunca desenvolveu uma relação pessoal verdadeira com outros seres humanos; na verdade, foi por seu cão alsaciano, Blondi, que chegou mais perto de desenvolver uma amizade.

Até poucas horas antes de seu suicídio, Hitler permaneceu solteiro. Eva Braun era mantida longe dos olhos do público e só seu círculo mais íntimo a conhecia. Todas as testemunhas concordam que Hitler nunca mostrou qualquer interesse real por ela; era uma figura de aspecto encantador e uma companhia agradável, mas nada mais, até sua decisão inegavelmente corajosa e devotada de permanecer com ele até o fim. Ela quis morrer como uma mulher honesta, uma *bunker-frau* alemã casada de papel passado, e ele lhe concedeu pelo menos essa honra como a paga por sua disposição de acompanhá-lo em seu suicídio. Depois da morte provavelmente se separaram, já que ela não tinha razão alguma para acompanhá-lo em sua viagem do outro lado do Estige.

Relações públicas

Hitler gostava de ser fotografado com crianças e animais; nunca chegava a beijar bebês, mas submetia-se a todo o resto da superficialidade degradante das sessões de fotografia da política moderna. A manutenção de uma imagem de simplicidade era talvez um de seus estratagemas mais eficazes de relações públicas, provavelmente mais eficaz até que os bombásticos comícios nazistas. Joseph Goebbels estava decidido a apresentar Hitler como “o Chanceler do Povo”, ressaltando seus gostos simples e sua proximidade com o alemão comum. Enquanto muitos alemães percebiam as autoridades do partido como figurões — apelidando-os de “faisões dourados” —, o Führer continuava sendo, a seus olhos, “um de nós”. É um truque populista de propaganda usado por muitos líderes modernos. (Hoje em dia, são poucos os políticos americanos que ficam de paletó nas cerimônias de encontro com o povo em prefeituras.)

Embora míope, Hitler nunca usava óculos em público. Seus secretários adotavam caracteres especialmente graúdos ao datilografar seus discursos porque ele achava que aparecer de óculos poderia prejudicar sua imagem de super-homem.³⁸ Evitava também ser fotografado fazendo qualquer tipo de exercício físico pesado. Tampouco permitia que sequer seu camareiro o visse senão completamente vestido. Quando, para a profunda reprovação de Hitler, Mussolini foi fotografado de calção de banho, o Führer declarou que jamais permitiria que isso acontecesse com ele; de fato, expressou o medo de que “algum hábil falsificador pudesse colocar minha cabeça sobre um corpo de calção de banho”!³⁹ Sentia-se embaraçado quando tinha de se despir diante de um médico e nunca permitiu que fosse feito um raio X de seu estômago irritável. Recusava-se também a ter um massagista, como lhe sugeriu Heinrich Himmler, o chefe da SS. Gostava de ter seu corpo coberto o tempo todo, e mesmo nas épocas mais quentes usava ceroulas brancas, como ficou patente após o Complô da Bomba, quando suas calças lhe foram arrancadas no tépido dia de verão de 20 de julho de 1944.

Churchill, por sua vez, não podia se importar menos com sua aparência física. Quase nunca insistia em impor sua dignidade pessoal, embora tivesse sempre consciência do respeito que era devido ao que ocasionalmente chamava de “o primeiro-ministro do rei”. Quando estava doente no Marrocos em 1944, dois criados o carregaram morro acima para um piquenique nas montanhas Atlas, usando a toalha de mesa como uma tosca rede improvisada.

A completa ausência de decoro envolvida nesse modo de transporte não o poderia ter perturbado menos. Frequentemente era possível encontrá-lo trabalhando de roupão e chinelos. Por vezes, com toda naturalidade, despiu-se ou tomava banho na presença de seu *staff* e de colegas. Certa feita, chegou a assustar o presidente Roosevelt ao sair do banho, com a piada: “O primeiro-ministro da Grã-Bretanha nada tem a esconder do presidente dos Estados Unidos.” Churchill tinha também uma predileção pouco carismática por chapéus engraçados e uniformes extravagantes. Foi o único primeiro-ministro, incluindo até o próprio duque de Wellington, que jamais usou uniforme militar quando no cargo. Entre as fotografias de Churchill ao lado de Roosevelt, uma o mostra com o uniforme de comodoro do ar honorário, outra com o uniforme de coronel dos 4º Hussardos, e ainda outra com o de *Elder Brother* de Trinity House (o órgão que fiscaliza o funcionamento dos faróis britânicos). Embora a maioria das pessoas ache esse gosto excêntrico em matéria de vestuário extremamente encantador, ele tendia a fazer Roosevelt parecer superior a Churchill. Em *Savrola*, Churchill mostrara estar ciente das vantagens do uso de roupas simples, ainda que ele próprio não tenha seguido o conselho. Descreveu seu herói entrando no Baile de Gala de Laurenia: “Nenhuma condecoração, nenhuma comenda, nenhuma estrela realçava o traje de noite simples que usava. Em meio àquele esplendor de cor, aquela profusão de uniformes vistosos, era uma figura sombria; mas, como o Duque de Ferro em Paris, parecia o líder de todos eles, calmo, confiante e inabalável.”⁴⁰

Quando se tornou primeiro-ministro, Churchill certamente parecia se preocupar pouco com códigos de vestimenta. Em 1940 ele inventou o que chamou seu “*siren suit*” [traje de sereia], uma roupa baseada em seu traje de pedreiro, mas feita de veludo, fechada de cima a baixo na frente com um zíper. Embora o *staff* governamental zombasse da roupa, chamando-a de seu “macacão”, Churchill usou-a até em algumas ocasiões formais, para revistar tropas ou receber dignitários estrangeiros. O traje não foi apreciado no Kremlin, onde, disse ele: “Acharam que eu estava levando a democracia longe demais.” Isso confirma o que Hitler já sabia: que ao se vestir com despojamento um líder pode realmente se tornar mais, e não menos visível que os outros.

Os nazistas, é claro, gostavam de se vestir com ostentação. É difícil imaginar algo de mais pomposo que o uniforme de gala de Heinrich Himmler, até que se veja o de Hermann Göring. Apreciador de medalhas, ele

chegou a inventar algumas novas, com a certeza de que seria o primeiro candidato a recebê-las. O uniforme do próprio Adolf Hitler, no entanto, não tinha alamares dourados, não tinha dragonas, não tinha faixas nem comendas, apenas a Cruz de Ferro do simples mas bravo soldado na Primeira Guerra Mundial, um distintivo do Partido Nazista e um outro pequeno distintivo. Hitler estimulava os outros líderes nazistas a se vestir com ostentação, enquanto ele próprio cultivava o despojamento. Isso era parte de sua imagem populista como o “Chanceler do Povo”. Estava enviando ao povo a mensagem de que, diferentemente de outros líderes, seu poder era tamanho que não precisava valorizá-lo com uniformes especiais ou insígnias.

Em 1938, quando viajou a Roma para um encontro com Mussolini, Hitler mandou fazer uniformes especiais para todos que o acompanharam. A missão coube a Benno von Arent, o cenógrafo e comissário para o figurino do Reich, cujo talento para o desenho de medalhas valeu-lhe o apelido de “funileiro do Reich”, dado por Albert Speer. Arent era mais conhecido por seus cenários para óperas e operetas, e os diplomatas viajaram metidos em sobrecasacas pesadamente trabalhadas com sutaches dourados. Só o Führer estava vestido como de costume, com um uniforme simples. Como ele disse: “Meu entorno deve parecer magnífico. Assim minha simplicidade causa notável impressão.”

Um lugar só para eles

Parte do carisma inteiramente fabricado de Hitler era resultado das sessões de fotos coordenadas de modo cuidadoso que o retratavam como um homem amante da simplicidade e da natureza. Para conseguir esse efeito, era necessário ter não só uma boa medida de privacidade como uma base fora da cidade escolhida com acerto. Os líderes precisam estar por vezes fisicamente inacessíveis para enfatizar seu poder sobre os acontecimentos, e isso era algo que Hitler compreendia muito bem. A cidade de Berchtesgaden nos Alpes bávaros está inextricavelmente ligada a Adolf Hitler, cuja casa de campo, o Berghof, foi construída acima da aldeia de Obersalzberg, no sopé da montanha. Hitler tinha grande orgulho de sua antiga relação com a região, que começara quando fizera uma visita incógnito a um colega, o político fascista Dietrich Eckart, antes do *Putsch* da Cervejaria. Ao longo dos anos, hospedou-se em vários albergues da área e mais tarde comprou uma casa que se tornou o centro de um enorme recinto para as autoridades nazistas mais

graduadas. Martin Bormann, Hermann Göring e Albert Speer, todos eles construíram casas na encosta, sobretudo para assegurar seu acesso crucial ao Führer. Ainda existem mais de 2.700 metros de *bunkers* de concreto construídos para eles sob a encosta, embora grande parte do resto tenha sido detonada pelo exército americano em 1945 para impedir que o lugar se tornasse um santuário para neonazistas. (Foi uma preocupação procedente: o hotel no alto da montanha Gran Sasso, na região italiana de Abruzzi, do qual Mussolini foi libertado por pára-quedistas num golpe ousado, incorpora um museu que celebra nostalgicamente a ação da unidade de assalto da SS.)

“Sim, há muitos vínculos entre Obersalzberg e mim”, lembrou Hitler para seus amigos em janeiro de 1942. “Tantas coisas nasceram lá e se aperfeiçoaram lá. Foi lá que passei as melhores horas de minha vida. Foi lá que todos os meus grandes projetos foram concebidos e amadurecidos. Eu tinha horas de ócio naquele tempo, e quantos amigos encantadores!” Se é possível dizer que o fantasma de Hitler assombra algum lugar, não é a área anônima e achatada da Wilhelmstrasse em Berlim, onde ficava seu *bunker*, mas aquele lá em cima, na encosta alpina bávara.

O próprio Berghof não era a obra-prima arquitetônica que Hitler a considerava. Por alguma razão, o Führer detestava móveis envernizados, preferindo pinho bruto. Seu biógrafo Norman Stone descreveu a casa como uma construção apropriada para um vilão de Ian Fleming. Imensas placas de mármore vermelho a adornavam; pinturas roubadas pendiam nas paredes; havia um vasto e espesso tapete; chamas tremendas na lareira; poltronas desmesuradas estavam dispostas a excessiva distância umas das outras, de tal modo que os convidados tinham quase de gritar suas trivialidades uns para os outros enquanto fagulhas saltavam do fogo ao avançar do crepúsculo.”⁴¹ Por ocasião do quinquagésimo aniversário de Hitler, o Partido Nazista o presenteou com um milagre da engenharia civil, o “Ninho na Rocha”, uma construção de pedra 1.800 metros acima, a que se chegava pelo meio da montanha e da qual ele podia avistar toda a região, inclusive sua bem-amada Salzburgo.

A deslumbrante vista panorâmica, contudo, não apaziguou a alma de Hitler. Paradoxalmente, aquelas lindas vistas parecem só o ter ajudado a chegar às suas decisões mais drásticas. Foi durante suas estadas em Obersalzberg que tramou para se apoderar do poder absoluto na Alemanha, que lhe ocorreu o famigerado plano Berchtesgaden para desmembrar a Tchecoslováquia e que planejou a invasão da Rússia. Joseph Goebbels, um

visitante habitual, queixava-se regularmente em seu diário dos longos períodos que o Führer passava em Obersalzberg, mas ficava satisfeito ao ver como “a solidão das montanhas” tendia a instigar seu Führer a esforços cada vez mais fanáticos. Hitler estava lá no final de março de 1933, quando decidiu promover um boicote de todos os negócios, serviços, advogados e médicos judeus em todo o Reich. Uma vista de beleza estonteante tinha claramente sobre Hitler o efeito oposto ao que tem sobre a maioria das pessoas; em vez de suavizá-lo e humanizá-lo, endurecia-lhe o coração e o enchia de sonhos de dominação racial. Havia uma lenda segundo a qual, sob um dos picos mais altos da cadeia de montanhas Berchtesgadener, o Untersberg, jazia adormecido o imperador germânico Barba-Roxa; não teria sido por acaso, portanto, que a invasão alemã da Rússia em junho de 1941 recebeu o codinome de “Operação Barba-Roxa”.

No verão de 1933 Obersalzberg tornou-se um local de romaria para muitos alemães. Como sir Ian Kershaw escreveu: “Eram tantas as multidões de admiradores que tentavam avistar o chanceler do Reich que Himmler, como comandante da Polícia Política bávara, teve de estabelecer regras especiais de tráfego para a área da Berchtesgaden e proibir o uso de binóculos pelos que tentavam observar “cada movimento do Chanceler do Povo”. No final, o interesse tornou-se tamanho que foi preciso isolar toda a área durante as caminhadas vespertinas de Hitler para evitar os turistas. Iniciou-se assim a tradição de uma procissão diária em que “até duas mil pessoas de todas as idades e de todas as partes da Alemanha, movidas por sua devoção a percorrer os caminhos íngremes até Obersalzberg e esperar horas, a um sinal dos ajudantes marchavam numa coluna silenciosa, passando por Hitler”. Para um de seus ajudantes mais chegados, Fritz Wiedemann, essa adulação tão desmedida tinha implicações quase-religiosas, e sem dúvida ajudava o próprio Hitler a se acreditar dotado de poderes quase sobre-humanos.

Era também na Baviera que as sessões de fotos se multiplicavam. Há fotografias do Führer com o traje tirolês tradicional apoiado numa árvore; o Führer com sorridentes e embevecidas crianças loiras; o Führer afagando Blondi, seu cão alsaciano; o Führer debruçado sobre projetos arquitetônicos das cidades que pretendia construir; um Führer feliz e relaxado tomando chá com Eva Braun; o Führer como pai de seu povo ariano; um Führer envolto num manto dando as boas-vindas ao Berghof a visitantes ilustres como David Lloyd George e o duque de Windsor; o estadista trabalhando, confortando os idosos, ou escalando uma encosta coberta de neve.

Ter um lugar afastado da cidade onde pudesse pensar, escrever e receber era importante para Churchill também. A propriedade de Chartwell, Kent, foi comprada em setembro de 1922 por 5.000 libras, um preço reduzido porque estava praticamente em ruínas e, tendo sido levada a leilão por um lance mínimo de 6.500 libras, não recebera ofertas. Churchill só teve condições de comprá-la graças à herança de um primo em segundo grau, lorde Herbert Vane-Tempest, que morrera num acidente ferroviário no País de Gales exatamente quando Churchill fora nomeado secretário colonial.

Churchill teve ainda de gastar mais 20.000 libras para reformar a casa durante os 18 meses seguintes, e durante anos ela sugou seus recursos a tal ponto que Clementine se queixava constantemente de que iria arruiná-los. Tratava-se, no entanto, do exato tipo de retiro de que precisava um homem que por vezes sofria de melancolia, com vistas maravilhosas sobre o Wald do Kent que só podiam elevar o espírito de um homem.

Se Obersalzberg era o lugar mais wagneriano e germânico da Europa central, não há condado mais quintessencialmente inglês que o Kent. Assim como a situação geográfica e os panoramas do Berghof estimulavam os sonhos de conquista de Hitler, o Wald reforçava a determinação de Churchill de resistir a eles.

Arquitetura

Hitler era obcecado pelo poder que tinha a arquitetura de ressaltar sua própria grandeza recém-descoberta e da Alemanha. Teria feito eco com entusiasmo à arguta observação de Churchill de que: “Primeiro moldamos nossos prédios e depois eles nos moldam.” Hitler tinha planos megalomaniacos de edificações para Berlim. Enquanto Goebbels montava imensos comícios para celebrar o culto quase-religioso do Führer, Speer recebeu ordens de Hitler para construir uma nova Chancelaria do Reich, capaz ao mesmo tempo de impressionar e intimidar os visitantes, a poucas centenas de metros da Potsdamer Platz em Berlim. Nada resta desse prédio hoje; o local é agora tomado por um edifício de apartamentos e — de maneira bastante imaginosa — um jardim-de-infância. Os projetos mostram que a nova Chancelaria de Hitler era cerca de vinte vezes maior que a antiga. A data da construção da nova Chancelaria — 1938 — é extremamente significativa, uma vez que foi nesse ano que Hitler anexou a Áustria, em março, e os Sudetos, em outubro, alcançando assim

dois de seus objetivos de política exterior sem recorrer à guerra.

Decidido a levar a cabo uma imensa expansão territorial em sua busca de *Lebensraum* para o povo alemão, Hitler fazia questão de causar o maior impacto possível sobre visitantes estrangeiros. Como explicou a Speer, que assinalara como o arquiteto de “Germânia”, sua nova capital: “Pretendo realizar conferências extremamente importantes no futuro próximo. Para isso, preciso de grandes galerias e salões que impressionem as pessoas, especialmente os dignitários menores.” A nova Chancelaria do Reich se estendia por 400 metros. Embora seu endereço fosse Voßstraße 2-6, não era ali que se encontrava a entrada. De caso pensado, Speer escolheu um lugar aparentemente ilógico para ela na lateral do edifício, na Wilhelmstrasse. Isso significava que um dignitário que chegasse tinha de transpor 275 metros de corredores suntuosos, com a imponente Galeria de Mármore no centro, antes de chegar ao gabinete do Führer. Encantado com o trabalho de Speer, Hitler comentou: “Na longa caminhada desde a entrada até a sala de recepção eles terão uma prova do poder e da magnificência do Reich alemão!”

O gabinete de Hitler era uma vasta sala de 112 metros quadrados adornada com lustres pesados e um imenso tapete em cores pastel. Os frisos de três grandes cabeças adornavam os painéis frontais da imensa escrivaninha do Führer: uma delas era a de Medusa, com cobras retorcidas despontando da cabeça. Na mitologia clássica, todo aquele que via a Medusa caía imediatamente sob seu feitiço e era transformado em pedra. Hitler raras vezes trabalhava nesse gabinete; ele lhe servia unicamente para receber visitantes e assombrá-los com o seu carisma e o poder alemão.

Compare-se a isso o Número Dez da Downing Street, uma casa geminada em Whitehall, que em tamanho e estilo nada parece ter de especial, pelo menos vista de fora. Roy Jenkins descreveu-a como “uma das mais frágeis das grandes casas de Londres, construída no século XVIII, um período notório pela má qualidade da construção”. O Número Dez é um pouco como a Tardis do Dr. Who, com muito mais espaço do que parece possível quando vista de fora, já que ela se esparrama pela área das casas vizinhas e conecta-se com outras partes de Whitehall através de corredores que não podem ser vistos de fora. Nada, portanto, poderia ser mais diferente da imponentíssima mas pouco prática Chancelaria do Reich. Mesmo assim, quase toda a área útil do Número Dez teria cabido só no gabinete de Hitler.

Não admira que seja quase impossível para um primeiro-ministro britânico

desenvolver o tipo de carisma que Hitler projetava. Antes da guerra, líderes políticos britânicos costumavam andar pelas ruas sem os séquitos de guarda-costas, conselheiros políticos e auxiliares que têm hoje, e essa acessibilidade, por si mesma, tornava também difícil para eles adquirir carisma. Até durante a guerra Churchill ia muitas vezes caminhando de Downing Street até o Parlamento. Hoje em dia, mesmo em tempo de paz, os primeiros-ministros tendem a ser conduzidos de carro por esses cerca de 280 metros, só se dispondo a transpor essa curta distância quando — como durante o funeral da rainha-mãe em 2002 — esperam auferir um ganho político com isso.

Acessórios, símbolos e marcas

Hitler e os nazistas eram mestres no uso de acessórios e marcas: seus uniformes, botas de cano alto, o símbolo da suástica, braçadeiras, bandeiras, hinos e a saudação — conferiam todos uma identidade corporativa característica a seu partido e a seus partidários. Até a característica facial mais forte de Hitler, seu esdrúxulo bigodinho de escova de dentes, passou por vários estágios de desenvolvimento à medida que, vez por outra, ele alterava sua largura. Churchill também compreendia o quanto os políticos precisavam de marcas características. Certa vez, num ensaio sobre os acessórios dos políticos — os colarinhos de Gladstone, o cachimbo de Baldwin e assim por diante — ele escreveu, dissimuladamente: “Nunca lancei mão de nada disso.” Será que realmente pensava que pessoas normais usavam chapéus *homburg*, gravatas-borboletas de bolinhas, colarinhos altos de ponta virada, e fumavam charutos Romeo y Julieta daquele tamanho? Ele adotou o sinal do V de vitória no verão de 1941 e além disso literalmente dúzias de chapéus: quepes militares e navais, capacetes, um chapéu australiano, *homburgs*, panamás, cartolas — um dos quais obteve recentemente 10.000 libras num leilão —, *stetsons* e até um cocar de plumas de um chefe indígena americano. Raramente fumava charutos, mas quando estava prestes a se dirigir para uma ocasião pública, acendia um e aconselhava ao membro tóri do Parlamento que estava do seu lado: “Nunca se esqueça da sua marca!”⁴²

Hitler, em contraposição era um não-fumante fanático que considerava o fumo a “vingança do homem vermelho contra o homem branco por ter lhe dado a bebida alcoólica forte”. Foi preciso o Führer para encontrar um motivo racial até por trás do hábito de fumar. Entre 1933 e 1945, os nazistas

instituíram o mais drástico movimento antitabagista, que impôs proibições ao fumo em espaços públicos, restrições no racionamento de cigarros para mulheres e desenvolveu a mais refinada epidemiologia do fumo do mundo, associando o cigarro ao câncer de pulmão pela primeira vez. Temores de que o tabagismo poderia ser perigoso para o bem-estar físico da raça ariana significaram que médicos alemães — metade dos quais pertencia ao Partido Nazista quando a guerra foi deflagrada — lideraram a campanha contra o fumo. Anúncios mostravam que enquanto Hitler, Mussolini e Franco eram todos não-fumantes, Stálin e Roosevelt estavam, sempre envoltos na fumaça de cigarros e Churchill raramente era visto sem seu charuto.⁴³

Apesar de todas as campanhas, contudo, o consumo de cigarros na Alemanha de fato cresceu durante os primeiros anos do domínio nazista, passando de 570 cigarros *per capita* ao ano em 1932 para 900 em 1939. (Na França, durante o mesmo período, ele subiu do mesmo número inicial para apenas 630.) Os ativistas antitabagistas alemães queixavam-se ao Führer da propaganda de “estilo americano” que tinham de combater, mas ele relutava em agir contra as firmas de cigarros uma vez que elas, desde cedo, haviam declarado um apoio entusiástico a seu regime, a ponto de lançar uma marca especial: os *Sturmzigaretten* (cigarros camisas-pardas). Os fabricantes de cigarros geravam também um fluxo inestimável de renda para o Tesouro em perene dificuldade de Hitler, contribuindo com nada menos de um bilhão de Reichsmarks no ano financeiro de 1937/38. Na altura de 1941 os impostos sobre o fumo estavam fornecendo cerca de 8% de toda a renda do governo, sendo portanto cruciais para o esforço de guerra.

Embora a Luftwaffe e o Correio proibissem ambos o fumo, bem como muitas fábricas, secretarias do governo e do Partido Nazista, casas de repouso e hospitais — e Himmler tivesse imposto a proibição de fumar a todos os oficiais uniformizados da SS a serviço —, o consumo de cigarros continuou a se elevar. Alguns abrigos antiaéreos tinham salas especiais para fumantes, mas em geral o fumo era proibido neles, assim como nos ônibus e nos trens em 60 das maiores cidades alemãs por volta de 1941. Em novembro desse ano, ao elevar os impostos sobre os cigarros aos seus níveis mais altos, os nazistas anunciaram “o início do fim” do fumo em todo o Reich. O resultado foi que, embora o número de soldados fumantes tenha sido maior que nunca (cerca de 87,3%), eles passaram a fumar 23,4% menos cigarros. Em 1940-41 os alemães fumaram assombrosos 75 bilhões de cigarros, o bastante para formar um bloco cilíndrico de 133 metros de altura com uma base de 93

metros quadrados.

O trato com as pessoas

A seu ver, quem seria melhor no trato com as pessoas — Hitler ou Churchill? Embora se mantivesse isolado e realmente não se importasse com mais ninguém além de si mesmo, Hitler realmente zelava por seu *staff*, que lhe devotava uma adoração quase unânime. Quando membros de sua equipe adoeciam, ele os visitava no hospital. Gostava de presenteá-los em seus aniversários e no Natal, chegando a dedicar atenção pessoal à escolha de presentes apropriados. Alguns, como seu camareiro, o viam como um segundo pai.

Até sua morte em 2000 aos 83 anos, a secretária favorita de Hitler, Gerda Christian, conservou lembranças afetuosas do homem que sempre — mesmo após 1945 — chamou “o Chefe”. Tendo permanecido com ele no *bunker* até pouco antes do fim, ela nunca teve depois uma palavra deselegante para seu “bondoso e justo” ex-patrão. Não há líder tão perverso que não tenha seus defensores. Era certamente possível encontrar moscovitas no século XVI que se lembravam de Ivan Vasilievich com saudade. Foi um czar cruel, admitiriam entre goles de vodca, mas era justo e suas torturas deveriam ser vistas no contexto histórico adequado. O cognome “Ivã o Terrível” foi na realidade mais uma expressão respeitosa de afeto que algum tipo de crítica. Gêngis Khan provavelmente tinha partidários que, anos depois, afirmariam que ele fora difamado, que provavelmente não sabia do que estava sendo feito em seu nome, que fora incompreendido, e que de todo modo pelo menos fizera os iques fugir a tempo. Você sempre sabia onde estava, recordariam os transilvanos, com Vlad o Empalador.

Eric Hobsbawm, considerado em geral como o nosso maior historiador vivo — embora só Deus saiba por que, enquanto seus quase-contemporâneos como Robert Blake, Asa Briggs, Alan Bullock, Hugh Dacre, Antonia Fraser, Paul Johnson e Hugh Thomas ainda estão respirando —, ainda não se cansou de ressaltar que Josef Stálin modernizou a União Soviética, e portanto não teria podido ser de todo ruim. Kim Il Sung, Fidel Castro e até Pol Pot têm seus apologistas ocidentais. É um fenômeno bem conhecido que intelectuais e escritores, que não perdem uma oportunidade de proclamar objetividade e ateísmo, são muitas vezes os primeiros a cultuar o poder sem disfarces, e

parece que quanto mais brutalmente esse poder é exercido, mais devotada é a obediência.

O extraordinário culto do herói manifestado por ingleses inteligentes e sensíveis a Napoleão, mesmo quando ele mantinha sua Grande Armada aportada em Boulogne em 1804, é um excelente exemplo desse fenômeno pernicioso. Em seu livro *Napoleon and English Romanticism* [Napoleão e o Romantismo inglês], o historiador Simon Bainbridge registrou o que chama de a “obsessão” que Byron, Hazlitt, Wordsworth, Coleridge e Southey tinham pelo arrojado *parvenu* córsico. Também na política, os *whigs* aproximaram-se perigosamente da traição na admiração indisfarçável que votavam ao inimigo de seu país. Quando aluno de graduação em Cambridge, William Lamb — mais tarde lorde Melbourne — escreveu uma ode em latim a Bonaparte, e suas cartas à mãe registravam alegria ante as vitórias francesas e pesar pelos êxitos aliados. Ele e Charles James Fox admiravam a “energia” de Napoleão mais ou menos como escritores e aristocratas britânicos admiravam a “energia” da Alemanha nazista na década de 1930. O historiador Arthur Bryant chegou mesmo a qualificar Hitler de “o Soldado Desconhecido encarnado” em julho de 1939, três meses apenas antes da deflagração da guerra, e não tinha a desculpa de Frau Gerda Christian de ter conhecido a personalidade do Führer.

A maneira como intelectuais foram hipnotizados por tiranos no século XX, com homens sem dúvida brilhantes como Jean-Paul Sartre e E.H. Carr apaixonando-se platonicamente por Stálin, teve um efeito terrível sobre seus compatriotas. Faculdades críticas foram sedadas, uma oposição potencial obstruída. O que poderia talvez ser perdoável numa jovem secretária que pouco vira da vida fora do *bunker* de Berlim é inteiramente imperdoável em escrevinhadores como Walter Duranty, o correspondente do *New York Times* em Moscou na década de 1930, que, embora testemunhando a política deliberada de Stálin de provocar fome na Ucrânia, escrevia favoravelmente sobre o regime bolchevique. Outro jornalista americano, Lincoln Steffens, foi além e, ao regressar da Rússia, declarou, numa frase famosa: “Vi o futuro e ele funciona.” Até hoje, quando o marxismo-leninismo foi confinado à lixeira da história — exceto, é claro, na China, em Cuba e nos departamentos de sociologia dos *campi* do Ocidente — e quando foi definitivamente demonstrado que não funcionou, apesar de 70 anos experimentação, os Hobsbawms continuam impenitentes.

Quando os apologistas dos gêmeos Kray não hesitam em afirmar que eles

mantinham as ruas do East End seguras, e os republicanos irlandeses sustentam que o IRA é eficaz no combate aos pequenos traficantes de drogas, nenhum deles parece corrompido demais para não merecer uma hagiografia, por mais enganosos que sejam seus fundamentos. Há também certa perversidade na natureza humana que nos faz desejar dizer o contrário do que dizem todos os outros, ser a criança que denuncia a nudez do imperador. É claro que, propriamente direcionado, esse impulso pode por vezes ser até salutar para a democracia. Mesmo quando a Câmara dos Deputados americana votou pela declaração de guerra ao Japão após o ataque de surpresa a Pearl Harbor, uma pessoa — a sra. Jeanette Rankin, de Montana — votou contra. Foi um voto contra 388, ela estava cometendo uma imprudência e um erro, mas não foi intimidada por sua corajosa posição pacifista. Só ditaduras exigem unanimidade absoluta, e resultados de eleições como o obtido na Coreia do Norte em 1985, quando o Grande Líder declarou ter ganho 100% do voto popular, geralmente sugerem fraqueza, não força.

Para Frau Christian houve uma ironia final. “Não posso me queixar do tempo que passei com o Führer”, disse a amigos. “Tínhamos até permissão para fumar numa época em que, na Alemanha, isso não era de bom tom para mulheres.” Como ela só morreu após uma longa e penosa luta contra um câncer de pulmão, seria possível afirmar que seu chefe cuidou dela também em seu fim.

Em contraste com Hitler, Churchill era um patrão severo. Com muita frequência deixava de exibir o que descreveu em *Savrola* como “aquelas maneiras encantadoras de que poucos grandes homens são desprovidos”. No que dizia respeito ao trato com as pessoas, podia ocasionalmente ser rude e sarcástico. Seus secretários tinham dificuldade em interpretar o que descreviam como “rosnados inarticulados ou palavras soltas jogadas sem explicação”, e muitas vezes ele podia ser agressivo com os que não conseguiam captar suas intenções. “Onde diabos você estudou?”, rosnava. “Por que não lê alguns livros?” Tivesse Churchill exibido o mesmo tipo de comportamento no ambiente de trabalho atual, poderia talvez ser levado a um tribunal da justiça do trabalho. Tinha um gênio horrível, embora seu grande encanto geralmente lhe permitisse consertar as coisas depois. Diga-se a seu favor, porém, que era tão insolente com colegas e superiores quanto com subordinados.

Quando, como ministro das Finanças na década de 1920, Churchill teve um desentendimento com o então ministro da Saúde, Neville Chamberlain,

consta que ele teria protestado junto ao primeiro-ministro, Stanley Baldwin, andando “pela sala gritando e ameaçando” e lançando-se numa “terrível invectiva”. Chamberlain, que considerava o temperamento de Churchill “infantil e desprezível”, escreveu a Baldwin: “Nem por todas as alegrias do paraíso eu seria membro do *staff* dele! Mercuriano! Uma palavra desgastada, mas é a descrição literal de seu temperamento!”

No verão de 1940, sob a terrível tensão de conduzir o país, Churchill recebeu de sua mulher uma carta que dizia: “Há um perigo real de você passar a ser malquisto de modo geral por seus colegas e subordinados por causa de suas maneiras rudes, sarcásticas e arrogantes”, e acrescentava, “devo confessar que notei uma deterioração na sua conduta... você não é mais tão gentil quanto costumava ser.” Churchill levou essas palavras em conta e tentou se corrigir mas, como costumava dizer o primeiro-ministro australiano Paul Keating: “Liderança não é questão de gentileza. É questão de estar certo e de ser forte.”⁴⁴

Em junho de 1941, Churchill chegou até a reconhecer publicamente os seus maus modos, dizendo, num discurso à Câmara dos Comuns:

Não me parece que nenhuma expressão de desdém ou severidade que ouvi da parte de nossos críticos tenha sequer chegado perto da linguagem que eu mesmo me habituei a usar, não só oralmente como numa sucessão de memorandos. De fato, espanta-me que grande número de meus colegas ainda converse comigo.

Ouvir conselhos

O próprio fato de Clementine Churchill ter podido escrever ao marido uma carta tão franca era indicativo do casamento sólido, aberto, duradouramente amoroso que tinham. Em 16 de abril de 1908 Churchill escreveu, numa carta a Clementine Hozier: “Que satisfação e prazer conhecer uma moça com tantos predicados intelectuais e reservas sólidas de sentimento nobre.” Em 18 de abril de 1964, 56 anos, duas guerras mundiais e dois mandatos de primeiro-ministro depois, e após a troca de várias centenas de cartas e telegramas, Clementine Churchill estava escrevendo para o marido para dizer que os líderes partidários gostariam de visitá-lo para assinalar o encerramento de sua carreira parlamentar. O amor sincero que os unia saltava aos olhos; “a

cama vazia é melancólica”, escreveu Churchill quando ela estava fora. É inteiramente incorreto sugerir, como o fez o ator de Hollywood Kevin Costner em maio de 2001 — sem apresentar prova alguma — que Churchill foi alguma vez infiel a Clementine. Que Clementine possa ter tido, na expressão de Mary Soames, “um clássico romance de férias” com o *marchand* Terence Philip é um motivo de controvérsia histórica. O souvenir que Clementine tinha do breve roubo foi enterrado no Golden Rose Walk, em Chartwell, sob o relógio de sol — o cadáver de uma pomba que Philip lhe deu com a citação de W.P. Kerr:

*Here lies the Bali dove.
It does not do to wander
Too far from sober men,
There lies an island yonder,
I think of it again.*^{45 c}

(Se Churchill era um dos “homens sóbrios” a que os versos se referiam, o poema se torna ainda mais intrigante.)

A despeito desse interlúdio romântico, Clementine Churchill era uma mulher tirânica e temível. Não tinha muito tempo para vários dos amigos mais interessantes de seu marido, como lorde Beaverbrook, Brendan Bracken e lorde Birkenhead, mas possuía a valiosa capacidade de silenciar homens como os generais De Gaulle e Montgomery com seu olhar ferino, de basilisco. Uma mulher com menos coragem provavelmente não teria sobrevivido ao casamento com um espírito tão inquieto e exigente como Winston Churchill. Foi sempre em defesa dele que ela pronunciou suas palavras mais duras. Num almoço oferecido pelo embaixador francês em 1953, ela ouviu por acaso o ex-secretário das Relações Exteriores, lorde Halifax, dizer que seu marido se tornara um obstáculo para o Partido Tóri, e retrucou cruelmente: “Se o país tivesse dependido do senhor, poderíamos ter perdido a guerra.” Em contraste com a relação aberta e igualitária que Clementine tinha com Churchill, Eva Braun, mesmo após vários anos de relacionamento com Hitler continuava a tratá-lo por “*mein Führer*” e é inconcebível que ela o chamasse de parte para adverti-lo do efeito de seu comportamento sobre seus subordinados, mesmo que ele lhe tivesse pedido que o fizesse.

Já se sugeriu que a razão por que o relacionamento de Hitler com Eva

Braun só resultou em casamento quando ele estava com 56 anos e decidido a se matar horas depois foi que ele era homossexual. Segundo um livro publicado em 2001 pelo dr. Lothar Machtan da Universidade de Bremen, intitulado *O segredo de Hitler: a vida dupla de um ditador* — que tem boa documentação e argumentação, mas em última análise é pouco convincente —, o Führer era quase tão *gay* quanto a representação que Mel Brooks faz dele em *Primavera para Hitler*. Machtan afirmou que Hitler não só foi um homossexual promíscuo antes de 1933 e um homossexual severamente reprimido depois, como promoveu o massacre Noite dos Longos Punhais em julho de 1934 para acobertar esse segredo culposos.

Lamentavelmente, como é quase inevitável em teorias desse tipo, os indícios são na melhor das hipóteses duvidosos e fragmentários, e na pior, mera insinuação. Embora desde a década de 1920 dúzias de autobiografias tenham sido publicadas com títulos como *Fui piloto de Hitler*, *Fui médico de Hitler* e *Fui camareiro de Hitler*, ninguém se apresentou com o sensacional *bestseller*, sucesso garantido, *Fui amante de Hitler*. A explicação que o dr. Machtan dá para isso é que entre as 150 pessoas assassinadas na Noite dos Longos Punhais estavam muitos camisas-pardas e outros que tinham conhecimento das predileções de Hitler, e que essa “eliminação de testemunhas e provas” em massa foi quase total.

A teoria do dr. Machtan, no entanto, dá lugar a muitas dúvidas. É notório que Goebbels detestava homossexuais: teria, de bom grado, servido a um homem que suspeitava de homossexualidade, e por fim se matado, com a mulher e seis filhos, por ele? Generais cuja sexualidade era posta em dúvida tinham suas carreiras arruinadas, e a homossexualidade foi transformada em crime punível com o campo de concentração. Embora o dr. Machtan repita grande parte da propaganda anti-Hitler da década de 1920 e início da década de 1930 em apoio à sua argumentação, esta é inerentemente suspeita por sua própria natureza, vindo como veio dos mais obstinados inimigos políticos de Hitler.

Depois que historiadores e documentaristas de televisão tiraram postumamente do “armário” figuras como os lordes Baden-Powell, Kitchener e Montgomery, era talvez inevitável que se fizessem perguntas sobre um homem que só desfrutou de algo como um casamento forçado. Também não foi só a reputação do Führer que foi manchada. Segundo um ex-camarada de Hitler na Grande Guerra, quando este dormia nas trincheiras seus colegas soldados costumavam lhe besuntar o pênis de graxa de bota, uma atividade

que o dr. Machtan qualifica de “evidentemente uma ocorrência comum” no Exército Alemão.

A pessoa que fez esta e várias outras afirmações acerca de Hitler foi um homem chamado Hans Mend, cujo apelido era “Cavaleiro Fantasma”. Embora tenha mesmo servido na unidade de Hitler durante a guerra, Mend era um pedófilo chantageiro que acabou na prisão por delitos sexuais e tinha uma série de queixas contra Hitler relacionadas a dinheiro. O fato de ter finalmente morrido em Dachau é tomado como indício de que Hitler o silenciou, mas isso também poderia ter acontecido em decorrência de suas outras atividades. Seja como for, Hitler permitiu a Mend viver por muitos anos depois de ter liquidado a liderança dos camisas-pardas, o que teria sido um curioso descuido se sua preocupação maior tivesse sido silenciar os que conheciam o segredo do seu passado.

Longe de ser nova, a acusação de homossexualidade foi regularmente lançada contra Hitler por jornais alemães social-democratas e comunistas antes de 1933. O assunto está longe de ser tabu, como afirmou o dr. Machtan, já que muitas das dezenas de milhares de publicações sobre Hitler abordaram esse possível aspecto de sua personalidade e, em particular, a natureza de suas relações com Rudolf Hess e Albert Speer. Se dermos crédito ao dr. Machtan, Hitler era um homossexual insaciavelmente promíscuo e predatório que expressava suas paixões por motoristas, colegas soldados, michês vienenses e parceiros casuais encontrados na rua, mas por alguma razão, diz ele, “devemos nos limitar a conjecturar como e em que medida a relação entre Hitler e Speer tinha um caráter homossexual”. O dr. Machtan gostaria até de nos fazer acreditar que ele só se casou com a “masculinizada” Eva Braun — que optou por morrer com ele, embora presumivelmente sabendo que ele a usava como mero engodo — para desviar futuros historiadores da pista de seu passado homossexual.

Em 1980, o professor Norman Stone examinou profundamente toda a questão da sexualidade do Führer para sua biografia *Hitler*, e surgiu com uma teoria muito mais plausível que a de um homossexual ativo subitamente transformado ao se tornar chanceler da Alemanha. Stone sustentou que Hitler era “semi-assexuado”, tendo em seu sangue apenas a metade dos níveis normais de testosterona: “Ninguém sabia o que se passava pela cabeça de Hitler, e ele nunca revelou nada.” Ademais, é possível que ainda fosse virgem aos 35 anos.

Stone acredita que o único amor verdadeiro de Hitler foi a arquitetura, idéia que envolve seu próprio paradoxo, considerando-se o número de belos prédios que contribuiu para destruir. Homens ou mulheres tinham pouca serventia para ele como seres sexuais, pois o sexo apenas os reduzia à sua expressão mais vil. Era íntimo de Hess, que não era homossexual, e de Röhm, que era, e lhes dava o tratamento familiar “*du*”, mas isso certamente não prova que jamais tenha sodomizado qualquer dos dois ou desejado fazê-lo.

Ernst “Putzi” Hanfstaengl, que conheceu Hitler melhor que ninguém nos primórdios do Partido Nazista, via nele “o tipo masturbatório reprimido”, pelo menos antes que tenha se tornado do seu interesse exagerar acerca da sexualidade de seu ex-chefe para os serviços de informação americanos. Como Hitler provavelmente teve um caso com sua própria sobrinha Geli Raubal, sendo talvez o motivo de seu suicídio em setembro de 1931, de todo modo ele deve ter sido, na melhor das hipóteses, bissexual. “Era um homem muito solitário, mas estava qualificado para um longo romance com o poder”, foi o veredicto do professor Stone, de longe mais convincente que o apresentado pelo dr. Machtan.

Mesmo que Hitler tivesse sido homossexual, isso decerto não teria nenhuma serventia para explicar o que ele fez politicamente, ou o modo como o fez. Como Richard Evans, professor de história moderna na Universidade de Cambridge, observou argutamente: “A única coisa de fato extraordinária em Hitler foi seu talento como um orador empolgante, um talento que descobriu, quase por acidente, após a Primeira Guerra Mundial. Quanto ao resto, ele parece ter sido normal em sua vida privada, pouco original em suas idéias e fanático, mas de maneira alguma excepcional entre os ideólogos de extrema direita no ódio visceral, mas em última análise politicamente motivado, que devotava aos judeus.”⁴⁶ Churchill, por outro lado, foi uma pessoa extraordinária segundo praticamente quaisquer critérios que queiramos empregar.

Delegação versus intromissão

Churchill era notório por sua tendência ao controle meticuloso e a intromissão nos assuntos de outras pessoas. Num nível profissional, seria chamado hoje um “supercontrolador”. Seu secretário particular durante seu mandato no Tesouro, Percy James Grigg, lembrou: “Podia facilmente

acontecer que as minutas de uma única manhã abrangessem toda a esfera entre o esboço de um importante documento oficial ou idéias para o próximo orçamento e algum melhoramento desejado no arranjo dos fichários ou a impropriedade do fornecimento de fósforos tchecos para uma instituição do governo britânico pelo Ministério de Obras.”

Toda manhã, ainda na cama, Churchill produzia intermináveis instruções e pesquisas sobre tudo o que ocorria à sua fertilíssima e indagadora mente. Assim, por exemplo, na década de 1920, quando era ministro das Finanças, um dia antes da hora do almoço ele pediu a seu secretário financeiro que examinasse a questão da recusa de aumento nos salários dos professores; perguntou ao secretário do Gabinete se era realmente necessário aumentar o número de submarinos baseados em Hong Kong; e indagou ao Ministério das Relações Exteriores sobre o custo dos telegramas que recebiam da Pérsia. Esse tipo de controle cerrado criava tensões e indispunha contra Churchill antigos funcionários do Tesouro, que não gostavam de suas tentativas de interferir em matérias com que podiam lidar perfeitamente nos níveis inferiores apropriados.

Como ministro das Finanças, durante a Greve Geral de 1926, Churchill tentou também dirigir a *British Gazette*, o boletim de propaganda do governo, a tal ponto que seu editor tentou desesperadamente mantê-lo fora do prédio em que os jornais eram impressos. Mais tarde ele se queixou ao primeiro-ministro, Stanley Baldwin, que na primeira noite, durante a produção, Churchill tentara “forçar uma equipe redatores além de sua capacidade” e os “atrapalhara gravemente”. Cinco dias depois, queixou-se de novo: “Ele se intromete nas piores horas e insiste em mudar vírgulas e pontos finais até deixar a equipe furiosa!” Pior ainda, parece que Churchill insistia em mostrar aos encarregados pela impressão como operar suas próprias máquinas.

Hitler lidava com os assuntos de governo de maneira completamente diferente. Detestava fazer reuniões e ler relatórios e relutava muito em produzir qualquer coisa por escrito. “Uma única idéia genial”, dizia, “vale mais que uma vida inteira de trabalho burocrático consciencioso”. Churchill, em contraposição, era um trabalhador incansável, que declarou ele mesmo: “Descobri que poderia acrescentar quase duas horas ao meu dia de trabalho passando uma hora na cama depois do almoço.” Esse regime, cuja eficácia o autor pode atestar, permitiu de fato a Churchill ser uma verdadeira peste para seu *staff* durante a guerra, pois lhe tornava possível ficar de pé até por volta das duas horas da manhã, o que, para aqueles que não podiam se dar ao luxo

de uma soneca à tarde, parecia exaustivo.

Hitler, por sua vez, era bastante indolente. Enquanto Churchill mergulhava em complexas questões econômicas, ainda que nem sempre com sucesso, Hitler raramente chegava a se incomodar com elas. “Tenho o dom de reduzir todos os problemas a suas causas mais simples”, declarou em 1932. Sabia o que queria: rearmamento em massa e nenhum desemprego. Assim, nomeou o mais eminente especialista em economia, Hjalmar Schacht, ministro da Economia e plenipotenciário do Rearmamento e deixou a administração da economia por conta dele. “Inflação é falta de disciplina”, disse ele a Schacht, “falta de disciplina dos compradores e falta de disciplina dos vendedores.... Vou cuidar para que os preços permaneçam estáveis. É para isso que meus camisas-pardas servem.”⁴⁷ Suas idéias dão à expressão “economia de comando” um sentido ainda mais sinistro que aquele declaradamente estatizante que já tinha.

Schacht produziu de fato uma surpreendente melhora da situação econômica, mas a um preço. Os gastos descontrolados do programa de rearmamento de Hitler significaram que em meados da década de 1930, depois de três anos de rápido crescimento econômico, as lojas de alimentos da Alemanha estavam ficando desabastecidas. O ministro da Agricultura, Richard Darré, ficou aflito com a situação. Bombardeou o gabinete de Hitler com memorandos e tentou por dois anos inteiros obter uma audiência com o Führer, mas em vão. Hitler não estava interessado no que considerava questões econômicas triviais, que era melhor entregar aos especialistas.

Hitler só se envolvia pessoalmente quando ficava claro que seus planos de expansão militar estavam em risco. Schacht advertiu que a Alemanha estava rumando para a ruína, a menos que os gastos com o rearmamento fossem radicalmente reduzidos, mas Göring, que compreendia melhor que Schacht o que Hitler queria ouvir, se gabava: “Não sei nada de economia, mas tenho gana.” Quando Schacht estava tentando restringir o programa de rearmamento, Göring percebeu uma oportunidade de, ao mesmo tempo, agradar seu chefe e ampliar sua base de poder. Prometeu apresentar um “Plano Quadrienal” que asseguraria tanto comida quanto armas. Assim Hitler designou-o como plenipotenciário do Reich para o Plano Quadrienal e, dentro de poucos meses, Göring nomeara vários especialistas para questões econômicas específicas, que competiam todos com seus homólogos no ministério da Economia de Schacht.

Em maio de 1937 Schacht queixou-se a Hitler das intrigas de Göring, mas o Führer não lhe deu ouvidos. Não queria ter mais nada a ver com esse assunto e disse a Schacht que tratasse dele diretamente com o próprio Göring. Alguns meses depois, Schacht não viu saída senão renunciar. Esse foi um exemplo típico do modo como Hitler governava o Estado nazista. Não tinha interesse pelos detalhes da política ou da administração. O que fazia era fixar objetivos globais e deixar que seus subordinados se engalfinhassem.

Para um subordinado, a melhor maneira de lidar com Hitler era adotar as táticas do general Walter Model, que costumava evitar quaisquer solicitações ao Führer, sempre lhe aparecia com propostas construtivas que exalavam energia, por vezes ignorava ordens dele que julgava de execução impossível e freqüentemente lhe apresentava um fato consumado, relatando o que já havia feito. Isso muitas vezes funcionava, em especial quando Model conseguia fazer o Führer acreditar que determinada estratégia fora originalmente idealizada por ele mesmo, caso em que seu apoio estava assegurado. Model tinha maneiras rudes, mas era, sem dúvida leal. Apelidado “o Leão da Defesa” e “o bombeiro do Führer”, porque Hitler o trocava constantemente de uma linha de frente para outra na tentativa de impedir o avanço do Exército Vermelho em 1944-45, Model acabou por se suicidar a 20 de abril de 1945.

Hitler costumava até estimular a competição entre diferentes áreas do aparelho estatal, promovendo uma espécie de luta neodarwinista entre ministros e acólitos. No extremo oposto da técnica de administração do “jogo em equipe”, Hitler nunca se importava se algumas partes de seu governo estavam tentando estrangular outras. Assim o ministro das Relações Exteriores Joachim von Ribbentrop era desprezado pelo ministro da Propaganda Joseph Goebbels, que por sua vez era detestado pelo chefe do Partido Martin Bormann, que era odiado pelo o chefe da SS Heinrich Himmler, que era temido por ministro dos Armamentos e Arquitetura Albert Speer, que era malquisto pelo comandante da Luftwaffe Hermann Göring, que por sua vez era odiado por Ribbentrop. Mexendo esse caldeirão fervilhante de animosidade estava o Führer, a quem em última instância todos respondiam individualmente. Era uma situação patentemente absurda, mas convinha a Hitler por corresponder às suas idéias darwinistas e assegurar seu poder pessoal, pondo-o na posição de árbitro supremo entre todas as facções rivais.

Como uma explanação da técnica de Hitler, Albert Speer lembrou como

ele

deliciava-se fazendo o embaixador [Walter] Hewel, homem de ligação de Ribbentrop, transmitir-lhe o conteúdo de suas conversas telefônicas com o ministro das Relações Exteriores. Chegava até a ensinar a Hewel maneiras de desconcertar ou confundir seu superior. Às vezes se postava bem ao lado de Hewel, que tapava o bocal do telefone e lhe repetia o que Ribbentrop estava dizendo, enquanto o Führer lhe cochichava o que devia responder. Em geral eram observações sarcásticas destinadas a despertar as desconfianças do ministro das Relações Exteriores sobre questões de política exterior, invadindo assim o seu domínio.

Isso não era maneira de governar.

Quando a guerra foi deflagrada, em 1939, Churchill foi nomeado ministro da Marinha, encarregado de todo o teatro de operações naval. Imediatamente tornou-se evidente que seu ostracismo político não diminuía sua tendência a exercer um controle meticuloso sobre tudo. De seu gabinete no antigo prédio do Almirantado — hoje chamado a Sala Churchill —, bombardeava tanto subordinados quanto colegas de Gabinete com memorandos que abrangiam praticamente todos os aspectos da guerra. Um oficial da Marinha confidenciou a seu diário: “Winston Churchill está mostrando grande interesse pessoal e tende a interferir nos assuntos dos marinheiros. Ele é um homem extraordinário e tem uma compreensão espantosa da situação, mas desejaria que se mantivesse em sua própria esfera.”⁴⁸ Churchill reconheceu esse componente de sua natureza, declarando à Câmara dos Comuns três anos mais tarde: “Certamente não sou um daqueles que precisam ser agulhoados. Na verdade, para dizer o mínimo, eu sou um agulhão.”

No seu modo de ver, sua “esfera” como ministro da Marinha estendia-se muito além da responsabilidade pela Real Marinha. Numa carta ao ministro das Relações Exteriores, lorde Halifax, a 10 de setembro de 1939, uma semana apenas após tomar posse no cargo, Churchill escreveu que pensava que o amigo de Halifax e embaixador britânico na Itália, sir Percy Loraine, “não parece compreender nossa firmeza de propósito”, passando então a comentar telegramas vindos do Egito. Terminou com o que soava com uma ameaça cavalheiresca: “Espero que não se incomode por eu lhe chamar a atenção de vez em quando para pontos que me impressionam nos telegramas do ministério das Relações Exteriores, já que isso é muito melhor do que

levantá-los no Gabinete.” Alguns dias depois Churchill enviou a Halifax um memorando instando-o a incluir a Bulgária no sistema de defesa balcânico. Nesse meio tempo, estava escrevendo ao ministro sem pasta do Gabinete sir Samuel Hoare, a quem chamava “Meu caro Sam”, cartas em que questionava a necessidade de racionamento de petróleo e carne, restrições aos divertimentos e *blackouts*, ao mesmo tempo em que propunha a formação de uma “Guarda Interna de meio milhão de homens com mais de quarenta anos”. Também a linha final dessa carta soava perigosa: “Ouço queixas constantes de todos setores sobre a falta de organização na Frente Interna. Não podemos resolver isso?”

Essa propensão a interferir em todas as coisas e tentar controlá-las não é rara em líderes vigorosos, nem é necessariamente negativa. A gestão engajada pode ser muito eficaz, dependendo porém de como é feita. O problema geral com a gestão minuciosa é que quanto melhores as pessoas são em suas funções, mais lhes desagrada ter de ouvir como exercê-las. A maior parte do *staff* de Churchill e de seus colegas só se dispunha a suportar sem queixas suas intromissões porque ele gerava a vitalidade e o espírito de luta que eram tão desesperadamente necessários. Nas palavras de um de seus secretários, ele era não só “um tremendo maçante” como também um “tônico formidável”.⁴⁹ Felizmente era o último aspecto que prevalecia. A energia e o espírito de Churchill mais do que compensavam todos os seus erros e deficiências; compensaram até a operação Noruega na primavera de 1940.

A idéia da operação fora originalmente do próprio Churchill. Já em setembro de 1939 ele propusera isolar a Alemanha de alguns de seus suprimentos de minério de ferro lançando minas nas águas da Noruega, que era território neutro. Questões legais e diplomáticas adiaram a operação por vários meses. Quando finalmente, em abril de 1940, a Real Marinha foi enviada para a Noruega, os alemães atacaram primeiro. Plenamente cientes das intenções dos Aliados, ocuparam os principais portos da Noruega antes que a frota britânica chegasse. Depois de várias semanas de combate, os britânicos conseguiram capturar o porto decisivo de Narvik, somente para ter de evacuá-lo no dia seguinte. Logo a Noruega estava nas mãos de Hitler e a maior potência naval do mundo sofrera uma derrota humilhante. Um dos muitos paradoxos desse período é que foi a debacle da Noruega que obrigou Chamberlain a renunciar e tornou Churchill primeiro-ministro, embora o ministro da Marinha tivesse tido uma responsabilidade muito mais direta pelas lastimáveis tolices dos Aliados durante a operação. Mas os líderes são

muitas vezes julgados mais por seu espírito que por suas ações, e em geral com razão. E Churchill possuía uma capacidade crucial, de que grandes líderes precisam acima de tudo: a capacidade de inspirar os demais.

Tanto Hitler quanto Churchill foram capazes de estimular um forte senso de nacionalismo durante a guerra. Como Charles de Gaulle, que tinha “uma certa idéia da França”, Churchill tinha uma idéia própria e sólida do que a Grã-Bretanha era e podia ser, e tratava-se de uma idéia heróica nascida de sua (muitas vezes super-romantizada) concepção da história britânica. Hitler não tinha uma compreensão instintiva semelhante da verdadeira índole do povo alemão e de suas características nacionais inatas. Podia fomentar sua raiva e seu ressentimento, mas essa era a única cantiga de seu repertório, ao passo que Churchill era capaz de ajustar sua mensagem à mudança dos tempos.

Apesar de toda a conversa de Churchill sobre Trafalgar, Napoleão e Nelson, Hitler ainda estava longe de seu Waterloo, como Churchill teve de admitir em julho de 1940, quando disse esperar que, em 1942, “a guerra assumirá, eu acredito, uma forma diferente da defensiva a que até este momento esteve presa”. Estava correto em sua previsão, é claro — o final de 1942 veria as primeiras grandes vitórias aliadas da guerra em El Alamein e Stalingrado — mas continuava incapaz de fornecer qualquer motivo lógico para otimismo. Pedia fé cega, e graças à sua liderança, seus talentos oratórios e à falta de qualquer alternativa honrosa, obtinha-a.

Hitler também estimulava a crença de que aquela luta presente da Alemanha era uma extensão de suas lutas gloriosas do passado. Apresentava-se como o descendente espiritual dos grandes heróis germânicos, ligado em linha direta de sucessão apostólica a gigantes como o imperador Barba-Roxa, Otto von Bismarck — que deu nome a um dos maiores navios de guerra alemães —, e Frederico o Grande, cujas proezas fez Goebbels ler para ele enquanto o Exército Vermelho marchava sobre sua chancelaria em abril de 1945.

Hitler e Churchill pediram grandes atos de sacrifício de seus países, uma forma admiravelmente paradoxal de liderança. Os manuais e livros publicados pelos gurus da administração ensinam: “O dever fundamental dos líderes é promover o bem-estar daqueles que lideram. Isso ocorre quando um líder cria *ressonância* — um reservatório de positividade que libera o melhor nas pessoas.”⁵⁰ A despeito de todo o medonho jargão administrativo desta última frase, o fato é que as pessoas podem se sentir bem fazendo sacrifícios,

e isso pode trazer à tona o que elas têm de melhor — pelo menos em tempo de guerra. Os políticos não precisam ser sempre resolutamente otimistas para serem queridos pelo povo. Num jantar no dia 15 de dezembro de 1940, durante a Blitz, um dos jovens ministros britânicos, Richard Law, apontou com precisão essa verdade ao dizer ao secretário particular de Churchill: “O segredo do poder de Hitler foi sua reivindicação de sacrifício. O primeiro-ministro compreendeu isso e seus próprios discursos foram brilhantes sob esse aspecto, mas [o ministro do Trabalho Ernest] Bevin pensou que podia levantar o ânimo das pessoas prometendo-lhes salários maiores e tempos melhores. Estava errado.”⁵¹

Esperança foi algo que Churchill nunca pediu ao povo britânico que sacrificasse. Antes da entrada da Rússia e dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 1941, era impossível prever como Hitler poderia ser derrotado — nem o próprio Churchill teria podido saber ao certo —, ainda assim, suas falas pelo rádio não deixavam nenhuma dúvida de que, um dia, isso acabaria por acontecer:

É uma mensagem de alegria para nossas forças que lutam nos mares e no ar e para nossos exércitos estacionários em todos os seus postos e bases, que mandamos desta capital. Eles sabem que têm atrás de si um povo que não se acovardará ou se cansará da luta — por mais dura e prolongada que possa ser; mas que, isso sim, extrairemos do cerne do próprio sofrimento os meios de inspiração, de sobrevivência e de vitória, conquistada não para nós mesmos mas para todos — uma vitória não só para nosso próprio tempo, mas para os longos e melhores dias que estão por vir.

A força motora por trás da liderança carismática de Hitler era a busca pelo poder. Churchill demonstrou, no entanto, que líderes não precisam de carisma ou de poderes ditatoriais para inspirar outros. Depois de se encontrar com Hitler, as pessoas tinham a impressão de que ele, o Führer, era capaz de qualquer coisa. Quando se encontravam com Churchill, porém, saíam com a impressão de serem elas próprias capazes de qualquer coisa. A inspiração genuína supera o carisma criado artificialmente.

“Trabalhar para o Führer”

Uma das técnicas de liderança de Hitler que se provou muito eficaz foi a valorização do conceito denominado “trabalhar para o Führer”, ou realizar tarefas que supostamente o agradariam, mesmo que ele não as tivesse autorizado diretamente. Em nenhuma área isso foi mais evidente na Alemanha nazista que na guerra contra os judeus. Depois que Göring levou a melhor sobre Schacht, passos cada vez mais radicais foram tomados para eliminar os judeus da economia alemã. Na altura de abril de 1938, mais de 60% das firmas judaicas haviam sido liquidadas ou “arianizadas”. Durante 1938, após o Anschluss da Áustria, a violência antijudaica cresceu em todo o Reich. Hitler considerava importante para sua posição internacional não se associar pessoalmente à campanha antijudaica à medida que ela ganhava impulso. A imprensa não estava autorizada, por exemplo, a fazer nenhuma discussão da “Questão Judaica” com relação a suas visitas a diferentes lugares da Alemanha em 1938.

Em 8 de novembro de 1938, um dia depois de Ernst vom Rath, o terceiro-secretário na Embaixada Alemã em Paris, ter sido atacado brutalmente pelo judeu polonês Herschel Grynszpan, líderes locais do partido instigaram demonstrações antijudaicas e *pogroms* por toda a Alemanha. Na noite de 9 de novembro, líderes nazistas encontraram-se na Antiga Prefeitura de Munique para celebrar o décimo quinto aniversário do “*Putsch* da Cervejaria”. No momento em que a festa começou, Vom Rath morreu de seus ferimentos. Goebbels escreveu em seu diário: “Explico o assunto ao Führer. Ele decide: deixe as demonstrações continuarem. Afaste a polícia. Por uma vez é preciso deixar os judeus sentirem a ira do povo.”

Goebbels aproveitou a oportunidade para melhorar sua posição junto ao Führer, que ficara extremamente mortificado com as dificuldades conjugais que o ministro enfrentara em decorrência de seu relacionamento com a atriz de cinema tcheca Lida Baarova. Ali estava a sua chance de recuperar seu prestígio: “trabalhar para o Führer” numa área tão decisiva. Depois que Hitler saiu da Antiga Prefeitura, Goebbels fez um discurso exaltado sugerindo que o partido deveria organizar e promover “demonstrações” contra os judeus no país inteiro. Os líderes partidários transmitiram isso imediatamente a seus diretórios locais, e ativistas do partido e da SA ficaram livres para atacar sinagogas, propriedades e vidas.

Hitler foi inflexível em sua decisão de que a própria SS devia ficar fora dos *pogroms* da Kristallnacht. Pretendia-se que as “demonstrações” fossem vistas como uma “explosão espontânea da ira popular”, nas palavras de Goebbels, e

o envolvimento da SS lhes teria dado o aspecto de uma operação organizada. No caso, poucos se deixaram enganar. Apenas seis semanas depois que o acordo de Munique fora assinado, a verdadeira natureza do regime nazista mais uma vez ficou patente para o mundo. Hitler apressou-se em se dissociar dos acontecimentos, mas é claro que Goebbels tivera realmente seu pleno apoio, a despeito do que seus apologistas tenham tentado provar desde então. Num discurso secreto para cem homens mais importantes da imprensa um dia depois dos *pogroms*, Hitler louvou os triunfos de Goebbels no campo da propaganda. Alguns dias depois, em 15 de novembro, o diário de Goebbels registrava sobre o Führer: “está em ótimo estado emocional. Absolutamente contra os judeus. Aprova por completo minhas, e nossas, diretrizes.” De fato nessa altura Hitler estimulou Göring a encontrar uma solução coordenada para a “Questão Judaica”.

Göring aproveitou a oportunidade para conseguir uma injeção de dinheiro em seu cambaleante Plano Quadrienal. As companhias de seguros foram comunicadas de que teriam de cobrir prejuízos, para que seus negócios exteriores não fossem lesados. Quanto aos judeus, eles eram considerados, de maneira bastante grotesca, responsáveis pelos danos que lhes eram causados. Os seguros eram pagos ao Reich, não aos judeus, e Göring lhes impôs uma “multa de reparação” de um bilhão de marcos. Em 1º de janeiro de 1939, todos os judeus deveriam estar completamente excluídos da economia.

A necessidade avassaladora que os subordinados de Hitler sentiam de impressioná-lo levou a uma radicalização da conduta nazista. A Kristallnacht ensinou ao mundo, se já não houvera advertências suficientes — em especial por Churchill —, que o nazismo era um credo perverso que muito provavelmente envolveria o mundo em guerra. Em termos econômicos, o Plano Quadrienal de Göring era simplesmente insustentável e o dinheiro gasto em rearmamento precisava ser recuperado de alguma maneira. A guerra era a solução, e era tudo o que Hitler desejara o tempo todo. Churchill tivera razão. No dia em que a guerra foi declarada, Neville Chamberlain nomeou Churchill para seu antigo posto de ministro da Marinha. Winston estava de volta.

^a Alusão à residência oficial do primeiro-ministro britânico, no nº 10 da Downing Street.(N.T.)

^b Em inglês, “*locust years*” — a expressão foi cunhada por Churchill para descrever os anos de 1931-35, de penúria econômica na Grã-Bretanha. A base é um versículo da Bíblia: Joel 2:25. (N.T.)

^c Literalmente: “Eis aqui a pomba de Bali/ De nada vale desgarrar-se/ Demais dos homens sóbrios,/Mais além, no horizonte, existe uma ilha,/Penso nela de novo.” (N.T.)

Hitler e Churchill a partir de 1940

“A guerra é agora uma coisa bestial, perdeu todo o seu *glamour*. É uma mera questão de funcionários apertando botões.”

*Churchill ao membro do Parlamento Robert
Bernays
na sala de chá da Câmara dos Comuns na década
de 1930*

Já desde o primeiro mês da guerra, durante o período conhecido como “Guerra Relutante” ou “*Sitzkrieg*”, enquanto outros pregavam cautela, Churchill estava defendendo a ação, não só em seu país como no exterior. Sua confiança nas medidas anti-submarinas da Grã-Bretanha provou-se infundada. O cargueiro HMS *Courageous* foi torpedeado no canal de Bristol em setembro de 1939. No mês seguinte, um submarino alemão penetrou as defesas de Scapa Flow e afundou o couraçado HMS *Royal Oak*. Nos primeiros nove meses da guerra, a Grã-Bretanha perdeu uma tonelagem de 800.000 para um número relativamente pequeno de submarinos e minas magnéticas do inimigo. No final da primavera de 1940, porém, Churchill sustentava publicamente que a Real Marinha reduzira a linha de frente da força dos submarinos alemães a menos de uma dúzia de navios. Se essa estimativa estivesse correta, a Marinha teria liquidado praticamente a maior parte de toda a linha de frente da força alemã. Infelizmente não era assim, e Churchill teve de providenciar a transferência para o serviço ativo do diretor da Guerra Anti-submarina, que sempre lhe dizia a verdade.

No dia 20 de janeiro de 1940 Churchill falou pelo rádio às nações neutras, exortando holandeses, belgas e escandinavos a “unir-se aos impérios britânico e francês contra a agressão e a iniquidade”. Isso só serviu para

encorajar Hitler a empreender uma ação preventiva. Os registros captados de conferências de Hitler revelam que, no início de 1940, ele ainda considerava “a manutenção da neutralidade da Noruega a melhor conduta para a Alemanha”, mas que em fevereiro já concluía : “Os ingleses querem aportar lá e quero chegar antes deles.” Sua decisão definitiva de determinar um ataque à Noruega foi tomada poucos dias depois de Churchill ordenar ao contratorpedeiro HMS *Cossack* penetrar em águas norueguesas e abordar o navio alemão *Altmark* para libertar prisioneiros britânicos. Churchill tirou proveito desse sucesso e o evento foi muito alardeado. O governo norueguês protestou contra a violação de seu território, mas sua aceitação passiva serviu para convencer Hitler de que a Noruega era de fato cúmplice da Grã-Bretanha, o que se tornou o estopim da ação preventiva que ele então ordenou: a invasão da Noruega.

Na noite de 9 de abril de 1940, Churchill estava saboreando um bom jantar na casa de seu colega de Gabinete, o ministro da Força Aérea sir Samuel Hoare. Estava de excelente humor. Um projeto que acalentava havia muito, o lançamento de minas em águas norueguesas, estava finalmente em andamento e ele esperava interromper com isso as importações de minério de ferro que a Alemanha fazia da Escandinávia, vitais para ela. Hoare registrou em seu diário: “Winston muito otimista, encantado com o lançamento de minas e certo de ter levado a melhor sobre os alemães. Saiu plenamente confiante e feliz às 10h30.”¹ Ao voltar para o Almirantado, no entanto, Churchill descobriu que fora ele mesmo, não os alemães, que havia sido minado. Havia informações de que uma grande força naval alemã estava rumando para a Noruega. Na manhã seguinte os nazistas tomaram o porto norueguês de Narvik, de importância crucial, e dentro de poucas semanas toda a Noruega estava nas mãos de Hitler.

Eduard Dietl, o comandante alemão, tinha apenas 2.000 soldados de infantaria leve e 2.600 marinheiros com que se opor a 24.500 soldados aliados, inclusive a 6ª Divisão norueguesa — diante disso, o que dera errado?² Os alemães haviam recebido excelente informação sobre as intenções britânicas. Os projetos de Churchill haviam sido revelados por ninguém senão ele mesmo. Numa conferência secreta com adidos de imprensa neutros no dia 2 de fevereiro em Londres, ele insinuara uma série de pistas que logo chegaram ao conhecimento do serviço de informações alemão. Até o final de março de 1940 a imprensa mundial se fartara lentamente de especulações sobre os projetos dos Aliados para a Escandinávia e as desconfianças

aumentaram ainda mais quando se descobriu que o sobrinho de Churchill, Giles Romilly, fora enviado para Narvik.

Em contraposição, nem uma só palavra do audacioso plano de Hitler vazara. Ele criara uma unidade ultra-secreta dentro do Alto Comando alemão, a Oberkommando der Wehrmacht (OKW), sob sua supervisão pessoal. Nomeara o general Von Falkenhorst responsável pelos preparativos para o “Exercício do Weser”. Para conservar o máximo de sigilo, esse soldado de início não recebeu nenhum mapa para ajudá-lo em sua missão. A alternativa que lhe restou foi comprar ele mesmo um mapa de bolso Baedeker da Noruega; em seguida fechou-se num quarto de hotel, retornando à tarde com os planos para mostrar a Hitler, que os aprovou imediatamente. O Führer não mencionou uma palavra sobre o esquema nem mesmo para Ribbentrop. Ele foi empreendido com muito sucesso, resultado de sigilo, ousadia e espírito de aventura. O próprio Hitler o qualificou como uma das “operações mais atrevidas” da história militar recente, e com razão.

Em contraposição, a Grã-Bretanha tinha uma estrutura governamental pesada, que tendia a obstruir operações desse tipo. Churchill teve de consultar o Gabinete, o Ministério das Relações Exteriores, os franceses, os Domínios e outros órgãos importantes — e levar em conta a opinião mundial — antes de poder violar a neutralidade escandinava minando portos. Não havia nenhuma autoridade única de quem ele pudesse obter com rapidez permissão para uma operação como essa. Com tantas partes envolvidas na tomada de decisão, não espanta muito que os alemães estivessem perfeitamente inteirados das intenções britânicas.

Os poderes ditatoriais de Hitler tornavam muito mais fácil para ele manter seus planos secretos do que para a liderança britânica. Seu Gabinete não se reunia desde 1938 e não o faria pelo resto da guerra. E enquanto as preocupações do ministro das Relações Exteriores britânico, lorde Halifax, contribuía muito para adiar a ação aliada, seu homólogo alemão, Ribbentrop, fora inteiramente excluído do processo de tomada de decisão. Esse sigilo estava em conformidade com a Ordem Básica nº 1 do Führer, pendurada em todos os Gabinetes militares: “Todos devem saber apenas o necessário para levar a cabo suas obrigações, e mesmo isso não antes do que for preciso.”

Durante a campanha na Noruega, entretanto, Hitler manifestou um nervosismo preocupante. Num ataque de pânico no tocante à situação em

Narvik, o Führer mandou o marechal-de-campo Wilhelm Keitel rascunhar uma ordem para a força que lá estava: deveriam retirar-se para a neutra Suécia e fazer-se confinar. O que salvou a situação foi a ação imediata de um oficial relativamente menor, que estava substituindo seu chefe durante uma licença médica. Quando o tenente-coronel Bernhard von Lossberg recebeu a mensagem de Hitler ao comandante em Narvik no escritório do OKW em Berlim, procurou de imediato Keitel e o marechal-de-campo Jodl e recusou-se terminantemente a enviar a ordem do Führer. Ela refletia, disse ele, o mesmo nervosismo que fizera a Alemanha perder a batalha do Marne na Primeira Guerra Mundial, o que levava a quatro anos de guerra de trincheiras e à derrota final.

Jodl deixou claro que não tinha poder para cancelar a ordem, mas encontrou um meio de contornar o problema enviando um outro telegrama para o comandante em Narvik, cumprimentando-o por sua recente promoção, enquanto as ordens de Hitler foram rasgadas. No dia seguinte Jodl explicou ao Führer que o telegrama não fora enviado porque contradizia a mensagem congratulatória que acabara de ser telegrafada. O *staff* militar de Hitler estava assim compensando a fraqueza do próprio chefe. A tentativa deste de voltar atrás no caso da campanha na Noruega não foi tampouco um incidente isolado; a mesma coisa aconteceria na campanha francesa durante o verão de 1940. Um exame atento do sucesso notório da guerra-relâmpago no Ocidente revela ao mesmo tempo a força e a debilidade da liderança militar de Hitler.

Nada sintetiza melhor a mentalidade dos Aliados antes de maio de 1940 que as palavras “Linha Maginot”, o nome dado à intricada linha de fortificações francesas na fronteira com a Alemanha. Construída entre o final de 1920 e início de 1930, e batizada em homenagem a André Maginot, que servira por longo tempo como ministro da Defesa da França, era considerada o mais avançado sistema de fortificações da época e impenetrável ao ataque alemão. Na realidade, essas fortificações continham as sementes da mais ignominiosa derrota militar que a França jamais sofrera em sua longa história de subjugação e capitulação. O Alto Comando francês esperava que uma guerra com a Alemanha seria uma repetição da guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial. A Linha Maginot era basicamente uma linha de frente oriental de concreto reforçado. Foi um caso exemplar de má liderança; o que o Alto Comando francês deixou de compreender é que a história raramente se repete de maneira exata e que líderes que se aferram às receitas do passado estão quase ao certo fadados ao fracasso. Como Churchill disse

brincando na Câmara dos Comuns em 1944 ao ser exortado a evitar os erros de 1914-18: “Tenho certeza de que os erros daquele tempo não se repetirão; provavelmente cometeremos outros.”

Quando se preparavam para seu ataque à França, os nazistas eram claramente inferiores em números e apetrechos. Os Aliados tinham mais homens, mais armas, mais e melhores tanques. Mas o Exército alemão tinha uma vantagem inestimável: líderes melhores. Seus comandantes reconheciam que as circunstâncias militares haviam mudado por completo desde 1918. A campanha polonesa demonstrara a velocidade e o poder destrutivo que um ataque combinado de *Panzers* e caças de mergulho Stuka podia alcançar. Enquanto o Alto Comando alemão se preparava para desencadear no Ocidente essa nova forma de guerra, apelidada “*Blitzkrieg*” (guerra-relâmpago), o Parlamento britânico estava envolvido numa crise política generalizada, com uma proporção significativa da Câmara dos Comuns revoltada contra o primeiro-ministro Neville Chamberlain.

Churchill assume o poder

Entre 7 e 10 de maio de 1940, um sensacional golpe parlamentar substituiu Neville Chamberlain, o então primeiro-ministro em tempo de guerra, por Winston Churchill, na época ministro da Marinha. Chamberlain, que fora uma das autoridades mais graduadas responsáveis pela política pré-guerra de apaziguamento, havia presidido o Governo Nacional de maioria tóri por três anos e ainda gozava de considerável apoio do Partido Conservador e do país. Uma explosão espontânea de cólera diante do mau desempenho da Força Expedicionária Britânica na recente campanha norueguesa, contudo, estava prestes a se manifestar na Câmara dos Comuns. Com a aproximação do feriado de Pentecostes, concordou-se que o debate que ocorre tradicionalmente por ocasião do recesso do Parlamento teria por tema a questão da derrota militar na Noruega e a condução geral da guerra pelo governo até aquele momento. Sem que os membros do Parlamento de Westminster soubessem, Hitler se preparava para desencadear sua *Blitzkrieg* no Ocidente, e quando eles se reuniram na noite de terça-feira, 7 de maio de 1940, uma invasão alemã completa da Holanda, Bélgica e França estava por acontecer dentro de apenas 55 horas.

Poucos esperavam, ou mesmo ninguém, que o Governo Nacional de

Neville Chamberlain fosse cair em consequência do debate, muito menos o próprio primeiro-ministro. Este, momentos antes do início do debate, disse a lorde Halifax que duvidava que ele “fosse ter muita importância”. Não obstante, uma extraordinária combinação de fatores — entre ele os discursos inflamados de pessoas respeitadas, a falta de apoio de membros tóris no Parlamento, um desempenho pessoal desastroso do primeiro-ministro, incessantes intrigas e acordos nos bastidores e um discurso inusitadamente enfadonho de Winston Churchill — significou que, após dois dias de debate, uma nova disposição instalou-se em Westminster, forçando Chamberlain a deixar o cargo.

Com uma minúscula câmara Minox e contrariando as regras da Câmara dos Comuns, um membro tóri do Parlamento, John Moore-Brabazon, discretamente tirou algumas fotografias desfocadas do que passaria dali em diante a ser chamado o “Debate da Noruega”. Por elas podemos saber que, quando Chamberlain se levantou para defender o desempenho do seu ministério, a câmara e as galerias estavam apinhadas. O primeiro-ministro teve dificuldade em minimizar a declaração complacente que fizera dia 4 de abril de que Hitler havia “perdido o ônibus”, e que fora seguida, dentro de apenas quatro dias, pelo ataque da Alemanha à Noruega, forçando as forças britânicas a evacuar o país a partir de 2 de maio.

Enfrentando apertes regulares da bancada trabalhista, Chamberlain desfiou uma longa, justificatória e pouco inspiradora defesa de seu governo e de si mesmo. “De minha parte tento seguir um curso intermediário”, disse numa frase típica de todo o discurso, “nem suscitando expectativas indevidas que provavelmente não se realizarão, nem deixando as pessoas arrepiadas com a projeção de quadros de absoluto desalento.” Isso estava muito longe da liderança leonina em tempo de guerra de que a Grã-Bretanha gozara sob os dois Pitts, lorde Palmerston e David Lloyd George.

Ao lhe responder, Clement Attlee, o líder da oposição e do Partido Trabalhista, desferiu alguns golpes pesados contra o planejamento, a organização e a execução das operações na Noruega, afirmando que o governo fora totalmente incapaz de aprender as lições das táticas de *Blitzkrieg* de Hitler tal como empregadas contra a Polônia no outono anterior. “A guerra não está sendo empreendida com suficiente energia, intensidade, agressividade e resolução”, disse, acrescentado com sarcasmo que Chamberlain “perdera todos os ônibus da paz, mas tomara o bonde da guerra”. Em seu discurso, Attlee proclamou sua confiança de que a Grã-

Bretanha venceria a guerra finalmente, mas para isso, disse, “precisamos ter no timão pessoas diferentes das que nos conduziram para ela”.

Depois dele sir Archibald Sinclair, o líder do Partido Liberal, chamou a atenção para o modo como “as bazófias complacentes e infundadas de ministros contrastam deploravelmente com os golpes duros, rápidos, das forças alemãs”. Até aí, tudo era previsível. Com uma maioria tóri de 249 obtida na eleição geral de 1935, o governo tinha pouco a temer se o debate prosseguisse em linhas estritamente partidárias. Mas depois de um discurso pró-Chamberlain do tóri sir Henry Page Croft, um brigadeiro imperialista, e de uma contestação esmagadora do membro trabalhista do Parlamento coronel Josiah Wedgwood, que atacou o “otimismo fácil” de Croft e previu uma invasão “fulminante” da Grã-Bretanha, a frágil fachada da unidade partidária sofreu sua primeira rachadura.

O almirante-de-esquadra sir Roger Keyes, membro conservador do Parlamento por Portsmouth, levantou-se em seu uniforme naval de gala, a que não faltavam seis fileiras de medalhas, e qualificou a condução da campanha na Noruega como uma “história chocante de inépcia, que, eu asseguro, a Câmara jamais deveria ter permitido que acontecesse”. Vindo do herói do lendário ataque a Zeebrugge de 1918, suas idéias tinham grande influência. Dos muitos relatos desse dia feitos na época pelos espectadores em seus diários e em sua correspondência, quase todos mencionam o poder e a autoridade do discurso de Keyes. De certo modo, o almirante conseguiu isentar seu amigo Churchill de qualquer responsabilidade pessoal pela derrota da Noruega, embora ela tivesse sido quase inteiramente conduzida pelo Ministério da Marinha. “Todo o país está esperando que ele ajude a vencer a guerra”, disse a respeito de Churchill antes de sentar sob muitos aplausos.

Pouco depois Leo Amery, conservador ilustre e ex-ministro do Gabinete, levantou-se para desferir uma outra martelada nos ministros e na liderança partidária do governo. De estatura diminuta e sem dotes naturais de orador, Amery tinha contudo um prestígio especial porque era um dos representantes de Birmingham, a cidade natal de Chamberlain, e fora ele próprio ministro da Marinha. À medida que sua filípica avançava, Amery percebeu que o ânimo da Câmara estava com ele; diante disso, decidiu assumir o risco de encerrar seu discurso usando as mesmas palavras empregadas por Oliver Cromwell ao dissolver o Longo Parlamento em 1653: “Estiveste sentado aqui por tempo demais para qualquer bem que tenhas feito. Em nome de Deus, parte!” O efeito foi tão dramático quanto foi esmagador sobre o governo e considera-se

que isso convenceu vários membros do Parlamento a votar contra Chamberlain.

Oliver Stanley, o ministro da Guerra, fez o que pôde para salvar a situação, e um par de membros do Parlamento fiéis ao Governo Nacional foi também em defesa dele, mas no final do primeiro dia de debate ficou claro, a partir da intervenção de um membro trabalhista, que o que estava em julgamento não era apenas a condução da campanha na Noruega, mas a existência do próprio governo.

Quando o trabalhista Herbert Morrison abriu o segundo dia do Debate da Noruega, na quarta-feira, 8 de maio de 1940, o destino do Governo Nacional de Neville Chamberlain estava de fato pendente. No primeiro dia as coisas haviam corrido desastrosamente para os ministros e era óbvio que um corpo significativo de partidários do Governo Nacional, sobretudo aqueles que haviam se oposto à política de apaziguamento na década de 1930 — mas incluindo também a tradicional coletânea de pretendentes a cargos frustrados, ex-ministros afastados, rebeldes e dissidentes — iriam aproveitar essa oportunidade para tentar remover Chamberlain votando com os trabalhistas e os liberais. A presença de vários dos membros do Parlamento mais jovens trajando uniformes militares foi vista como de mau agouro para o governo, considerando-se o ânimo enraivecido que prevalecia nas forças armadas ante o que fora visto como incompetência administrativa. Mais inquietante ainda para os líderes da bancada do governo era o número de membros do Parlamento usualmente leais que estavam cogitando ou de se abster ou de se ausentar por completo da votação final.

Morrison afirmou que “todo o espírito, o ritmo e a disposição de pelo menos alguns ministros foram errados, inadequados e inconvenientes”, citando nominalmente o próprio Chamberlain, sir John Simon, ministro das finanças, e sir Samuel Hoare, ministro da Força Aérea. Anunciou também que o Partido Trabalhista solicitara uma dissensão formal no fim do debate que, disse ele aos membros do Parlamento, “indicaria de um modo geral se eles estão satisfeitos com a condução dos negócios ou se estão apreensivos com relação a isso”.

Nessa altura Chamberlain levantou-se para aceitar o desafio, mas o fez de maneira muito imprudente. Mencionando “meus amigos na Câmara”, o primeiro-ministro declarou: “Aceito o desafio. De fato, vejo-o com bons olhos. Pelo menos veremos quem está conosco e quem está contra nós, e peço

aos meus amigos que nos apóiem no *lobby* esta noite.” Isso foi compreensivelmente classificado como um apelo flagrante à lealdade partidária estrita num momento de grande perigo nacional e, como era inevitável, o tiro saiu pela culatra.

Sir Samuel Hoare, o arquipacificador da década de 1930, falou em seguida e foi implacavelmente fustigado por uma série de apartes do almirante Keyes, do líder trabalhista Hugh Dalton e de nada menos que sete outros membros do Parlamento. Como ministro da Força Aérea, Hoare foi obrigado a declarar que a RAF “não era suficientemente grande”, uma observação comprometedora da parte de um governo que estivera no poder durante quase toda a década anterior.

Em seguida falou David Lloyd George, que esperara 18 anos pela chance de se vingar dos homens que o haviam afastado do cargo de primeiro-ministro em 1922. Com sua famosa eloquência galesa e a reputação de ser “o homem que venceu a [Grande] Guerra”, sustentou que a Grã-Bretanha estava numa posição muito pior do que em 1914, e culpou Chamberlain pessoalmente por sua incapacidade de “despertar” e “mobilizar” o Império Britânico. Foi um ataque insolente, movido pelo ressentimento pessoal, mas de extrema eficácia. Quando um membro tóri do Parlamento o aparteou, respondeu com sarcasmo: “O senhor tem de ouvir isto, seja agora ou mais tarde. Hitler não responde às interpelações do líder da bancada.” Acerca da garantia que Chamberlain dera à Polônia e aos países neutros, disse: “Nossas notas promissórias agora são lixo no mercado.”

Quando Churchill já estava pronto para assumir plena responsabilidade por tudo que ocorrera na Noruega, Lloyd George fez uma das observações mais significativas de todo o debate, empregando uma poderosa metáfora: “O cavalheiro verdadeiramente honrado não deve permitir que o convertam num abrigo antiaéreo para impedir que os estilhaços atinjam seus colegas.” Seu discurso devastador mencionou o pedido de sacrifícios pela vitória que Chamberlain fizera à nação, e concluiu: “Nada poderia contribuir mais para a vitória do que fazer ele o sacrifício do cargo.”

Outras figuras importantes da época, como Alfred Duff Cooper (que renunciara ante o acordo de Munique) e o ex-ministro do Trabalho sir Stafford Cripps, também falaram, e houve ainda uma intervenção do jovem membro do Parlamento Quintin Hogg (o futuro lorde Hailsham), mas a Câmara estava esperando que Churchill encerrasse o debate. Não foi uma de

suas performances memoráveis. Ele se descontrolou, acusando o trabalhista Emanuel Shinwell, também membro do Parlamento de “esconder-se num canto” e enfureceu o Partido Trabalhista com suas zombarias. Seu apelo final — “Deixemos rixas pré-guerra morrerem; deixemos as contendas pessoais serem esquecidas, e guardemos nossos ódios para o inimigo comum” —, passou completamente despercebido.

Na moção “Que esta Câmara seja agora suspensa”, a Câmara dos Comuns dividiu-se em 281 votos a favor e 200 contra, uma maioria de 81 para o governo, muito menor do que era normal em tempo de paz sob uma “*three line whip*”.^a Os rebeldes haviam incluído lady Astor, Robert Boothby, Harold Macmillan, Quintin Hogg, John Profumo, o general Spears, lorde Wolmer, Harold Nicolson, Leslie Hore-Belisha e, é claro, Leo Amery e o almirante Keyes. Nesse meio tempo, ocorreram cenas de desordem quando dois dos rebeldes, Harold Macmillan e o conde Winterton puseram-se a cantar “Rule Britannia!” até serem silenciados por tóris furiosos. Membros trabalhistas do Parlamento gritaram “O senhor perdeu o ônibus!” para Chamberlain. No total, 41 governistas haviam votado contra Chamberlain e cerca de 50 haviam se absterido. Sem dúvida o governo sofrera perdas, e quando Chamberlain saiu irado do plenário da Câmara dos Comuns depois do anúncio do resultado, sua sobrevivência como primeiro-ministro estava claramente em grave risco. Churchill esforçara-se para ajudar o primeiro-ministro, mas felizmente para ele aquilo não fora o bastante. Mostrara, contudo, a lealdade necessária para não ser suspeito de traição pelos conservadores que continuavam, em peso, a favor de Chamberlain.

Embora numericamente o Governo Nacional de Chamberlain tivesse vencido o Debate da Noruega na noite anterior por 81 votos, isso foi considerado uma derrota moral porque em geral a maioria era bem superior a duzentos. Na manhã de quinta-feira, 9 de maio, os negociadores do governo tentaram avaliar a gravidade da situação, ao mesmo tempo em que tentavam limitar o dano da maneira consagrada pelo tempo: fazendo acordos. Primeiro os líderes da bancada tentaram descobrir junto aos rebeldes que haviam votado contra o governo ou se absterido na noite anterior qual era o preço pela recuperação de seu apoio. Depois o secretário particular parlamentar de Chamberlain, lorde Dunglass (mais tarde o primeiro-ministro sir Alec Douglas-Home), levou alguns parlamentares influentes ao Número Dez para que expressassem suas queixas e para deixar claro que Chamberlain estava disposto a sacrificar o ministro das Finanças, sir John Simon, e o ministro da

Força Aérea, sir Samuel Hoare, para permanecer no cargo.

Naquela manhã Chamberlain encontrou-se também pessoalmente com Leo Amery para lhe oferecer a Chancelaria ou o Ministério das Relações Exteriores, o que Amery recusou com firmeza. Às 10h15, parecendo ter compreendido que talvez fosse preciso renunciar, Chamberlain mandou chamar seu grande amigo e confidente, o ministro das Relações Exteriores, lorde Halifax. Nesse encontro os dois homens concordaram que os partidos Trabalhista e Liberal tinham de ser incluídos no governo. Como era muito improvável que o Partido Trabalhista ingressasse num governo liderado por Chamberlain, o primeiro-ministro perguntou a Halifax se ele se disporia a formar um ministério, no qual Chamberlain se comprometia a servir sob seu comando. Como Halifax escreveu em seu diário, “apresentei todos os argumentos em que pude pensar contra mim mesmo”, principalmente o da “difícil posição de um primeiro-ministro incapaz de fazer contato com o centro de gravidade na Câmara dos Comuns”.

Talvez significativamente, parece que Chamberlain não afirmou que as regras poderiam ser mudadas para permitir a um nobre ter assento na Câmara dos Comuns em situações de emergência, embora hoje se saiba que ele fizera sondagens secretas junto aos procuradores do governo para averiguar como isso poderia ser realizado.³ Em vez disso, fez a dúbia previsão de que, de todo modo, podia-se esperar pouca oposição na Câmara dos Comuns já que se trataria de um governo de coalizão.

Todo o teor da conversa deixou Halifax com dor de estômago. Ele não esperara nem planejava a transferência da chefia do governo para si mesmo. Quando voltou ao Ministério das Relações Exteriores depois do encontro das 10h15, disse a seu subsecretário, Rab Butler, que embora “sentisse que podia fazer o trabalho”, Churchill é que estaria de fato dirigindo a guerra, e assim ele mesmo “se transformaria em pouquíssimo tempo numa espécie de primeiro-ministro honorário” e seria portanto possivelmente menos influente para conter Churchill do que se continuasse como ministro das Relações Exteriores, herdeiro aparente e o mais poderoso ministro do Gabinete.

Quanto ao Partido Trabalhista, então reunido em sua conferência partidária anual em Bournemouth, Butler tivera duas conversas na noite anterior com Hugh Dalton e Herbert Morrison, e ambos queriam que Halifax soubesse que seu partido ingressaria num governo liderado por ele; Dalton acrescentou que “Churchill deve continuar tratando da guerra”. Attlee havia dito também a

Brendan Bracken, amigo de Churchill, que o Partido Trabalhista estaria disposto a servir sob a orientação de Halifax.

Com o apoio do rei, que acreditava que a nobreza de Halifax poderia ser “suspensa” em semelhante emergência, do primeiro-ministro demissionário Chamberlain, da liderança do Partido Trabalhista e da grande maioria do Partido Conservador, o cargo de primeiro-ministro era de Halifax, se ele o tivesse reivindicado. Ele sabia, no entanto, que sua falta de interesse e conhecimento especializado em assuntos militares era uma lacuna inadmissível num *premier* em tempo de guerra. Em janeiro de 1942 Churchill brincou sobre a situação, dizendo à Câmara dos Comuns: “Quando me confiaram a missão de primeiro-ministro, quase dois anos atrás, não havia muitos candidatos ao cargo. Desde então o mercado melhorou.”

Antes do encontro decisivo no Número Dez, Churchill almoçou com Anthony Eden e sir Kingsley Wood, ocasião em que Wood — um ex-chamberlainita leal — aconselhou Churchill a pleitear o próprio cargo de primeiro-ministro. Churchill lidou admiravelmente com toda a crise, fazendo-se o principal candidato sem parecer de maneira alguma estar solapando o *premier* em exercício. Foi exatamente o tipo de liderança política hábil que ele muitas vezes não mostrara num passado cheio de romantismo turbulento; nesse momento, porém, revelou seu sangue-frio, com um efeito arrasador.

Quando Chamberlain, Churchill, Halifax e David Margesson, o líder da bancada, encontraram-se na Sala do Gabinete às 16h30 da quinta-feira, 9 de maio, Halifax estava numa disposição sinceramente abnegada. Churchill deixou uma famosa descrição dessa reunião: “Tive muitos encontros importantes em minha vida pública e esse foi certamente o mais importante. Em geral falo muito, mas nessa ocasião fiquei calado.” Churchill afirmou que só depois de “uma pausa muito longa”, que pareceu maior do que o silêncio de dois minutos do Dia do Armistício, Halifax, movido quase pelo embaraço, disse que sua condição de nobre o desqualificava para o cargo de primeiro-ministro e Churchill compreendeu que “era claro que a responsabilidade cairia sobre mim — de fato já caíra sobre mim”.

Escrito oito anos após o evento, o relato de Churchill dá lugar a dúvidas. Ele registrou errado a hora e a data do encontro e até omitiu Margesson dele por completo. A história havia sido contada tantas vezes por Churchill nesse ínterim que adquirira o exagero que adere a todo caso muito repetido. A partir dos relatos contemporâneos que resistiram e da própria memória de

Margesson, bem como de outros indícios circunstanciais, considera-se que não houve em absoluto “uma pausa muito longa”, tendo Halifax na verdade “ênfatizado quase imediatamente a maior aptidão de Churchill para a liderança na guerra”.

Recentemente, porém, veio à luz um novo e convincente indício que sugere que houve de fato um silêncio, depois do qual Churchill afirmou sua própria adequação para o cargo, ou pelo menos a inadequação de Halifax, o que dá no mesmo. Longe de ter o manto caindo sobre ele, Churchill o agarrou. Em 2001 as cartas e diários de Joseph P. Kennedy, embaixador dos Estados Unidos em Londres, foram organizados e publicados por sua neta. Eles registram uma visita que Kennedy fez no dia 19 de outubro de 1940 a Neville Chamberlain, que estava então morrendo de câncer em sua casa de campo. Após uma ampla discussão sobre a guerra e sobre o terrível estado de saúde de Chamberlain, este falou sobre a reunião após a votação da Noruega. Kennedy registrou:

Na ocasião ele queria tornar Halifax primeiro-ministro e declarou que serviria sob as ordens dele. Edward, à sua maneira, começou dizendo: “Talvez eu não possa lidar com a situação, pertencendo à Câmara dos Lordes” e finalmente Winston disse: “não me parece que poderia”. E ele não iria e aquilo ficou decidido.⁴

A palavra “Finalmente” com maiúscula indica que um silêncio, ou uma longa discussão, de fato ocorrera, em seguida, com franqueza brutal, Churchill concordou com Halifax “e aquilo ficou decidido”.

Há uma outra interpretação possível, que só vale a pena mencionar para descartá-la. É a de que as palavras “ele não iria” referiam-se não a Halifax, mas a Churchill, e significavam que este realmente se recusara a servir num governo de Halifax conduzido a partir da Câmara dos Lordes. Embora isso possa corresponder à construção literária da frase de Kennedy, semelhante interpretação não se ajustaria ao contexto da situação política da época, porque Churchill teria sido compelido por patriotismo a se integrar num governo de Halifax em que os partidos de oposição estavam se preparando para servir. Está fora de cogitação que ele tenha tentado obter o cargo por meio de chantagem. Claramente, Chamberlain quis dizer que Halifax “não iria” ocupar o cargo de primeiro-ministro. O historiador David Carlton propôs também uma engenhosa teoria segundo a qual Chamberlain via

Churchill apenas como um primeiro-ministro temporário, para fazer a Grã-Bretanha superar a crise do momento — depois do que ele o substituiria, razão por que preferia secretamente Churchill a Halifax, a quem poderia provar-se impossível remover mais tarde. Também essa teoria vai longe demais, mesmo que atraia aqueles a cujos olhos nada supera a natureza maquiavélica dos políticos.

Aqui estava a verdadeira liderança: Churchill acreditava ser o melhor homem para o cargo e, ao concordar com Halifax, deixou claro que o desejava. Postos elevados como o de primeiro-ministro da Grã-Bretanha raramente caem de uma maneira espontânea no colo das pessoas; Churchill avaliou seu momento e agarrou-o.

Restava ainda para Chamberlain perguntar aos líderes do governo trabalhista se participariam de seu governo ou preferiam servir sob o comando de outra pessoa. Quando Attlee e seu vice-líder Arthur Greenwood chegaram ao Número Dez, disseram que consultariam seus colegas em Boumemouth e telefonariam para comunicar sua decisão no dia seguinte, mas também advertiram Chamberlain em particular de que era muito improvável que o Partido Trabalhista se dispusesse a servir sob sua liderança. Depois de seu discurso no Debate da Noruega, Attlee dificilmente poderia ter dito menos que isso. Numa questão de horas, no alvorecer do dia 10 de maio, Hitler desencadeou sua *Blitzkrieg* no Ocidente. O fato de Hitler ter atacado no mesmo dia em que Chamberlain renunciou foi uma das incríveis coincidências da história, mas não passou disso. Não há nenhum indício de que tenha escolhido o momento pela Grã-Bretanha estar no meio de uma crise política.

A primeira reunião do Gabinete após o ataque de Hitler ao Ocidente no raiar do dia ocorreu às 8h da sexta-feira, 10 de maio de 1940. As notícias não eram de todo inesperadas; de fato, menos de uma semana antes Halifax advertira todas as embaixadas britânicas de que “parece provável que venhamos a nos defrontar em breve com a força total de um ataque alemão sobre nós”. Agora o Gabinete ouviu como a Bélgica e a Holanda, ambas até então neutras, haviam sido invadidas numa tentativa de flanquear a Linha Maginot e nocautear assim a França. Até a reunião seguinte do Gabinete, às 11h, Chamberlain havia concluído, para sua satisfação, mas para a de poucos outros, que a situação militar era tão séria que justificava inteiramente o adiamento de sua renúncia. “Como podia o governo mudar no meio de uma crise como aquela?” sustentou.

Foi nessa altura que o ministro sem pasta sir Kingsley Wood, até então um chamberlainita leal, informou abruptamente ao primeiro-ministro que, ao contrário, a nova crise significava que ele devia renunciar de imediato. O ministro da Força Aérea, sir Samuel Hoare, registrou: “Ninguém disse uma palavra no Gabinete, afora eu. Edward [Halifax] completamente impassível.” Muitos outros ministros em volta da mesa, sobretudo Winston Churchill e provavelmente também Halifax, sentiam que a nova e perigosa situação no continente tornava de fato o afastamento de Chamberlain mais, e não menos imperativo. O que a maioria não sabia era que, na véspera, Wood procurara Churchill para exortá-lo a reivindicar com firmeza o cargo de primeiro-ministro, pois do contrário logo seria recompensado por essa rápida virada de casaca com o Ministério das Finanças.

Quando a liderança do Partido Trabalhista telefonou de Bournemouth para dizer que o partido participaria de um governo de coalizão, mas não se fosse formado por Chamberlain, a sorte do primeiro-ministro foi selada. O decisivo, contudo, é que os trabalhistas não estavam em condições de decidir quem seria o primeiro-ministro. É inteiramente equivocado pensar, como alguns políticos entre os quais Roy Hattersley, Julian Critchley, Michael Foot e Barbara Castle persistiram em fazer durante décadas, que foi o Partido Trabalhista que tornou Churchill primeiro-ministro. De fato, na época o partido declarou-se igualmente disposto a servir sob a liderança de Halifax; a escolha coube, assim, a Chamberlain e ao rei. Formando uma minoria tão pequena na Câmara dos Comuns, o Partido Trabalhista sem dúvida não tinha condições de fazer outra coisa.

Naquela tarde, Chamberlain fez um último esforço para convencer Halifax a mudar de idéia e assumir o cargo de primeiro-ministro, apesar do que parecia ter sido ajustado com Churchill na véspera. Lorde Dunglass telefonou para Henry “Chips” Channon no Ministério das Relações Exteriores; queria que ele pedisse ao subsecretário daquele ministério, Rab Butler, para tentar convencer Halifax a aceitar o cargo. Ao chegar à sala do ministro das Relações Exteriores, Butler foi informado de que Halifax saíra para ir ao dentista e não podia ser contactado. Assim Chamberlain foi ao palácio de Buckingham, onde o rei Jorge VI aceitou sua renúncia e, como registrou em seu diário, “disse-lhe o quanto, a meu ver, ele fora tratado com rude injustiça e que lamentava terrivelmente a ocorrência de toda aquela controvérsia”. Quando chegaram ao assunto de seu sucessor, o rei sugeriu, é claro, Halifax como “o homem óbvio”, mas Chamberlain lhe disse que Halifax “não estava

entusiástico”. O rei não exerceu seu direito de pedir a diretamente a Halifax que assumisse o governo, embora o apelo pessoal do soberano a um devotado servidor público talvez tivesse sido capaz de fazê-lo mudar de idéia.

Em vez de Halifax, foi Churchill que prestou homenagem a Jorge VI às 18h do dia 10 de maio. O rei não queria muito Churchill, possivelmente em parte por causa do papel irresponsável que ele desempenhara em apoio a seu irmão Eduardo VIII na época da crise da Abdicação. Apesar disso, quando ficou claro que seu dever constitucional era designá-lo, amenizou qualquer constrangimento fazendo uma piada. Como Churchill lembrou: “Sua majestade recebeu-me da maneira mais calorosa e fez sinal para que me sentasse. Lançou-me um olhar perscrutador e indagativo por alguns momentos e depois disse: ‘Suponho que não saiba por que mandei chamá-lo?’ Entrando no humor dele, respondi: ‘Sir, não tenho simplesmente a menor idéia.’ Ele riu e disse: ‘Quero pedir-lhe que forme um governo.’ Respondi que certamente o faria.”

Sabendo que sua primeira ação deveria ser convidar os trabalhistas e os liberais para o que chamou mais tarde sua “Grande Coalizão”, Churchill pediu a Attlee e Arthur Greenwood que participassem de um Gabinete da Guerra drasticamente enxugado, de cinco membros apenas, junto com Chamberlain e Halifax. Churchill sabia que devia tratar igualmente bem os conservadores, como escreveu a Chamberlain naquela noite: “Em grande medida estou nas mãos deles.”

Às 21h Chamberlain explicou sua renúncia à nação pelo rádio, instando-a a apoiar seu sucessor. Nossa atual rainha, então com 13 anos, disse à mãe que essa fala a comovera até as lágrimas. Enquanto isso Churchill trabalhou noite adentro e, quando foi se deitar, às 3h da manhã seguinte, estava com “a consciência de um profundo sentimento de alívio. Finalmente eu tinha autoridade para comandar toda a cena. Senti como se estivesse caminhando com um rumo, e que toda a minha vida pregressa não tivesse passado de uma preparação para esta hora e esta tribulação.”

O percurso de Hitler até Compiègne

No dia 21 de junho de 1940 Hitler visitou o monumento francês em Compiègne, nos arredores de Paris, que comemorava a derrota da Alemanha na Grande Guerra. O correspondente de um jornal americano, William Shirer,

registrou a linguagem corporal do Führer nesse dia triunfante:

Ele salta do monumento e consegue fazer até desse gesto uma obra-prima de desprezo.... Corre os olhos lentamente pela clareira.... De repente, como se seu rosto não estivesse dando completa expressão a seus sentimentos, põe todo o seu corpo em harmonia com seu estado de espírito. Bate rapidamente as mãos nos quadris, arqueia os ombros, planta os pés muito afastados. É um gesto magnífico de desafio, de intenso desprezo pelo lugar e por tudo que ele representou naqueles 22 anos desde que testemunhou a humilhação do Império Alemão.

Uma semana depois, no dia 28 de junho, Hitler fez duas coisas que destoavam por completo de seu caráter: acordou cedo e foi visitar pontos turísticos. Como qualquer turista alemão aplicado, o Führer se preparara para a excursão lendo sobre os pontos altos da arquitetura de Paris. Quando o comboio de limusines pretas Mercedes-Benz passou pela Madeleine rumo ao Arco do Triunfo, ele se deleitou exibindo seu conhecimento detalhado para sua comitiva.

Nos Invalides, o Führer contemplou em silêncio o túmulo de Napoleão, aquele outro conquistador europeu com quem freqüentemente se comparava. A essa altura, Hitler acreditava que suas qualidades de liderança faziam dele, nas palavras do general Keitel, “o maior comandante militar de todos os tempos”. Em apenas dez meses o Exército alemão conquistara a metade da Europa. Somente os britânicos e seus domínios imperiais, ao lado da corajosa Grécia, continuavam a resistir bravamente. No entanto, o método por trás do sucesso inicial de Hitler como líder na guerra deveria, a seu tempo, tornar-se sua maior fraqueza, e tirando proveito dele Churchill deixaria um exemplo para todos os que aspiram à liderança em nossos dias.

Ao retornar à Alemanha após sua *Blitzkrieg* vitoriosa sobre a França, Hitler estava no ápice de sua popularidade. Mas a *Blitzkrieg*, essa nova forma de guerra, não era uma invenção dele. Não fora Hitler tampouco quem concebera o plano operacional para a invasão da França. O crédito por isso cabia a dois generais: Erich von Manstein e Heinz Guderian. Desde o início da década de 1930, Guderian defendia operações rápidas com *Panzers* planejadas para pegar o inimigo de surpresa. Com base nas idéias de Guderian, Manstein desenvolveu o chamado plano “Golpe da Foice” para flanquear as fortificações francesas e tornar irrelevante sua superioridade

numérica em homens e armamentos.

Manstein queria montar um ataque blindado através das florestas das Ardenas, uma área comumente considerada intransponível por tanques. O bom senso dizia que seria loucura tentar atacar por ali, mas foi exatamente por isso que a estratégia alemã teve tanto êxito. As divisões de *Panzers* deveriam atacar onde o inimigo menos esperava. Isso lhes permitiria formar uma cunha entre as forças aliadas, avançando com rapidez até a costa do canal da Mancha — tal qual um golpe de foice. (A metáfora originou-se com Churchill.)

A maioria dos generais do Alto Comando defendia uma operação muito mais convencional e imaginava a principal linha de ataque vindo do norte, dos dois lados de Liège. A manobra de Manstein, com *Panzers* através das Ardenas, parecia-lhes simplesmente arriscada demais. Manstein foi transferido de imediato para um posto insignificante. Mas então o Führer interveio. Para ele, os planos sem imaginação do Alto Comando do Exército (OKH) pareciam não ser mais que “as idéias de um cadete”.⁵ O Golpe da Foice de Manstein, por outro lado, significava um grande risco mas tinha em seu favor o elemento crucial da surpresa. Assim Hitler ordenou ao OKH a adoção desse plano.

Foi um caso de liderança inspirada. Hitler percebeu que os planos operacionais do Alto Comando envolviam, na realidade, um risco maior que a manobra à primeira vista temerária do Golpe da Foice, porque um ataque convencional vindo do norte era exatamente o que os Aliados estavam esperando. Líderes de sucesso não se aventuram às cegas; correm riscos calculados por compreender que, por vezes, a coisa mais perigosa que se pode fazer é não correr risco nenhum.

Não tivesse sido pela iniciativa e a ousadia de Guderian, a invasão alemã poderia certamente ter se atolado numa guerra de trincheiras ao estilo da Primeira Guerra Mundial. Quando, no terceiro dia da invasão, os *Panzers* de Guderian tinham chegado ao rio Meuse, Hitler e o Alto Comando do Exército deram-lhes ordem de esperar pelas divisões de infantaria que seguiam tão rápido quanto possível. O resultado foi o maior engarrafamento que a Europa jamais vira; colunas de 1.500 tanques e um milhão e meio de soldados formaram uma fileira que se estendia por 240km, do Reno até o Meuse. Exatamente quando a lâmina da foice começava a cortar fundo, ameaçando isolar as forças francesas e britânicas no norte de seus outros exércitos no sul,

o Führer começou a ter graves dúvidas. Estava preocupado com os flancos expostos das pontas-de-lança dos *Panzers* sob o comando de Guderian. Este, sabendo que cada dia perdido daria aos Aliados tempo para recuar e se reagrupar, decidiu no dia 14 de maio ignorar as ordens de Hitler e avançou, arrastando consigo outras divisões.

A *Blitzkrieg* alemã de 1940 funcionou porque os Aliados temiam um retorno do oneroso impasse da Primeira Guerra Mundial. Mas a crença de que eventos do passado se repetirão da mesma forma está quase sempre fadada ao fracasso. Embora toda a carreira de Hitler tivesse se firmado em riscos, quando chegou o momento de pôr em prática o ousado plano de Manstein, ele revelou uma surpreendente insegurança, tal como no caso da Noruega.

No dia 17 de maio Franz Halder, o chefe do estado-maior do Exército, registrou em seu diário: “Um dia realmente desagradável. O Führer está terrivelmente nervoso. Está assustado com seus próprios sucessos, não quer arriscar nada e por isso preferiria nos deter.”⁶ Guderian recebeu ordem de estacionar na altura do rio Oise e esperar que as divisões de infantaria o alcançassem. Era um enorme erro tático, mostrando que, espantosamente, embora estivesse disposto a correr riscos e adotar táticas de *Blitzkrieg*, Hitler não compreendia de fato como elas funcionavam.

Guderian, por outro lado, tinha plena certeza de que só a velocidade e a surpresa o protegiam de um contra-ataque. Protestando veementemente contra a ordem de alto, abdicou de seu comando. Só voltou atrás no pedido de demissão depois de receber permissão para empreender um chamado “reconhecimento em força” — seja o que for que isso significasse. Guderian decidiu interpretá-lo como uma licença para agir por iniciativa própria e avançar rumo à costa do canal da Mancha, o que fez a toda velocidade.

A forma revolucionária de guerra mecanizada de Guderian provou-se avassaladora e pegou os Aliados completamente de surpresa. Após dez dias de campanha, as primeiras unidades alemãs chegaram à foz do rio Somme na costa do canal. O Golpe de Foce se completara: os exércitos aliados no norte, inclusive a Força Expedicionária Britânica, estavam cercados. Esse foi o pior dia na história britânica em 400 anos. Os britânicos estavam prestes a perder sua Força Expedicionária de 250 mil homens. Nenhum desastre semelhante ocorrera desde que os ingleses perderam Calais no século XVI. O sucesso da operação golpe de foce deve ser atribuído, entretanto, não à liderança de

Hitler, mas à ousadia e iniciativa de Guderian. Tivesse ele seguido à risca as diretrizes de Hitler, tudo teria sido “*Krieg*”, e não “*Blitz*” — uma guerra-relâmpago sem o relâmpago e, bem possivelmente, uma campanha com um desfecho muito diferente.

Teria Guderian escapado incólume com uma iniciativa como essa se servisse no Exército britânico? Por suas proezas na campanha francesa, Hitler recompensou-o com uma promoção a tenente-general. Há na Grã-Bretanha a crença persistente de que os alemães eram como autômatos, seus soldados obedecendo ordens cegamente, mas isso é um mito. Guderian pôde usar sua iniciativa porque estava agindo em conformidade com o princípio alemão da *Auftragstaktik* (comando de missão).

Comando de missão

Desenvolvido inicialmente pelo Exército prussiano no século XIX e hoje princípio oficial da Otan, o comando de missão significa que o quartel-general se limita a estabelecer os objetivos, deixando que os comandantes em ação decidam sobre a melhor maneira de levá-los a cabo. O critério final é o sucesso ou o fracasso — e não a obediência. O comando de missão foi o segredo por trás da impressionante vitória de Hitler sobre a França. É um princípio decisivo para a liderança eficaz. Os gurus da administração chamam-no delegação de poder: líderes confiam em seus subordinados e apóiam-se em sua iniciativa e opinião abalizada. Um elemento importante era que todos no Exército alemão haviam sido especificamente treinados para ser capazes de assumirem as obrigações de seus superiores na eventualidade de uma convocação para assumirem o comando.

Mas se a liderança do Exército alemão era tão eficiente em 1939-41, como explicar que essas vitórias dos primeiros anos da guerra tenham sido seguidas por derrotas vergonhosas? A resposta está com o homem que se autodesignara comandante supremo da Wehrmacht — Adolf Hitler. As falhas fatais de sua liderança já haviam se evidenciado em sua *Blitzkrieg* contra a França. Um momento-chave na campanha ocorreu na Maison Blairen, na cidade francesa de Charleville-Mézières nas Ardenas, perto de fronteira de Luxemburgo, onde Hitler chegou na manhã de 24 de maio de 1940. Ali ficava o quartel-general do general Gerd von Rundstedt, o comandante do Grupo A do Exército, a sudoeste das forças aliadas que se encontravam

cercadas. Todas as divisões alemãs de *Panzers* estavam sob o comando de Rundstedt, que, com 64 anos, era um general da velha escola. Ele queria que seus *Panzers* esperassem pela mais lenta infantaria.

O comandante-em-chefe do Exército, general Walther von Brauchitsch, e seu chefe do estado-maior, general Franz Halder, discordavam energicamente. Percebiam que, sem pressão constante, as forças aliadas tentariam escapar pelo canal da Mancha. Na noite de 23 de maio, Von Brauchitsch e Halder transferiram o comando das divisões de *Panzers* de Rundstedt para o Grupo B do Exército no nordeste. Hitler só ficou sabendo dessa mudança de comando na manhã seguinte, quando visitou Rundstedt em seu quartel-general em Charleville-Mézières.

Von Brauchitsch e Halder haviam tomado a decisão correta, mas sem consultar seu Führer. Hitler não pôde tolerar que o Alto Comando do Exército agisse por iniciativa própria, como os militares eram treinados para fazer de acordo com os princípios do comando de missão. Agora, que a vitória era praticamente certa, o Führer estava ansioso para deixar claro que quem estava ganhando aquela campanha não eram seus generais, era ele mesmo. Como o Exército era a única força na Alemanha com poder suficiente para depô-lo, todos os louros pela vitória no Ocidente deveriam ficar concentrados unicamente nas suas mãos. Assim sendo, o Führer revogou de imediato a transferência do comando das divisões de *Panzers* e autorizou Rundstedt a dar uma ordem de alto a seu Grupo do Exército.

Foi essa famosa ordem de alto que deu aos Aliados a trégua necessária para evacuar 338.226 soldados britânicos, franceses e belgas. Nenhuma outra decisão da Segunda Guerra Mundial causou maior tempestade de protestos entre generais alemães que a ordem de interromper a marcha em Dunquerque. Brauchitsch foi à procura de Hitler várias vezes para pedir que a ordem fosse revogada — em vão. O Führer regozijou-se com a humilhação infligida ao comandante-em-chefe do Exército, que, em suas próprias palavras, sentiu-se “imprensado contra a parede”.

Depois que ficou claro o grave erro que cometera, Hitler declarou que poupou intencionalmente os britânicos para demonstrar que não queria nenhuma guerra com eles. Seus verdadeiros motivos, porém, eram muito diferentes. A decisão de deter o avanço dos *Panzers* tivera nada a ver com magnanimidade em relação à Grã-Bretanha e na verdade pouco a ver com qualquer consideração estratégica. O principal objetivo de Hitler fora pôr o

Exército em seu lugar, como estudos históricos modernos mostraram recentemente.⁷

Em lugar do Exército, a Força Aérea de Göring foi incumbida de liquidar os soldados aliados cercados. Hitler quis também dar à SS de Himmler tempo bastante para se deslocar de modo a participar da ação em Dunquerque. Obrigando o Exército a partilhar a vitória com a Luftwaffe e a SS, Hitler podia ter certeza de que receberia o principal crédito por ela.

A Luftwaffe fracassou vexaminosamente. Quando Dunquerque foi finalmente tomada, a maior parte das forças aliadas já fora transportada através da Mancha e estava em segurança para mais um dia de combate. Enquanto isso, o Führer ganhara uma batalha relativamente fútil contra o Alto Comando do Exército. Esse foi apenas o primeiro de muitos erros graves cometidos por Hitler na guerra. Seu empenho em expandir e proteger sua base de poder, mesmo à custa do tirocínio militar, ajudou a preparar o terreno para sua derrota final. Mais tarde, seu ajudante militar, major Gerhard Engel, explicaria: “Algumas decisões de Hitler nada tinham a ver com raciocínio de guerra. Eram tomadas unicamente para demonstrar ao chefe do Exército que quem estava no comando era ele e mais ninguém.”⁸

Churchill sem meias palavras

É difícil entender como o novo adversário de Hitler, Winston Churchill, pôde ter se recusado a tentar negociar a paz com os nazistas quando toda a Força Expedicionária Britânica havia sido capturada em Dunquerque. Do modo como as coisas se passaram, Churchill transformou o resgate do exército aliado num triunfo que elevou o moral na adversidade. O fato de estar certo com relação a Hitler e aos nazistas levara Churchill para a Downing Street em maio de 1940, mas para permanecer lá ele precisou inventar um tipo inteiramente novo de liderança — um que abolisse com eficácia a lógica e fizesse apelo não à mente, mas ao coração. Pois a pura verdade era que, embora tivesse de dizer ao povo britânico que era possível vencer a guerra, ele próprio não tinha a mais vaga idéia de como isso poderia ser conseguido. Numa série de discursos estimulantes, fez várias afirmações sobre como a guerra poderia ser ganha, uma mais improvável que a outra.

Churchill implorava — como apenas líderes notáveis o podem fazer, e somente em ocasiões excepcionais — ao povo que, em vez de calcular,

sentisse. Caso se provasse que estivera errado, teria sido obrigado a enfrentar a ira do povo por aquele grave engano. No primeiro discurso que fez como primeiro-ministro na Câmara dos Comuns, no dia 13 de maio de 1940, foi desconcertantemente sincero ao admitir que “nada tinha a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor”. Mas, continuando, ofereceu muito mais quando disse: “Os senhores perguntam qual é nosso objetivo? Posso responder com uma palavra: vitória — vitória a qualquer preço, vitória, por mais longa e árdua que a estrada possa ser; pois sem vitória não há sobrevivência.”

Quando voltou a falar publicamente, seis dias mais tarde, os alemães haviam penetrado as defesas francesas no norte da Linha Maginot e o povo britânico precisou mais uma vez conter seu ponto de vista para conseguir imaginar que lhe seria possível triunfar finalmente. Churchill ofereceu esperança para o Exército francês, dizendo: “Podemos olhar com confiança para a estabilização da linha de frente da França e para o engajamento geral das massas, que permitirá que os atributos dos soldados franceses e britânicos sejam contrapostos diretamente aos dos seus adversários. De minha parte, tenho inabalável confiança no Exército francês e em seus líderes.”

Na verdade essa confiança não permaneceu inabalável porque, apenas dez dias depois, a Força Expedicionária Britânica estava sendo evacuada das praias de Dunquerque. Mas ao mostrar ele mesmo uma coragem indomável, Churchill de fato incitava os britânicos — que durante os últimos vinte anos haviam sido zelosos apaziguadores da Alemanha e haviam acatado o acordo de Munique tão entusiasticamente quanto o haviam rejeitado — a serem heróicos. Seus discursos supunham que os britânicos estavam, na realidade, ansiosos pelos próximos ataques à população civil.

Haverá nessa ilha muitos homens, e muitas mulheres, que, quando o sofrimento se abater sobre eles, encontrarão consolo, e até algum orgulho — no fato de estarem tomando parte nos perigos que nossos moços correm na linha de frente — soldados, marinheiros e aviadores, Deus os abençoe — e de estarem desviando deles ao menos parte da carga que têm de suportar. Não será hora de fazerem todos os esforços máximos a seu alcance?

Ao tratar o povo dessa maneira mesmo antes que o território britânico tivesse sido alvo de ataque, Churchill transformava pessoas

compreensivelmente nervosas e amedrontadas em heróis. Mesmo que nem todos partilhassem sua confiança na vitória final, as pessoas não ficavam propensas a disseminar o derrotismo expressando seus temores. Esse foi um ato supremo de liderança da parte de Churchill. Como ele disse à Câmara dos Comuns no dia 4 de junho de 1940:

Pelo que sabemos, Herr Hitler tem um plano para invadir as ilhas britânicas. Isso foi cogitado muitas vezes antes. Quando Napoleão ficou aportado em Boulogne durante um ano com seus barcos de fundo chato e sua Grande Armada, alguém lhe disse: “Há ervas amargas na Inglaterra.” Há certamente muito mais delas desde que a Força Expedicionária retornou ... Ainda que grandes regiões da Europa e muitos Estados antigos e famosos tenham caído ou possam cair nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparelho do regime nazista, não fraquejaremos nem fracassaremos. Prosseguiremos até o fim, lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos com crescente confiança e crescente força no ar, defenderemos nossa ilha, custe o que custar, lutaremos nas praias, lutaremos nas zonas de desembarque, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos morros; jamais nos renderemos.

“Noites longas e sombrias de provações e tribulações nos esperam”, advertiu numa fala especialmente melancólica pelo rádio. “Não só grandes perigos como muito mais infortúnios, muitas falhas, muitos erros, muitas decepções serão certamente nosso quinhão. A morte e a dor serão companheiras de nossa jornada, a constância e a bravura nossos únicos escudos. Devemos estar unidos, devemos ser destemidos. Devemos ser inflexíveis.” Um homem que logo reconheceu a estratégia por trás da franqueza soturna de Churchill foi Joseph Goebbels. “Seu *slogan* de sangue, suor e lágrimas o entrincheirou numa posição que o torna totalmente imune ao ataque”, escreveu o chefe da propaganda nazista num artigo de revista intitulado “Truques de Churchill”. “Ele é como o médico que prevê que o paciente vai morrer e que, a cada vez que a condição dele piora, explica complacentemente que previra isso.” Ao preparar o povo para más notícias, Churchill negava aos nazistas o pleno valor de propaganda de suas vitórias. Eles não tinham como destruir o moral nacional se os britânicos já tinham ouvido o pior do próprio primeiro-ministro.

Em seu discurso à Câmara dos Comuns para explicar a evacuação de Dunquerque, Churchill sabia que tinha de acenar com alguma esperança — por tênue que fosse — para estimular os britânicos a seguir lutando. O fator que escolheu enfatizar foi a possibilidade, que particularmente sabia ser remota a ponto de ser desprezível, de que os Estados Unidos entrassem logo na guerra. Ele evocou a perspectiva de levar a luta adiante “até que, na hora marcada por Deus, o Novo Mundo com todo o seu poder e pujança, acorra para a salvação e a libertação do velho”. A partir de suas próprias conversas com o presidente Roosevelt, Churchill sabia que a intervenção militar americana direta não provocada ainda era uma possibilidade muito distante, mas liderar é dar esperança, por mais falsa que seja.

O ponto crucial era que, se o povo britânico estava sendo ludibriado, todo ele, salvo uma minúscula minoria, realmente queria sê-lo. Como trapaceiros profissionais afirmam, para que uma trapaça dê certo, a vítima deve, ao menos subconscientemente, querer se deixar enganar. Foi isso que aconteceu com o subconsciente coletivo do povo britânico em 1940-41; acreditava em Churchill porque estava decidido a fazê-lo, e porque a única alternativa — paz com Hitler — era simplesmente abominável e desonrosa demais para ser considerada. No entanto, se alguém tivesse perguntado a cada britânico se, em termos racionais, acreditava que de fato era possível arrastar os Estados Unidos para a guerra, ou bloquear todo o continente europeu obrigando-o à rendição, ou derrotar a Alemanha por qualquer dos outros meios que Churchill parecia estar oferecendo naquele estranho e ao mesmo tempo sublime período de 13 meses, eles teriam tido grande dificuldade em explicar o fundamento de sua crença na vitória final.

Conquista de plenos poderes

Churchill aprendera com o desastre de Dardanelos na Grande Guerra que é um erro, como ele disse, “realizar uma operação de vulto e fundamental a partir de uma posição subordinada”. Escreveu também: “Meu único erro fatal foi tentar levar a cabo um grande empreendimento sem ter os plenos poderes que o possibilitariam alcançar tão facilmente o sucesso.” Com essas lembranças, decidiu apoderar-se exatamente dessa autoridade irrestrita ao chegar ao poder em 1940.

Não se ganham guerras com evacuações, como Churchill disse, e

tampouco se pode ganhá-las com discursos encorajadores. Um de seus primeiros passos foi enfrentar a pesada e inflexível estrutura de tomada de decisão que herdara de Chamberlain. Churchill queixava-se, com razão, de que tudo era “estabelecido para o maior número pelo senso comum da maioria após a consulta de todos”. Acerca do Comitê de Defesa Imperial, que era responsável por planos estratégicos mas não por operações, disse que ele representava o “máximo de estudo e o mínimo de ação”.

A solução encontrada por Churchill foi combinar a responsabilidade com o poder direto de ação. Não gostava de comitês puramente consultivos. A guerra, dizia, “era mais parecida com um facínora dando uma porretada no nariz do outro”.⁹ Foi igualmente franco ao se queixar a Harold Macmillan: “Ora, você pode pegar o marinheiro mais valente, o soldado mais audacioso, pô-los juntos — e o que você tem? A soma de seus medos.” Macmillan lembrou que isso foi dito “com ênfase sibilante”.

Em períodos anteriores no governo, como ministro das Munições e no Ministério Colonial, Churchill organizara os processos de tomada de decisão com sucesso. Sabia como isso poupava executivos de serem sufocados por detalhes e duplicações. Durante a guerra, suas consideráveis habilidades organizacionais foram postas em jogo quando procurou reduzir superposições no governo e na administração. Tinha talento até para simplificar a linguagem administrativa: os Voluntários da Defesa Local tornaram-se a Guarda Interna, os Centros Comuns de Alimentação passaram a ser Restaurantes Britânicos, e assim por diante.

Com dez pessoas, o Gabinete de Guerra era grande demais, exatamente como no início da Grande Guerra. Um erro era que ele incluía os ministros das três armas e estimulava as discussões do Gabinete a serem demasiado amplas, muitas vezes estendendo-se à elaboração de planos operacionais. Chamberlain tentara resolver isso formando um Comitê de Coordenação Militar presidido por lorde Chatfield. Este tinha por missão coordenar os esforços das três forças armadas com a política traçada pelo Gabinete de Guerra. Tinha a deficiência de ser consultivo, sem controle de qualquer departamento nem poder para dar ordens. Em abril de 1940 o órgão foi abolido sob pressão de Churchill, que, no entanto, logo estava se queixando de que ele mesmo não tinha “nenhum poder de tomar decisões ou implementá-las”. Quando se tornou primeiro-ministro, reduziu o Gabinete de Guerra à metade, deixando-o com apenas cinco membros. “Os dias de mera coordenação tinham terminado para sempre”, escreveu mais tarde uma figura

graduado. “Agora teríamos direção, liderança, ação — num estalar de dedos!”¹⁰

Churchill não parou aí. Imediatamente tratou de obter poderes ainda maiores, acreditando que, como o expressou, o fracasso estratégico na guerra se devia à “total ausência de uma mente diretora e uma força de vontade impositiva”. Comandar uma guerra por meio de comitês era bastante penoso, mas para piorar a situação inexistia uma distinção clara entre tomada de decisão política e militar. A criação do novo cargo de ministro da Defesa — posto que ele mesmo assumiu, fazendo do general Ismay, homem de sua confiança, sua ligação pessoal com os chefes de estado-maior — foi um golpe de mestre político e administrativo. A nova estrutura deu a Churchill mais autoridade do que qualquer primeiro-ministro anterior detivera. Ele se situava na linha direta de responsabilidade pela criação e execução de planos de guerra, sem no entanto criar um novo Ministério da Defesa real, com todos os custos e o aparato burocrático que isso envolveria. Como advertiu Ismay, “Devemos ter muito cuidado para não definir nossos poderes de maneira precisa demais.” Mantendo-se flexíveis e nebulosos, esses poderes eram de fato muito maiores do que se tivessem sido circunscritos por Whitehall, Westminster ou — o que era mais poderoso que ambos — por precedente.

Churchill procurou imediatamente reduzir também o número de comitês. Em particular, incorporou muitas das missões militares e civis britânicas aos Estados Unidos, que estavam se proliferando mas cujas responsabilidades freqüentemente se superpunham. Duas semanas depois de se tornar primeiro-ministro, enviou um memorando a seu secretário do Gabinete: “Estou convencido de que há um número excessivo de comitês de um tipo ou de outro a que os ministros têm de comparecer e que não geram resultado significativo. Estes deveriam ser reduzidos por supressão ou fusão.” Desacreditava por completo na tomada de decisão coletiva por meio de comitês, em que toda a base da administração britânica fora centrada por tanto tempo.

Os novos poderes, contudo, não eram antidemocráticos; Churchill não assumira uma força autocrática, continuando a trabalhar através do Gabinete porque sabia que seu poder se assentaria fundamentalmente na Câmara dos Comuns. Esta, em dezembro de 1916, derrubara o então *premier* em tempo de guerra Herbert Asquith e em maio de 1940 repetira o processo com Neville Chamberlain. (O historiador que havia em Churchill deve ter se lembrado também do destino de lorde Aberdeen durante a Guerra da Criméia:

os *premiers* britânicos que iniciavam guerras muitas vezes não conseguiam terminá-las.) “Sou uma cria da Câmara dos Comuns”, Churchill diria ao Congresso norte-americano em dezembro de 1941. “Fui criado na casa de meu pai para acreditar na democracia. ‘Confie nas pessoas’ era sua mensagem.... Em meu país, como no vosso, os homens públicos orgulham-se de ser os servidores do Estado e se envergonhariam de ser seus senhores.”

Na prática, a reestruturação do sistema operada por Churchill significou que ele conseguia aprovar medidas controversas; uma dessas foi a de usar bombardeiros pesados como o Lancaster contra vilas e cidades alemãs. Sob Chamberlain, o bombardeio estivera restrito ao lançamento de panfletos e ao ataque de alvos navais. Raides aéreos com mira em terra estavam proibidos, não só por temor de retaliação alemã como por razões legais bastante peculiares. Um plano da Real Força Aérea para atacar alvos militares na Floresta Negra fora rejeitado pelo então ministro da Força Aérea, sir Kingsley Wood, com a palavras: “Os senhores estão cientes de que isso é propriedade privada? Ora, daqui a pouco estarão me pedindo para bombardear Essen!”¹¹

Churchill, que não manifestava nenhuma inibição desse tipo, poucos dias após se tornar o *premier* autorizou ataques a alvos militares e industriais na Alemanha. Quando, três meses mais tarde, no auge da batalha da Inglaterra, as primeiras bombas alemãs caíram sobre o centro de Londres, Churchill passou por cima tanto dos comandantes de estado-maior quanto do ministro da Força Aérea e ordenou que o Comando de Bombardeiros partisse imediatamente para um raide de retaliação sobre Berlim. Essa tomada de decisão rápida teria sido impensável sob a estrutura do governo anterior. E foi a decisão certa. Durante os quatro anos seguintes, o bombardeio estratégico seria o único meio pelo qual a Grã-Bretanha conseguiria levar a guerra à própria pátria alemã.

Outros métodos que Churchill usou para assumir o controle do esforço de guerra britânico foram seus clichês: seus famosos memorandos, seus “rogos” e sua “Fazer Hoje”. Ele tinha uma mente extraordinariamente fértil. “Winston tinha dez idéias todo dia”, costumava dizer seu chefe de estado-maior imperial, lorde Alanbrooke, “só uma delas era boa, e ele não sabia qual”. Roosevelt fez uma observação muito semelhante, dizendo que o primeiro-ministro tinha uma centena de idéias por dia, seis das quais eram boas (um número muito maior, embora uma percentagem ainda mais baixa).

Nenhum detalhe era insignificante demais para escapar à atenção de

Churchill. Ele especificou o número preciso de macacos que deveriam ocupar o rochedo de Gibraltar (24), tentou descobrir se armas apreendidas como troféus na Primeira Guerra Mundial poderiam ser recondicionadas para uso, preocupava-se com os animais no Zoológico de Londres durante os bombardeios e tratou de assegurar que rações de cerveja chegassem antes aos homens na linha de frente que aos que estavam na retaguarda. Tentou até descobrir se era possível usar cera para proteger a audição dos soldados durante bombardeios.¹² Várias dessas solicitações, apelidadas de “rogos” porque costumavam começar com as palavras “Rogo-lhe investigar...”, traziam também uma etiqueta vermelha que pedia “Fazer Hoje”. No dia mesmo em que se tornou primeiro-ministro, 10 de maio de 1940, por exemplo, além de todas as outras emergências criadas pelo ataque do Hitler ao Ocidente, Churchill aventou a idéia de se convidar o ex-kaiser Guilherme II a deixar seu exílio da Holanda e ir para a Grã-Bretanha. (Esta se revelou uma das suas nove más idéias diárias, segundo Alanbrooke, ou 94, segundo Roosevelt, e não foi posta em prática.)

Por vezes o estilo ativamente participativo de Churchill ia longe demais. Seu secretário particular Jock Colville lembrou como numa noite em Chequers:

Fui instruído, como de costume, a telefonar para o capitão de serviço e o Almirantado e verificar se havia alguma novidade. Não havia nenhuma, e o capitão de serviço prometeu ligar-me imediatamente caso alguma coisa do mais ligeiro interesse fosse comunicada. Uma hora depois fui instruído a perguntar de novo, e um capitão de serviço, agastado, lembrou-me da promessa que me fizera. Quando, por volta das 2h, fui solicitado a tentar mais uma vez, apesar de todos os protestos, o oficial irado, acordado de um sono de poucas horas, despejou em mim todo o vocabulário do tombadilho superior em tempos de crise. Churchill, ouvindo uma falação constante, supôs que no mínimo um cruzador inimigo fora afundado. Tomou o fone da minha mão e recebeu uma saraivada de expletivos pouco lisonjeiros que claramente o encantaram. Após ouvir por um ou dois minutos ele explicou que era apenas o primeiro-ministro e estava curioso por saber se havia alguma notícia.¹³

Churchill escreveu: “Aqueles que estão encarregados dos negócios de Estado supremos devem se postar nos topos das montanhas do controle; não

devem nunca descer aos vales da ação física e pessoal direta.” No entanto, logo depois de ser feito *premier* em 1940, ele avisou também ao seu *staff* que “uma administração eficiente e bem-sucedida manifesta-se tanto em grandes questões quanto em pequenas”. Em suas primeiras semanas como primeiro-ministro, chegou a dar ordens sobre o tamanho da bandeira hasteada na fachada do Almirantado. “Churchill examina meticulosamente cada documento que tem alguma relação com a guerra e não se poupa o trabalho de indagar sobre o ponto mais trivial”, escreveu um de seus secretários particulares. Dava ordens sobre coelhos, instruções para que a indústria do uísque não fosse afetada e chegava a alterar os codinomes de operações militares individuais.

Hitler também se envolvia com as minúcias da condução da guerra, tendo em certa altura proibido pessoalmente as corridas de cavalo em Berlim, mas havia uma diferença decisiva entre ele e Churchill: as ordens do Führer eram quase todas emitidas por seu secretário particular, Martin Bormann, e não assinadas por ele. O próprio Hitler quase nunca redigia algo, o que lhe permitia negar sua responsabilidade se as coisas dessem errado, ou se fossem infames demais para serem vinculadas diretamente a ele. “Nunca ponha por escrito uma ordem que pode ser dada verbalmente” era a sua máxima. Isso lhe permitia (e a seus apologistas, embora com igual falta de credibilidade) negar sua responsabilidade por seus crimes, inclusive o próprio Holocausto.

Por outro lado, Churchill não tinha nenhum problema em assumir responsabilidade. De fato, em 21 de abril de 1944, ele declarou à Câmara dos Comuns: “Não tenho nenhuma intenção de passar o resto de meus anos explicando, desdizendo e menos ainda desculpando-me por coisa alguma que disse no passado.” No ano seguinte foi mais longe, dizendo: “Se sou acusado desse erro, posso apenas falar como M. Clemenceau numa célebre ocasião: ‘Talvez eu tenha cometido vários erros de que os senhores não tiveram conhecimento.’” Quando a Segunda Guerra Mundial foi deflagrada, Churchill já se acostumara havia muito à censura, até à calúnia, e já desenvolvera uma carapaça de rinoceronte para críticas. Qualquer pessoa que tivesse voltado à política ativa depois da debacle de Gallipoli precisava ser paquidérmica. Como ele escreveu em relação a um outro assunto em *My Early Life*, “Todos jogaram a culpa em mim. Percebi que quase sempre o fazem. Suponho que é por pensarem que serei o mais capaz de suportá-la.”

Churchill não entendia, é claro, por que devia arcar com culpa desnecessariamente. Em contraste com Hitler, preferia, na verdade, que as

coisas fossem postas no papel. Como sua mulher Clementine aconselhou ao general sir Louis Spears: “Ele muitas vezes não escuta, ou não ouve se está pensando em alguma outra coisa. Mas irá sempre considerar cuidadosamente um papel em todas as suas implicações. Nunca se esquece de nada que vê por escrito.” A mensagem devia ser breve, porém, e inteiramente relevante. Em julho de 1940, Churchill emitiu o seguinte memorando para o secretariado do Gabinete de Guerra e em grande parte observou-o durante toda a guerra: “Que fique muito claro e entendido que todas as ordens emanadas de mim são dadas por escrito, ou serão confirmadas por escrito imediatamente depois, e que não aceito responsabilidade por questões referentes à defesa nacional em que se considera que tomei decisões, a menos que elas estejam registradas por escrito.”¹⁴

Como o alto servidor público lorde Normanbrook lembrou, esse memorando produziu um efeito profundo e imediato: “Até então primeiros-ministros que desejavam obter informação ou oferecer conselho a um colega o haviam feito por carta — o mais das vezes por correspondência transmitida em seu nome por secretários particulares. Agora, ministros recebiam mensagens diretas e pessoais, geralmente comprimidas num único *in quarto* e enunciada numa linguagem que mostrava, sem deixar margem para dúvidas, serem aquelas as palavras do próprio primeiro-ministro.”¹⁵ Memorandos desse tipo eram geralmente escritos no início e no fim de cada dia.

Churchill foi um dos primeiros líderes políticos modernos a reconhecer o valor da estatística e da análise quantitativa. Designou um amigo, o professor Lindemann, como chefe de seu serviço de estatística. Este reunia cerca de 20 pessoas, entre as quais economistas, ao menos um cientista, funcionários públicos e o cortejo usual de datilógrafos para produzir os relatórios. Logo o serviço se provou de valor inestimável para Churchill, que sabia usar bem os dados. “Não pense em desenvolver uma argumentação em defesa de um ponto de vista particular”, escreveu. “Tenhamos antes os fatos frios.”

Consciente de ser uma criatura inusitada, Churchill quis também assegurar que fosse permitido a pessoas fora do comum prosperar nos serviços militar e civil. Poucas semanas após tornar-se primeiro-ministro, escreveu numa carta a Anthony Eden, ocupante do cargo recém-criado de secretário de Estado para a Guerra: “Queremos pessoas empreendedoras, e não tipos convencionais.” Cerca de seis meses depois, escreveu ao marechal-de-campo sir John Dill: “Não podemos nos dar ao luxo de restringir designações no Exército a pessoas que não despertaram nenhum comentário hostil em suas

carreiras... Chegou a hora de experimentar todos os homens de força e vigor e de não nos limitarmos apenas aos que são julgados absolutamente seguros por padrões convencionais.” Em consequência, pessoas que fugiam por completo a esses padrões, como o meio louco Orde Wingate, o homossexual Alan Turing e os acadêmicos excêntricos de Bletchley Park tiveram a oportunidade de dar suas relevantes contribuições para o esforço de guerra. Churchill acreditava em usar o talento onde quer que o pudesse encontrar, mesmo que isso significasse procurar além do âmbito dos costumeiramente qualificados. Numa carta a sir John Dill sobre o brilhante mas nada convencional general-de-divisão Percy Hobart, Churchill escreveu: “Não são só os bons rapazes que ajudam a ganhar guerras. São os dissimulados e os desprezíveis também.”

O melhor exemplo das nomeações inusitadas de Churchill foi promover seu amigo lorde Beaverbrook a ministro da Produção de Aeronaves em maio de 1940, sabendo que a ameaça de invasão só poderia ser repelida pela supremacia aérea. “The Beaver” era um barão da imprensa canadense; como se suspeitava de que ganhara seu dinheiro por meios inescrupulosos, tinha uma reputação controversa, mas fora ministro da Informação na Grande Guerra e sua condição de proprietário do grupo de jornais *Express* fazia dele uma potência no país.

Churchill era um expoente do que os gurus da administração chamam hoje “MBWA” — *management by walking about* — ou gerenciamento com envolvimento. Visitava constantemente fábricas, silos de armas, torres de refletores e assim por diante. Logo depois de se tornar primeiro-ministro, foi ao Comando de Caças para ver por si mesmo do que precisavam. O marechal-do-ar sir Hugh Dowding disse-lhe estar extremamente necessitado de recursos extras — pilotos, capacidade de defesa noturna, mas acima de tudo de maior número de aviões. O problema mais grave, como Churchill logo descobriu, era a escassez de caças. Churchill começou a mudar essa situação dando total apoio a Beaverbrook. Chegou mesmo a nomeá-lo membro do Conselho Privado, desconsiderando as objeções do rei e de outros.

Felizmente, Beaverbrook logo se provou de extrema eficiência. Usava técnicas opressivas, muitas vezes intimidantes para conseguir o que queria e a produção de aeronaves logo aumentou significativamente sob sua incitação agressiva. Foram retirados recursos dos aviões de bombardeio e ele simplificou processos burocráticos para conseguir pelo menos um aumento

em curto prazo da produção de caças. Seu famoso pedido às donas de casa de panelas e frigideiras para serem fundidos contribuiu muito para elevar a consciência e o moral do povo, ainda que pouco do metal produzido tenha sido de fato aproveitado em aviões.

Na reunião de 3 de junho, sir Archibald Sinclair, o novo ministro da Força Aérea, relatou que a Grã-Bretanha estava com um número perigosamente reduzido de pilotos. Durante o mês de maio, a produção de caças fora decisiva, mas agora o número de pilotos, tanto quanto o de aviões, tornara-se uma questão vital. Churchill disse a Sinclair que, durante uma visita a Hendon, percebera grande número de pilotos abancados atrás de escrivaninhas. “Faça uma limpa completa!” ordenou-lhe no autêntico tom de um diretor executivo moderno. “Mantenha-me informado.”

Na altura de meados de agosto Sinclair havia conseguido mais pilotos para acrescentar “aos Poucos” de antes; foi ajudado por Churchill, ignorando as queixas da Real Marinha, a ceder ao marechal-do-ar Dowding pilotos tomados do Fleet Air Arm, a aviação naval britânica. O resultado da liderança de Churchill foi que o número total de pilotos de caça cresceu apesar das perdas constantes. Os alemães, por outro lado, não fizeram nenhuma alteração. A cúpula da Luftwaffe permanecia letárgica; em agosto, Göring chegou a sair para caçar e se divertir com seu pessoal.

No dia 15 de setembro Churchill, visitou o quartel-general do Grupo II do Comando de Caças no que veio a ser, por coincidência, o dia decisivo da batalha da Inglaterra. De lá ele observou a batalha aérea crucial desencadeada e testemunhou a gloriosa vitória da RAF. O sucesso daquele dia significou que a invasão efetivamente não era mais possível. No dia 17 de setembro Hitler decidiu adiar a “Operação Leão-Marinho” por tempo indeterminado, embora o cancelamento da invasão só tenha sido oficializado no dia 12 de outubro, pretensamente até a primavera seguinte. Em julho de 1941 a operação foi de novo adiada por Hitler até a primavera de 1942, “altura em que a campanha russa estará completada”. O que de fato ocorreu foi que, no dia 13 de fevereiro de 1942, o almirante Raeder teve sua reunião final sobre o “Leão-Marinho” e levou Hitler a concordar com uma “retirada” completa. Churchill, porém, compreendendo que a percepção de uma ameaça permitia forjar um compromisso nacional mais forte e era o meio perfeito para manter a nação atenta e unida, continuou a alertar de uma possível invasão, mesmo depois que mensagens decodificadas pelo projeto Ultra^b o haviam informado de que o verdadeiro perigo passara.

Se os alemães tivessem feito a invasão, e se a longa história da soberania da Grã-Bretanha tivesse sido encerrada em 1940, isso teria acontecido em Neasden, no norte de Londres. Era lá que se localizava o *bunker* para onde Churchill e outros ministros graduados do governo deveriam se deslocar na eventualidade de uma tomada do centro de Londres pelos alemães, e era ali que Churchill teria lutado até o fim. Em suas próprias palavras: “Se a longa história dessa nossa ilha deve finalmente terminar, que termine apenas quando cada um de nós estiver caído no chão, sufocado no próprio sangue.” Como ele escreveu sobre a morte do corajoso presidente Molara em *Savrola*: “Muitas vezes acontece que, quando os homens se convencem de que têm de morrer, um desejo de se conduzir bem e de deixar o palco da vida com dignidade sobrepuja todas as outras sensações.”¹⁶ Assim poderia ter sido com Churchill. Mesmo que a família real, as reservas de ouro da Grã-Bretanha e a Real Marinha tivessem se retirado para continuar a luta a partir de Ottawa, no Canadá, Churchill estava particularmente decidido a pôr fim em tudo aquilo na capital da nação. (Se isso lhe teria sido possível caso o evento ocorresse, é, decerto, uma outra questão, sendo impossível prever as exigências de um cenário real de pós-invasão e considerando-se que um primeiro-ministro vivo no Canadá teria sido muito mais útil para a causa que um morto em Neasden.) A família real tinha uma série de residências magníficas — entre as quais Madresfield Court, Worcestershire — nas quais teria se abrigado em sua trajetória rumo ao norte para embarcar na Escócia, e é difícil acreditar que Churchill não teria se deixado convencer a participar também da fuga, especialmente caso isso lhe fosse ordenado pelo rei. Todos esses planos, é claro, eram mantidos sob rigoroso sigilo, porque o propósito primordial do governo no verão de 1940 era opor-se a qualquer derrotismo, que solapara tão profundamente a vontade dos aliados continentais de continuar a luta.

Derrotar o derrotismo

No meio da retirada de Dunquerque em maio de 1940, Churchill distribuiu a todos os membros do Gabinete e autoridades um memorando que dizia: “Nesses dias sombrios o primeiro-ministro ficaria agradecido se todos os seus colegas no governo, bem como as autoridades, mantivessem um moral elevado em seus círculos; não minimizando a gravidade dos acontecimentos, mas mostrando confiança em nossa capacidade e na decisão inflexível de

levar a guerra adiante até que tenhamos quebrado a determinação do inimigo de submeter toda a Europa a seu domínio.”

Extinguir o derrotismo, ou, pior ainda, a suposta Quinta Coluna pró-nazista que se supunha estar operando dentro da Grã-Bretanha, era uma missão fundamental para Churchill quando tentava conduzir a nação em 1940. Em seu discurso pós-Dunquerque ele declarou: “O Parlamento nos deu poderes para reprimir com mão forte as atividades da Quinta Coluna, e faremos uso desses poderes, sujeitos à supervisão e a emendas da Câmara, sem a mais ligeira hesitação, até que estejamos convencidos de que essa malignidade em nosso meio foi extinta do modo eficaz”. Um dos lugares em que isso ocorreu foi em Ham Common, Richmond, onde, em 1940-41, uma base secreta da agência de segurança MI5 chamada Latchmere House foi usada para aprisionar os 40 principais suspeitos de espionagem para o inimigo e cujo interrogatório se deu mediante métodos expressamente proibidos pela Convenção de Genebra. Embora pouco se conheça sobre esse lugar sombrio — porque os arquivos do serviço secreto sobre o assunto são mantidos sob sete chaves até hoje —, sabemos que foi lá que a MI5 desmascarou pela primeira vez e depois “converteu” aqueles que acreditava estar trabalhando para os alemães, com uma taxa de sucesso quase total.

O processo de reação ao derrotismo em outras partes do país foi levado a cabo com um excesso por vezes absurdo de eficiência, tendo pessoas comuns presas simplesmente por se queixar dos preços nas filas do pão. Chegou-se até a transformar em infração o ato de desencorajar a crença do povo na vitória.¹⁷ Em 1940 o crítico literário Cyril Connolly foi preso num hotel em Oxford pela polícia militar porque “parecia muito interessado” na conversa de oficiais britânicos perto dele. Seu passaporte emitido em Viena e o cargo de editor de uma revista literária levaram a uma investigação por nada menos que oito policiais, e ele só foi liberado depois de provar que havia freqüentado tanto Eton quanto o Balliol College.¹⁸ Um homem de Leicestershire pegou uma pena de dois anos de cadeia por dizer num *pub* que “não conseguia ver como poderíamos ganhar a guerra”. Na realidade, porém, isso era algo que tampouco o primeiro-ministro conseguia ver; em 1940, ele se viu compelido até a afirmar que os povos dominados pela Alemanha se ergueriam contra ela se o inverno fosse rigoroso.

Em meados de junho de 1940, durante a Queda da França, Churchill se dirigiu ao povo pelo rádio, dizendo: “Temos certeza que no fim tudo dará certo.” Com Hitler na posição de senhor do continente europeu de Varsóvia a

Brest e de Narvik a Nápoles, com o pacto de não-agressão selado pela Alemanha com a Rússia ainda vigorando, com a Itália em guerra contra a Grã-Bretanha, e com os nazistas tendo engolido 11 nações independentes em dois anos, Churchill estava reduzido à posição de Mr. Micawber em *David Copperfield* de Charles Dickens, que esperava contra a esperança que “alguma coisa acontecesse”. Em 18 de junho de 1940, no que se tornou conhecido como o discurso da “Hora mais gloriosa”, Churchill tentou estabelecer os fundamentos sobre os quais, nas suas palavras, havia “boas e razoáveis esperanças de vitória final”. Mas, além de dizer que os primeiros-ministros dos domínios haviam aprovado a decisão de seguir lutando, e que os franceses poderiam continuar a resistir — o que eles de maneira geral não fizeram —, ele permanecia sem nenhum tipo de receita racional para a vitória, a despeito do tom magnífico de sua linguagem. Afirmou que, na luta homem a homem no ar, os pilotos britânicos eram superiores aos alemães e que os Estados Unidos logo enviariam enormes quantidades de suprimentos e munições; mas essas eram no máximo razões por que a Grã-Bretanha poderia conseguir sobreviver, não explicações sobre como seria possível desembarcar, no continente da Europa, um exército que tomaria Berlim, derrubaria Hitler e ganharia a guerra.

Churchill chegou mesmo a acenar com a possibilidade de que a Alemanha viesse a desmoronar de modo súbito e inexplicável, em razão da simples superioridade do moral britânico, citando o que, segundo ele, teria acontecido em 1918: “Durante aquela guerra perguntávamo-nos repetidamente: ‘Como venceremos?’ E ninguém era capaz de responder a isso com muita clareza, até que, no fim, de maneira totalmente repentina, totalmente inesperada, nosso terrível adversário desabou diante de nós, e ficamos tão saciados com a vitória que, em nossa estupidez, a jogamos fora.” Uma derrocada súbita e inesperada do moral alemão não era um plano de guerra plausível. O que Churchill sabia era que o Império Britânico não poderia derrotar a Alemanha por si só; precisava desesperadamente de aliados.

Em busca de aliados

Mesmo antes de se tornar primeiro-ministro, Churchill alimentara a esperança de arrastar os relutantes Estados Unidos para a guerra. Depois de um almoço com ele em outubro de 1939, o embaixador Joseph Kennedy confidenciou a

seu diário: “Simplesmente não confio nele. Quase me deu a impressão de que estaria pronto a explodir a embaixada americana e jogar a culpa nos alemães se isso pudesse pôr os Estados Unidos na guerra.” Churchill compreendeu, antes de qualquer outra pessoa do governo durante a guerra, especialmente depois da Queda da França, que a ajuda americana seria vital, e iniciou um esforço orquestrado de formação de coalizão antes mesmo de se tornar primeiro-ministro e apesar do anglóphobo embaixador americano. As propostas que fez aos Estados Unidos culminaram num discurso na Mansion House a 20 de novembro de 1941, em que prometeu: “Se os Estados Unidos viessem a se envolver em uma guerra com o Japão, a declaração britânica seguiria em menos de uma hora.”

Hitler, em contraposição, subestimava por completo a importância de alianças. Tinha um lado pragmático, como o provou o Pacto de Não-Agressão com a União Soviética de 1939, mas esse pacto sempre foi visto apenas como uma medida de curto prazo. Segundo revelou em *Mein Kampf*, “considerações táticas são relevantes”. Uma década depois, ao discutir a necessidade da Alemanha pelo *Lebensraum*, disse: “Isso não significa que me recusarei a trilhar parte do caminho com os russos, se isso nos ajudar... Mas o faria com o único objetivo de retornar mais rapidamente a nossos verdadeiros fins.”¹⁹ A idéia de permanecer fiel aos termos de um tratado assim que ele deixasse de lhe ser vantajoso era totalmente alheia ao modo de pensar de Hitler. Seu objetivo ideológico de conquistar espaço vital para a Alemanha no leste pesava muito mais que as considerações morais ou legais de seres inferiores.

Assim como subestimavam a importância de alianças, os nazistas só manifestavam desprezo por acordos internacionais. Tratados, para eles, na expressão tipicamente escatológica de Göring, “valiam tanto quanto papel higiênico”. Em geral, Hitler deixava de consultar seus aliados sobre seus passos seguintes. Não só rompeu o pacto com a União Soviética, abrindo assim uma guerra em duas frentes, como deixou de informar seus aliados — os italianos e os japoneses — sobre seus planos para a “Operação Barba-Roxa”. Tratava a Itália com particular desdém, como um parceiro inferior cujos desejos podiam ser facilmente ignorados. Como disse daquele país: “Mussolini pode ser um romano, mas seu povo é de italianos.” Não espanta, portanto, que Mussolini tenha decidido, em suas próprias palavras, “pagar Hitler em sua própria moeda” quando atacou a Grécia apenas três semanas após ter sido aconselhado por Hitler a não o fazer em seu encontro no passo

de Brenner em 4 de outubro de 1940. É possível que isso tenha tido um efeito funesto sobre a “Operação Barba-Roxa”. Como a ofensiva grega de Mussolini foi um fracasso total, Hitler foi forçado a ocupar a Iugoslávia em abril de 1941 para ir em auxílio à Itália. Foi mais uma campanha relâmpago, terminada em seis semanas, mas provavelmente ela ajudou a adiar a invasão da União Soviética. O quanto essas seis semanas de primavera eram vitais tornou-se claro quando se viu que, tivesse tido um pouco mais de tempo, o exército alemão teria conseguido chegar a Moscou antes do início do inverno russo.

Na primavera de 1941, Hitler deixou também de informar seu outro aliado, o Japão, acerca da invasão iminente da Rússia. De fato, confundiu os japoneses deliberadamente dizendo-lhes: “A Rússia não será atacada enquanto mantiver uma atitude amistosa em conformidade com o tratado”.²⁰ Tivesse Hitler consultado os japoneses antes da invasão alemã, poderia talvez tê-los persuadido a invadir a Rússia simultaneamente. Na guerra civil russa, forças japonesas haviam lutado na Sibéria, e um ataque a partir do leste, para coincidir com o ataque de Hitler no Ocidente, poderia ter sido devastador para o moral russo. O que de fato ocorreu foi que, em setembro de 1941, o Alto Comando japonês decidiu adiar qualquer ação militar contra a União Soviética para depois, três meses mais tarde, atacar Pearl Harbor sem avisar os alemães, levando os Estados Unidos a entrar na guerra. Assim, o fracasso de Hitler na formação de uma coalizão deu origem, de certa forma, ao sonho estratégico de Churchill de uma “Grande Aliança” entre o Império Britânico, os Estados Unidos e a União Soviética. A impressionante mestria diplomática de Roosevelt assegurou a adoção de uma política aparentemente ilógica de “a Alemanha primeiro”, e com isso o destino de Hitler foi praticamente selado.

É claro que, durante toda sua vida pública, desde 1917, Churchill partilhara o desprezo de Hitler pela ditadura comunista na União Soviética. De fato, desde a época de *Savrola*, publicado duas décadas antes da revolução, o principal vilão do romance era Karl Kreutze, um revolucionário socialista. Churchill havia liderado a convocação de uma intervenção armada contra os bolcheviques após 1918 e algumas das mais notáveis filípicas de sua carreira tinham sido dirigidas contra os soviéticos, que nelas eram chamados de “cobras mortíferas”, “frios, calculistas, cruéis, pacientes”, “o que há de mais baixo” e até “a besta sem nome”. Churchill não permitiu, entretanto, que nenhuma dessas idéias do passado o influenciassem contra a oportunidade de unir forças com a União Soviética depois que Hitler invadiu a URSS com

uma *Blitzkrieg*.

No dia 22 de junho de 1941, Churchill informou o povo britânico sobre a “Operação Barba-Roxa” com as palavras: “Às 4h desta manhã Hitler atacou e invadiu a Rússia. Todas as suas formalidades usuais de perfídia foram observadas com técnica escrupulosa.” Continuando, formulou a diretriz segundo a qual: “Todo homem ou Estado que lute contra o nazismo terá nosso apoio. Todo homem ou Estado que marche com Hitler é nosso inimigo.” Estava disposto, portanto, a subordinar seus preconceitos ideológicos à causa maior. Para seu secretário particular Jock Colville ele havia chegado mesmo a comentar, na noite anterior ao ataque: “Se Hitler invadissem o Inferno [eu] faria pelo menos uma referência favorável ao Diabo.”²¹ Churchill foi capaz de ceder: primeiro fazendo concessões aos americanos, depois fazendo uma aliança com seu antigo inimigo ideológico, Josef Stálin. Essa disposição à conciliação em prol do bem maior é uma característica da liderança inspirada.

Falando da corte que fez aos americanos, Churchill disse uma vez a Colville: “Nenhum amante jamais perscrutou cada capricho de sua amada como eu o fiz com os do presidente Roosevelt.” Em 1941, quando uma nova edição de seu livro de 1937 *Great Contemporaries* foi lançada, Churchill incluiu nele um artigo elogioso que escrevera sobre Franklin D. Roosevelt em 1934, dizendo sobre sua presidência: “É certo que Franklin Roosevelt estará entre os maiores homens que ocuparam aquela eminente posição. Sua generosa comisseração pelo humilde, seu intenso desejo de maior aproximação à justiça social, conferem-lhe um lugar elevado entre os grandes filantropos. Sua serenidade combinada com a diligência em momentos de crise identificam-no com famosos homens de ação.”²² Mais tarde naquele ano, descreveu Roosevelt para o Parlamento canadense em Ottawa como: “Aquele grande homem a quem o destino assinalou para esse clímax da ventura humana.”

Esse intenso desejo de lisonjear e encantar os americanos, e em especial o líder deles, foi notado por Harold Ickes, ministro de Roosevelt, que comentou que Churchill teria festejado Harry Hopkins, amigo e representante pessoal do presidente, mesmo que este estivesse transportando a peste bubônica.²³ Churchill era também capaz, no entanto, de fazer as ameaças mais sutis. Considere-se a redação da mensagem que enviou a Roosevelt através da embaixada americana em Londres no dia 15 de junho de 1950, pedindo a intervenção americana antes que a França capitulasse.

Embora o atual governo e eu pessoalmente jamais deixaríamos de enviar a frota através do Atlântico se a resistência estivesse derrotada aqui, é possível que se chegue a um ponto na luta em que os ministros atuais deixem de ter o controle da situação e em que as ilhas britânicas poderiam obter condições muito confortáveis tornando-se um Estado vassalo do império de Hitler. Um governo pró-germânico seria certamente instituído para fazer as pazes e poderia apresentar a uma nação despedaçada ou faminta uma razão quase irresistível para uma inteira submissão ao arbítrio nazista. O destino da frota britânica... seria decisivo para o futuro dos Estados Unidos porque, se ela fosse somada às frotas do Japão, da França e da Itália e aos grandes recursos da indústria alemã, Hitler teria em suas mãos um poder naval avassalador. Ele poderia, é claro, usá-lo com misericordiosa moderação. Mas poderia também não o fazer. Essa revolução no poder naval pode ocorrer muito rapidamente e com certeza muito antes que os Estados Unidos tenham condições de se preparar contra ela. Se afundarmos, o senhor poderá ter os Estados Unidos da Europa sob comando nazista, muito mais numeroso, muito mais forte e muito mais bem armado que o do novo [mundo].²⁴

Por mais que os políticos declarem não raciocinar com hipóteses, de fato os que eram conscienciosos tinham de lidar todo o tempo com possibilidades futuras alternativas, e Roosevelt não era uma exceção. “Após ler isso”, escreveu seu leal conselheiro Henry Morgenthau num memorando ao presidente, “a menos que façamos alguma coisa para dar aos ingleses os contratorpedeiros adicionais, parece-me absolutamente inútil esperar que eles continuem”. O resultado foi o acordo mediante o qual os Estados Unidos deram 50 contratorpedeiros à Grã-Bretanha em troca de arrendamentos por 99 anos de várias bases militares no hemisfério ocidental. Como se vê, os métodos de Churchill em relação aos americanos nem sempre eram tão suaves e untuosos como seus detratores tendem a pintar.

Com o avanço da guerra, Churchill teve de admitir que a estratégia militar global estava sendo cada vez mais dominada por seus parceiros, os americanos e os russos, cuja contribuição em termos de homens, dinheiro e quantidades de material bélico era muito maior que a da Grã-Bretanha. Por um longo período em 1942 e 1943 Churchill alimentou a arriscada idéia de “tomar a Europa a partir do sudeste” através dos vales dos rios dos Bálcãs.

Embora o chefe do estado-maior imperial, marechal-de-campo lorde Alanbrooke visse essa aventura como pouco mais do que uma fantasia, Churchill a considerava uma alternativa realista — e até preferível — à “Operação Overlord”, a planejada libertação da França através do canal da Mancha. Os americanos tinham a mesma avaliação de Alanbrooke e Churchill, rendendo-se finalmente a essa visão, abandonou a idéia. Havia um intercâmbio constante entre Churchill e os chefes do estado-maior, sobre os quais ele disse em janeiro de 1944: “Eles podem dizer que eu os levo pelo mau caminho, mas a cada curva descobriram frutas deliciosas e hortaliças sadias.”

À medida que a guerra prosseguia, Churchill constatava que seu papel era cada vez mais o de aconselhar, e não de liderar — e muito menos controlar — Washington e Moscou. É uma posição a que Hitler talvez jamais tivesse se adaptado; enquanto Churchill era um tirano amador, ocasional, Hitler só teria podido ser um tirano em tempo integral. “Que nação pequena somos”, foi a observação de Churchill a respeito da Conferência de Teerã com Roosevelt e Stálin em novembro-dezembro de 1943. “Lá estava eu com o enorme urso russo de um lado ... e do outro o enorme búfalo americano, e entre os dois o pobre burrinho inglês.” Apesar de tudo, o burro desenvolveu um meio eficaz de manter sua influência sobre a condução da guerra. Era o mesmo método que os oficiais do *staff* de Churchill usavam contra ele quando queriam adiar uma de suas maquinações favoritas ou dissuadi-lo de um plano que julgavam impraticável — concordavam em princípio no início e depois tentavam afogar a idéia num mar de objeções ponderadas.

Depois da guerra, Dwight Eisenhower, o ex-comandante supremo aliado disse sobre Churchill:

Passava maus momentos tentando resistir a seus argumentos. Mais de uma vez ele me forçou a reexaminar minhas próprias premissas para me convencer de novo de que eu estava certo — ou aceitar sua solução. Mas se a decisão lhe era contrária, aceitava-a de bom grado, e fazia tudo o que estava em seu poder para sustentá-la com a ação apropriada. Liderança por persuasão e aceitação sincera da decisão contrária são ambos elementos fundamentais da democracia.

Churchill usava todas as armas dialéticas e emocionais possíveis para assegurar que as decisões não fossem contra ele. Segundo o diretor da

Inteligência Naval, almirante Godfrey, entre elas estavam “persuasão, raiva real ou simulada, zombaria, afronta, explosões, caçada, escárnio, insulto e lágrimas”. Era preciso um homem duro, como era sem dúvida o marechal-de-campo lorde Alanbrooke, para suportar esses métodos e muitas vezes superá-los.

O triunfo da vontade

Reconhecendo que muitas das vitórias de Hitler tinham resultado da maior força de vontade do ditador, Churchill resolveu mostrar que sua força de vontade era igualmente grande. Em sua emissão radiofônica de 14 de julho de 1940, declarou:

Posso compreender facilmente que observadores solidários do outro lado do Atlântico, ou amigos ansiosos nos países da Europa ainda não violentados, sem condições de avaliar nossos recursos ou nossa firmeza de propósito, possam ter temido por nossa sobrevivência quando viram tantos Estados e reinos despedaçados em poucas semanas, ou mesmo dias, pela força monstruosa da máquina de guerra nazista. Mas Hitler ainda não foi confrontado por uma grande nação com uma força de vontade com o poder da sua.

Churchill sabia que parte do papel do líder é convencer o povo que lidera de que tem a força de vontade necessária para moldar os acontecimentos, e não ser meramente arrastado por eles. O hábito de projetar seu maxilar saliente, quase numa caricatura de um buldogue, enfatizava isso. De certa maneira, ele conseguia também transformar sua bengala, que em qualquer outro idoso poderia parecer um sinal de enfermidade, num poderoso símbolo de desafio, como o demonstra de maneira eloqüente sua estátua na Parliament Square de Londres, da autoria de Ivor Roberts-Jones. Ele usava sua linguagem corporal para transmitir a mesma mensagem que sua linguagem verbal.

Durante 1940 e a primeira metade de 1941, embora regularmente superestimasse de modo deliberado as chances de vitória, Churchill nunca subestimou os perigos e as dificuldades. Essa posição fez dele o objeto de um grau de confiança nunca visto antes na política. Quando o perigo era real, como durante a batalha da Inglaterra no final do verão de 1940, o primeiro-

ministro parecia quase saborear a longa lista de reveses que se abateram sobre a Grã-Bretanha desde que assumira o cargo. Só um líder em circunstâncias extraordinárias teria podido transformar em verdadeira virtude semelhante série de catástrofes. Num discurso que fez a 20 de agosto de 1940 ele informou:

Bem mais de um quarto de ano se passou desde que o novo governo chegou ao poder neste país. Que catarata de desastres desabou sobre nós desde então! O confiante holandês esmagado; seu amado e respeitado soberano compelido ao exílio; a pacífica cidade de Rotterdam como palco de um massacre mais abominável e brutal que qualquer coisa na Guerra dos Trinta Anos; a Bélgica invadida e destruída; nossa excelente Força Expedicionária, que o rei Leopoldo chamou em seu socorro, detida e quase capturada, tendo parecido escapar quase por milagre e com a perda de todo o seu equipamento; nosso aliado, a França, fora de combate; a Itália contra nós; a França toda em poder do inimigo, todos os seus arsenais e grandes quantidades de material militar convertidos ou conversíveis ao uso do inimigo; um governo fantoche estabelecido em Vichy que a qualquer momento pode ser forçado a se tornar nosso inimigo; a costa oeste da Europa, desde o cabo Norte até a fronteira espanhola em mãos alemãs; todos os portos, todos os aeroportos nessa imensa frente usados contra nós como trampolins para a invasão. Ademais, o poder aéreo alemão, numericamente tão superior ao nosso, foi trazido para tão perto de nossas ilhas que o que antes tínhamos enormemente tornou-se realidade e os bombardeiros hostis não só chegam às nossas costas em poucos minutos e de várias direções, como podem ser escoltados por seus aviões de caça.

Era uma ladainha aterradora, mas Churchill conseguia de algum modo converter o próprio horror da situação numa estranha espécie de virtude. A alegação de que a Alemanha conquistara suas vitórias mediante surpresa, mentiras e trapaças voltava à tona regularmente em seus discursos, mas agora ele parecia estar sustentando que os britânicos, até então crédulos, estavam concebendo seus próprios métodos torpes, e a absoluta superioridade moral os levaria à vitória. Mais uma vez, isso podia parecer inteiramente ilógico no contexto da guerra moderna, mas Churchill compreendia que, tanto quanto de pura coragem física, armas e munições, era de coragem moral que os

britânicos precisavam em 1940, e aplicava todas as suas habilidades de liderança à missão de lhes fornecer essa coragem. Ele talvez não fosse o homem certo para levar a Grã-Bretanha à paz em 1945, ou para liderá-la novamente na década de 1950, mas suas técnicas de liderança foram eficazes em persuadir os britânicos a perseverar nos 13 meses cruciais entre a queda da França e a invasão da Rússia por Hitler. Em grande parte, isso foi se deve à total firmeza de propósito, e há certa ironia no título que Leni Riefenstahl escolheu para seu filme sobre Hitler, *O triunfo da vontade*, já que, no fim das contas, foi a vontade de Churchill que triunfou.

O uso da tensão criativa: Churchill e Alanbrooke

“Este livro não deve ser publicado em nenhuma circunstância”, escreveu o marechal-de-campo lorde Alanbrooke na primeira página de seu diário da guerra, e é fácil entender por quê.²⁵ Como o “mestre da estratégia”, o homem a quem Churchill implorara para ser o soldado de mais alta patente da Grã-Bretanha, Alanbrooke foi o repositório de todos os mais importantes segredos de guerra. Mesmo quando foram publicados em 1957, como parte de uma autobiografia de Alanbrooke, os apontamentos do diário foram fortemente censurados, tanto por razões de segurança nacional quanto por temor de antagonizar figuras poderosas como o então presidente americano Dwight Eisenhower e os antigos primeiros-ministros Winston Churchill e Anthony Eden e o atual, Harold Macmillan.

Em 2001 eles foram publicados na íntegra pela primeira vez, e embora havia muito tempo não fosse segredo que Alanbrooke nem sempre concordava com Churchill em assuntos estratégicos, só então ficou patente que, durante grande parte da guerra, ele mal conseguia suportar trabalhar com o primeiro-ministro. (Churchill, por outro lado, parece não ter dirigido nenhuma malevolência recíproca a Alanbrooke.)

A influência de Alanbrooke na estratégia global dificilmente pode ser superestimada. Foi ele, mais até do que Churchill ou o Gabinete de Guerra, que planejou os estágios pelos quais a Alemanha nazista seria derrotada. Foi ele que formulou a seqüência decisiva da África do Norte, Itália e Normandia como caminho a seguir rumo a Berlim. Ficou claro que Alanbrooke — antes considerado o militar de alta patente tipicamente duro, sem senso de humor — era também um homem apaixonado, propenso a acessos de depressão e

euforia, e também de fúria contra muitos dos homens com quem tinha de trabalhar, em especial os generais Marshall, Eisenhower e Patton, e contra boa parte do *establishment* político e militar britânico.

A abordagem meticulosa de Alanbrooke não raro entrava em choque com aquela mais aventureira que ocorria naturalmente a Churchill. Era a dicotomia entre o jogador de xadrez e o de pôquer. Apesar disso, por muito que possa ter discordado deles, Churchill jamais desautorizou seus chefes do estado-maior. A sombra do desastre de Gallipoli na Grande Guerra ainda pairava sobre ele, e era prudente o bastante para não se fiar mais em seu gênio impulsivo do que nos argumentos lógicos de Alanbrooke. Por sua vez, Alanbrooke considerava seu dever impedir Churchill de envolver a Grã-Bretanha numa outra Gallipoli, missão em que foi bem-sucedido ao cancelar os planos de Churchill para um ataque aos Bálcãs em 1943 e à Sumatra em 1944.

Embora os memorandos do Comitê dos Chefes do Estado-Maior no Departamento de Registros Públicos forneçam as linhas gerais e factuais do que era discutido e convencionado nas reuniões, os diários de Alanbrooke recheiam a história e registram as brigas explosivas que se desenvolviam entre os jogadores-chave. Longe de serem as figuras impassíveis, olímpicas, que a propaganda de guerra mostra, Churchill e o Alto Comando britânico por vezes se desesperavam, sem saber que passo dar em seguida, e mergulhavam em discussões duras sobre o modo como a guerra devia ser conduzida.

Enquanto Churchill era romântico, impetuoso e inspirador, o chefe do estado-maior imperial era cauteloso, pessimista, inflexível e comedido. Ambos eram homens combativos, determinados, compulsivos e ansiosos por dominar. A tensão pessoal entre eles acabou por trabalhar a favor da Grã-Bretanha, assegurando que a estratégia mais ampla combinasse o gênio de Churchill com o profissionalismo de Alanbrooke. Era uma relação de trabalho difícil, muitas vezes exasperante que, não obstante, ajudou a vencer a Segunda Guerra Mundial, ainda que depois tenha malogrado.

“Brookie quer o melhor de dois mundos”, comentou Clementine Churchill quando a biografia dele foi publicada em 1957 e Churchill recebeu um exemplar com uma untuosa — e, nas circunstâncias, um tanto hipócrita — dedicatória. Como Montgomery disse ao autor do livro, o historiador sir Arthur Bryant, Churchill ficou “realmente irritadíssimo” com o livro, a

primeira rachadura no edifício de sua reputação durante a guerra. Teria ficado apoplético se tivesse lido o que Alanbrooke e Bryant já haviam expurgado dos diários.

É preciso lembrar, contudo, que muitas vezes Alanbrooke foi generoso com Churchill em seu diário, além de ter ressaltado regularmente que o escrevera em tempos de tremendo estresse, muitas vezes tarde da noite, e aquilo era uma maneira de descarregar a tensão e evitar assim de despejar sua irritação sobre seus colegas. Os diários, portanto, impediram brigas tão numerosas quanto as que documentaram. Nos principais debates estratégicos da guerra, e sobretudo no adiamento da Segunda Frente até junho de 1944, quando os Aliados estavam devidamente preparados, provou-se que Alanbrooke estava certo, e foi muita sorte que um homem admirável estivesse lá em vez de alguma figura mais fraca.

O que salvou Churchill desses desatinos militares potencialmente desastrosos foi que ele respeitava as pessoas que o enfrentavam sem medo e não douravam a pílula. De fato, cabe atribuir-lhe o grande mérito de ter nomeado Alanbrooke precisamente por saber que ele o enfrentaria, algo muito distante da prática padrão da política de hoje. Como o general americano George Patton disse uma vez: “Quando todos concordam, alguém não está pensando.” Até os melhores líderes fracassam quando não permitem a outros discordar deles; esse foi um erro que Churchill não cometeu.

Os diários de Alanbrooke foram uma válvula de escape para um soldado que trabalhava sob uma pressão política e militar sem paralelo na história. Quando quebrava mais um lápis ao meio com as palavras “primeiro-ministro, discordo redondamente”, ele estava cumprindo seu dever melhor que qualquer outro general aliado no serviço ativo. Parte da grandeza de Churchill reside no fato de ter nomeado Alanbrooke e, posteriormente, de ter aceitado, ainda que com relutância, o seu conselho.

Parte da autoconfiança implícita de Churchill decorria do fato de que, num de seus maiores choques com os chefes do estado-maior, sua ousadia provara-se correta. Foi uma decisão muito corajosa reforçar o Oriente Médio em julho de 1940, quando a batalha da Inglaterra ainda estava sendo disputada, implicando no envio de quase metade dos tanques disponíveis para além do cabo da Boa Esperança. O biógrafo de Churchill Roy Jenkins acredita que sem essa vitória notável sobre os chefes do estado-maior, “Talvez não se tivesse mantido o Egito em 1941/início de 1942, e o deserto

Ocidental talvez não tivesse sido o palco da primeira vitória decisiva da Grã-Bretanha em terra no final desse segundo ano”.²⁶ Compreensivelmente, isso levou Churchill a adotar uma postura mais beligerante do que teria em relação aos chefes do estado-maior.

Em consequência, foi-lhe ocasionalmente permitido prevalecer sobre o conselho mais cauteloso e prudente dos chefes. Como o historiador militar John Keegan escreveu:

Algumas de suas iniciativas resultaram em verdadeiro desastre, como sua insistência, contra o conselho americano, em invadir as ilhas gregas Dodecaneso em 1943. Ele cometeu também o erro militar fundamental de reforçar o fracasso, como na decisão de desembarcar a 18ª Divisão em Cingapura em 1942. Ela desembarcou no cativeiro japonês.²⁷

Adotando as táticas de adiamento e de obstrução velada de seu próprio *staff*, Churchill conseguiu adiar a “Operação Overlord” até 1944, embora Stálin estivesse pedindo uma segunda frente no Ocidente desde 1942 e Roosevelt pretendesse iniciar a invasão em 1943. Temendo as consequências desastrosas de uma invasão fracassada, Churchill insistiu na necessidade de enfraquecer suficientemente os alemães antes de se tentar uma operação através do canal da Mancha. Com astúcia, atraiu os americanos para ações diversionárias no Oriente Médio e na Itália, impedindo assim o início prematuro da “Overlord”. Em retrospecto, Churchill estava absolutamente certo. É mais do que duvidoso que uma invasão em 1943 pudesse ter tido êxito, e pode-se afirmar que o adiamento da “Overlord” — após o fortalecimento do propósito da Grã-Bretanha em 1940-41 — foi a contribuição isolada mais importante de Churchill para a vitória aliada.

Hitler fala de Churchill

“Foi muito esquisito o jeito como a Inglaterra se meteu nesta guerra”, disse Hitler a seus convidados no Berghof na noite de 18 de outubro de 1941. “O homem que conseguiu isso foi Churchill, aquele marionete dos judeus que puxam os cordões.”²⁸ Como não é de surpreender, Churchill vinha à baila na mesa de Hitler quase com a mesma frequência com que Hitler nos discursos de Churchill na Câmara dos Comuns, com acrimônia quase igual mas nem

uma partícula da graça. Na noite de 7 de janeiro de 1942 Hitler comentou com seus homens de confiança: “Nunca conheci um inglês que não falasse de Churchill com reprovação. Nem um só que não tenha dito que ele era louco.” Continuando, afirmou que Churchill estava a soldo dos Estados Unidos e que era “um jornalista grosseirão”. Em consequência disso, acreditava o Führer, “A oposição a Churchill está ganhando força na Inglaterra. Sua longa ausência [nos Estados Unidos] a provocou”. Em seguida previu que a Grã-Bretanha talvez saísse da guerra antes do fim. Cinco dias depois, na noite de 12 de janeiro de 1942, voltou ao assunto, dizendo: “Churchill é um homem com uma idéia política ultrapassada — a do equilíbrio de poder europeu. Ela não pertence mais à esfera da realidade. No entanto, foi por causa dessa superstição que Churchill instigou a entrada da Inglaterra na guerra. Quando Cingapura cair, Churchill cairá também; estou convencido disso. As idéias representadas por Churchill não são do interesse de ninguém, em suma, a não ser dos judeus.”

Antes que o mês terminasse, Hitler estava refletindo sobre como “a Inglaterra só pode ser viável caso se associe ao continente. Ela deve ser capaz de defender seus interesses imperiais dentro da estrutura de uma organização continental.” O momento ideal para isso ocorreria depois que o 8º Exército tivesse retomado Bengasi, o que se deu na véspera do Natal e que, na opinião de Hitler, restabeleceria o prestígio militar britânico, sendo portanto obviamente “o momento psicológico para pôr fim à guerra”. O principal problema continuava sendo Churchill, que “no fundo ainda estava pensando na Rússia”. Hitler não percebia que, caso a Rússia triunfasse sobre a Alemanha, a Europa ficaria imediatamente sob a hegemonia de uma grande potência.²⁹

Essa preocupação com seu adversário estava se transformando numa espécie de obsessão, pois, passadas apenas 48 horas, ao meio-dia de 2 de fevereiro, Hitler retornou ao assunto, opinando que “Churchill é como um animal encurralado. Deve estar vendo ciladas em toda parte. Se o Parlamento lhe der maiores poderes, suas razões para estar desconfiado persistirão. Ele está na mesma situação que Robespierre nas vésperas de sua queda. Somente louvores eram dirigidos ao virtuoso cidadão, quando de repente a situação se inverteu. Ninguém mais apóia Churchill.” Quatro dias depois o Führer previu isto: “Dia virá, durante uma sessão secreta [da Câmara dos Comuns], em que Churchill será acusado de trair os interesses do Império... muitos de seus opositores já estão deixando escapar vários comentários desabonadores.”

Tentou então uma piada bastante pesada: “Os ingleses não tirarão nada deste caso a não ser uma lição amarga e um olho roxo. Se no futuro fabricarem menos uísque, isso não fará nenhum mal a ninguém — a começar por eles mesmos. Não nos esqueçamos, afinal de contas, de que eles devem tudo o que está acontecendo a um homem, Churchill.”

Cingapura caiu no dia 15 de fevereiro de 1942, o que levou Hitler a um ódio ainda mais intenso, especialmente depois que ficou claro que Churchill não seria afastado por causa disso. Num jantar com Rommel três noites depois, Hitler disse: “Churchill é o protótipo do jornalista corrupto. Não há prostituta pior na política. Ele próprio escreveu que é inimaginável o que pode ser feito na guerra com a ajuda de mentiras. É uma criatura totalmente imoral, repulsiva. Estou convencido de que tem um refúgio preparado do outro lado do Atlântico. Obviamente não buscará abrigo no Canadá. Lá ele levaria uma surra. Vai para junto de seus amigos, os ianques.” Na noite seguinte, tendo Speer e o marechal-de-campo Erhard Mich como convidados, Hitler discutiu o terrível inverno russo que se abatera sobre os exércitos alemães no Leste: “Sempre detestei a neve; você sabe, Borman, que sempre a detestei. Agora sei por quê. Era um pressentimento”.

Churchill achava que Hitler certamente não precisava de um pressentimento para saber da probabilidade de nevascas intensas na Rússia durante o inverno. Num discurso pelo rádio no dia 10 de maio de 1942, fez a seguinte zombaria:

Depois Hitler cometeu seu segundo grande desatino. Esqueceu-se do inverno russo. Há inverno na Rússia, sabiam? Por muitos meses a temperatura tende a ficar muito baixa. Há neve, geada e tudo mais. Hitler esqueceu-se do inverno russo. Deve ter recebido uma educação muito desleixada. Todos nós ouvimos falar dessa estação na escola; mas ele esqueceu isso. Nunca cometi um erro tão crasso como esse.

Quatro dias depois que Hitler atacou a Rússia, Churchill qualificou-o numa transmissão radiofônica como “Um monstro de perversidade, insaciável em sua ânsia de sangue e pilhagem”.

No final de março de 1942 os britânicos ainda não tinham derrubado Churchill, mas Hitler estava começando a temer que Stafford Cripps pudesse substituí-lo. Isso levou a uma espantosa explosão do Führer: “Prefiro o porco indisciplinado que, a cada 24 horas passa oito bêbado, ao puritano. Um

homem que gasta de maneira extravagante, um homem de idade que bebe e fuma sem moderação, é obviamente menos temível que o bolchevique de poltrona que leva uma vida de asceta. De Churchill podemos enfim esperar que, num momento de lucidez — isso não é impossível —, compreenda que o império está caminhando inevitavelmente para sua ruína se a guerra durar mais dois ou três anos.” Que tributo para Stafford Cripps que Hitler o odiasse e temesse ainda mais que a Winston Churchill, e que ilusão de Hitler acreditar que Churchill jamais se disporia a fazer as pazes com a Alemanha depois de tudo o que acontecera, mesmo que fosse para salvar o império.

Na altura de 27 de junho de 1942, Hitler elaborara um plano de fato extraordinário para descobrir as intenções dos britânicos. Durante uma fala bombástica sobre o longo tempo que Churchill e Roosevelt estavam dedicando a negociação — do que concluiu que os dois provavelmente haviam se desentendido — o Führer disse: “O problema de longe o mais interessante do momento é, que irá a Grã-Bretanha fazer agora?” Acreditava que o trabalho de encontrar a resposta pertencia ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, sediado na Wilhelmstrasse, acrescentando: “A melhor maneira de conseguir isso seria por meio de um pequeno flerte com a filha de Churchill. Mas nosso Ministério da Relações Exteriores, e em particular seus galantes diplomatas, consideram tais métodos abaixo de sua dignidade, e não estão dispostos a fazer esse agradável sacrifício, ainda que o sucesso pudesse provavelmente salvar as vidas de incontáveis oficiais e homens alemães!”³⁰

Como exatamente, em plena Segunda Guerra Mundial, mesmo os mais “galantes” dos diplomatas alemães teriam conseguido infiltrar-se no Serviço Territorial Auxiliar e empreender a sedução da mais jovem das três filhas de Churchill — como Sarah e Diana eram casadas, é de se presumir que ele tivesse em mente Mary, então com 19 anos — nunca foi explicado. O pendor de Hitler para manipulações claramente não se estendia às do tipo amoroso. O Führer estava também manifestando uma tocante ilusão de solteirão de que um pai confia à filha os detalhes da condução principal da guerra. (Lady Soames garantiu-me ter toda certeza de que nenhuma operação “cupido” desse tipo foi armada contra ela.)

Na noite de 1º de julho de 1942, Hitler, que continuava alimentando esperanças de que Churchill fosse ser derrubado por um golpe interno, declarou a seus convidados: “Para Churchill e seus defensores, a perda do Egito deve gerar inevitavelmente temores de um considerável fortalecimento

da oposição popular. Não deveríamos perder de vista o fato de que já há 21 membros do Parlamento opondo-se abertamente a Churchill.” Sua precisão foi demonstrada quando, já no dia seguinte, numa moção de censura na Câmara dos Comuns, enquanto Rommel levava o 8º Exército de volta a El Alamein, o governo de Churchill ganhou por 475 votos a 25. “Nunca fiz previsão alguma”, disse o primeiro-ministro aos parlamentares, “exceto dizer coisas como Cingapura vai resistir. Que tolo e patife eu teria sido dizendo que ela cairia!”

Hitler voltou a mencionar Churchill uma semana depois, no dia 9 de julho, ao defender a razoável idéia de que era errado “retratar seu opositor da maneira como Churchill retratara Rommel. O mero nome começa de repente a adquirir um valor igual ao das várias divisões. Imaginem o que aconteceria se passássemos a pôr o Timoshenko [o general do Exército Vermelho] nas alturas; nossos soldados acabariam por vê-lo como um super-homem.” Em retrospecto, é difícil discordar da idéia de Hitler de que a mitificação de Rommel como “a Raposa do Deserto” foi um imenso erro de propaganda da parte dos Aliados.

Durante a visita de Churchill a Stálin em agosto de 1942, Hitler tentou novamente perscrutar a mente de seu antagonista: “Penso que Churchill estava esperando algum desdobramento importante e foi a Moscou na esperança de retornar com o prestígio do autor de uma grande façanha. Eles tinham tido algum projeto importante em vista, estou convencido: do contrário, por que teriam mandado a frota mediterrânea para o mar?” Evidentemente, é parte do dever de um líder tentar compreender o que a oposição está pensando, mas Hitler partia de idéias preconcebidas e de equívocos tão negativos acerca de Churchill — que era bêbado, quase senil, e agia “sob as ordens de seus pagadores judeus” — que não tinha nenhuma possibilidade real de sucesso. “Churchill, a prostituta velha e gasta do jornalismo”, esbravejou no dia 29 de agosto de 1942, “é um porco sem princípios. Uma leitura atenta de suas memórias prova isso; nelas ele se desnuda diante do público. Deus ajude uma nação que aceita a liderança de uma Coisa como essa!”³¹

Churchill fala de Hitler

As críticas de Churchill a Hitler eram, como seria de esperar de tal mestre do

escárnio parlamentar, muito menos ignóbeis e exibiam uma compreensão do caráter de Hitler que absolutamente não tinha correspondência. Em sua atividade jornalística, ele fez várias referências positivas a Hitler na época em que os nazistas pareciam um baluarte contra o comunismo alemão, culminando, em 1935, com a observação: “Os que se encontraram com Hitler face a face num evento público ou socialmente depararam-se com uma autoridade competentíssima, um homem calmo, bem-informado e de maneiras afáveis, com um sorriso que desarma, e poucos deixaram de ser afetados por um sutil magnetismo pessoal.” (Churchill teve a coragem moral de manter essa frase na reimpressão de *Great Contemporaries* feita em 1941.) Nessa obra ele escreveu também sobre Hitler: “Foi ele que exorcizou o espírito de desespero da mente alemã substituindo-o pelo não menos maléfico, mas muito menos mórbido, espírito de vingança.” Quatro décadas antes, em *Savrola*, Churchill descrevera o repulsivo secretário particular Miguel, uma espécie de Iago proveniente das “regiões infernais” assim: “Era pequeno, moreno e muito feio, com um rosto enrugado pela idade e pela vida entre quatro paredes. Sua palidez ressaltava ainda mais por contraste com seu cabelo e o bigode curto, ambos daquele negror arroxeado que a natureza é incapaz de alcançar.”³²

Foi do início a meados da década de 1930 que Churchill compreendeu — muito antes de qualquer outra figura importante na política britânica — que Hitler poderia se transformar numa ameaça ainda maior que os comunistas. Na altura de junho de 1939 ele estava indagando:

Ele explodirá o mundo ou não? O mundo é algo muito pesado para se explodir! Um homem extraordinário no auge do poder pode promover uma grande explosão, e ainda assim o mundo civilizado pode permanecer inabalado. Os enormes fragmentos e estilhaços da explosão podem cair estrondosamente sobre sua própria cabeça e destruí-lo... mas o mundo continuará.

Pouco antes da deflagração da guerra, em 20 de agosto de 1939, Churchill estava pintando com seu professor Paul Maze, e enquanto trabalhava junto a seu cavalete fazia comentários esporádicos sobre os tamanhos e as forças relativas dos exércitos alemão e francês. “Eles são fortes, ouça o que estou dizendo, são fortes”, disse, antes de cerrar o maxilar, mostrando a Maze a determinação férrea de sua vontade. “Ah, mas com tudo isso, vamos apanhá-

los.”³³

Churchill tinha muita prática de tentar se pôr na posição de seu inimigo no intuito de adivinhar suas intenções, em especial nos jogos de guerra disputados no Almirantado. Chegara até a assistir, a convite do kaiser Guilherme II, às manobras do Exército alemão antes da Grande Guerra. Assim, no dia 30 de junho de 1940, num encontro em Chequers com o general sir Andrew Thorne para discutir uma possível invasão alemã da Grã-Bretanha, Churchill tentou pôr-se no lugar do Führer, dizendo estar “inclinado a pensar que houvera necessidade de alterar os planos de Hitler: H. não pode ter previsto a derrocada da França e deve ter planejado sua estratégia de invasão na suposição de que os exércitos franceses estariam resistindo no Somme, ou pelo menos no Sena, e que as Forças Expedicionárias Britânicas ou os estariam auxiliando, ou teriam sido completamente destruídas.” Por isso Churchill não aceitava a teoria de que Hitler era um estrategista consumado que traçara planos para a invasão da Grã-Bretanha após nocautear a França numa campanha de seis semanas.

Estava certo: Hitler não cogitara seriamente de uma invasão das ilhas britânicas e só ordenara ao pessoal de planejamento do OKW que elaborasse propostas detalhadas para “Leão-Marinheiro” em setembro, quando já estava tarde demais para a operação. O general Thorne saiu do encontro de Chequers com uma idéia surpreendente, dizendo a Colville: “Winston era mais vital para este país do que Hitler para a Alemanha, porque o primeiro era único e insubstituível enquanto o segundo implantara uma escola de líderes.” Diante do que Colville fez “o comentário óbvio”: “Hitler pode ser um cabo autodidata e Winston pode ser um estudioso perfeito de táticas, mas no fim das contas a Alemanha está organizada como uma máquina de guerra e a Inglaterra mal compreendeu o significado de uma guerra moderna.”³⁴

Churchill gostava de personificar a luta em todas as oportunidades, chamando Hitler “Aquele Homem” e declarando em certa altura, acerca de uma das propostas de paz do Führer: “Não pretendo dizer coisa alguma em resposta ao discurso de *Herr* Hitler, já que nós não nos damos.” Um elemento-chave de suas táticas era a total demonização de Adolf Hitler, a quem — diferentemente do que fazia com Rommel — não atribuía nenhuma qualidade compensadora. “Ele está tramando e trabalhando, por toda espécie de meios astuciosos e selvagens, para extinguir para sempre a fonte da cultura francesa característica e da inspiração francesa para o mundo”, disse Churchill sobre Hitler numa fala pelo rádio ao povo da França em 21 de

outubro de 1940. “Jamais acreditarei que a alma da França está morta.”

Churchill apreciava o uso de imagens fortes ao descrever Hitler, como em seu discurso na Câmara dos Comuns em 9 de abril de 1941, depois que um golpe de Estado derrubara o governo pró-Eixo na Iugoslávia: “Uma jibóia que, depois de ter coberto sua presa com sua saliva asquerosa, tivesse-a subitamente arrancada de seus anéis, estaria num humor cordial se comparada a Hitler.” Churchill concentrava-se na pessoa de Hitler quando procurava formar uma imagem do inimigo para si mesmo e para outros; era uma imagem que nunca deixava de suscitar sua ira eloqüente e ilimitada.

Em Chequers no dia 2 de maio de 1941, quando as notícias da guerra eram terríveis e, segundo o registro de Colville, o primeiro-ministro estava “mais desalentado do que jamais o vi”, Churchill esboçou para Averell Harriman, o general Hastings “Pug” Ismay e seu secretário particular Colville um mundo “em que Hitler dominasse toda a Europa, a Ásia e a África”. Com essa disposição *ad hominem* em face do seu inimigo, chegou a imaginar um Oriente Médio em que Suez estaria perdido e “a nova ordem robô de Hitler dominasse”. “Com Hitler no controle do petróleo iraquiano e do trigo ucraniano, nem toda a perseverança da [população britânica] reduzirá o suplício.” Quando estava nessa magniloqüência sombria, todas as vezes em que o uso das palavras “nazistas”, “Reich” e “alemães” teria se justificado, Churchill se concentrava na pessoa de Adolf Hitler. (É claro que talvez estivesse enfatizando esse futuro característico de um pesadelo, na verdade, para convencer Harriman, o enviado de Roosevelt, da necessidade de ajuda imediata e generosa.)

No dia seguinte, numa mensagem pelo rádio ao povo polonês, Churchill voltou a falar de Hitler e do modo como “a cada semana seus pelotões de fuzilamento estão ocupados numa dúzia de terras. Segunda-feira ele fuzila holandeses; terça-feira, noruegueses; quarta-feira, franceses ou belgas se postam contra o muro; quinta-feira são os tchecos que devem sofrer; e agora há os sérvios e os gregos para completar sua repulsiva lista de execuções. Mas sempre, todos os dias, há os poloneses.”

Na véspera do dia em que Hitler invadiu a Rússia, Churchill — que sabia que isso ia acontecer por mensagens decifradas pela Inteligência e havia advertido os russos, mas fora ignorado — foi provocado por Jock Colville quando caminhavam pelo gramado em Chequers depois do jantar. Zombando, Colville disse que o apoio que ele oferecera à URSS era uma

completa reviravolta para um anticomunista tão obstinado. Churchill respondeu que “tinha apenas um único propósito — a destruição de Hitler — e que sua vida ficava muito simplificada com isso.” Certamente ficava; enquanto Hitler lutava por uma Nova Europa livre de judeus, com *Lebensraum* no leste e domínio germânico perpétuo dos povos eslavos, Churchill pôde — pelo menos até pouco antes do fim da guerra — concentrar-se na única tarefa de aniquilá-lo.

Isso envolvia, é claro, o perigo de supersimplificações grosseiras ocasionais ou de coisa pior, como quando ele disse à Câmara dos Comuns no dia 2 de agosto de 1944: “Os exércitos russos encontram-se agora diante das portas de Varsóvia. Eles trazem nas mãos a libertação da Polônia. Oferecem liberdade, soberania e independência aos poloneses.” O Exército Vermelho estava de fato parado do lado de fora das portas de Varsóvia, mas estava esperando cinicamente que a revolta dentro da cidade fosse esmagada pela Wehrmacht antes de entrar; quando o fizeram, não ofereceram à Polônia nem liberdade nem soberania, muito menos independência. Sua idéia fixa na destruição de Hitler permitiu a Churchill fazer concessões até quanto à questão pela qual, pretensamente, a Grã-Bretanha entrara na guerra.

Se Churchill desprezava Hitler sob o ponto de vista pessoal e retórico, isso não significa que o subestimasse politicamente. No dia 5 de janeiro de 1944, hospedado numa *villa* no Mamounia Hotel em Marraquesh, ele fez uma votação no jantar: estaria Hitler ainda no poder na Alemanha no dia 3 de setembro daquele ano, o quinto aniversário da deflagração da guerra? Sete pessoas em volta da mesa, entre as quais o médico de Churchill, lorde Moran, e o líder tcheco Eduard Benes votaram não. Quatro votaram sim, incluindo lorde Beaverbrook, Colville e o próprio primeiro-ministro.

Quando chegaram as notícias da morte de Hitler, Churchill fez precisamente o comentário que seria de esperar de um homem que admirava a coragem pessoal acima de todas as outras virtudes. Na terça feira, 1º de maio de 1945, no meio do jantar, Colville levou-lhe uma cópia do anúncio que estava sendo veiculado pela rádio alemã. Ele dizia: “Hitler foi morto hoje em seu posto na Chancelaria do Reich em Berlim ... lutando contra o bolchevismo até seu último suspiro.” O comentário de Churchill foi: “Bem, devo dizer que ele estava totalmente correto ao morrer assim”, ao que Beaverbrook respondeu que aquilo não passava de propaganda nazista, e que era que ele não o fizera.³⁵ Embora Beaverbrook estivesse certo, ao conceder a seu inimigo o benefício da dúvida dessa maneira, num momento como

aquele, Churchill mostrou sua grande generosidade de espírito. (Como se soube depois, os nazistas haviam retido o anúncio para que coincidissem com o 1º de maio, uma data importante no calendário alemão.)

Sete anos depois, em maio de 1952 e de volta a Chequers como primeiro-ministro, Churchill viu-se crivado de perguntas por Montgomery quando caminhavam pela colina acima da casa, abrindo caminho entre as pessoas que faziam piqueniques. De que forma o primeiro-ministro definiria um grande homem, perguntou o marechal-de-campo (provavelmente querendo arrancar um elogio): “Hitler era grande?” “Não”, respondeu Churchill, “cometeu erros demais.” Passaram então a discutir quem poderia ser classificado como grande, tendo Churchill aceitado plenamente as credenciais de Jesus Cristo porque, entre outras razões, “o Sermão da Montanha foi a última palavra em ética”. Na visão de Churchill, portanto, eram os erros de Hitler e não sua perversidade inata que o desqualificavam para o galardão da grandeza. Afinal, ele o incluía entre seus *Great Contemporaries* em 1937, mas isso fora antes que Hitler começasse a cometer aqueles erros pelos quais Churchill veio a desprezá-lo. Churchill também cometera erros, mas, como um grande líder — e ao contrário de Hitler —, aprendera com eles.

O uso de inteligência secreta

Churchill sem dúvida aprendera com o fracasso da campanha norueguesa. Uma de suas primeiras providências como primeiro-ministro foi assegurar que seria inteirado das últimas e mais importantes informações secretas. Não contente com ler resumos e estimativas, desejou examinar pessoalmente as decodificações não editadas das mensagens mais importantes. Quase todos os dias da guerra, “C”, o chefe do Serviço de Informações Secretas, enviava para o Número Dez uma caixa creme contendo uma seleção dos tópicos mais relevantes. Esses dados “Ultra” eram resultado do sucesso dos poloneses em capturar uma máquina de codificação Enigma e do pessoal de Bletchley Park em decifrar o código militar alemão.

Um bom exemplo da capacidade de Churchill de manter a mente aberta e tentar abordagens não convencionais pode ser encontrado em seu amor a operações especiais. Nada era suficientemente esquisito para deixar de ser considerado pelo primeiro-ministro na guerra contra o nazismo. Churchill sempre teve uma queda especial pelo que chamava de operações “divertidas”;

durante a vida toda foi fascinado por arapongas e códigos, espionagem e mistério. O apelo da guerra não-ortodoxa se ajustava bem com sua idéia estratégica geral para a Grã-Bretanha em tempo de guerra: que um engajamento militar continental direto, em grande escala, custaria mais em termos de vida e recursos que a tomada de um caminho mais indireto.

Essa havia sido a razão básica por trás da aventura Gallipoli na Primeira Guerra Mundial, e continuaria a ser a razão por trás da campanha italiana e das campanhas propostas para os Bálcãs, no chamado “calcanhar-de-aquiles da Europa” na Segunda Guerra Mundial. No intervalo entre as guerras, Churchill foi um fervoroso partidário da teoria de que o dinheiro gasto com espionagem e no confronto de informações raramente era desperdiçado. Em 1909 ele colaborou para a criação da MI5 e cinco anos depois, às vésperas da Grande Guerra, redigiu o documento que instituiu a operação do Almirantado de deciframento, com o codinome Sala 40.

Desde a década de 1890, quando estava subordinado ao Ministério das Relações Exteriores na condição de subalterno na Índia, posteriormente ao trabalhar como correspondente de guerra em Cuba e até em seu serviço ativo atrás das linhas na Guerra dos Bôeres, Churchill cultivou suas ligações com a Inteligência britânica. Usou-a de maneira inspirada na Guerra Civil Russa e na guerra dos submarinos a partir de 1914-15 e até durante a Greve Geral. Depois da Segunda Guerra Mundial, continuou a ser um jogador entusiástico do grande jogo da informação sigilosa, antes de passar a apreciar seu uso na Guerra Fria.

Os estreitos vínculos de Churchill com o Serviço de Informações britânico lhe deram condições de montar uma rede particular de espionagem que lhe foi muito útil durante seus anos de ostracismo.³⁶ Durante a guerra, usando um agente secreto chamado Alan Hillgarth, ele conseguiu também que vários dos generais mais graduados de Franco se deixassem subornar para assegurar a neutralidade espanhola. Lorde Halifax tendia a achar desagradável, nas palavras dele, “enfiar-lhes envelopes nos campos de golfe”, mas Churchill se via como agindo simplesmente na grande tradição britânica do suborno, que remontava à diplomacia do século XVIII.

Churchill assegurou que somente 31 pessoas soubessem que os Aliados tinham decifrado o código Enigma, dando ao fato o codinome “Boniface” para induzir o inimigo a pensar que todas as informações provinham de um único agente (necessariamente de nível muito alto). O sigilo foi tamanho que

uma das pessoas não-informadas sobre o “Ultra” foi Hugh Dalton — o diretor da Executiva de Operações Especiais, a quem Churchill dera ordem de “Incendiar a Europa!”.

“Em tempo de guerra”, disse Stálin primeiro e Churchill logo depois, “a verdade é tão preciosa que deveria ser sempre acompanhada por uma guarda de mentiras”. O órgão criado para mentir profissionalmente pela Grã-Bretanha foi a Executiva Política de Guerra (PWE, Political Warfare Executive). O autor descobriu recentemente, numa casa em Cambridgeshire, um esconderijo de papéis, documentos e fotos inéditos da PWE que lançam uma luz nova e fascinante sobre o modo como os Aliados planejaram criar o caos na Europa no momento dos desembarques do Dia D em junho de 1944. Esse arquivo rico e até agora não utilizado revela uma curiosa mistura de ingenuidade e impiedade que caracterizou a PWE ao longo de toda a sua existência, de 1938 a 1945.

Os papéis são os de David Garnett, conservados por seu filho Richard em Hilton Hall, Huntingdon.³⁷ Em 1945 Garnett, ex-diretor de treinamento da PWE, foi solicitado pelo ministro das Relações Exteriores Ernest Bevin a escrever a história secreta da contribuição dada pela Executiva ao esforço de guerra para uso na Guerra Fria em caso de necessidade. O resultado foi tão franco — realmente difamatório — sobre tantas figuras de destaque no governo e nas forças armadas que foi distribuído para apenas quatro figuras, no Ministério da Guerra, no Almirantado, no Ministério da Força Aérea e no Ministério das Relações Exteriores, e em seguida rapidamente arquivado. Na capa do texto, lêem-se as palavras: “Este Documento é Propriedade do Governo de Sua Majestade. SECRETO. A ser mantido trancado. Roga-se que especial cuidado seja tomado para assegurar o sigilo deste documento.” Ele só veio a ser finalmente publicado em 2002, meio século depois de ter sido concluído.³⁸

À parte o livro de Garnett, há seus documentos particulares, que incluem sua correspondência com grande número de autoridades da PWE. Esta recobre vários aspectos do trabalho da organização não-incluídos na história secreta. Escrevendo livremente a ex-colegas sobre suas experiências de guerra, essas autoridades revelaram muitos segredos que de outro modo teriam ido para o túmulo com elas. Exatamente como no caso de suas organizações-irmãs secretas MI5, MI6, Bletchley Park e SOE, o código de *omertá* que envolveu o serviço da PWE durante a guerra foi tal que muitos de suas autoridades mais graduadas consideraram que seu dever de guardar

silêncio sobre as atividades da Executiva não terminara com a cessação das hostilidades em 1945.

A PWE foi fundada por ocasião da Crise de Munique em 1938 para conduzir a guerra de propaganda secreta contra a Alemanha, nas linhas usadas na Primeira Guerra Mundial. Seu propósito era abastecer os alemães de rumores desmoralizantes, por quaisquer meios que aparecessem. Em particular, propaganda radiofônica — que parecia ter origem na Alemanha mas estava de fato sendo transmitida da sede da PWE em Woburn Abbey — era usada para semear desinformação e informações falsas nos lares do inimigo nazista. Junto com sua análoga americana, o Departamento de Informação de Guerra (OWI), a PWE jogou nada menos de 265 milhões de folhetos sobre a Alemanha e transmitiu centenas de milhares de horas de todo tipo de propaganda, inclusive o francamente pornográfico, destinado a maximizar a audiência entre soldados rasos alemães. Espalhava também rumores falsos; assim, em 1940, divulgou que os britânicos haviam importado da Austrália e soltado no canal da Mancha 200 tubarões assassinos, para devorarem alemães cujas embarcações fossem afundadas na invasão.

Numa visão geral secreta do propósito da PWE, um alto oficial, o tenente-coronel R.L. Sedgwick, escreveu: “O quarto braço de combate, a Guerra Política, ataca a mente. As principais forças que emprega são os elementos insatisfeitos em países inimigos ou ocupados por inimigos. Engane seu inimigo, solape seu esforço de guerra, ganhe a guerra das idéias.” Isso devia ser feito por meio de “suborno de jornais, intriga por meio de mulheres, lisonjas pessoais, disseminação de dissensões internas; o pobre devia ser lançado contra o rico, o jovem contra o velho, o soldado contra o general.” Era preciso espalhar rumores para “enganar e intimidar o inimigo”.

Qualquer organização que recorresse aos talentos diversos mas inegáveis de um naipe como Noël Coward, Raymond Mortimer, Freya Stark, Denis Sefton Delmer, John Wheeler-Bennett, Robert Byron, sir Robert “Jock” Bruce Lockhart, E.H. Carr e Richard Crossman jamais poderia ter sido um lugar enfadonho em que se trabalhar, especialmente considerando a esquisitice de algumas das operações que concebiam. Como entender, por exemplo, o lançamento sobre a Alemanha de um grande número de pombos-correios mortos com mensagens presas nas patas, na esperança de induzir a Gestapo a pensar que um imenso movimento de resistência alemão estava em estreito contato com a Inteligência britânica? Falsificaram-se também

dezenas de milhares de talões de racionamento para criar confusão, e espalharam-se selos exibindo o rosto do Himmler, na esperança de que o povo se rebelasse contra a idéia de tê-lo como seu próximo Führer.

Sabemos pela autobiografia do chefe da unidade de contra-informação, o engenhoso ex-jornalista Denis Sefton Delmer, que grande número de arquivos da PWE foi destruído depois da guerra. A recém-divulgada *Secret History* [História secreta] de Garnett, juntamente com o arquivo proveniente de Hilton Hall permite-nos, mais de meio século após o fim da guerra, lançar mais luz do que nunca sobre o funcionamento dessa organização fascinante, dedicada, mas até agora muito obscura.

Foi proposto um “Manual de sabotagem”, com conselhos para aspirantes à resistência continente sobre maneiras de ajudar os Aliados no Dia D (ou “Hora Zero”, o codinome bastante transparente que recebeu). Algumas sugestões desse folheto eram absurdas e no estilo Heath Robinson, como: “Conselhos químicos. Laxantes fortes, odores perniciosos, sabores desagradáveis mas inofensivos para a água etc.” Outros atos de resistência sugeridos relativamente inofensivos eram chamar o corpo de bombeiros sem necessidade, “postar todas as cartas num dia e não postar absolutamente nenhuma no dia seguinte, preencher todos os formulários oficiais com erros fazer fila em estações ferroviárias para perguntar como chegar a alguma destinação inexistente ou quase desconhecida, telefonar para a delegacia para se queixar de gritos ouvidos na rua.” É difícil acreditar que coisas como essas teriam podido perturbar seriamente a Wehrmacht no Dia D.

Outras idéias produziram um transtorno muito maior para os alemães, como a instalação de barricadas simuladas, a reprodução com estênceis de falsas placas rodoviárias, a perfuração em massa de pneus de carros e caminhões e o corte de fios telefônicos de campanha. Por fim, havia orientações sobre a fabricação de bombas incendiárias e dicas sobre como decapitar motociclistas com um arame esticado entre árvores, o qual devia ser sempre “posto num declive de tal modo que, ao ser jogado de seu veículo, o motorista caia na valeta, onde não será visto pelo motociclista seguinte”.

Em dezembro de 1943 foi produzido em grande escala um cartão-postal que pretendia mostrar Adolf Hitler se masturbando, ou pelo menos segurando seu pênis ereto com um largo sorriso no rosto. Sob a imagem havia uma citação de seu discurso em Munique em novembro de 1942, cuja tradução é: “O que temos, seguramos.” Um folheto falso foi também produzido,

pretensamente pela OKW, denunciando essa contrafação, mas reproduzindo-a por inteiro, para maior deleite dos alemães antinazistas.

O diretor-geral da PWE traçou um plano para inundar a Alemanha com “uma quantidade de cédulas de marco alemão dez vezes maior que a existente em certas áreas — particularmente as de mineração, os Sudetos, a Áustria, etc. — deixando Berlim à míngua. Isso interromperá o trabalho em fábricas e minas, esvaziará os estoques de mercadorias nas lojas e produzirá o caos. Algumas partes da Alemanha consumirão os bens do resto.” Contudo, diante do temor de que os alemães retaliassem na mesma moeda, o diretor-geral da PWE propôs a medida acautelatória de “recolher nossas próprias cédulas em circulação e substituí-las por moedas”. Os custos e as complicações inimagináveis envolvidos na aplicação de tal plano asseguraram que ele nunca saísse do papel.

A entrevista de Garnett com o detetive da PWE, M. Berman, em 8 de janeiro de 1945, finalmente elucida o mistério sobre a verdadeira extensão da contribuição de Noel Coward para o esforço da guerra secreta: “O sr. Noel Coward foi o chefe do Departamento Francês [da PWE] em Paris. Era o elemento de ligação para a propaganda francesa. Lorde Moore e lorde Strathallan o auxiliavam.” Um documento “ultra-secreto” sem data, sem assinatura e sem cópia intitulado “Propostas para unir as ações da PWE e da SOE em apoio a uma invasão aliada da Europa ocupada” dava as diretrizes para o assassinato selecionado de traidores nas horas finais antes do Dia D:

Na maioria dos países há provavelmente um “núcleo irreduzível” de traidores tão comprometidos por suas traições que morrer lutando será sua única alternativa à força. Esse núcleo é potencialmente perigoso na própria Hora Zero e no que lhe diz respeito com relação a muitas das atividades que estão sendo planejadas por ou para patriotas, razão por que medidas especiais contra isso merecem ser contempladas. A liquidação planejada e antecipada, mesmo que num pequeno número de casos, seria obviamente da máxima importância.

Esses traidores, que poderiam ser “seqüestrados ou detidos” e depois “chantageados para se tornarem testemunhas de acusação” deveriam listar civis alemães (ou outros estrangeiros) proeminentes e suas funções; nomes de pessoas ou firmas a serviço do inimigo; depósitos de armas e sua localização; nomes de agentes e subagentes da Gestapo; planos do inimigo para a

eventualidade de uma retirada (i.e., política de terra arrasada); movimentos políticos secretamente apoiados pelos alemães, e assim por diante. Entre os indicados para empreender a “Operação Traidor do Rei” estava a improvável figura do futuro costureiro da família real, Hardy Amies.

Em agosto de 1941 o brigadeiro Ritchie Calder distribuiu um memorando “ultra-secreto” intitulado “Notas sobre a sabotagem de ferrovias”, em que entrou nos mínimos pormenores sobre as melhores maneiras de destruir trens inimigos. “Para assegurar resultados máximos um trem deve ser descarrilado num canal escavado numa encosta (não num aterro em que os destroços podem cair morro abaixo); num túnel (onde não há espaço para os guindastes); numa ponte (de modo que o trem despenque, danificando o parapeito); ou no gargalo de um pátio de manobras (de modo a bloquear todas as operações).” A remoção de cinco a dez dormentes na curva de uma linha férrea era o método que recomendava para a obtenção desse efeito. Havia outros conselhos sobre como estragar trilhos móveis, sinais, vagões e caixas de eixo — “remova todo o óleo com uma bomba de bicicleta ou derrame petróleo, parafina, água, areia, cinzas ou lama”.

Para celebrar o primeiro aniversário do Dia da Batalha da Inglaterra, a PWE pensou em convocar, para 15 de setembro de 1941, um “Dia da Tartaruga”, durante o qual os europeus desfeririam “um golpe pela liberdade andando devagar”. “Por que suar pelos alemães?”, assim seriam exortados. “Vá com calma. Se normalmente você leva um minuto para ir do banheiro à sua bancada, leve um minuto e meio. Se for ao correio comprar um selo, faça isso durar. Inicie uma conversa com o funcionário. Faça tudo tomar mais tempo do que geralmente toma.” Mais uma vez, é duvidoso que isso teria contribuído significativamente para pôr o Terceiro Reich de joelhos.

Na véspera do Dia D, A.J. Ayer, o filósofo de Oxford, servindo então junto ao Escritório de Investigação Interdepartamental em Baker Street, aprovou um folheto da PWE intitulado “Como viver uma vida clandestina” que sugeria maneiras de sobreviver fugindo da Gestapo. Entre suas orientações, estavam: “More no porão de um amigo, ou refugie-se na mata com um bando de fugitivos. Assuma um disfarce, invente uma história, escolha um nome comum — mas não comum demais —, escolha uma data falsa de nascimento e invente nomes para seus pais, aprenda a usar a sua memória, e evite comunicar-se com a sua família.”

Entre os papéis de Hilton Hall há uma cópia da carta “ultra-secreta” escrita

em janeiro de 1944 pelo ministro da Informação, Brendan Bracken, ao general Brooks, da PWE. Nela, atacando o Departamento de Informação de Guerra (OWI, Office of War Information) dos Estados Unidos, qualifica a diretoria desse órgão de “incompetente, dissimulada e irresponsável”. Num parágrafo dardejante, que se tivesse vindo a público teria certamente abalado as relações anglo-americanas, ele continuou:

Eles não têm nenhuma linha de ação consistente. O conteúdo de sua produção febril depende de considerações políticas americanas. O voto polonês, o voto báltico, o voto judaico e acima de tudo o voto alemão vão distorcer o que a polidez me obriga a chamar de a opinião deles. Suas ações absurdas acompanhadas por suas explicações gaguejadas lhes valeram o desdém da maioria dos jornais americanos. Por que deveríamos desperdiçar tempo valioso com essa organização decadente e desprezada? Eles vão fazê-lo espojar-se com eles na sujeira que criaram na América e querem reproduzir aqui.

Não surpreende que, após essa explosão, Brooks tenha passado a afastar a PWE do OWI, excluindo-o de sua grande operação seguinte, cujo codinome foi Operação Peruca. Esta foi um plano da PWE para fazer os alemães gastarem tempo e energia, fornecendo-lhes “provas” da presença de grande número de espiões aliados no próprio território da Alemanha nazista. Pára-quedas e outros equipamentos foram lançados, mensagens falsas foram transmitidas em código Morse antes e depois do noticiário da BBC, e, num código simples, feito para ser decifrado, foi enviada uma mensagem que dizia: “Vamos nos encontrar segunda-feira às 9h30 na 4ª fila da platéia do cine Ufa.” Como havia um cine Ufa em quase toda cidade alemã, esperava-se que isso ocupasse imensas quantidades de efetivos da Gestapo.

De 330 pombos vivos lançados sobre a Alemanha, cinco voaram de volta para casa com mensagens escritas pelos alemães que os haviam encontrado. Um que retornou em abril de 1945 trazia a seguinte mensagem: “Não há nenhum militar em nossa aldeia, Hellensen. Até onde sei, Lüdenscheid não será defendida porque há muitos hospitais na cidade. Os porcos do Partido [Nazista] fugiram todos, usando roupas civis. Também sou criador de pombos e lhes envio minhas saudações. Bom combate.” Como seria de esperar, não trazia assinatura.

Ninguém apreciava e apoiava mais esses métodos heterodoxos de fazer

guerra do que Churchill, que tinha uma mente incrivelmente inventiva. Um de seus projetos favoritos foi a criação, “para uso em águas nórdicas”, de “um dispositivo para transformar *icebergs*, adornados com massa de madeira congelada, em bases aéreas insubmergíveis”.³⁹ Seu codinome era “Habacuc”, tal qual o profeta bíblico que prometeu “uma obra que não acreditaríeis, se fosse contada”. Churchill testou a idéia em sua banheira; o modelo de um Habacuc foi também montado no lago Patricia no Canadá. Isso logo provou a total inviabilidade do projeto: para transformar um *iceberg* num porta-aviões do tamanho requerido teriam sido necessários oito mil homens trabalhando sob temperaturas árticas.

Outra idéia defendida por Churchill foi a de portos flutuantes, a serem usados sob o codinome “Mulberry”, na Operação Overlord, a planejada invasão da Normandia pelo mar. Mais uma vez, a banheira do primeiro-ministro foi usada para a prova. Mais tarde o general Ismay recordou a cena: “Churchill sentado num roupão multicolorido”, cercado por seus conselheiros, com um almirante sacudindo a água da banheira com as mãos para simular o efeito de ondas e um brigadeiro esticando uma bainha inflável através da água para mostrar como ela amortecia as ondas. Como Ismay refletiu, era “difícil acreditar que aquilo era o Alto Comando britânico estudando a mais estupenda e espetacular operação anfíbia da guerra.” Espantosamente, os portos Mulberry funcionaram e revelaram-se mais tarde uma importante contribuição para a Operação Overlord, tendo permitido aos Aliados escolher zonas de desembarque distantes das principais plataformas e fortificações alemãs.

Demissões

Além de não descartar idéias extravagantes, por mais inviáveis que possam parecer à primeira vista, uma outra regra-chave presente em guias de administração reza que um bom líder deve saber escolher as pessoas certas para os lugares certos. Mas isso é apenas meia verdade; é igualmente importante que os líderes saibam demitir as pessoas certas. Quando eles não conseguiam corresponder às suas expectativas, Churchill era capaz de ser rude até com grandes amigos. Bob Boothby, por exemplo, havia sido um dos mais leais aliados de Churchill na Câmara dos Comuns durante a luta antiapaziguamento, pelo que este, quando primeiro-ministro, o recompensou

inicialmente com o posto de subsecretário no Ministério dos Alimentos. Entretanto, quando pouco depois Boothby se envolveu numa história sórdida conhecida como “O caso do ouro tcheco”, Churchill descartou o velho amigo de maneira humilhante. Sugeriu a Boothby, em particular, que “ingressasse num pelotão de desativação de bombas” e declarou no Parlamento: “Há caminhos de serviço abertos em tempo de guerra que não estão abertos em tempo de paz; e alguns desses caminhos podem ser caminhos de honra.” Boothby ingressou devidamente numa esquadrilha de bombardeio da RAF, embora nunca tenha perdoado o amigo pela falta de apoio.

Outro amigo chegado, Alfred Duff Cooper, o único ministro que renunciou por causa do Acordo de Munique, foi nomeado ministro da Informação. Quando ficou claro que não era particularmente adequado para o cargo, Cooper caiu no desfavor da imprensa, que logo passou a atacá-lo com crescente agressividade. Essas críticas centravam-se no que os jornalistas chamavam os “Bisbilhoteiros de Cooper” — informantes governamentais que, segundo os jornalistas, tinham a incumbência de avaliar o estado do moral público e informar o Ministério dos resultados. O *Sunday Pictorial* promoveu uma “votação Duff Cooper” exibindo uma foto muito pouco lisonjeira dele e incluindo um cupom com os dizeres: “Ele ganha 5.000 libras por ano para ser ministro da Informação. Você acha que deve continuar no cargo?” Não foi necessária nenhuma votação desse tipo para mostrar a Churchill que seu amigo devia ser substituído, e Cooper foi despachado numa missão ao Extremo Oriente. Embora mais tarde Churchill o tenha nomeado para postos importantes, havia na verdade sacrificado um amigo a quem começara a ver como um risco político. Foi uma injustiça para com Duff Cooper, homem inteligentíssimo e talentoso, além de político de coragem, mas Churchill tinha de se preocupar primordialmente com os interesses de seu governo e por isso o amigo teve de sair.

Esse tipo de impiedade se dava com facilidade ainda maior quando seus alvos não eram amigos pessoais. O áspero tratamento dispensado ao rei Leopoldo III da Bélgica foi um bom exemplo. Churchill precisava de um bode expiatório para a derrota de 1940 no Ocidente, e a pessoa ideal era o monarca belga, que se rendera aos alemães no dia 28 de maio, o dia em que começou a retirada de Dunquerque. Churchill culpou Leopoldo pessoalmente pela rendição, declarando na Câmara dos Comuns em 4 de junho: “De repente, sem prévia consulta, com o mínimo alerta possível, sem o conselho de seus ministros e num ato pessoal, ele enviou um plenipotenciário ao

Comando Alemão, entregou seu exército e expôs nosso flanco e meios de retirada.”

A verdade, contudo, é que Churchill havia sido prevenido por seu amigo, almirante sir Roger Keyes, o oficial de ligação com o rei da Bélgica, e, segundo este, não havia feito objeção. Como Keyes mostrou em várias ocasiões:

Por ocasião de sua rendição, o Exército belga já perdera sua competência, estando à beira do completo colapso. O rei Leopoldo avisara várias vezes que suas tropas estavam no seu limite, e assinalara seu medo de uma catástrofe iminente. Estava acima de seu poder pedir conselho a seus ministros, pois estes haviam fugido do país no dia 25, após esforços baldados para convencer o rei a abandonar seu exército e acompanhá-los. O flanco leste da BEF (Força Expedicionária Britânica) já estava amplamente exposto antes da rendição e o comandante-em-chefe britânico [lorde Gort], compreendendo no dia 25 que os belgas estavam à beira do colapso, e que a única maneira de poupar a BEF era evacuá-la, abandonando o rei belga à sua sorte, iniciara a partir desse momento seus preparativos para resguardar seu caminho para o mar, embora sem comunicar suas intenções ao rei Leopoldo.

Quando ditada por razões de Estado, contudo, a transformação do rei em bode expiatório tornou-se uma necessidade política absoluta e Leopoldo passou o resto de sua vida à sombra da condenação leviana feita por Churchill na Câmara dos Comuns. Em 1947, Leopoldo não foi convidado para o casamento da princesa Elisabeth, praticamente o único excluído entre os membros de casas reais européias não-alemãs.

Outro exemplo da implacabilidade de Churchill nessa época foi sua ordem de que os feridos fossem as últimas pessoas a serem retiradas das praias de Dunquerque.⁴⁰ Isso fazia todo o sentido do ponto de vista militar, é claro, já que havia necessidade de homens saudáveis para defender a Grã-Bretanha e pensava-se de início que só seria possível repatriar 45.000 homens, mas de todo modo foi uma ordem extremamente cruel. O mesmo traço se manifestou quando ele obteve, em junho de 1940, permissão do Gabinete de Guerra para usar gás mostarda no sul da Irlanda caso os alemães desembarcassem lá, com o argumento de que, embora os membros das tropas de assalto fossem estar munidos de máscaras contra gases, provavelmente esse não seria o caso dos

milhares de cavalos que trariam consigo. O gás deveria ter sido usado também contra os alemães nas praias no sul da Inglaterra na eventualidade de uma invasão, com conseqüências incalculáveis não só para a população civil das cidades na costa sul como para os que moravam mais no interior, caso o vento soprasse naquela direção. Liderar é escolher, e por vezes as decisões que Churchill foi forçado a tomar eram capazes de causar calafrios.

Hitler, é claro, era no final das contas muito mais cruel que Churchill. Um exemplo horripilante foi a execução daqueles corajosos oficiais do exército que tinham tramado contra ele em 1944. Foram pendurados em ganchos na prisão Plötzensee em Berlim até morrerem estrangulados. Hitler ordenara: “Quero que morram pendurados, como carcaças de carne.” Alguns deles levaram até 20 minutos para asfixiar-se.

Mas enquanto isso mostra a faceta mais vingativa de Hitler, documentos encontrados no Bundesarchiv em Berlim — que por acaso foi a morada da divisão SS Leibstandarte, a qual fornecia a Escolta SS do Führer, sua guarda pessoal — revelam que ele era surpreendentemente capaz de perdoar os que lhe eram leais mas incorriam em delitos. Hitler gostava da companhia de homens que tinham, nas palavras de Albert Speer, “o rabo preso”. O Gauleiter Karl Hanke disse sobre ele: “É bom que os associados tenham falhas e saibam que o superior tem conhecimento delas. É por isso que o Führer troca tão raras vezes seus assistentes. Pois acha mais fácil trabalhar com eles. Quase todos têm o seu defeito; isso ajuda a mantê-los na linha.” Conduta imoral, ascendência judaica remota ou a filiação recente ao Partido, tudo isso contava como rabo preso.

Para os serviços que Hitler tinha em mente, em particular a empreitada da Solução Final, planejada na Conferência Wannsee em 20 de janeiro de 1942, era importante que seus acólitos mais graduados não fossem em absoluto homens íntegros. Albert Speer observou o talento de Hitler para avaliar os defeitos de personalidade de seus assistentes.

Ele conhecia os vícios e os desejos secretos dos homens, sabia o que eles consideravam ser suas virtudes, conhecia as ambições e os motivos ocultos por trás de seus amores e ódios, sabia onde podiam ser bajulados, onde eram crédulos, onde eram fortes e onde eram fracos; sabia tudo isso ... por instinto e sensibilidade, uma intuição que nunca o enganou nessas matérias.

O fato de desprezar tanto o próximo ajudou Hitler enormemente. Sabia que, nos crimes que cometeria, precisava de cúmplices moralmente comprometidos, malformados, absolutamente leais, e, quando encontrava um em que sabia poder confiar — como Bruno Gesche, o chefe de sua guarda pessoal — continuava agarrado a ele quando já o devia ter demitido há muito tempo.

Os arquivos do Partido Nazista e da SS sobre Gesche revelam que ele tinha um problema crônico de bebida. Em 1938 teve de prometer a Himmler que se absteria de álcool por três anos. Em 1942, contudo, Gesche voltou a se embriagar a tal ponto que sacou sua pistola para ameaçar um colega oficial da SS. Himmler impôs outros três anos de abstenção a Gesche e o enviou para a frente oriental. Os documentos do Bundesarchiv mostram que Hitler não desamparou seu antigo guarda-costas. Depois que foi ferido, Gesche — embora sendo um alcoólatra e representando uma vulnerabilidade — foi chamado de volta para ficar ao lado de Hitler, e não demorou a recair nos seus velhos hábitos. Em 20 de dezembro de 1944, Himmler escreveu-lhe:

1. O senhor voltou a ameaçar um camarada com uma pistola quando embriagado e deu tiros sem propósito.[...]
4. Vou lhe dar a oportunidade de servir na Brigada Dirlewanger e talvez limpar o opróbrio que o senhor lançou sobre si mesmo e sobre toda a SS, mostrando sua coragem perante o inimigo.
5. Espero que se abstenha do consumo de álcool pelo resto de sua vida, sem nenhuma exceção. Se sua força de vontade foi a tal ponto destruída pelo álcool que já não é capaz de tomar semelhante decisão, espero que apresente seu pedido de desligamento da SS.

Gesche só foi finalmente afastado da Escolta SS do Führer quatro meses antes do fim da guerra — isso após dar mostras durante muitos anos de que era um bêbado crônico. A razão de toda essa indulgência por parte de Hitler foi que Gesche era o que os nazistas chamavam um “velho combatente dos anos de luta”: ingressara no Partido Nazista já em 1922. Somente um dos velhos camaradas de Hitler desse período teria se safado após aprontar tanto.

O caso do comandante da Luftwaffe, Hermann Göring, foi um outro exemplo, muito mais proeminente, da imprudente lealdade de Hitler a seus amigos. Caçador apaixonado, Göring passava tanto tempo em sua casa de campo, Carinhall, quanto no Ministério da Aeronáutica. Como chefe da Força

Aérea alemã, ele foi praticamente um desastre. Muitas e muitas vezes, prometia mais do que podia cumprir. Em Dunquerque, a vasta maioria das tropas aliadas cercadas conseguiu escapar através da Mancha, embora Göring tivesse garantido que a Luftwaffe seria capaz de liquidá-los sozinha. Ele prometeu também que nem um só bombardeiro britânico atingiria a Alemanha; se um o fizesse, declarou, ele se chamaria Herr Meier (ou João da Silva, poderíamos dizer). Quando um número crescente de cidades alemãs foi reduzido a entulho, os alemães passaram cada vez mais a se referir (ainda que em segredo) a Göring como “Herr Meier”.

Em Stalingrado, a promessa de Göring de que poderia suprir o 6º Exército cercado com uma ponte aérea encorajou a Hitler a dar uma ordem de alto quando uma fuga ainda teria sido possível. De fato, apenas uma pequena porcentagem dos suprimentos chegou. Qualquer líder responsável teria banido um fracasso renitente como Göring de seu comando, mas não Hitler. Como Gesche, Göring estivera com o Partido Nazista desde 1922. Sofrera um ferimento grave na virilha no *Putsch* da Cervejaria. Isso e sua lealdade pessoal eram mais significativos na mente do Führer que a sucessão de asneiras cometida por Göring como comandante-em-chefe da Luftwaffe. Hitler só se voltou contra Göring nos últimos dias da guerra e, mesmo então, por ter acreditado, erroneamente, que Göring estava se preparando para lhe usurpar o poder. Mandou prendê-lo, expulsou-o do Partido e exonerou-o de todos os seus cargos. Para Hitler, pessoal e ideologicamente, a lealdade era mais importante que a capacidade e o desempenho profissionais.

Enquanto podia contar com a lealdade de seu *staff*, Hitler era por sua vez leal a ele. O que não era capaz de reconhecer é que lealdade apenas não bastava. Um líder como Churchill era capaz de subordinar quase tudo — fossem suas convicções ideológicas ou até seus sentimentos pessoais — à meta única que estabelecera para si mesmo e para seu país: a vitória.

A designação por Hitler de Joachim von Ribbentrop para um posto tão crucial no Reich quanto o Ministério das Relações Exteriores foi mais um exemplo de seu desejo de ter um assecla que tinha “o rabo preso” em vez da pessoa mais competente disponível. Diferentemente de Göring e Gesche, Ribbentrop entrou tarde na política, ingressando no Partido Nazista somente em 1932, com o número de filiação nada impressionante de 1.119.927 membros. Havia adquirido a partícula “von” pagando uma tia distante para adotá-lo enquanto seus pais ainda estavam vivos. (Mais tarde quebrou a promessa e não fez os pagamentos.)

Apesar do tempo que passara nos Estados Unidos antes da Grande Guerra, Ribbentrop subestimou gravemente o poder do país em dezembro de 1941, quando a Alemanha lhe declarou guerra. Esse erro de cálculo lhe pôs uma corda no pescoço de modo tão certo quanto os pracinhas americanos que se apresentaram voluntariamente para esse serviço em Nuremberg quatro anos depois. Em maio de 1945, quando os Aliados interrogaram a tia por afinidade de Ribbentrop sobre seu paradeiro e perguntaram que amigos o poderiam estar abrigando, ela lhes disse honestamente que ele não tinha nenhum. Sua ignorância, incompetência e completa vacuidade moral o deveriam ter desqualificado para o posto de ministro das Relações Exteriores mesmo no Terceiro Reich, mas para Hitler importavam menos que sua lealdade. De fato, as últimas palavras de Ribbentrop antes que o alçapão de Nuremberg se abrisse foram: “*Heil Hitler!*”

Além de conservar as pessoas erradas por causa de sua lealdade, uma das razões do fracasso de Hitler como líder foi demitir alguns de seus melhores comandantes por causa de sua aparente deslealdade. Guderian, o pioneiro da *Blitzkrieg*, foi afastado durante a campanha russa em 1941, só para ser reconvocato em 1943. Erich von Manstein, o arquiteto da brilhante operação “Golpe da Foice” contra a França foi demitido em 1944. Um dos comandantes mais graduados de Hitler, marechal-de-campo Gerd von Rundstedt, foi exonerado e readmitido nada menos que quatro vezes. Mais cedo ou mais tarde, quase todos os generais de patente mais alta foram substituídos, por mais capazes e experientes que fossem, porque Hitler não confiava nos oficiais alemães. Durante a guerra, nada menos que 35 marechais e generais-de-campo foram afastados por Hitler, com mais frequência por falta de lealdade do que por alguma incompetência militar real ou aparente.

Churchill também gostava da companhia dos que tinham “o rabo preso”. Seu maior amigo, que morreu tragicamente antes de completar 50 anos em 1930, F.E. Smith, lorde Birkenhead, era alcoólatra. Max Beaverbrook tinha reputação de desonesto. Brendan Bracken também tinha um passado nebuloso e pesava sobre ele a suspeita de deixar persistir deliberadamente o rumor infundado de que era filho ilegítimo de Churchill. Averell Harriman teve um *affair* com a mulher de Randolph, filho de Churchill, mas não foi socialmente punido por isso pela família Churchill. Ainda assim, há um mundo de diferença entre o caso de Hitler — em que as falhas davam lugar a uma espécie de chantagem — e o de Churchill, em que eram relevadas na

certeza de que aquelas pessoas que mais se aproximam da perfeição moral são muitas vezes uns rematados maçantes. Uma pessoa podia ser culpada de praticamente quase qualquer coisa e permanecer no círculo de Churchill, mas não de covardia ou de tolice recalcitrante.

Hitler relevava a estupidez até um estágio surpreendente, certamente muito mais do que Churchill. Embora nenhum dos dois tivesse freqüentado uma universidade, Churchill em geral se dava bem com acadêmicos, ao passo que Hitler os desprezava. Dos 50 Reichleiters e Gauleiters que formavam a elite da liderança nazista, somente dez tinham formação universitária completa. Alguns tinham freqüentado cursos universitários por algum tempo, mas a maioria nunca fora além da escola secundária.

Embora a maior parte de seus generais apoiasse fervorosamente a política expansionista dos nazistas, Hitler tinha pouca confiança em sua lealdade ideológica e pessoal e por isso recorria ao suborno deslavado. Como se sabe, não é raro na história militar que generais sejam especialmente recompensados depois de uma guerra. O ancestral de Churchill, duque de Marlborough, recebeu a propriedade de Blenheim, e Wellington foi aquinhoadado com Stratfield Saye por uma nação igualmente grata. O governo só deixou de pagar 5.000 libras por ano aos descendentes do almirante Nelson quando Clement Attlee foi primeiro-ministro.

Hitler, entretanto, foi excepcionalmente generoso com seus comandantes enquanto a guerra ainda estava em curso. Um grande número de generais e marechais-de-campo recebeu cheques de 250.000 Reichmarks — cerca de meio milhão de libras em dinheiro de hoje — assinados pessoalmente pelo Führer. Outros receberam enormes terrenos e casas magníficas. A propriedade de Glebokie no oeste da Polônia foi um presente do Führer para o general Heinz Guderian. Embora um ato como esse pareça demonstrar a generosidade de Hitler, na verdade ilustra sua esperteza ao assegurar lealdade mediante suborno descarado.

Glebokie pertencia a um aristocrata polonês que durante a Grande Guerra servira no Exército alemão como ajudante do general Hindenburg. Apesar disso, os nazistas o puseram na prisão e enviaram sua família para um campo de trabalhos forçados. Ao que parece, o general Guderian não se preocupou com o legítimo dono da propriedade que Hitler lhe deu. Depois da guerra, nunca se cansou de manifestar seu desagrado pelos nazistas, mas esqueceu-se convenientemente de que não tivera quaisquer escrúpulos em se acumpliciar

com a brutal política de ocupação de Hitler. Quando os oficiais que tramaram contra Hitler buscaram a adesão de Guderian, ele declinou.

O que fez foi, depois que o complô fracassou, aceitar participar do infame “Tribunal de Honra” contra esses oficiais, que os condenou todos à morte por violação de seu juramento ao Führer. A propriedade na Polônia deve certamente ter pesado em sua decisão de permanecer leal. A despeito dos protestos feitos pelo corpo dos oficiais após a guerra de terem lutado pela honra de sua pátria, muitas vezes o que estava em jogo era mesmo dinheiro. Hoje diríamos que, com seus presentes, Hitler “molhava as mãos” de generais. Eram pagamentos destinados a manter as pessoas leais, ainda que a verdadeira lealdade não possa ser comprada nem vendida.

No Exército britânico, as coisas eram levadas ao outro extremo. Depois da guerra, lorde Alanbrooke viu-se tão empobrecido que foi obrigado a pôr sua casa à venda e mudar-se para a casinha do jardineiro anexa. Ornitólogo entusiástico, Alanbrooke teve até de vender seus livros sobre observação de pássaros. Ele não ficou arrasado, no entanto, com o declínio de sua fortuna material, já que não esperara que o país lhe desse uma propriedade magnífica. Vivia sua vida segundo um código do dever que não tinha relação alguma com recompensa financeira.

Churchill não tinha qualquer razão para desconfiar do compromisso de seus generais com a causa pela qual lutavam, mas isso não significa que sempre acreditasse na sua competência profissional. Nos três primeiros anos da guerra, tentou muitas vezes interferir nas ações de seus comandantes no campo de batalha. Em agosto de 1940, por exemplo, redigiu pessoalmente uma ordem para o comandante-em-chefe para o Oriente Médio que se estendia a questões táticas minuciosas, chegando a conter instruções para o posicionamento estratégico dos soldados até o nível de batalhão. Na Guerra do Deserto, em várias ocasiões Churchill impeliu comandantes a ofensivas precipitadas e malpreparadas, muitas vezes com resultados desastrosos — pelo menos até que generais determinados como Harold Alexander e Bernard Montgomery o ensinaram a confiar neles.

Alexander recebeu o comando do Oriente Médio no verão de 1942, com Montgomery como comandante do 8º Exército, que enfrentava o Afrika Korps de Erwin Rommel. Até então, a Grã-Bretanha experimentara apenas derrotas humilhantes nas mãos da “Raposa do Deserto” e Churchill estava ansioso para ver algumas vitórias. Exatamente como fizera com seus generais

anteriores na Guerra do Deserto, como Auchinleck e Wavell, tentou intrometer-se nos comandos de Montgomery e Alexander e insistiu para que “capturassem ou destruíssem” o Afrika Korps de Rommel “o quanto antes”. Alexander, contudo, deu-lhe uma resposta fria, dizendo vigorosamente ao primeiro-ministro que não se metesse. Como El Alamein mostrou, Montgomery também não o desapontaria.

A batalha de El Alamein não foi um momento decisivo apenas na guerra, mas também na liderança de guerra de Churchill. Finalmente ele aprendeu a confiar em seus comandantes no campo de batalha e a deixar que fizessem seu trabalho sem sua constante interferência. Certamente não foi fácil para ele deixar de se intrometer. Fora um soldado, tendo cursado a Real Academia Militar em Sandhurst, e vira muita ação, mais recentemente, na Primeira Guerra Mundial. Teria gostado muito de estar pessoalmente no comando, em todos os momentos e em todos os lugares. Antes de completar 25 anos, havia escrito dois livros, *The Malakand Field Force* [A história da tropa de campo Malakand] e *The River War* [A guerra fluvial], em que procurara dar ao Alto Comando britânico o benefício de sua experiência na Índia e no Sudão.

Churchill não era o grande comandante militar que seu ancestral Marlborough fora. Suas qualidades de liderança excepcionais eram por vezes prejudicadas por uma impressionante falta de discernimento. Com freqüência seu pensamento militar era alimentado por uma visão romântica da guerra como uma aventura, não por uma apreciação realista de detalhes práticos. Um de seus esquemas favoritos, por exemplo, era uma invasão da Europa ocupada pelos nazistas a partir da Noruega, uma idéia a que retornou reiteradamente ao longo da guerra. A cada vez, os chefes do estado-maior eram forçados a preparar planos operacionais detalhados para esse esquema, ainda que apenas para provar que semelhante empreendimento estava condenado ao fracasso.

É fascinante ver como os estilos de liderança de Churchill e Hitler se desenvolveram durante o curso da guerra: enquanto Churchill passou a se envolver cada vez menos com a condução militar do conflito no dia-a-dia, Hitler foi se tornando cada vez mais um superadministrador. Isso foi em grande parte conseqüência das vitórias do Exército alemão nos dois primeiros anos da guerra. Enquanto esse êxito convencia Hitler de que ele era um gênio militar infalível, as derrotas britânicas lembravam a Churchill que ele próprio não o era.

Desde o momento em que o exército alemão fora detido nas portas de Moscou, Hitler passara a se envolver cada vez mais com detalhes operacionais e até com questões táticas que os comandantes no campo de batalha teriam podido decidir muito melhor. Era a própria negação do princípio do comando de missão que dera tanto sucesso às primeiras campanhas *Blitzkrieg*.

Hitler tinha uma crença tão exagerada em si mesmo que, um dia, quando assobiava uma música clássica e uma secretária sugeriu que havia se enganado na melodia, retrucou: “Eu não assobieei errado. Foi o compositor que cometeu um erro nesta passagem.”⁴¹ À medida que a guerra avançava, porém, ele se esqueceu de que muitas vezes fora a iniciativa de comandantes individuais que lhe havia valido suas primeiras vitórias.

Enquanto a guerra se arrastava no Leste, Hitler fez cada vez mais o papel de um comandante de divisão em vez do de um comandante-em-chefe. Concentrar-se em interferir em operações individuais de seus comandantes no campo de batalha a milhares de quilômetros de distância permitia-lhe esquecer por algum tempo a penosa realidade da situação global. “Um dia desses cancelei um ataque que iria nos proporcionar um ganho territorial de quatro quilômetros”, gabou-se numa reunião com seu *staff*, “porque a operação não me parecia valer o que custaria”. Se Hitler tivesse tido um cêrbero como lorde Alanbrooke, nunca lhe teria sido permitido envolver-se em decisões tão detalhadas, mas a própria natureza do Estado nazista tornava isso impossível. A situação deteriorou-se tanto que na altura de 1945 o general Günther Blumentritt queixou-se de que um plano de Hitler

chegou-nos... com os mínimos detalhes. Estipulava as divisões específicas que deveriam ser usadas... O setor em que o ataque deveria ter lugar era especificamente identificado e até as estradas e aldeias pelas quais as forças deveriam avançar estavam todas incluídas. Todo esse planejamento fora feito em Berlim a partir de mapas em grande escala, e o conselho de generais... não foi solicitado, tampouco encorajado.⁴²

O contraste com os princípios do comando de missão que fora tão útil a Hitler no Ocidente em 1940 não teria podido ser mais acentuado.

Enquanto Churchill havia simplificado o processo de tomada de decisão, Hitler operava um sistema de dividir para reinar que assegurava que ninguém

além dele podia pretender uma visão abrangente da situação estratégica da Alemanha. Mas a fragmentação do comando e a confusão de responsabilidades que disso resultavam tornava quase impossível a liderança militar eficiente, como o Dia D mostraria. O “Muro do Atlântico”, a fortificação de Hitler na Normandia, fora projetada para impedir um ataque aliado através da Mancha. Não funcionou, é claro, mas o fracasso alemão deveu-se fundamentalmente não à falta de armamentos, mas à falta de liderança. Quatro anos depois da vitória sobre a França com a *Blitzkrieg*, o sistema de comando alemão encontrava-se num estado caótico.

A técnica de liderança que havia ajudado Hitler a reforçar sua imagem do líder carismático, incontestável, em tempos de paz provou-se sua ruína na guerra, quando ele se desviou do processo de tomada de decisão racional — ainda que cínico e sinistro — de seus primeiros anos. Esse foi o caso, em particular, depois que a maré mudou em novembro de 1942, mês que marca tanto o afastamento de Rommel após El Alamein quanto o cerco do exército alemão que sitiava Stalingrado. Hitler começou a introduzir novas informações, especialmente notícias desanimadoras, em seu padrões já estabelecidos de esperanças e crenças. As provas de que sua estratégia estava fracassando eram minimizadas, e ele não foi capaz de aceitar que a guerra estava sendo perdida nem mesmo quando recebeu um relatório de Albert Speer que continha efetivamente as palavras: “A guerra foi perdida.”⁴³ No dia 20 de julho de 1944 a oposição alemã a Hitler finalmente conseguiu fazer um sério atentado à sua vida.

A resistência a Hitler

Um novo mito sobre a Segunda Guerra Mundial está prestes a ser incorporado ao cânone liberal. Está surgindo agora a teoria de que os britânicos, além de responsáveis pelos campos de concentração (iniciados na Guerra dos Bôeres), por oprimir a Alemanha de Weimar (como o economista John Maynard Keynes sustentou convincentemente em seu livro *As conseqüências da paz*), e é claro pelo bombardeio chamado “genocida” de Dresden e Hamburgo, foram também culpados de não dar apoio ativo à resistência alemã, que se viu assim na impossibilidade de derrubar Hitler.

A publicação em 1996 de *Tramando a morte de Hitler* pelo eminente historiador alemão Joachim Fest levou a argumentação mais longe até do que

o haviam feito as obras anteriores de Patricia Meehan, *The Unnecessary War* [A guerra desnecessária] (1992), e de Klemens von Klemperer, *A resistência alemã contra Hitler* (1993). Herr Fest culpou de maneira inequívoca o governo britânico por sua “falta de flexibilidade, sua hostilidade, sua cegueira e uma obtusidade política que, para todos os efeitos, representou uma aliança com Hitler”. Afirmou que “os propagandistas nazistas e os porta-vozes aliados uniram forças numa coalizão *de facto*” para denegrir a resistência alemã. Vários críticos do livro censuraram Churchill e o ministro britânico das Relações Exteriores por não terem dado mais apoio aos que tramavam contra Hitler, e um editorial no jornal *The Times* chegou a afirmar que “nós também talvez desejemos reconsiderar nosso histórico de guerra” por causa de nossa “política equivocada”, só explicável porque “líderes britânicos estavam lutando a guerra errada”.

No entanto, longe de terem agido de forma repreensível como cegos ou estúpidos, Churchill e Eden tinham razões sólidas, de fato politicamente irrefutáveis para seguir sua posição de “absoluto silêncio” em relação à resistência alemã. Como Fest, Meehan e Klemperer reconheceram, não havia uma única entidade de resistência com a qual o governo britânico teria podido negociar deixando as outras de lado. Havia pouca superposição entre os opositores comunistas, cristãos e militares do regime de Hitler. Mesmo dentro daqueles círculos que podiam representar genuinamente uma ameaça física direta à vida de Hitler, havia grandes divergências quanto ao resultado pretendido. As idéias do conde Helmuth von Moltke para a democracia do pós-guerra, por exemplo, envolviam eleições apenas para conselhos locais, não para um parlamento nacional. Claus von Stauffenberg e Karl Goerdeler queriam que a Alemanha retornasse às suas fronteiras de 1939, que evidentemente incluíam a Renânia remilitarizada e a região dos Sudetos na Tchecoslováquia. Outros, como o político Ulrich von Hassell, consideravam desejáveis as fronteiras imperiais que a Alemanha tivera em 1914, incluindo porém partes da Polônia, o próprio país cuja independência fora o motivo inicial da Grã-Bretanha e da França para entrar em guerra em 1939. A possessão da Alsácia-Lorena era um outro ponto de controvérsia.

Além disso, após junho de 1941, as decisões sobre ações de paz já não dependiam apenas da Grã-Bretanha. Uma vez que a União Soviética e, a partir de dezembro de 1941, também os Estados Unidos estavam na guerra, era inconcebível que a Grã-Bretanha entrasse em negociação com quaisquer alemães sem a ciência de seus aliados, especialmente depois que o presidente

Roosevelt insistira, em janeiro de 1943, na rendição incondicional da Alemanha como uma precondição para a paz. Como um dos funcionários graduados do Departamento Alemão do Ministério das Relações Exteriores, sir Frank Roberts, o expressou em sua autobiografia, *Dealing with Dictators* [Lidando com ditadores]: “Se Stálin tivesse a impressão de que estávamos em contato com generais alemães, cujo principal objetivo era proteger a Alemanha contra a Rússia, talvez tivesse sido tentado a ver se não poderia chegar a um acordo com Hitler novamente.”

A postura do governo britânico foi resumida de forma sucinta por sir D’Arcy Osborne, o enviado britânico ao Vaticano, que, quando informado pelo papa Pio XII de que grupos de resistência alemães “confirmavam sua intenção, ou seu desejo, de promover uma mudança de governo”, respondeu: “Por que não vão em frente?” É questionável também que apoio verdadeiro os Aliados teriam podido fornecer. Provavelmente os militares alemães não tinham necessidade de apoio logístico em termos do fornecimento de bombas ou rifles, e apoio moral era de pouca valia prática. Qualquer promessa sobre a atitude dos Aliados para com uma Alemanha pós-Hitler teria dependido necessariamente da configuração política do país, que teria podido envolver até nazistas de alto escalão. De todo modo, ser visto como apoiado ou influenciado de alguma forma pelos Aliados poderia ter sido catastrófico para qualquer grupo alemão de oposição empenhado em formar um governo pós-Hitler com o apoio de patriotas alemães comuns.

Os responsáveis britânicos pela tomada de decisões conheciam o suficiente a classe dos oficiais prussianos entre 1914 e 1918 para ter muita fé em seu compromisso com qualquer coisa que se aproximasse da democracia. A seu ver, o militarismo prussiano era quase tão pouco atraente quanto o nazismo rematado; os alemães nacional-conservadores eram praticamente indistinguíveis dos nacional-socialistas. É possível compreender por que Eden teria dito que os autores do atentado a bomba de julho “tinham suas próprias razões para agir como o fizeram e com certeza o que os moveu basicamente não foi um desejo de ajudar a nossa causa”, por mais desagradável que isso possa soar em retrospecto.

Na medida em que os generais alemães eram uma entidade homogênea, não um grupo de indivíduos em competição e muitas vezes mutuamente antagonistas, sua cumplicidade ao empreender uma das campanhas mais imorais da história era total. Em 1939, na Polônia, a Wehrmacht apenas coadjuvou os crimes da SS, mas na altura de 1941 estavam em total

cumplicidade. Quase certamente, não foi por coincidência que as derrotas na Rússia e o Complô da Bomba se seguiram. O governo britânico pode ser perdoado por suspeitar que, se a Rússia tivesse sido derrotada, ou se os Aliados tivessem sido repelidos na Normandia no mês anterior, não se teria atentado contra o homem que viera sendo seguido cegamente pelo povo alemão ao longo de vitórias de início incruentas, e depois sumamente sanguinárias de 1938 a 1942.

Embora os que armaram o complô fossem sem dúvida, nas palavras de Churchill, “os mais corajosos dos homens”, não fica claro se os partidários da Resistência falavam por muitos outros alemães além de si próprios, mesmo em 20 de julho de 1944. Se Hitler tivesse morrido no Complô da Bomba, teria sido sucedido não por um governo neo-democrata-cristão, mas provavelmente por Heinrich Himmler, que controlava a SS. Como Bormann era um mero burocrata e a influência de Goebbels dependia em grande parte do falecido Hitler, Himmler teria se valido de sua formidável base de poder e, muito possivelmente, se transformado no novo Führer. As coisas tampouco teriam sido diferentes se o vice-Führer, Hermann Göring, tivesse ascendido ao trono nazista. Como escreveu o historiador Peter Hoffmann: “Göring teria buscado arregimentar todas as forças do Estado mediante um apelo aos ideais *volkisch* e nacional-socialistas, prometendo ser fiel à herança de Hitler e redobrar os esforços no combate ao inimigo até sua imobilização.” Se Göring ou Himmler tivessem assumido o controle e não cometido as muitas asneiras perpetradas por Hitler nos últimos meses da guerra, a Alemanha nazista poderia até ter durado mais. Ademais, o soldado alemão comum teria sem dúvida continuado a lutar obstinadamente para proteger sua pátria (e a honra de sua mãe) contra o truculento Exército Vermelho.

Um Hitler assassinado teria também fornecido a nova *Dolchstosslegende* ideal depois que a Alemanha fosse derrotada. Com certeza se teria afirmado que — exatamente quando estava prestes a lançar suas armas secretas arrasadoras para destruir os exércitos aliados, que passara um ano atraindo propositalmente para a Alemanha — Hitler fora assassinado por um grupo de aristocratas, liberais, cristãos e cosmopolitas cuja traição era evidente, já que estavam trabalhando em aliança com a Inteligência britânica. Essa teria sido uma poderosa receita de revanchismo que teria ressoado na Alemanha quase até os dias de hoje.

Em seu livro de 1947, *The Last Days of Hitler* [Os últimos dias de Hitler], o eminente historiador Hugh Trevor-Roper qualificou a Resistência alemã de

“uma criatura tão mítica quanto o centauro e o hipogrifo”. Mas, quer fosse ela ou não realmente tão grande e influente quanto sustentam seus defensores no pós-guerra — é bem provável que tenha inchado um pouco depois da guerra, como aconteceu com o maqui francês —, resta o fato de que os britânicos tinham boas razões para suspeitar de que seus contatos entre a Resistência eram agentes duplos. Em novembro de 1939, dois oficiais da MI6 foram seqüestrados em Venlo, na fronteira da Holanda com a Alemanha, por agentes da Gestapo que se apresentaram como homens da Resistência. Fest não menciona o incidente, mas Meehan reconhece que ele teve “conseqüências sérias e duradouras”, tornando o Ministério das Relações Exteriores compreensivelmente desconfiado em relação a futuros avanços.

Sob essa luz, a manifestação inoportuna de sir Alec Cadogan, o subsecretário permanente do Ministério das Relações Exteriores britânico — “Como de costume, o Exército alemão conta conosco para salvá-los do regime nazista” —, torna-se facilmente explicável. Depois que o líder da Resistência Karl Goerdeler pediu que Danzig continuasse alemã, concessões coloniais e um empréstimo de 500 milhões de libras sem juros antes de tentar depor Hitler em dezembro, Cadogan foi igualmente ferino. “Entregamos a mercadoria”, escreveu, “e a Alemanha dá as promissórias”. O ministro das Relações Exteriores concordou. Sobre a questão dos que Neville Chamberlain batizou de os “jacobitas de Hitler”, lorde Halifax queixou-se: “Os alemães sempre querem que nós façamos suas revoluções para eles.” A julgar pelo livro de Herr Fest, pouca coisa mudou.

“O assassinato”, disse Benjamin Disraeli apenas duas semanas após a morte de Abraham Lincoln em 1865, “nunca mudou a história do mundo”. Estava certo? Considerando o efeito maligno que a liderança de Hitler teve sobre o povo alemão entre 1933 e 1945, teria sido justificável assassiná-lo? Documentos divulgados em 2000 no Departamento de Registros Públicos, em Kew, mostraram que a “Operação Foxley”, os vários planos da Inteligência britânica para matar Hitler, chegaram a ser bem desenvolvidos mas sua execução foi impedida por uma decisão política superior.

Discutir se o assassinato de Hitler teria ou não mudado drasticamente o curso da guerra é ir ao cerne do antigo debate: é a história movida fundamentalmente pelo que T.S. Eliot chamou de “forças vastas, impessoais” — tão poderosas que indivíduos, por mais que pareçam influentes, estão de fato ao sabor das ondas da história —, ou, como Thomas Carlyle acreditava, grandes homens determinam por si mesmos o que acontece na história da

humanidade? Se Napoleão tivesse sido morto no cerco de Acre, ou se Hitler tivesse sucumbido ao coquetel letal de antraz e bazucas da “Operação Foxley”, seria o mundo um lugar diferente?

Os governos americanos pós-guerra, ou pelo menos suas comunidades de informação, parecem ter-se aferrado à teoria do “grande homem”, autorizando atentados à vida de Fidel Castro — numa ocasião notória, com charutos explosivos — e missões de bombardeio contra o coronel Gaddafi em 1986 e Saddam Hussein em 1991. Embora os Estados Unidos tenham visto tanto um número desmedido de presidentes (quatro) quanto outras figuras públicas como Martin Luther King, Huey Long, Robert Kennedy e Malcolm X tombarem nas mãos de assassinos, continuam sendo a mais chauvinista das nações, dispostos a aprovar um ataque especificamente destinado a um líder inimigo, de uma maneira que Wellington condenou como ignóbil quando se sugeriu que ele disparasse um canhão diretamente sobre Napoleão durante o estágio inicial da batalha de Waterloo. Em contraposição aos americanos, a Grã-Bretanha tem sido bastante circunspecta; já se mencionou que a carreira do político britânico Julian Amery nunca prosperou realmente depois de ele ter defendido o assassinato de alguns desordeiros coloniais pela MI6.⁴⁴

O assassinato como linha de ação tende a ter efeitos muito diferentes quando levado a cabo em democracias representativas com hierarquias de poder estabelecidas do que em países feudais, tribais ou ditatoriais. Enquanto o assassinato de um presidente — McKinley ou John Kennedy — ou de um primeiro-ministro — Spencer Perceval — resulta simplesmente na sua tranqüila substituição por um representante, que em geral está desafiadoramente decidido a levar adiante a mesma política, a situação é diferente quando o indivíduo morto personifica a nação. Quando é possível abreviar uma guerra ou promover uma mudança significativa de governo mediante um ataque *ad hominem*, como a Saddam Hussein, é difícil recusar tal ação.

Os assassinatos de homens como Jean Paul Marat, o czar Alexandre II, o arquiduque Franz Ferdinand, o almirante Darlan, Reinhard Heydrich, Hendrik Verwoerd, Benigno Aquino, o padre Jerzy Popieluszko e o general Zia ul-Haq tiveram todos amplas conseqüências políticas — embora muitas vezes opostas às que os assassinos pretendiam — porque tiveram lugar em países não-democráticos. Os da imperatriz Elisabeth da Áustria, do rei Humberto I da Itália, de Jean Jaurès, de Mahatma Gandhi, do presidente Diem da Coréia do Sul, de Olof Palme, de Indira Gandhi e de Rajiv Gandhi,

tendo ocorrido em países com instituições representativas de fato, na generalização tipicamente atrevida de Disraeli, não “mudaram o mundo”.

Podemos supor com bastante segurança que a morte súbita de Hitler nas mãos da Executiva de Operações Especiais, por qualquer das esplêndidas manobras *à la* James Bond que tivesse sido finalmente escolhida para a “Operação Foxley”, teria mudado o curso da guerra, mas para melhor ou para pior? Era preciso que os Aliados vencessem a guerra, mas era preciso também que ela fosse perdida de maneira compreensível e pessoal, pelo próprio Hitler. Seu suicídio no *bunker* após o completo colapso de seus sonhos tinha de ser o último capítulo do conto, o pré-requisito decisivo para a Alemanha decente, democrática e amante da paz que conhecemos hoje.

Antes de junho de 1944, a Alemanha infligira muito mais danos ao resto do mundo do que padecera deles o ajuste de um armistício com base na falácia demonstrável de que a guerra fora iniciada e era conduzida pela vontade de um homem, e não através do apoio devotado e entusiástico do povo alemão, não teria produzido o mais longo e duradouro período de paz que a Europa conheceu em meio milênio.

Uma nação que empreendera nada menos que cinco guerras de invasão nos 75 anos transcorridos desde 1864 precisava ter seu instinto belicoso extinto de sua alma. Somente os horrores e a humilhação de 1944 e 1945 teriam podido levar isso a cabo. Se tivessem sido poupados daquela calamidade final, escapando de algum modo do Ano Zero por causa da Operação Foxley, os alemães não seriam os democratas pacíficos que sem dúvida são hoje. A cena medonha de *Götterdämmerung* tinha de ser encenada, com Goebbels lendo uma tradução de Frederico o Grande de Thomas Carlyle para Hitler no *bunker* de Berlim enquanto o Exército Vermelho se aproximava. Ribbentrop, Kaltenbrunner, Streicher, Rosenberg e os outros podiam ser enforcados em Nuremberg, mas o próprio Hitler precisava morrer pela única mão que tornaria sua derrota verdadeiramente completa — a sua própria.

Dia D: a nêmesis de Hitler

Muito antes que o Dia D realmente ocorresse, os três serviços de informações de Hitler, rivais entre si, estavam lhe fornecendo informações contraditórias sobre o momento e o lugar da invasão. Em conformidade com o princípio de dividir para reinar do Führer, tanto o Exército alemão quanto o Ministério das

Relações Exteriores tinham suas próprias agências de informação, assim como a SS de Himmler, que mantinha o Sicherheitsdienst (SD). Cada uma dessas três agências operava de modo completamente independente uma da outra, divulgando com frequência análises e relatórios contraditórios. Os britânicos e os americanos, por sua vez, tinham um Comitê Conjunto de Inteligência que reunia e avaliava todos os dados que chegavam, fornecendo assim a Churchill prognósticos resultantes de uma coordenação geral.

Mais grave ainda para a Alemanha era o fato de que o comandante responsável pela defesa da França, marechal-de-campo Von Rundstedt, não tinha nenhum controle direto sobre muitas das unidades que operavam na área sob sua responsabilidade. As unidades de defesa antiaérea e as tropas de pára-quedistas estavam sob o controle da Luftwaffe de Göring. As unidades da Waffen SS estavam sob o comando exclusivo de Himmler. Um Grupo do Exército era comandado por Rommel, mas Rundstedt, embora fosse nominalmente seu superior, não tinha o direito de lhe dar ordens. Duas divisões de *Panzers* inteiras, mantidas como reserva, estavam sob o controle direto do Alto Comando das Forças Alemãs (o OKW), que por sua vez só agia por ordem de Hitler. Isso tolheu enormemente a capacidade de Rundstedt de manobrar eficazmente unidades de combate quando os desembarques aliados começaram nas primeiras horas do dia 6 de junho de 1944.

Rundstedt ordenou imediatamente que os *Panzers* na reserva partissem a grande velocidade para o canal da Mancha para jogar os Aliados de volta no mar antes que eles conseguissem estabelecer um apoio firme no continente, só para se ver censurado pelo Alto Comando do Exército (o OKH) por não ter obtido primeiro a autorização de Hitler. As reservas de *Panzers* receberam ordem de alto. Mas o Führer não estava inclinado a dar sua autorização e foi só ao meio-dia que finalmente reagiu à gravíssima notícia. Não é verdade que estava dormindo, apenas demorou a tomar uma decisão. Quando o fez, os Aliados já tinham se apossado de cabeças-de-ponte nas praias e a superioridade aérea dos Aliados tornara qualquer movimento em grande escala de *Panzers* durante o dia praticamente impossível.

A promessa de Churchill de combater nas praias fora cumprida, mas ele não foi travado em Brighton ou Dover, e sim praias invadidas da Normandia, que receberam os codinomes de Juno, Omaha, Sword, Gold e Utah. Agora era apenas uma questão de tempo até que toda a Europa fosse libertada do jugo nazista. Entretanto, quanto pior a situação militar ficava para a

Alemanha, mais Hitler se perdia em detalhes, tornando assim as coisas ainda mais calamitosas do que já eram. Isso foi a própria negação do princípio do comando de missão que tornara possíveis os sucessos anteriores de Hitler com a *Blitzkrieg*.

Depois que a batalha do Odon havia eliminado qualquer chance que os alemães pudessem ter tido de dividir as forças aliadas atacando em Bayeux, Rundstedt avisou o OKW que a batalha pela Normandia estava de fato perdida. O marechal-de-campo Keitel respondeu, desesperado: “Que devemos fazer?” A resposta de Rundstedt foi dura: “A paz, seus tolos.” Ele foi destituído de seu comando e substituído pelo marechal-de-campo Günther von Kluge. Alguns dias depois, Rommel enviou uma carta a Hitler: “Nossas tropas estão lutando heroicamente ao longo de toda a linha, mas a batalha desigual está se aproximando do fim. A meu ver, o senhor deveria tirar as conclusões necessárias.” Kluge apoiou Rommel: “Infelizmente, o marechal-de-campo está certo.”

Hitler, contudo, não queria admitir nada disso, em especial quando a tentativa frustrada de assassinato de 20 de julho de 1944 revelou a existência de uma ampla conspiração contra ele dentro do Alto Comando. Sua resposta foi um expurgo implacável das forças armadas: 160 oficiais foram executados, entre eles nada menos que dois marechais-de-campo e 17 generais. O próprio Rommel não teve escolha senão tomar veneno.

O Complô da Bomba enfraqueceu Hitler sob outros aspectos além do político. O general Walter Warlimont da equipe de operação do OKH, que foi ferido na explosão, registrou de que maneira, posteriormente,

O próprio Hitler tornou-se um homem obviamente doente. Os ferimentos que sofrera em 20 de julho haviam sido insignificantes, mas parecia que o choque havia trazido à tona toda a maldade de sua natureza, tanto física quanto psicológica. Entrava na sala dos mapas curvado, arrastando os pés. Seus olhos vidrados só davam um sinal de reconhecimento aos que lhe estavam mais próximos. Empurravam sua cadeira para ele, que desabava nela, curvado quase em dois, a cabeça enfiada entre os ombros. Quando apontava para alguma coisa no mapa, sua mão tremia. Ao menor pretexto ordenava que se caçasse “o culpado”.

O Führer conservou, no entanto, um aspecto original — o tão propalado

efeito de seu olhar. Um ajudante-de-ordens que só viu Hitler poucos dias antes que ele se matasse, recordou como, embora sob todos os demais aspectos parecesse um “um velho doente e senil... somente em seus olhos havia um brilho cintilante indescritível... e o olhar que ele me deu foi estranhamente penetrante”.

Warlimont observou que o atentado à sua vida levou Hitler, como não é de surpreender, a desconfiar mais ainda de seus generais após julho de 1944, o que por sua vez os deixou menos propensos a contradizê-lo: “Seus cautelosos conselheiros deram ao observador próximo a perturbadora impressão de que agora estavam sendo guiados não por ponderadas considerações militares, mas por uma submissão se possível ainda menos questionadora que antes.” O resultado foi que Hitler passou a descartar por completo a doutrina do comando de missão que tão bem lhe servira na Polônia, na Noruega, nos Países Baixos e na França (pelo menos antes que interviesse com sua desastrosa “ordem de alto” para os *Panzers* diante de Dunquerque). Em consequência, como Warlimont lembrou mais tarde sobre esse período pós-julho

Hitler conseguiu... rematar seu desastroso método de comando ao proclamar como uma ordem o princípio de que a única responsabilidade de todos os comandantes, mesmo do mais graduado, era levar a cabo suas ordens de maneira incondicional e ao pé da letra. Diante do inimigo, um oficial subalterno ou soldado raso não tinha nenhum direito de pôr em questão a sensatez ou a probabilidade de êxito de um ataque ordenado pelo comandante de sua companhia; da mesma maneira, o comandante supremo da Wehrmacht não se dispunha a dividir a responsabilidade por suas decisões com comandantes-em-chefe de Grupos do Exército ou Exércitos. Não lhes era permitido pedir para serem substituídos se discordassem das suas instruções.⁴⁵

Para piorar as coisas, a própria sobrevivência de Hitler ao Complô da Bomba serviu apenas para reforçar sua crença em seu destino. Como Warlimont lembrou:

Ele era presunçoso o bastante para considerar que fora a “Providência” que o preservara no dia 20 de julho e agora esperava que outros “milagres” promovessem uma reviravolta na guerra, embora em tempos

passados tivesse escarnecido de todo líder inimigo que usasse esse tipo de linguagem.

Enquanto isso, Churchill usava a sobrevivência de Hitler como uma oportunidade para uma de suas críticas mais aniquiladoras. No passado referira-se a Hitler como “esse moleque de rua sanguinário” e atribuíra as vitórias aliadas na África em parte à “intuição militar do cabo Hitler. Podemos notar o toque de mestre. A mesma obstinação insensata.” Ele havia também se recusado a equiparar Hitler a Napoleão, já que “parece um insulto ao grande imperador e guerreiro compará-lo sob qualquer aspecto com um sórdido chefe de comitê e carnicheiro”. Então, em setembro de 1944, Churchill superou até a si mesmo em matéria de escárnio. Perante a Câmara dos Comuns, disse:

Quando Herr Hitler sobreviveu ao Complô da Bomba... qualificou sua sobrevivência de providencial. Penso que de um ponto de vista puramente militar podemos todos concordar com ele. Sem dúvida seria extremamente lamentável se os Aliados fossem privados nas fases finais da luta dessa modalidade de gênio guerreiro com que o cabo Schicklgruber contribuiu tão notavelmente para nossa vitória.

Como era freqüente com as melhores zombarias de Churchill, esta tinha a vantagem adicional, mas não de todo necessária, de ser verdadeira. Três milagres haviam acudido a Grã-Bretanha na guerra, todos eles resultado de erros capitais de Hitler: a “ordem de alto” dada aos *Panzers* junto a Dunquerque em 25 de maio de 1940; a invasão da Rússia no dia 22 de junho de 1941; e a declaração de guerra aos Estados Unidos feita pela Alemanha em 11 de dezembro de 1941. Nenhuma dessas decisões tinha coisa alguma a ver com Churchill, mas, em conjunto, haviam salvado a sua causa. Todas tinham partido de uma só mente diretora. A liderança — nesse caso a liderança catastroficamente má de Hitler — havia sido crucial. Verdadeiros grandes líderes compreendem o quanto é vital dar ouvidos às pessoas que discordam deles. Enquanto Churchill se envolvia em debate, Hitler simplesmente o reprimia. No final das contas, portanto, embora os Estados totalitários sejam bons para iniciar guerras, as democracias são melhores para vencê-las.

^a Procedimento pelo qual o parlamentar que vota contra a posição de seu partido pode perder o mandato. (N.T.)

^b O projeto Ultra foi criado em 1939 pelo Serviço de Informações britânico para decodificar as cifras alemãs “Enigma”.
(N.T.)

Conclusão

“A história pode ver Winston Churchill como o arquiteto da desastrosa campanha de Gallipoli ou como o autor de discursos xenofóbicos, mas esta noite nós o consideramos simplesmente como Churchill o Europeu.”

Radio Times, novembro de 2001

“A Escola Secundária Winston Churchill em Harare, no Zimbábue, vai se tornar Escola Josiah Tongogara, em memória do comandante do exército guerrilheiro do sr. Mugabe na década de 1970.... A Escola Primária Warren Park passará a ser Escola Primária Chenjerai Hitler Hunzvi, imortalizando o principal demagogo do regime.”

Daily Telegraph, fevereiro de 2002

“Vídeo escolar sobre a guerra dá 14 segundos a Churchill.”

Manchete de jornal, 2001

Que dirão as pessoas de Adolf Hitler e Winston Churchill quando estivermos todos mortos há muito tempo? Enquanto pessoas que perderam parentes para a guerra de Hitler ainda vivem, enquanto os contornos políticos do mundo em que vivemos permanecem delineados em grande parte pelo arranjo pós-Hitler, é impossível ser verdadeiramente objetivo com relação a Hitler e Churchill. Que idéia, porém, terão deles as pessoas comuns em 2145 ou 2245, quando ambos estarão cronologicamente tão distantes de nossos descendentes quanto hoje estamos de figuras históricas como Napoleão e Wellington?

A maioria de nós gosta de acreditar que Hitler será sempre como um outro Vlad o Empalador, Átila o Huno ou Ivã o Terrível — um tirano sanguinário e odioso e nada mais que isso. Nas palavras de sir John Keegan: “Ele pertence à companhia de Gêngis Khan, Tamerlão, Stálin e Mao Tsé-Tung, todos megalomaníacos desumanos. Esses homens estão, como os carolas, não têm dificuldade em acreditar, em aliança com o Diabo. Que Deus dê repouso às suas almas.”¹ Embora em cerca de 50 anos algumas biografias e documentários de televisão revisionistas possam ocasionalmente ter tentado reabilitar o Führer, o julgamento da posteridade parece decidido. Alguns pensadores eminentes, porém, como o historiador americano John Lukacs, não têm tanta certeza. Lukacs identificou várias áreas em que o revisionismo de Hitler já fez algum avanço (reconhecidamente muito limitado), e teme que isso aumente com o correr do tempo. Afinal, Napoleão deixou seis milhões de mortos por toda a Europa após duas décadas de guerras de conquista, e no entanto não faltam intelectuais e escritores para admirá-lo hoje.

Lukacs acredita que Hitler deveria ser reconhecido como “o maior revolucionário do século XX” — superior até a Lênin em sua capacidade de tirar partido da política do descontentamento das massas e depois canalizá-la — e que essas idéias de triunfalismo nacionalista ainda poderiam representar uma ameaça no futuro. Seu principal temor é que, se a civilização ocidental for minguando, e depois ameaçar desaparecer por completo, as futuras gerações se confrontarão com um perigo. Durante uma maré crescente de barbarismo, a reputação de Hitler poderia aumentar aos olhos das pessoas comuns, que poderiam passar a vê-lo como uma espécie de Diocleciano, um último e belicoso arquiteto de uma ordem imperial desejável.² Felizmente esse desfecho está longe de ser uma perspectiva imediata, e se a civilização ocidental vier algum dia a se dissolver em tal grau, o estado da reputação de Adolf Hitler estará entre os últimos dos temores de nossos tetranetos. O próprio Churchill disse alguma coisa nesse sentido na Câmara dos Comuns em 25 de junho de 1941: “Se ganharmos, ninguém se importará. Se perdermos, não haverá ninguém para se importar.”

Na introdução deste livro, tentei traçar uma distinção entre o líder carismático do tipo de Adolf Hitler e o líder inspirador como Winston Churchill. Quando vemos um mágico executando seus truques numa festa de crianças, metade de nós fixa os olhos em suas mãos, tentando descobrir como a ele as faz, enquanto a outra metade da platéia assiste ao espetáculo simplesmente pelo que ele é, saboreando a sensação de se espantar. Os

céticos naturais seguirão um líder inspirador, mas verão o líder carismático com a devida desconfiança. Na política, portanto, o ceticismo é uma reação saudável que deveria ser alimentada e encorajada.

A verdade é que Hitler exerceu muito mais poder sobre as imaginações e as psiques do que Churchill jamais o fez. Hitler atrelou duas das mais poderosas, ainda que repreensíveis, emoções humanas — a inveja e o ressentimento — às rodas de sua biga, e elas o conduziram por um caminho espantosamente longo. Na esteira da derrota da Alemanha e da Áustria na Grande Guerra e do tratamento — a seus olhos abusivo — que recebeu no subsequente tratado de paz de Versalhes, induzir no povo alemão uma autocomiseração sem limites foi uma facilidade patética. De fato, Hitler foi originalmente apenas um do grande número de políticos de extrema direita empenhados em conseguir isso.

Em contraposição, nem inveja nem ressentimento tinham qualquer lugar na constituição psicológica de Churchill. O autor John Julius Norwich lembra de ir ao cinema com seus pais, Alfred e lady Diana Duff Cooper, e Winston Churchill: “Lembro-me de um filme sobre camponeses irlandeses, durante o qual ele volta e meia comentava: ‘Coitado do cavalo’. Depois, no fim do filme, declarou: ‘Inveja — o mais estéril de todos os vícios.’” A inveja que os alemães alimentavam das potências vitoriosas de 1918, e certamente de suas colônias e riqueza, mas sobretudo da sua própria vitória, fez deles vítimas fáceis para Adolf Hitler.

Os experimentos de Milgram e Asch

“A arte da liderança”, escreveu Tony Blair em 1994, “está em dizer não, não em dizer sim. É muito fácil dizer sim.”³ Dois experimentos famosos realizados nos Estados Unidos alguns anos atrás — os projetos Milgram e Asch — ilustram o quanto é fácil para as pessoas dizer sim e têm implicações muito perturbadoras para o modo como vemos a maleabilidade da natureza humana. No experimento conduzido em 1963 pelo dr. Milgram, voluntários foram solicitados a aplicar testes num homem que estava amarrado numa cadeira e com um eletrodo preso aos pulsos. Os voluntários eram informados que o experimento estava sendo realizado para testar a tolerância humana à dor. O homem fora solicitado a memorizar um texto, e se o repetisse corretamente, o voluntário deveria simplesmente não fazer nada. Se ele

gaguejasse ou errasse, porém, deveria bater num interruptor sobre um reostato que administrava um choque elétrico ao homem sentado na cadeira. Esses choques tornavam-se progressivamente mais fortes à medida que os erros aumentavam.

Na verdade, é claro, não havia carga elétrica alguma, e o homem estava representando quando gritava de dor. Os voluntários, no entanto, não sabiam disso, e nada menos que 65% deles obedeceram cegamente às instruções recebidas, chegando a administrar choques de até 450 volts, que teriam constituído uma dose letal. Os gritos de dor do homem não os impediram de levar o experimento adiante. Como Brian Masters o formulou em sua autobiografia, *Getting Personal*, o experimento de Milgram “demonstrou, acima de qualquer dúvida, que almas tímidas, bondosas e decentes podem se tornar monstros se lhes é fornecida a oportunidade”.⁴

Além disso há as implicações igualmente preocupantes do experimento de Asch, em que se apresentava a três pessoas uma tela com três linhas e se perguntava qual era a mais longa. Mais uma vez, sem que os voluntários soubessem, a segunda e a terceira pessoa eram de fato experimentadores. Era perfeitamente óbvio qual era a linha mais longa; não havia dúvida quanto à resposta certa, mesmo para alguém com a pior das vistas e a mais reduzida inteligência. Depois de algumas rodadas em que todos escolhiam as linhas corretas, os dois experimentadores começavam a escolher a mesma linha errada, uma que era identificável e patentemente mais curta que a de fato mais longa das três. No início o voluntário protestava e apontava a verdade, mas, com assombrosa rapidez, passava a seguir a opinião dos outros dois. Os experimentos de Milgram e Asch mostram com que facilidade as pessoas podem ser conduzidas, tanto a agir de maneira cruel como — ao ficarem aflitas — a desacreditar da evidência de seus próprios olhos.⁵

Conduzir pessoas a cometer crimes horríveis, como Hitler fez na Segunda Guerra Mundial, e depois negar todas as provas deles, não foi portanto uma tarefa tão árdua quanto poderia parecer à primeira vista. Um trabalho acadêmico feito pelo historiador Christopher Browning da Princeton University sobre o famigerado Batalhão 101, que foi responsável por milhares de mortes na Solução Final na Polônia, mostra como respeitáveis cidadãos de classe média e operários de Hamburgo tornaram-se matadores genocidas. Parece que a pressão dos pares e uma propensão natural à obediência e à camaradagem — mais que o anti-semitismo ou um fervor nazista — transformava pessoas inteiramente comuns em assassinos de

massa.⁶

As lições são tão aplicáveis aos nossos dias quanto a 1941-45, quando nos lembramos de relance do que aconteceu na década de 1990 em lugares como Ruanda e a antiga Iugoslávia. Como pôde um povo tão civilizado quanto os alemães ter perpetrado o crime mais horripilante da história humana? A conclusão central de Browning — de que muito mais do que mero anti-semitismo impulsionou o infame Batalhão 101 a cometer atrocidades na Polônia durante a guerra — foi criticada por Daniel Goldhagen em seu controverso livro de 1966, *Hitler's Willing Executioners* [Os carrascos voluntários de Hitler].

Segundo Goldhagen, os recrutas do Batalhão 101, que não eram selecionados de nenhum modo por seu ardor nazista — mas que de fato ingressavam ali em grande parte para evitar o serviço no exterior —, mataram mulheres, velhos e crianças judeus “por prazer”, porque se “divertiam” em suas “caças ao judeu”, em que seu “anti-semitismo demonológico” se traduzia numa “sede de matar judeus”. O anti-semitismo, sustentou o autor, estava tão entranhado na cultura, na sociedade e na história alemãs que Hitler e o Holocausto não foram mais que resultados inevitáveis. Tudo o que Hitler precisou fazer para que o genocídio ocorresse foi fornecer a liderança necessária.⁷ Os primeiros anos da década de 1940 propiciaram — na expressão batida das histórias de detetive — motivo, oportunidade e método. Nas décadas de 1920 e 1930, entretanto, os judeus alemães estavam muito mais bem integrados à Alemanha que os da maioria das outras partes da Europa e, como Keegan mostrou, “em 1918 o Reich do kaiser controlava todos os *shtetls* da Europa, mas não molestava seus habitantes em absoluto”. A verdade teria sido então, de fato, como Milton Himmelfarb a expressou memoravelmente, que “Não tivesse havido Hitler, não teria havido Holocausto”? Nesse caso, terá a liderança de Hitler sido o aspecto principal da tragédia?

O Batalhão 101 representava um apanhado da sociedade alemã e nenhum de seus membros foi coagido a matar judeus ou a participar de qualquer atrocidade. Browning acredita que o Holocausto nada teve de peculiarmente alemão, exceto talvez no respeito exagerado pela autoridade e na disposição para cumprir ordens, e que, afora um número relativamente pequeno de nazistas fanáticos, poucos alemães aprovavam em geral o que estava acontecendo “lá no Leste”. Apesar disso, nunca reprovaram com vigor; em sua vasta maioria, os alemães foram apenas indiferentes e não queriam ser

informados sobre os detalhes. Quando exortados especificamente a ajudar no genocídio, porém, entre 80 e 90% dos membros do Batalhão 101 concordaram sem maiores queixas. Após algum melindre inicial, “tornaram-se carrascos cada vez mais eficientes”. Somente 12 dos 500 membros do batalhão recusaram-se de fato a atirar em 1.800 judeus nas matas que cercavam a aldeia polonesa de Jozefow em 13 de julho de 1942. Durante o restante desse massacre que durou 17 horas — intercaladas com pausas para cigarros e um almoço — cerca de 45 membros, se ausentaram por várias razões. Os 85% restantes simplesmente foram adiante no serviço de atirar em mulheres e crianças judias a queima-roupa, embora soubessem com perfeição que não teriam sofrido nenhum castigo caso se tivessem recusado. “No início atirávamos em qualquer parte”, um deles se lembrou. “Quando mirávamos muito alto, o crânio inteiro explodia. O resultado eram miolos e ossos voando por toda parte. Por isso, fomos instruídos a apontar a baioneta para o pescoço.”

As transcrições de interrogatórios feitos na década de 1960 permitem penetrar profundamente na atitude mental desses matadores. Os relatórios constituem uma leitura arrepiante mas indispensável, à medida que as autoridades analisam os motivos dos homens que, por um grande número de razões psicológicas bastante complexas, deixaram-se converter em assassinos genocidas. A maioria dessas razões — guerra, brutalização, “segmentação”, “banalização”, desejo de adequação e assim por diante — não terminam nas fronteiras da Alemanha nazista. Orgulhamo-nos da convicção de que o Holocausto jamais teria podido ocorrer na Grã-Bretanha; na verdade, porém, havia sem dúvida bastante gente na Inglaterra em 1939-45 que teria trabalhado em câmaras de gás, tivessem elas sido instaladas em Argyll, Cardiff ou num condado em torno de Londres.

Responsabilizar-se

Líderes assumem responsabilidade. Quando as coisas se voltavam contra Churchill ele não hesitava em assumir culpa pessoal por elas. Em seus discursos em sessões secretas do Parlamento, admitia de pronto ter cometido erros. Hitler, em contraposição, culpou constantemente outras pessoas quando a guerra começou a se conduzir mal para ele; primeiro seus generais e depois todo o povo alemão, que terminou por considerar indigno de seu

gênio. Essa dicotomia é bem expressa pela disposição de Churchill a visitar ruas destruídas por bombardeios em toda a Grã-Bretanha para levantar o moral, coisa que Hitler se recusava sem rodeios a fazer na Alemanha. Na verdade, ele mandou instalar cortinas em seu carro. Esse distanciamento do infortúnio de seu povo foi sem dúvida um erro de Hitler, que provavelmente teria sido recebido com adulação mesmo em 1944. Seu temor de ser associado a imagens de fracasso e derrota significava que perdia oportunidades para fotografias que Churchill aproveitava com entusiasmo. Quando, em 8 de setembro de 1940, Churchill começou a chorar ante a visão de uma rua arrasada no leste de Londres, ouviu-se uma mulher do lugar comentar: “Vejam, ele realmente se importa”, e a multidão o aclamou espontaneamente.⁸ Contribuía para isso, é claro, o fato de Churchill ser autêntico em sua preocupação, não vendo as pessoas com os mesmos olhos de Hitler, como meras unidades descartáveis em seu plano mestre global. Lamentavelmente para ele, Hitler não tinha conselheiros capazes de demovê-lo de suas idéias. Líderes bem-sucedidos cercam-se de dissidentes construtivos: Churchill tinha Alanbrooke, Stálin tinha o marechal Antonov, Roosevelt tinha o general George Marshall. Hitler, é claro, não acatava um aconselhamento objetivo desse tipo de “homem algum”.

Hitler viajou muito pouco durante a guerra, apenas para sua “Toca do Lobo” na Prússia oriental, e quatro vezes à França — uma vez para se encontrar com Rundstedt, uma vez a Paris para se regozijar em Compiègne, uma vez para visitar o marechal Pétain e Pierre Laval em Montoire e uma vez para se encontrar com o general Franco em Hendaye. Mesmo antes da guerra não fora propriamente um viajante, nunca tendo visitado a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a África ou o Extremo Oriente. Algumas de suas tolices estratégicas — especialmente sua declaração de guerra aos Estados Unidos em dezembro de 1941 — teriam podido ser evitadas se ele tivesse sido aventureiro em anos passados e tivesse tido uma oportunidade de descobrir por si mesmo como era o resto do mundo, afora a Alemanha. Churchill, ao contrário, era de longe o primeiro-ministro britânico mais viajado na história: durante os primeiros quatro anos da guerra cobriu nada menos que 180 mil quilômetros, passando 33 dias no mar e 14 no ar. Isso lhe dava uma perspectiva estratégica global de que a mente do Führer carecia por completo.

A hora de partir

Parte da arte da liderança está em saber quando parar, mas, tal como todos os outros primeiros-ministros britânicos do século XX — com exceção de lorde Salisbury e Harold Wilson —, Winston Churchill permaneceu tempo demais no cargo. Como fora o caso de muitos de seus predecessores, também ele se deixava convencer demasiado facilmente por argumentos sobre sua própria indispensabilidade, muito embora eles estivessem sendo apresentados por um número cada vez menor de pessoas. No verão de 1954, um velho amigo jornalista lhe disse: “Um bom número de seus amigos conservadores estão dizendo que seria bom para o partido que você não demorasse a renunciar”. O primeiro-ministro olhou para ele, depois correu os olhos pela ala da Câmara dos Comuns onde estavam sentados, antes de responder: “Sabe, quando olho para esta sala e rememoro minha longa união com essa Casa, acho que ela é um ótimo *pub*. E quando olho para os rostos na Casa, pergunto-me por que deveria sair desse *pub* antes que alguém diga ‘Tempo, por favor!’ com uma ênfase um pouco maior que a desses meus amigos com quem você tem conversado.”⁹

Churchill deveria ter feito como Cincinato e Garibaldi e deixado a política ativa no momento de seu triunfo em 1945. Poderia ter se recolhido a Chartwell para construir muros, escrever livros, pintar quadros e desfrutar da canonização secular global. Pois, na altura de 1945, a maior história de aventura do século estava obviamente terminada e a amena chefia do governo de 1951-55, com seu apaziguamento do Partido Trabalhista, sua esclerose política, seus reveses na política exterior e sua atmosfera geral de nostalgia e complacência não foi em absoluto aquilo de que uma Grã-Bretanha exausta e empobrecida precisava. Como Ronald Reagan em Reykjavik no fim de sua carreira, mas com muito menos sucesso, Churchill aspirava por uma conferência de cúpula com os russos que lhe valesse a alcunha pouco habitual para ele de “Pacificador”. Diferentemente de Reagan ele não falava em nome de uma superpotência, e a conferência não aconteceu.

Quando Churchill e Reginald Maudling, seu conselheiro do Diretório Central Conservador, sentaram-se para escrever o discurso do líder para a conferência partidária de 1947, Maudling foi percebendo pouco a pouco que Churchill não havia lido realmente a Carta de Direitos Industrial, a declaração fundamental da política do partido em todos os assuntos referentes à economia. Assim, passou-lhe um parágrafo que resumia os dispositivos do documento no tocante à centralização, altos níveis de emprego, sindicatos fortes, recusa à privatização, igualdade para as mulheres, maiores gastos em

formação de mão-de-obra, conselhos de produção conjunta e esquemas de parceria entre indústria, governo e sindicatos. Churchill disse que havia muita coisa ali com que não concordava. “Bem, sir,” respondeu o pobre *ghost writer*, antevendo problemas e começando a ficar atrapalhado, “isso foi o que conferência do partido adotou”. “Está bem,” respondeu Churchill, “então deixe ficar.”

O ministério 1951-55 não foi a hora mais gloriosa de Churchill. Quando voltou para Downing Street, ele levou consigo pilhas das etiquetas vermelhas “Fazer Hoje” que pregava em documentos importantes durante a guerra. Elas foram postas numa gaveta e lá ficaram, sem jamais serem usadas. A desatenção ao detalhe, a falta de interesse por questões internas e econômicas e a pura indolência com relação à política foram os problemas que afligiram o governo ameno de Churchill. Um sinal da natureza esclerótica desse ministério é que, embora o primeiro-ministro tenha sofrido um derrame no verão de 1953, o Gabinete jamais se deu conta de que algo de desagradável acontecera. Nas poucas ocasiões em que o primeiro-ministro interveio nos assuntos dos seus substitutos foi para piorar as coisas.

O apaziguamento da crescente militância sindical só serviu para “alimentar o crocodilo” e introduzir na economia a inflação induzida pelos salários. Pouco antes do Natal de 1954, o ministro das Finanças, R.A. Butler, recebeu um telefonema de Churchill em que este lhe disse que resolvera o problema da ameaça de greve dos ferroviários. “Em que termos?” indagou o temeroso Butler. “Ora, nos deles, é claro, companheiro!” respondeu um satisfeito *premier*. Esse foi um *leitmotiv* para um ministério que não contribuiu para o brilho da reputação de Churchill. Sua imagem mais duradoura deve ser a do enorme amplificador que era preciso pôr no centro da mesa do Gabinete para que o primeiro-ministro octogenário e vários de seus colegas mais idosos do tempo da guerra pudessem ouvir o que estava sendo dito. Afinal, Churchill já era um aposentado idoso quando assumiu o governo pela primeira vez em 1940.

Quando finalmente se aposentou em abril de 1955, Churchill mal deu a seu sucessor, Anthony Eden, tempo suficiente para se instalar no cargo antes de ter de enfrentar a Crise de Suez. “Muita gente diz que eu deveria ter-me afastado depois da guerra, e ter me convertido numa espécie de estadista venerável”, disse ele ao jovem cientista R.V. Jones em 1946, “mas como poderia? Lutei a minha vida inteira e não posso abandonar a luta agora!”¹⁰ O que mudara fora a qualidade de seus inimigos; depois de êxtase de lutar

contra Hitler em 1945, tinha de se contentar com adversários muito menos fascinantes, tais como uma força de trabalho pouco qualificada, uma economia excessivamente regulamentada e sindicatos cada vez mais militantes. Com seu lugar na história assegurado pelo VE-Day, o Dia da Vitória na Europa, Churchill poderia ter resistido à tendência dos primeiros-ministros do século XX de permanecer no cargo tempo demais para o bem de seus próprios partidos. Mas como ele escrevera em *Savrola*: “ ‘Veemente, elevada e ousada’ era sua disposição. A vida que viveu era a única que jamais poderia viver; tinha de seguir até o fim.”¹¹

Churchill como historiador

A primeira coisa que Churchill fez quando por fim se aposentou foi publicar sua grande obra de história anglo-americana, na qual viera trabalhando irregularmente durante décadas. Líderes que desejam deixar uma marca duradoura na história precisam ser grandes escritores, além de grande oradores, e o Prêmio Nobel de Literatura recebido por Churchill foi merecido. “Em princípio, eu estaria disposto a começar a escrever *Uma história dos povos anglófonos*, suas origens, suas disputas, seus infortúnios e sua reconciliação, pela importância de 20.000 libras”, escreveu Winston Churchill a Newman Flower, o diretor administrativo da Cassell & Co. em 30 de outubro de 1932. O projeto demandaria cinco anos, ele esperava. No entanto, em razão dos acontecimentos extraordinários que se abateram não só sobre Churchill como sobre os próprios povos anglófonos, essa obra em quatro volumes só veio a ser publicada um quarto de século depois.

Foi durante os primeiros meses do período de oposição interna tóri, chamado seus “anos de ostracismo”, que Churchill teve a idéia de escrever uma obra cujo “objetivo era enfatizar a herança comum dos povos da Inglaterra e dos Estados Unidos da América como um meio de fortalecer sua amizade”. Foi um ato de espantosa presciência, pois uma década mais tarde esses dois países, juntamente com seus domínios, estariam na linha de frente de uma luta para salvar a civilização.

Embora Churchill tivesse sólidas razões políticas para escrever o livro, a razão principal e imediata para sua concepção era financeira. Perdulário prodigioso sem nenhuma fortuna herdada, Churchill dependeu durante a vida inteira de sua pena e dos proventos como parlamentar para custear seu estilo

de vida suntuoso. Agora, tendo se demitido recentemente do Gabinete Fantasma por causa da questão do autogoverno indiano, sabia que não podia esperar nenhum posto ministerial em um futuro próximo. Finalmente, seria preciso uma guerra européia em grande escala para levá-lo de volta ao Governo de Sua Majestade.

Assim sua *História* destinava-se desde o início a ser um *bestseller*, como ele escreveu a um de seus auxiliares, o historiador de Oxford Keith Feiling, “uma narrativa vívida reunindo os episódios espetaculares e preponderantes e de maneira alguma pretendendo um relato completo”. Esta não se tornaria mais uma história pedantesca e semi-acabada dos britânicos e sua parentela pelo mundo, mas uma obra ágil de literatura que começa com a invasão da Inglaterra por Júlio César em 55 a.C. e termina em 1902 com a vitória britânica na Guerra dos Bôeres.

Embora Churchill tenha contratado vários dos mais eminentes historiadores britânicos para ajudá-lo a preparar os originais, explicar-lhe os períodos da história com que não estava familiarizado e facilitar o processo de pesquisa e escrita em geral, essa foi em grande medida uma obra sua — como as anotações nas várias provas deixam bastante claro. Em 1937, informando sua mulher Clementine da precária situação financeira em que se encontravam, escreveu sobre como a *História* estava “exigindo uma imensa quantidade de leitura e de reflexão solitária para que pudesse ser feita justiça a um tema tão colossal”. As 15.000 libras restantes de seu adiantamento só seriam pagas depois que entregasse o manuscrito, o que ele esperava conseguir fazer em dezembro de 1939.

Obviamente a ascensão do nazismo iria, com força cada vez maior, impedi-lo de escrever durante os dois anos seguintes, mas é espantoso como Churchill era capaz de compartimentar sua vida, roubando tempo de sua campanha contra o apaziguamento de Hitler para avançar em sua escrita. Quando as nuvens da guerra pareciam estar se acumulando sobre a Tchecoslováquia em agosto de 1938, Churchill escreveu a lorde Halifax sobre o quanto estava “horrivelmente enredado com os antigos bretões, os romanos, os anglos, os saxônios e os jutos, quando pensara ter escapado de todos eles para sempre ao deixar a escola”. De fato, o trabalho em sua *História* pode ter sido no mínimo uma útil distração, pois como ele escreveu a um amigo durante a Crise de Munique: “Tem sido um conforto para mim nesses dias ansiosos interpor um milhar de anos entre meus pensamentos e o século XX.”

A expectativa de que a publicação responderia por cerca de um terço de seus rendimentos para 1939 significou que ela lhe forneceu sua principal ocupação diária naquele ano, fora a política. Uma equipe de historiadores — alguns pagos, outros não — continuava a ajudá-lo em suas várias áreas de competência, ora escrevendo tratados, ora dando aulas particulares em Chartwell, ora revendo provas sob o aspecto da precisão factual. Quando a *História* foi finalmente publicada, entre esses historiadores estavam alguns dos homens mais notáveis da profissão. F.W. (agora sir William) Deakin foi o principal assistente de Churchill; também auxiliando em diferentes momentos e em diferentes papéis estavam Maurice Ashley, A.L. Rowse, Asa (hoje lorde) Briggs, J.H. (mais tarde sir Jack) Plumb, G.M. Young, Alan (hoje lorde) Bullock e vários outros acadêmicos altamente respeitados. Esses historiadores, lembrou Ashley, em geral controlavam um “exuberante” Churchill o bastante para assegurar que suas declarações pudessem ser sustentadas por fatos históricos.

“Essencialmente”, Churchill escreveu a Ashley em abril de 1939, “o tema está despontando da evolução da liberdade e do direito, dos direitos do indivíduo, da subordinação do Estado às concepções fundamentais e morais de uma comunidade abrangente. Os povos anglófonos foram os autores dessas idéias, depois os depositários e devem agora se tornar os defensores armados. Assim eu condeno a tirania sob qualquer roupagem e de onde quer que venha. Tudo isso, é claro, tem uma relevância atual.” No entanto, por mais horas que a “relevância atual” de seus princípios possa ter tomado de seu dia nos últimos meses de paz, Churchill sempre conseguiu de uma maneira ou outra trabalhar sua *História*, a ponto de estar ocupado na revisão do capítulo final do quarto volume até mesmo na noite em que a Alemanha invadiu a Polônia em setembro de 1939.

Obviamente, a data de entrega de seu manuscrito completo teve de ser adiada, mas nem a deflagração da guerra fez cessar por completo o trabalho na *História*. A Guerra Relutante encontrou Churchill, que era nessa altura o ministro da Marinha, tentando terminar a série. F.W. Deakin, que ingressara no 63º Regimento Antitanques de Cavalaria de Oxfordshire, também estava revisando provas em suas (cada vez mais curtas) horas de folga, enquanto Allan Bullock preparava uma seção de dez mil palavras sobre o Canadá. “Espero realmente que você consiga avançar com isso durante a semana, pois o assunto é da maior importância e a tensão aqui é muito grande”, foi a mensagem que Churchill escreveu do Almirantado a Deakin no dia 6 de

outubro de 1939. Em 1940, o projeto de Churchill estava quase completo, mas assim também estava o de Hitler, e a partir de maio, quando Churchill se tornou primeiro-ministro, a *História* teve de ser deixada de lado enquanto a guerra durou, embora os direitos de filmagem tenham sido vendidos para o grande produtor de cinema húngaro-americano Alexander Korda por 50.000 libras.

Foi só na última semana de 1945 — quando havia salvado a civilização mas perdido as eleições gerais na Grã-Bretanha — que Churchill teve condições de retomar o trabalho em sua *História*. A essa altura, é claro, os povos anglófonos haviam acrescentado os mais magníficos capítulos de sua história à narrativa, mas foi decidido não acrescentar mais um volume à obra para incorporar isso. Churchill levou suas provas do livro ao embarcar no *Queen Elizabeth* rumo aos Estados Unidos, onde faria seu esplêndido discurso “Cortina de Ferro”, mas mal havia voltado quando um outro projeto de grande escala veio intervir, retardando mais uma vez a publicação de sua *História*.

Churchill considerou seu dever escrever seis volumes de suas memórias de guerra e aproveitou seus anos na oposição para fazer isso, com o auxílio de William Deakin. O trabalho começou em 1946 e o volume final, *Triunfo e tragédia*, também publicado por Cassel & Co., só foi lançado em 1954, quando Churchill era novamente primeiro-ministro, tendo o Partido Conservador vencido as eleições gerais de 1951. Mais uma vez, a história atropelara a *História*.

De maneira bastante irônica, parece ter sido o debilitante derrame sofrido por Churchill no verão de 1953 que o propiciou a ressurreição do projeto. Seu médico, lorde Moran, havia sugerido que o primeiro-ministro deveria “ocupar-se de alguma coisa que acalme sua mente”, ao que Brendan Bracken, o ex-ministro conservador e grande amigo de Churchill disse: “Então, por que não terminar a *História dos povos anglófonos*?” Por casualidade, Bracken era o proprietário da revista *History Today*, que fora fundada em 1951 e era co-editada pelo amigo Alan Hodge, seu antigo assistente durante a guerra e secretário particular no Ministério da Informação. Hodge era uma espécie de prodígio: tinha apenas 21 anos quando, em 1940 — após frequentar a Liverpool Collegiate School e o Oriel College, em Oxford — começou a escrever poesia de vanguarda e a colaborar com Robert Graves em *The Long Weekend*.

Co-editando a revista com o autor e poeta Peter Quennel, numa parceria muito produtiva que durou até sua morte em 1979, Hodge exercitou, como o expressa o obituário que lhe foi dedicado por *The Times*, “uma instrumentalidade erudita, imaginativa e judiciosa”. Publicou também *The Past We Share* [O passado em comum] com Quennel em 1960, uma história ilustrada da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Colegas e amigos de Hodge costumavam lamentar que, com sua modéstia natural, ele se contentasse com projetos em colaboração, em vez de se lançar a escritos individuais que lhe teriam valido maior renome. Um exemplo perfeito disso foi o modo como encabeçou o comitê de historiadores que ajudaram Churchill com sua pesquisa final para *Uma história dos povos anglófonos*.

Hodge reuniu rapidamente um grupo de acadêmicos e historiadores para ajudar Churchill, vários dos quais eram os mesmos homens que lhe tinham dado uma mão antes da guerra. “Botarei um ovo por ano”, foi o anúncio de Churchill a Moran, “um volume a cada 12 meses não deverá significar trabalho demais”.

Com 79 anos, Churchill começou a preparar a *História* para publicação à medida que se recuperava de seu derrame. Ao reler suas primeiras provas, porém, descobriu que desejava remodelar o livro substancialmente. Os grandes eventos pelos quais o mundo passara desde 1939 haviam posto a história numa perspectiva melhor para ele, e queria que a obra refletisse as lições mais amplas da história melhor do que seus primeiros rascunhos o haviam feito. “Até agora, após os capítulos de abertura, a história foi classificada sob os títulos dos reinados dos reis”, escreveu a Hodge. “Foi assim que aprendemos na escola. É claro que isso não está de acordo com o padrão e o estilo da obra. Deveríamos pensar em só usar monarcas para títulos de capítulo quando eles representam alguma fase importante ou virada decisiva da história.”

A Magna Carta, a Guerra dos Cem Anos, “A Aurora do Parlamento” e a Guerra das Rosas deveriam doravante receber mais ênfase que meras listas de monarcas, pois como Churchill o expressou: “Estamos registrando a marcha dos acontecimentos no que pretende ser uma narrativa vívida, contínua. Estamos interessados sobretudo nas mudanças sociais e políticas à medida que elas se dão, especialmente naquelas que deixaram suas marcas no dia de hoje.” Churchill brincou com seu amigo lorde Beaverbrook sobre essa releitura de sua grande obra à luz da Segunda Guerra Mundial: “Em geral, penso que prefiro viver em meio ao nosso quinhão de atribulações do que em

meio a quaisquer outras, embora deva registrar meu pesar por a raça humana jamais ter aprendido a voar.”

Assim como estivera trabalhando com as provas na noite em que Hitler invadiu a Polônia em 1939, Churchill as estava revendo pela última vez dois dias apenas depois de renunciar pela segunda vez à chefia do governo em 1955. Dessa vez nenhum acontecimento mundial teria licença para interferir. Ele ganhara o Prêmio Nobel de Literatura em 1953 e tinha muito a que fazer jus, e, como afirmou a amigos, aquele deveria ser seu último empreendimento literário. Ao conversar com o historiador A.L. Rowse, Churchill, quando encontrava-se acamado em Chartwell em julho de 1955, admitiu que andara relendo a *História* que escrevera antes da guerra, mas não estava satisfeito com ela. Havia gente, no entanto, que a lia por causa de sua “notoriedade”.

Realmente havia; a primeira tiragem de *Uma história dos povos anglófonos* feita por Cassell & Co. alcançou nada menos que 130.000 exemplares e uma nova tiragem de 30.000 foi feita menos de um mês depois. Dali em diante novas tiragens continuaram a aparecer, ininterruptamente, sobretudo depois que os volumes — publicados entre 1956 e 1958 — começaram a receber críticas superlativas de historiadores como C.V. Wedgwood, J.H. Plumb, o professor Michael Howard e o professor D.C. Somervell, acadêmicos cujo juízo crítico não era obnubilado pela fama ou a importância de Churchill. Até o notório iconoclasta A.J.P. Taylor escreveu sobre o primeiro volume, *The Birth of Britain* [O nascimento da Grã-Bretanha]: “É uma das obras de história mais sábias, mais empolgantes jamais escritas.”

Churchill merecia plenamente a aprovação crítica maciça que aqueles volumes atraíram ao serem publicados pela primeira vez e continuaram a desfrutar desde então. Eles deveriam ser lidos em sua própria extensão, tanto como uma grande obra de literatura, quanto — ou talvez mais do que — como uma obra meticulosamente precisa de história. Pedantes conseguiram localizar raras frases em que a exuberância natural de Churchill e sua sensibilidade para a língua ou para o espírito de uma história pode tê-lo levado além daquela estreita linha divisória que separa a verdade do mito — ele cita (com uma advertência) Alfredo o Grande deixando os bolos queimar, por exemplo — mas os livros não são nada piores por isso.

O lugar de Churchill na história

“A história,” declarou Winston Churchill em seu panegírico de novembro de 1940 a Neville Chamberlain, “com sua lâmpada oscilante tropeça ao longo das trilhas do passado, tentando reconstruir seus temas, reviver seus ecos e atizar com pálidos lampejos a paixão de dias passados.” Churchill provavelmente teria ficado muito satisfeito com a popularidade em torno de sua figura e de sua reputação. Nunca incontestado durante sua própria vida, teria sem dúvida enorme prazer em se defender daqueles que são hoje vagamente chamados “revisionistas”.

Num certo sentido, é claro, toda escrita de história não passa de uma revisão da versão original, e durante alguns anos após a morte de Churchill em 1965 os escritores que se concentraram nele estavam buscando meramente restabelecer o equilíbrio depois das hagiografias de massa que o haviam enaltecido na década de 1950 e início da de 1960. Desde então, porém, e sobretudo na última década, um novo tom, extremamente crítico, apareceu. Este é mordaz, severo de uma maneira agressiva e por vezes francamente desdenhoso de Churchill e de seus feitos.

Tudo isso teve um efeito surpreendentemente pequeno sobre a percepção popular do *premier* do tempo de guerra. Os anglófonos parecem ter uma visão estabelecida da glória de Churchill que nenhum volume de debate histórico pode mais alterar. “Churchill tem alguns detratores”, escreveu o *Sunday Telegraph* no quinquagésimo aniversário do VE-Day, mas “nenhum causou muita impressão na visão que o povo tem dele”. Hoje sua popularidade certamente não mostra sinal algum de diminuição. O número de visitantes à sua casa, Chartwell, tem aumentando constantemente desde que ela foi aberta ao público no ano seguinte ao da sua morte; um navio de guerra dos Estados Unidos foi batizado com seu nome em 2000, tendo ele sido o primeiro inglês a receber semelhante homenagem desde o século XVIII (embora fosse, é claro, um cidadão americano honorário); em termos mais prosaicos, um par de seus chinelos de quarto foi arrematado recentemente por 10.000 libras num leilão. Em novembro de 2002, Churchill ganhou de longe a enquete “Grandes Britânicos” da BBC, com 447.423 votos e, em 1999, só perdeu o posto de Homem do Milênio para William Shakespeare, uma derrota que teria aceitado com muito mais facilidade que o resultado das eleições gerais de 1945.

A mordacidade do bate-boca ocorrido em 1995 em torno da compra dos arquivos de Churchill com dinheiro da Loteria Nacional Britânica foi uma homenagem à sua persistente preeminência no panteão nacional, e outro tributo é o modo como ambos os lados do debate sobre o nível adequado de integração da Grã-Bretanha à União Européia tentam se apropriar do seu legado político. Quando o pretenso Führer da Áustria, Herr Jörg Haider, criticou Churchill como um criminoso de guerra em pé de igualdade com Hitler, isso recebeu muito mais atenção que seus outros pronunciamentos mais imediatos sobre a ampliação da União Européia. No dia 1º de maio de 2000, quando desordeiros picharam *slogans* comunistas e anarquistas na estátua de Churchill na Parliament Square, houve um enorme protesto público.

Pelo menos no sentido popular, não-acadêmico, o revisionismo de Churchill é redundante. Da mesma maneira que outros ícones nacionais como Lincoln, Washington e Napoleão — ou seus próprios antagonistas Gandhi e De Gaulle —, Churchill está tão ancorado que nenhuma pilha de livros desmascarando-o terá qualquer efeito apreciável em sua posição. Eles continuam a ser escritos, é claro, mas têm o mesmo impacto sobre a percepção pública que um alfinete espetado no couro de um enorme paquiderme. O que em *Great Contemporaries* ele qualificou de “o doloroso inquérito da história” reuniu-se para julgar Churchill e o absolveu. Somente em certos círculos históricos e jornalísticos e em certos grupos acadêmicos excêntricos esse veredicto é visto com desconfiança.

O primeiro conjunto de críticos de Churchill é composto pelos ideólogos. Do autor Clive Ponting, à esquerda, até David Irving, na extrema direita, essas pessoas tentaram usar vários aspectos da carreira de Churchill com o objetivo de defender algumas idéias políticas delas mesmas. Descrevendo Churchill como um homem de personalidade viciosa ou mesmo perversa, muitas vezes arrancando citações suas do contexto da maneira mais arbitrária e atribuindo-lhe motivos tão maquiavélicos que teriam chocado a ele próprio, os ideólogos rapidamente perderam a simpatia e esgotaram a paciência dos leitores. Se Churchill é tão violentamente repellido por ambos os extremos do espectro ideológico, podemos realmente supor que ele não pode ter sido assim tão mau.

Em 2001, admiradores de Winston Churchill deram um profundo suspiro de alívio. Durante 14 anos, desde a publicação do primeiro volume de David Irving sobre ele, haviam esperado para ver quais conspirações infames o

historiador de extrema direita teria conseguido desenterrar nas centenas de arquivos a que teve acesso. No entanto, num hino de ódio de 1.063 páginas ironicamente intitulado *Churchill's War: Triumph in Adversity* [A guerra de Churchill: triunfo na adversidade] ficou claro que ele não tinha conseguido acertar nenhum golpe significativo na reputação do líder da Grã-Bretanha durante a guerra.

Todas as velhas acusações foram trazidas à tona, é claro: que Churchill era um alcoólatra grosseiro e mentiroso que escondeu dos americanos a intenção do Japão de atacar Pearl Harbor, esteve por trás do assassinato do general polonês Sikorski (um aliado britânico), queria arrasar Roma, e assim por diante, infinitamente. Houve até algumas denúncias novas, também sem fundamento; segundo o livro de Irving, Churchill era ainda um exibicionista que gostava de se exibir para estadistas estrangeiros, foi o responsável por ter chegado ao conhecimento dos nazistas que a Grã-Bretanha decifrara seus códigos, e queria que a MI6 assassinasse outro aliado dos britânicos: o general De Gaulle.

Havia uma dúzia de novas acusações como essas, em sua maioria risíveis se não fossem apresentadas tão raivosamente e acompanhadas por 160 páginas de notas destinadas a dar a impressão de embasá-las. No entanto, quando Irving, por exemplo, afirmou que a então rainha Elizabeth (a falecida rainha-mãe) apoiou a proposta de paz feita por Hitler em 1940, e que a prova disso podia ser encontrada na Caixa Número 23 dos documentos do lorde Monckton na Bodleian Library em Oxford, eu me lembrei, a partir do trabalho que eu próprio fizera sobre Monckton, que essa caixa específica nunca fora aberta para os historiadores. De fato, o bibliotecário da Bodleian confirmou-me em caráter oficial que David Irving não chegara nem a ver essa caixa, muito menos a abri-la.

Muitas das afirmações de Irving são completamente contraditórias. Se Churchill “punha os interesses dos Estados Unidos invariavelmente acima dos de seu próprio país e do império”, por que não avisou os americanos sobre o que estava prestes a acontecer em Pearl Harbor? Ou se as idéias notórias do sr. Irving sobre Auschwitz estão corretas — que os judeus não estavam sendo sistematicamente assassinados ali — por que deveria Churchill ser responsabilizado por não ter ordenado à RAF que bombardeasse o lugar? O sr. Irving insistia em deixar as coisas assim e também assado em seu livro, mas muitas vezes, acabou não conseguindo nem uma coisa nem outra.

Apesar do subtítulo do livro, Irving não vê quaisquer traços que redimam o homem que teve a temeridade de derrotar Adolf Hitler. As anedotas mais engraçadas de Churchill são menosprezadas como “chacotas”. A necessidade imperativa de se encontrar com o presidente Roosevelt no início de 1942 para coordenar uma estratégia militar global pós-Pearl Harbor contra a Alemanha e o Japão é explicada nas palavras do primeiro-ministro sobre o “desejo de “se misturar aos níveis mais altos”. Ele é acusado de ter ganhado a guerra “apesar de si mesmo”. No entanto, sempre que as provas das afirmações de Irving são examinadas em detalhe por alguém que visitou os mesmos arquivos e manuseou os mesmos documentos originais, elas se provam totalmente insuficientes para justificar as alegações absurdas que ele faz.

As citações arbitrárias são em grande número. Quando Irving afirmou que Churchill queria “eliminar” De Gaulle, o que primeiro-ministro de fato recomendou a seus colegas de Gabinete foi que eles deveriam considerar se deveriam “eliminar De Gaulle como uma força política e enfrentar o Parlamento e França sobre a questão”. Toda a teoria de Irving sobre Pearl Harbor repousava também sobre uma leitura obviamente equivocada do diário de sir Alec Cadogan.

Se o sr. Irving realmente passou, como sugeriu a sinopse feita por seu editor, 27 anos pesquisando e escrevendo *Churchill's War*, desperdiçou metade de uma vida. Pois com sua longa série de insinuações tolas, sarcásticas, não-comprovadas, o que ele criou afinal de contas foi uma obra bastante patética. Em vez de tentar reconstruir sua reputação histórica, que fora destruída por sua derrota no processo Irving *versus* Lipstadt e Penguin Books por difamação em 2000, produziu um livro que só convencerá os teóricos da conspiração de extrema direita.

Quando Irving escreve que Churchill tinha sangue “parcialmente judaico, embora suficientemente diluído”, está sendo nada mais que ofensivo. Quando afirma que Churchill “era ambivalente quanto às suas verdadeiras razões para estar travando essa guerra ruinosa”, está ignorando a clareza de dúzias dos melhores discursos jamais pronunciados na língua inglesa, que explicaram à Grã-Bretanha e ao mundo entre 1939 e 1945, numa linguagem absolutamente categórica, por que ao certo o nazismo tinha de ser extirpado para que a civilização humana pudesse sobreviver e prosperar.

Quando Irving alega que o duque de Windsor foi obrigado a sair de Portugal em agosto de 1940 sob a “mira de uma pistola” britânica, estava

simplesmente escrevendo bobagem. A declaração de Irving de sentir-se “chocado” ante o fato de Churchill ter fechado os olhos para os casos de sua nora Pamela Harriman baseia-se numa incapacidade de compreender os costumes da classe social da época de Churchill. O suposto desejo alimentado por Churchill de “ver Roma em chamas” é desmentido de forma cabal por suas palavras em mensagem a Roosevelt: “Devemos instruir nossos pilotos para tomar todo cuidado possível de modo a evitar atingir qualquer dos prédios do papa na cidade de Roma.”

Um segundo fio do revisionismo de Churchill compreende uma crítica que parece estar crescendo em círculos libertários e isolacionistas americanos. No livro publicado em 1999 por Patrick Buchanan, *A Republic, Not an Empire* [Uma república, não um império], nega-se a Churchill um lugar ao lado dos anjos, e, numa recente conferência sobre história, Robert Raico, historiador da New York State University, conseguiu desfechar nada menos que 32 acusações contra ele. Constatei que sobreviventes da Blitz de Londres têm seus próprios comentários a fazer sobre a afirmação do sr. Raico de que Hitler nunca tivera qualquer intenção de bombardear a cidade e que Churchill errara portanto ao defender a formação de uma forte RAF na década de 1930. Segundo Raico, Churchill foi um “criptossocialista”, um eugenista, um criminoso de guerra e um “títere” de Stálin. “Um homem temperamental e um político sem princípios”, assim Raico o descreveu num artigo em apoio à sua tese, “cuja apoteose serve para corromper todo padrão de honestidade e moralidade na política e na história”. Raramente, ao que me parece, os revisionistas libertários americanos buscam a salvaguarda do comedimento em suas palavras.

Embora britânico, o contestatário profissional Christopher Hitchens estava escrevendo para um periódico americano, o *Atlantic Monthly*, em abril de 2002 quando acusou Churchill de ser cruel, grosseiro, manipulador, “incapacitado pelo álcool”, míope e equivocado acerca de quase tudo exceto os nazistas. Chegou a acusar Churchill de ser “vulgar e alarmista” por “vociferar constantemente sobre o assunto” do rearmamento na década de 1930, como se fosse possível ser “alarmista” acerca de algo como a ascensão de Adolf Hitler. Ao longo de sua diatribe de 19 páginas, intitulada “The Medals of his Defeats” [As medalhas de suas derrotas], Hitchens afirmou que era “fácil imaginar a RAF ajudando a Wehrmacht no Cáucaso”. Na verdade, isso é uma impossibilidade para qualquer pessoa que não seja um contestatário obsessivo tentando simplesmente *épater les Churchillians*. Só

uma incompreensão dos memorandos do Gabinete de Guerra poderia ter produzido a declaração de Hitchens de que em 1940 “Churchill favoreceu mais de uma vez negociações limitadas com Hitler”, quando Churchill estava na realidade argumentando com o Gabinete de Guerra *contra* qualquer negociação desse tipo. Hitchens atribui a oposição de Churchill à hegemonia alemã à “pura ambição”, ignorando assim a grande quantidade de seus escritos, discursos e ações políticas durante 40 anos em defesa do conceito de um equilíbrio de poder na Europa. Até o próprio Hitler reconheceu o compromisso de Churchill com essa teoria do equilíbrio de poder, que considerava antiquada, mas não negava (ver p.129).

Em seu ataque a Churchill por ter ordenado o bombardeio da frota francesa em Oran, Hitchens ignora que a Grã-Bretanha não teria podido saber que Vichy não teria entregado sua frota a Hitler — se esse fosse realmente o caso. Devemos ser gratos pelo fato de que Churchill e não o inusitadamente ingênuo Hitchens era o responsável pela segurança da Grã-Bretanha em 1940. Quando, em seguida, ele declara acerca do ataque de Oran que os “cronistas [de Churchill] preferem menosprezá-lo ou, quando possível, omiti-lo por completo”, está — de forma incomum para um polemista tão inteligente — escrevendo tolices fáceis de se comprovar. O episódio foi discutido por sir Martin Gilbert (em nada menos que 27 páginas), Roy Jenkins, John Keegan, John Lukacs, John Charmley, Joseph Lash, Philip Guedalla, Basil Liddell Hart, William Manchester, John Ramsden, Geoffrey Best, Norman Rose, A.L. Rowse, por mim, e, é claro, pelo próprio Churchill no segundo volume de suas memórias.

Da mesma maneira, a aposentadoria de Churchill esteve longe de ser “uma humilhação prolongada, esticada, de busca por celebridade e de autocomplacência grosseira”; de fato, os quatro volumes da *História dos povos anglófonos* foram aclamados por historiadores acadêmicos e, como vimos, continuam tendo novas tiragens mais de 40 anos depois. Depois de vencer a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill tinha poucas razões ou necessidade de “buscar” a celebridade. Mas é só quando Hitchens afirma que Churchill foi responsável por ameaçar deliberadamente o navio mercante *Lusitania* em 1915 para empurrar os Estados Unidos na Grande Guerra, que se começa a duvidar de que o próprio Hitchens seja de fato capaz de acreditar nessas teses absurdas.

Churchill costumava dizer, brincando, que sabia que a história seria benevolente com ele porque ele próprio a estaria escrevendo. É lamentável,

contudo, que pessoas especialmente desqualificadas por sua falta de objetividade venham escrevendo muita história acerca dele, e há bastante fecundação cruzada entre elas. Notas de rodapé indicam que muitas das citações que o sr. Raico usa para ilustrar suas acusações provêm da obra de Irving e Ponting; por sua vez, Raico é citado com admiração por Buchanan. Várias das alegações de Hitchens parecem ser tomadas de Irving. É quase impossível acreditar que essas pessoas estão empenhadas numa genuína busca da verdade histórica, e não em atacar Churchill pelo efeito de choque (e de vendas) que acompanha o aviltamento de semelhante figura totêmica da cultura política anglo-americana.

Churchill é um ímã poderoso para os que acreditam em teorias conspiratórias. A lista de acusações contra ele é tão longa quanto imaginosa. Dificilmente se passa um ano sem que um novo livro seja publicado acusando-o de atrair Rudolf Hess para a Escócia ou de ter tido conhecimento prévio do bombardeio de Pearl Harbor ou qualquer outro absurdo flagrante. Ele foi acusado de arquitetar a Quebra de Wall Street de 1929 (em que perdeu pessoalmente uma fortuna); um autor sustentou no *Philadelphia Inquirer* que, se Churchill “tivesse sido um pouco mais sensato em 1911, ou em 1919, nem a Segunda Guerra Mundial, nem a Guerra da Coréia, nem a do Vietnã, nem a do Golfo Pérsico teriam acontecido, nem tampouco a deflagração do tráfico de drogas e o imenso déficit [americano]”; alguns escritores ainda sustentam que ele preferiu deixar que cidade de Coventry fosse destruída a correr o risco de revelar que a Grã-Bretanha decifrara o código Enigma. A Internet, nem é preciso dizer, abriu uma frente inteiramente nova em que os revisionistas de Churchill podem alucinar, poluindo o ciberespaço com um número cada vez maior de fantasias. Durante anos, a excelente revista *Finest Hour*, publicada pela International Churchill Society, recolheu e refutou sistematicamente essas e dúzias de outras alegações do gênero.¹²

Uma terceira fonte, extremamente influente, de revisionismo de Churchill é a imprensa. Os editores de jornal afirmarão sem pestanejar que matérias sobre Churchill proporcionam grandes tiragens, em especial porque os mortos não podem abrir processos por calúnia. Assim, vemos em jornais respeitáveis novas matérias que, tivessem sido escritas durante sua vida, teriam valido a Churchill centenas de milhares de libras em acordos extrajudiciais. Segundo alguns recentes artigos de jornal, Churchill era um viciado em drogas que ajudou de forma incomum sua nora a trair o próprio filho. Supostamente, ele ordenou o assassinato de Mussolini e depois tentou

recobrar documentos comprometedores relativos a um acordo anglo-italiano secreto que teria tentado articular. Fumar charutos era algo raro para Churchill, ao que nos dizem, mas gostava de tê-los acesos à sua volta para “acentuar sua masculinidade”.

Segundo vários revisionistas, ele foi também um plagiador, um oportunista, um instigador da guerra, um hipócrita, um fantasista, o verdadeiro criador do nazismo — engenhosa, esta acusação —, um estrategista militar formidável e um mentiroso patológico. Alguém chegou mesmo a escrever um livro, que foi inexplicavelmente catalogado segundo sua própria avaliação como não-ficção, afirmando de modo explícito que Churchill ajudou Martin Bormann a fugir de Berlim em 1945 e depois arranhou-lhe, perto de Londres, uma casa para passar o resto dos seus dias em conforto.¹³ Estima-se que o adiantamento oferecido ao autor dessa sandice foi da ordem de 250 mil libras, embora se diga que não foi pago por inteiro porque as incriminações não resistiram ao escrutínio. Muito recentemente, em setembro de 2002, o embaixador da Arábia Saudita em Londres, Ghazi Alghosbi, escreveu a *The Spectator* para afirmar que, em 1917, Churchill deu ordens a soldados para atirar em sufragistas, uma acusação que foi amplamente refutada duas semanas depois pela International Churchill Society.¹⁴

Tudo o que os historiadores podem fazer quando confrontados com esses absurdos patentes é continuar calmos, retornar aos documentos originais e às principais autoridades — em geral a magistral biografia em oito volumes de sir Martin Gilbert acrescida de seus outros 14 volumes —, examinar o contexto histórico e os dados disponíveis, e revelar a verdade de maneira tão forense quanto possível. Em 95% das ocasiões, Churchill emerge ileso.

É claro que Churchill não está acima de qualquer crítica. É óbvio que, com uma carreira tão longa e variada, envolvendo duas mudanças de partido, e solicitado a tomar decisões graves, seu julgamento em várias questões possa ser legitimamente questionado. Sobre questões como o cerco de Sidney Street em 1910, a debacle de Gallipoli, a divisão da Irlanda, o retorno ao padrão-ouro, a administração da Greve Geral, o nacionalismo indiano, a crise da Abdicação, a escolha estratégica de alvos para os Comandos de Bombardeiros, a estratégia do calcanhar-de-aquiles de 1943, a insistência na rendição incondicional da Alemanha, a recusa a ajudar os conspiradores de julho, o reconhecimento oficial britânico da culpa soviética pelo massacre de oficiais poloneses na floresta de Katyn e a proposta de bombardeio de

Auschwitz, Churchill foi criticado por acadêmicos eminentes e políticos e jornalistas responsáveis, tanto em vida como depois. Tais críticas eram e são bastante justas, embora eu pessoalmente acredite que Churchill fez a escolha certa em quase cada um desses casos, exibindo um histórico de bom discernimento melhor que o da maioria de seus contemporâneos. O que se está vendo agora, contudo, não é um debate sensato e honesto mas uma série de críticas acerbas e hostis lançadas ao próprio patriotismo e à honra de Churchill.

As críticas de longe as mais convincentes à carreira de Churchill, e as mais capazes de arranhar a pintura externa do edifício do que é hoje conhecido como sua reputação imaculada, são aquelas divulgadas pelo dr. John Charmley, o professor Maurice Cowling e o falecido Alan Clark, que compõem grosso modo o que poderia ser chamado a crítica nacionalista britânica tóri. Em janeiro de 1993, o dr. Charmley publicou *Churchill: The End of Glory* [Churchill: o fim da glória], dando-lhe seguimento em 1995 com *Churchill's Grand Alliance: The Anglo-American Special Relationship 1940-1957* [A grande aliança de Churchill: a especial relação anglo-americana 1940-57]. Ambos eram análises solidamente fundamentadas e bem escritas sobre a responsabilidade pessoal de Churchill pelo colapso do poder britânico no século XX. Churchill é acusado também de ter impedido o herói de Charmley, Neville Chamberlain, de levar o apaziguamento adiante até sua conclusão pretendida, a saber, uma debilitante guerra germânico-soviética em que ambos os antagonistas se batessem até um armistício, esgotando-se mutuamente e deixando de representar, portanto, qualquer ameaça para a Grã-Bretanha ou para o Ocidente.

Churchill é acusado ainda de ter efetivamente traído o Império Britânico em favor dos Estados Unidos por ingenuidade e uma visão exagerada da fraqueza britânica pós-guerra, e também de deixar o socialismo entrar na Grã-Bretanha pela porta dos fundos. Essa visão é fundamentalmente falha, porquanto confunde causa e efeito e pouco leva em conta as alternativas limitadas que Churchill tinha em 1945. Apesar disso, a escola nacionalista tóri constitui a tentativa mais importante de arrancar o grande homem de seu pedestal na Parliament Square.

Vale a pena, portanto, examinar atentamente a afirmação de que a Grã-Bretanha deveria ter celebrado a paz com a Alemanha nazista em 1940 ou 1941. (O professor Cowling, ao contrário, acredita que a Grã-Bretanha devia ter entrado em guerra já em 1939.) Longe de salvar o império, não levar a

guerra até o fim teria sido desastroso tanto para a Grã-Bretanha quanto para uma Europa ocidental democrática, pacífica e civilizada como a que existe desde 1945. Quaisquer vantagens que um tratado tão covarde teria podido produzir teriam sido marginais, proibitivamente dispendiosas e talvez também efêmeras.

Desde antes da época da Armada espanhola de 1588 a Grã-Bretanha manteve a política de se opor a qualquer poder continental hegemônico que tentasse controlar os portos do canal da Mancha na Holanda e na Bélgica a partir dos quais uma invasão do sul da Inglaterra poderia ser iniciada. O rei Filipe II da Espanha, Luís XIV, Napoleão Bonaparte e o kaiser Guilherme II sofreram todos reveses significativos em guerras sucessivas precisamente por causa dessa questão. Ter deixado Hitler num controle incontestado desses portos em 1940 teria acarretado décadas de perigo, com gastos astronômicos em defesa e a necessidade de contínua vigilância pelo resto da década e provavelmente além dela.

Com a Grã-Bretanha fora da guerra, Hitler provavelmente não teria tido necessidade de atacar de um golpe, ao sul, a Iugoslávia e a Grécia na primavera de 1941. Como foi examinado na seção anterior, teria assim sido capaz de iniciar sua invasão da Rússia seis semanas antes do que o fez, com divisões tomadas da França, dos Países Baixos e da África bem como aquelas que reservara para esse fim na Alemanha e na Polônia. Mesmo do modo como as coisas se passaram, a Wehrmacht chegou quase às estações de metrô de Moscou, tomou Stalingrado e submeteu Leningrado a um excruciante cerco de mil dias. Se os alemães tivessem forçado os soviéticos a recuar para trás dos Urais, Hitler teria sido o senhor da Europa de Brest a Sverdlovsk. O que aconteceu foi que a aliança da Grã-Bretanha com a Rússia permitiu aos Aliados — assim que a insensata declaração de guerra feita por Hitler levou os Estados Unidos para o conflito contra a Alemanha — fornecer ao Exército Vermelho cinco mil tanques, sete mil aviões, 51 mil jipes e 51 milhões de pares de botas, auxílio que contribuiu materialmente para sua vitória final.

Como o autor e general-de-divisão John Strawson perguntou acerca de qualquer negociação de paz que poderia ter ocorrido em 1941:

Teria a Grã-Bretanha sido deixada em posse tanto da frota de sua Real Marinha quanto de suas frotas mercantes, com absoluta liberdade nos mares para comerciar e para outros fins? Teria a Itália abandonado suas colônias africanas? Teriam a Grécia e Albânia sido deixadas livres?

Teriam Rommel e o Afrika Korps deixado a Líbia? Teria a Grã-Bretanha ficado livre para manter suas forças armadas em seu nível — nada desprezível na altura de 1941 — e para utilizá-las onde quisesse fora dos domínios de Hitler? Que teria a Grã-Bretanha dito à França, aos Países Baixos, à Dinamarca, à Noruega e à Polônia? Teria Hitler concordado — um acordo a ser submetido a rígidas medidas de verificação — em sustar a pesquisa e o desenvolvimento de armas V, aviões a jato, novos submarinos — e armas nucleares? Teria ele, após a sujeição de toda a Europa oriental, inclusive a Rússia, declarado mais uma vez que não tinha outras reivindicações territoriais? Teria ele assegurado a integridade do Império Britânico? Ou teria toda essa paz negociada — a aceitar a fantástica suposição de que ela teria podido jamais se realizar — provado ser simplesmente mais uma Paz de Amiens, a trégua entre a Grã-Bretanha e a França de 1802-1803, durante a qual Napoleão se preparou febrilmente para uma retomada das hostilidades?¹⁵

A mera formulação dessa série de perguntas põe em relevo as improbabilidades da negociação, com sucesso, de uma paz viável, para não mencionar os perigos inerentes ao ato de deixar Hitler como senhor da Europa.

Tão desastrosa para as esperanças britânicas de independência a longo prazo seria a perspectiva em que Stálin derrotaria Hitler e o Exército Vermelho avançaria a oeste de Berlim e mais além, sem nenhum exército anglo-americano na França e na Alemanha para detê-lo. Ter os portos do canal da Mancha controlados por Stálin não teria sido menos perigoso para a independência a longo prazo da Grã-Bretanha no final das décadas de 1940 e 1950 do que tê-los controlados por Hitler.

Se a isso for acrescentado o fato de que Hitler estava (ainda que de maneira intermitente) empreendendo sua própria pesquisa nuclear, enquanto os espetaculares avanços dos Aliados nesse campo eram informados a Stálin por seus espiões ocidentais, a necessidade da plena participação britânica numa guerra drasticamente abreviada torna-se óbvia. Se qualquer dos ditadores tivesse sido deixado, talvez durante anos, no controle da Europa, isso teria sido necessariamente desastroso para as esperanças da Grã-Bretanha de independência genuína e duradoura. Henry Kissinger certa vez zombou da guerra de dez anos entre o Irã e o Iraque: “É uma pena que ambos não

possam perder.” O risco de que uma guerra nazi-soviética resultasse em algo diferente da mútua derrota era grande demais para ser assumido pelo governo britânico em 1940.

Além disso, a grande justificativa na busca de encorajar os Estados Unidos a adotar uma política de “Prioridade: Alemanha” na luta para salvar a civilização teria sido inteiramente arruinada se a Grã-Bretanha tivesse entrado em acordo com Hitler depois que a Força Expedicionária Britânica foi retirada de Dunquerque. Foi necessária a resistência obstinada durante a Blitz e a batalha da Inglaterra para convencer os Estados Unidos do valor da Grã-Bretanha como aliado. Embora a Grã-Bretanha tenha de fato terminado em dívida com os Estados Unidos depois da guerra, não teria estado em melhor situação financeira caso tivesse permanecido em prontidão militar talvez por décadas, esperando pelo momento provável em que Hitler subitamente revogaria seu tratado de paz e atacaria de novo. Afinal, o Führer renegara um a um todos os outros tratados que assinara.

Acresce a isso que, por ocasião da retirada de Dunquerque, a guerra já estava em curso no mar havia nove meses; marinheiros haviam morrido, navios transportando crianças para o Canadá haviam sido torpedeados e em consequência o sangue britânico fervia. Fazer uma paz manifestamente ignóbil teria sido desferir um golpe esmagador no orgulho e na auto-estima imperiais, e sem dúvida teria causado graves distúrbios internos, fatais para o senso de unidade nacional estimulado desde que os partidos de oposição haviam ingressado no governo de Churchill em maio de 1940. A desmoralização do Reino Unido e de seus aliados imperiais era um preço alto demais a pagar para escapar dos perigos da Blitz; os únicos vencedores na política interna teriam sido o Partido Comunista e a União Britânica dos Fascistas.

No que diz respeito à acusação de que Churchill matou o que mais amava: na verdade, após o Ato da Índia de 1935 o Império Britânico já ia longe no caminho do autogoverno. A Segunda Guerra Mundial acelerou esse processo, sem dúvida, mas o apogeu do império já terminara havia muito quando Churchill chegou ao poder em maio de 1940. Num nível mais emocional, que glória teria havido na posse de um império emprestado à Grã-Bretanha pela graça de Adolf Hitler?

Ter selado a paz com Hitler em 1940 e ter assim abjurado a esperança, por mais remota que ela parecesse naquele momento, de um dia libertar a Europa

do nazismo, teria sido condenar o continente ao que Churchill qualificou naquele ano, em palavras célebres, de “uma nova Idade das Trevas, ainda mais sinistra e talvez mais prolongada pelas luzes da ciência pervertida”. Dificilmente um judeu europeu teria podido sobreviver ao processo de extermínio que começara em bases *ad hoc* na Polônia em setembro de 1939, mas se industrializara por completo na altura de 1942, se a possessão incontestada da Europa tivesse sido concedida a Hitler e nenhuma invasão aliada tivesse ocorrido em 1944, 1945 ou em algum momento depois. As grandes potências desfrutaram no presente seu mais longo período de paz desde o surgimento da nação-Estado no século XVI; teria isso realmente sido possível se tivesse sido permitido a Hitler manter os espólios de sua vitória em 1940?

Churchill sabia que ter feito a paz com a Alemanha teria sido abdicar da própria honra e da honra de seu país. Em seu panegírico a Chamberlain, após falar da “lâmpada oscilante” da história que tentava “atiçar com pálidos lampejos a paixão de dias passados”, Churchill perguntou:

Que valor tem tudo isso? O único guia de um homem é sua consciência, o único escudo de sua lembrança é a retidão e a sinceridade de suas ações. É muito imprudente caminhar pela vida sem esse escudo, porque somos a todo instante desiludidos pelo fracasso de nossas esperanças e os obstáculos às nossas previsões; com esse escudo, porém, o que quer que as fadas tramem, marchamos sempre nas fileiras da honra.

Apesar dos esforços implacáveis de seus detratores revisionistas, Winston Churchill ainda marcha nessas fileiras.

Notas

Introdução

- [1.](#) Christopher Hitchens, *Atlantic Monthly*, abril de 2002, p.121.
- [2.](#) *Daily Telegraph*, 29 de agosto de 2002.
- [3.](#) *Daily Telegraph*, 12 de fevereiro de 2002.
- [4.](#) Johnson, *Napoleon*, p.193.
- [5.](#) Brian MacArthur (org.), *The Penguin Book of Historic Speeches*, 1995, p.300-1.
- [6.](#) Churchill, *Savrola*, p.156.
- [7.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 8, p.369.
- [8.](#) Rosebery, *Lord Randolph Churchill*, p.81.
- [9.](#) A.N. Wilson, *Watch in the Night*, p.32.
- [10.](#) *New York World*, 6 de fevereiro de 1928.

Hitler e Churchill até 1939

- [1.](#) Warlimont, *Inside Hitler's Headquarters*, p.x.
- [2.](#) Pearson, *Citadel of the Heart*, p.243.
- [3.](#) Brendon, *Churchill*, p.126.
- [4.](#) Irving, *Churchill: Triumph*, p.62.
- [5.](#) Mosley, *Life of Contrasts*, p.47.
- [6.](#) Brendon, op. cit., p.110.
- [7.](#) *BBC History Magazine*, maio de 2001, p.7.
- [8.](#) Patrick Kinna na biografia televisiva de Churchill de sir Martin Gilbert, 1992.
- [9.](#) Ibid.
- [10.](#) Carta de Ian Weston-Smith, 1º de maio de 2001.
- [11.](#) Churchill, *Savrola*, p.50.
- [12.](#) Mary Soames, "Winston Churchill: the Great Human Being", 9th Annual Crosby Kemper Lecture, 21 de abril de 1991, p.7.
- [13.](#) Churchill, *Savrola*, p.226.
- [14.](#) Jablonsky, *Churchill and Hitler*, p.260.
- [15.](#) Luke, *Hansel Pless*, p.73.
- [16.](#) Hitler, *Mein Kampf*, p.740-2.
- [17.](#) Rhodes James (org.), *Churchill Speaks*, p.603.
- [18.](#) *Daily Express*, 5 de outubro de 1938.
- [19.](#) Grint, *Art of Leadership*, p.267.
- [20.](#) Roseman, *Wannsee*, p.113.
- [21.](#) Rauschning, *Gespräche mit Hitler*, p.223.
- [22.](#) Grint, op. cit., p.297.

- [23.](#) *Spectator*, 26 de janeiro de 2002.
- [24.](#) *The Times*, 16 de julho de 1998.
- [25.](#) Irving, *Churchill: War Path*, p.20.
- [26.](#) Churchill, *Savrola*, p.88.
- [27.](#) Brendon, op. cit., p.143.
- [28.](#) Jablonsky, op. cit., p.209.
- [29.](#) *The Observer*, 5 de agosto de 1951.
- [30.](#) Speer, *Inside the Third Reich*, p.151.
- [31.](#) Ibid, p.187-8.
- [32.](#) Churchill, *Savrola*, p.79.
- [33.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 4, p.446-7.
- [34.](#) Prof. R.V. Jones, "Churchill as I Knew Him", 10th Annual Crosby Kemper Lecture, 29 de março de 1992, p.10.
- [35.](#) Speer, op. cit., p.155-6.
- [36.](#) Kershaw, *Nemesis*, p.xvi.
- [37.](#) Burleigh, *Third Reich*, p.253-5.
- [38.](#) Overy, *Interrogations*, p.38.
- [39.](#) Waite, *Psychopathic God*, p.42.
- [40.](#) Churchill, *Savrola*, p.99.
- [41.](#) Stone, *Hitler*, p.86.
- [42.](#) Irving, *Winston S. Churchill: Triumph*, p.xviii.
- [43.](#) Proctor, Robert N., "The Anti-Tobacco Campaign of the Nazis", www.freerepublic.com.
- [44.](#) Revista *Time*, 9 de janeiro de 1995.
- [45.](#) Soames (org.), *Speaking for Themselves*, p.390.
- [46.](#) *Sunday Telegraph*, 12 de julho de 1998.
- [47.](#) Jablonsky, op. cit., p.270.
- [48.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 6, p.166.
- [49.](#) Ibid., p.59-60.
- [50.](#) Goleman, Boyatzis e McKee, *New Leaders*, p.ix.
- [51.](#) Colville, *Fringes of Power*, p.319.

Hitler e Churchill a partir de 1940

- [1.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 6, p.216.
- [2.](#) Keegan, *Second World War*, p.38.
- [3.](#) Roberts, *Holy Fox*, p.201.
- [4.](#) Smith (org.), *Hostage to Fortune*, p.476.
- [5.](#) Engel, *Heeresadjutant bei Hitler*, p.75.
- [6.](#) Burdick e Jacobsen, *Halder War Diary*, p.85.
- [7.](#) Frieser, *Blitzkrieg-Legende*, p.392.
- [8.](#) Engel, op. cit.
- [9.](#) Brendon, *Churchill*, op. cit., p.140.
- [10.](#) Hayward, *Churchill on Leadership*, p.73.
- [11.](#) Spears, *Assignment to Catastrophe*, p.216.
- [12.](#) Wheeler-Bennett (org.), *Action This Day*, p.50.
- [13.](#) Ibid., p.52-3.
- [14.](#) Ibid., p.20.
- [15.](#) Ibid., p.19-20.
- [16.](#) Churchill, *Savrola*, p.307.
- [17.](#) Hinsley e Simkins, *British Intelligence*, vol. 4, p.47.
- [18.](#) Thompson, *1940*, p.134-8.
- [19.](#) Kershaw, *Hitler Myth*, p.13-14.
- [20.](#) Jablonsky, op. cit., p.159.
- [21.](#) Colville, *Fringes of Power*, p.382.
- [22.](#) Churchill, *Contemporaries*, p.343.

- [23.](#) Brendon, *Churchill*, p.156.
- [24.](#) Kimball (org.), *Churchill and Roosevelt*, p.49-50.
- [25.](#) Danchev e Todman (orgs.), *Alanbrooke War Diaries*, p.xi.
- [26.](#) Jenkins, *Churchill*, p.629.
- [27.](#) *Daily Telegraph*, 29 de agosto de 2002.
- [28.](#) Trevor-Roper (org.), *Last Days of Hitler*, p.95.
- [29.](#) Ibid., p.264.
- [30.](#) Ibid., p.505.
- [31.](#) Ibid., p.630.
- [32.](#) Churchill, *Savrola*, p.22.
- [33.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 4, p.1103.
- [34.](#) Colville, op. cit., p.180.
- [35.](#) Ibid., p.404.
- [36.](#) Stafford, *Churchill and the Secret Service*.
- [37.](#) Documentos de Richard Garnett em Hilton Hall, Huntingdon.
- [38.](#) Garnett, *Secret History of PWE*.
- [39.](#) Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 7, p.455.
- [40.](#) Brendon, *Churchill*, p.147.
- [41.](#) Jablonsky, op. cit., p.22.
- [42.](#) Ibid., p.256.
- [43.](#) Ibid., p.241-2.
- [44.](#) Conversa do autor em 1993 com o falecido lorde Hume, p.184.
- [45.](#) Warlimont, op. cit., p.463.

Conclusão

- [1.](#) John Keegan, *Daily Telegraph*, 18 de julho de 1998.
- [2.](#) John Lukacs, *Hitler of History*.
- [3.](#) *Mail on Sunday*, 2 de outubro de 1994.
- [4.](#) Masters, *Getting Personal*, p.57-8.
- [5.](#) Bryan Appleyard, “Leaders of the Pack”, *Sunday Times*, 20 de janeiro de 2002.
- [6.](#) Browning, *Ordinary Men*.
- [7.](#) Goldhagen, *Hitler’s Willing Executioners*.
- [8.](#) Jenkins, op. cit., p.635.
- [9.](#) Willans e Roetter, *Wit of Winston Churchill*, p.106.
- [10.](#) Jones, op. cit., p.ii.
- [11.](#) Churchill, *Savrola*, p.43.
- [12.](#) Para assinar *Finest Hour*, visite www.winstonchurchill.org ou escreva para PO Box 1257, Melshaven, SN12 69Q, UK
- [13.](#) Creighton, *Op. JB*.
- [14.](#) *Spectator*, 7 e 21 de setembro de 2002.
- [15.](#) Strawson, *Hitler and Churchill*, p.502-3.

Bibliografia

Todos os livros foram publicados em Londres, salvo quando outro lugar é indicado. As datas referem-se não à publicação, mas unicamente à edição usada.

- ADAIR, John, *The Effective Leadership Masterclass*, 1977.
- ADDISON, Paul, *Churchill on the Home Front*, 1992.
- ALLDRITT, Keith, *Churchill the Writer: His Life as a Man of Letters*, 1992.
- ASHLEY, Maurice, *Churchill as Historian*, 1968.
- BEEVOR, Antony, *Stalingrad*, 1998.
- , *Berlin: The Downfall 1945*, 2002.
- BELOW, Nicholas von, *At Hitler's Side: The Memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945*, 2001.
- BERLIN, Isaiah, *Mr Churchill in 1940*, 1949.
- BEST, Geoffrey, *Churchill: A Study in Greatness*, 2001.
- BETHELL, Nicholas, *The War Hitler Won*, 1972.
- BIRKENHEAD, conde de, *Churchill 1874-1922*, 1989.
- BLAKE, Robert, e Louis, William Roger, *Churchill*, 1993.
- BRENDON, Piers, *The Dark Valley: A Panorama of the 1930s*, 2000.
- , *Winston Churchill: A Brief Life*, 2001.
- BROWNING, Christopher R., *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*, 1992.
- BUCHANAN, Patrick J., *A Republic, Not an Empire: Reclaiming America's Destiny* (Washington DC), 1999.
- BULLOCK, Alan, *Hitler: A Study in Tyranny*, 1952.
- , *Hitler and Stalin: Parallel Lives*, 1991.
- BURDICK, Charles, e JACOBSEN, Hans-Adolf, *The Halder War Diary 1939-42*, 1988.
- BURLEIGH, Michael, *The Third Reich: A New History*, 2000.
- CALLAGHAN, Raymond A., *Churchill: Retreat from Empire*, 1984.
- CARLTON, David, *Churchill and the Soviet Union*, 2000.
- CARTER, Violet Bonham, *Winston Churchill as I Knew Him*, 1965.
- CHARMLEY, John, *Churchill: The End of Glory*, 1993.
- , *Churchill's Grand Alliance: The Anglo-American Special Relationship 1940-57*, 1995.
- CHURCHILL, Winston S., *Savrola*, 1900.
- , *Secret Session Speeches*, 1946.
- , *Great Contemporaries*, 1962.

- , *Thoughts and Adventures*, 1990.
- CLARK, Alan, *Barbarossa: The Russian-German Conflict 1941-1945*, 1965.
- COHEN, Eliot A., *Supreme Command: Soldiers, Statesmen and Leadership in Wartime* (Nova York), 2002.
- COLVILLE, John, *Fringes of Power*, 1985.
- COOTE, Colin (org.), *Maxims and Reflections of Winston Churchill*, 1947.
- , *The Other Club*, 1971.
- COSGRAVE, Patrick, *Churchill at War: Alone 1939-40*, 1974.
- COWLES, Winston, *Churchill: The Era and the Man*, 1953.
- COWLING, Maurice, *The Impact of Hitler: British Politics and British Policy 1933-1940*, 1977.
- CREIGHTON, Christopher, *Op. JB*, 1996.
- DANCHEV, Alex, e TODMAN, Daniel (orgs.), *War Diaries 1939-1945: Field Marshal Lord Alanbrooke*, 2001.
- DAY, David, *Menzies and Churchill at War*, 1986.
- EADE, Charles (org.), *Churchill by his Contemporaries*, 1955.
- EHLERS, Dieter, *Technik und Moral einer Verschwörung. Der Aufstand am 20. Juli 1944* (Bonn), 1964.
- ENGEL, Gerhard, *Heeresadjutant bei Hitler 1938-1943* (Stuttgart), 1974.
- EVANS, David, *Telling Lies about Hitler*, 2002.
- FEST, Joachim, *Plotting Hitler's Death: The German Resistance to Hitler 1933-1945*, 1966.
- FRASER, David, *Alanbrooke*, 1997.
- FRIESER, Karl-Heinz, *Blitzkrieg-Legende der Westfeldzug 1940* (Munique), 1996.
- GARNETT, David, *The Secret History of P.W.E.*, 2002.
- GILBERT, Martin, *Winston S. Churchill*, 8 vols, 1966-1988.
- , *Churchill's Political Philosophy*, 1981.
- , *Churchill: The Wilderness Years*, 1981.
- , *The Second World War*, 1989.
- , *Churchill: A Life*, 1991.
- , *In Search of Churchill*, 1994.
- GIULIANI, Rudolf, *Leadership*, 2002.
- GOLDHAGEN, Daniel, *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust*, 1996.
- GOLEMAN, Daniel, Boyatzis, Richard, e McKee, Annie, *The New Leaders: Transforming the Art of Leadership into the Science of Results*, 2002.
- GRINT, Keith, *The Arts of Leadership*, 2001.
- GRUNBERGER, Richard, *A Social History of the Third Reich*, 1971.
- GUEDELLA, Philip, *Mr Churchill: A Portrait*, 1941.
- HAMANN, Brigitte, *Hitler's Vienna: A Dictator's Apprenticeship*, 1999.
- HARDWICK, Joan, *Clementine Churchill: The Private Life of a Public Figure*, 1997.
- HART, B.H. Liddell, *History of the Second World War*, 1970.
- HAYWARD, Steven, *Churchill on Leadership*, 1997.
- HINSLEY, F.H, e Simkins, C.A.G., *British Intelligence in the Second World War*, vol. 4, 1990.
- HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, (Berlim:162-163ª reimpressão, Eher Verlag), 1935.
- HOUGH, Richard, *Winston and Clementine: The Triumph of the Churchills*, 1988.
- IRVING, David, *Hitler's War 1942-1945*, 1977.
- , *The War Path: Hitler's Germany 1933-1939*, 1978.
- , *Churchill's War: The Struggle for Power*, 1987.

——, *Churchill's War: Triumph in Adversity*, 2001.

JABLONSKY, David, *Churchill and Hitler: Essays on the Political-Military Direction of Total War*, 1994.

JENKINS, Roy, *Churchill*, 2002.

JOHNSON, Paul, *Napoleon*, 2002.

KEEGAN, John, *The Second World War*, 1989.

——, *Churchill's Generals*, 1992.

KEMPER III, R. Crosby (org.), *Winston Churchill: Resolution, Defiance, Magnanimity, Good Will*, 1996.

KERSHAW, Ian, *The "Hitler Myth": Image and Reality in the Third Reich*, 1989.

——. *Hitler 1889-1936: Hubris*, 1998.

——. *Hitler 1936-1945: Nemesis*, 2000.

KEYNES, John Maynard, *The Economic Consequences of the Peace* (Nova York), 1971.

KIMBALL, Warren F. (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence*, 3 vols, 1984.

KRAUS, René, *The Men Around Churchill*, 1971.

LAMB, Richard, *The Ghosts of Peace 1935-1945*, 1987.

LASH, Joseph P., *Roosevelt and Churchill 1939-1941*, 1977.

LAWLOR, Sheila, *Churchill and the Politics of War 1940-1941*, 1994.

LEE, J. M., *The Churchill Coalition 1940-1945*, 1980.

LIPSTADT, Deborah, *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*, 1993.

LORD, Walter, *The Miracle of Dunkirk*, 1982.

LOWENHEIM, Francis L, Langley, Harold D., e Jonas, Manfred (orgs.), *Roosevelt and Churchill: Their Secret Wartime Correspondence*, 1975.

LUKACS, John, *The Hitler of History*, 1997. [Ed. bras.: *O Hitler da história*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.]

——, *The Duel: Hitler vs Churchill 10 May-31 July 1940*, 1990. [Ed. bras.: *O duelo: Churchill x Hitler*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.]

——, *Churchill: Visionary, Statesman, Historian*, 2002. [Ed. bras.: *Churchill: Visionário. Estadista. Historiador.*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.]

LUKE, Michael, *Hansel Pless: Prisoner of History*, 2002.

MACHTAN, Lothar, *The Hidden Hitler*, 2001.

MACARTHUR, Brian (org.), *The Penguin Book of Historic Speeches*, 1995.

MANCHESTER, William, *The Caged Lion: Winston Spencer Churchill 1932-1940*, 1988.

MARTIN, sir John, *Downing Street: The War Years*, 1991.

MASTERS, Brian, *Getting Personal*, 2002.

MEEHAN, Patricia, *The Unnecessary War: Whitehall and the German Resistance to Hitler*, 1992.

MEGARGEE, Geoffrey P., *Inside Hitler's Command* (Kansas), 2000.

MIDDLEBROOK, Martin, *The Battle for Hamburg*, 2000.

MONTAGUE BROWNE, Anthony, *Long Sunset: Memoirs of Winston Churchill's Last Private Secretary*, 1995.

MORAN, Iorde, *Winston Churchill: The Struggle for Survival 1940-1965*, 1966.

MORIARTY, David, *A Psychological Study of Adolf Hitler*, 1991.

MOSLEY, Diana, *A Life of Contrasts*, 2002.

OVERY, Richard, *Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands 1945*, 2001.

PARKER, R.A.C., *Churchil and Appeasement: Could Churchill Have Prevented the Second World War?*, 2000.

PARKER, R.A.C. (org.), *Winston Churchill: Studies in Statesmanship*, 1995 Pearson, John, *Citadel of the Heart: Winston and the Churchill Dynasty*, 1991

PELLING, Henry, *Winston Churchill*, 1974.

PONTING, Clive, *Churchill*, 1994.

RAMSDEN, John, *The Age of Churchill and Eden*, 1995.

——, *Man of the Century: Winston Churchill and his Legend since 1945*, 2002.

RAUSCHNING, Hermann, *Gespräche mit Hitler* (Nova York), 1940.

REDLICH, Fritz, *Hitler: Diagnosis of a Destructive Prophet*, 2000.

REES, Laurence, *The Nazis: A Warning from History*, 1997.

——, *War of the Century: When Hitler Fought Stalin*, 1999.

——, *Horror in the East*, 2001.

RHODES JAMES, Robert, *Churchill: A Study in Failure 1900-1939*, 1990.

RHODES JAMES, Robert (org.), *Churchill Speaks 1897-1963: Collected Speeches in Peace and War*, 1981.

ROBERTS, Andrew, *“The Holy Fox”: A Biography of Lord Halifax*, 1991.

——, *Eminent Churchillians*, 1991.

ROBERTS, Frank, *Dealing with Dictators: The Destruction and Revival of Europe 1930-70*, 1991.

ROSE, Norman, *Churchill: An Unruly Life*, 1994.

ROSEBERY, lorde, *Lord Randolph Churchill*, 1906.

ROSEMAN, Mark, *The Villa, The Lake, The Meeting: Wannsee and the Final Solution*, 2002.

SANDYS, Celia, *Churchill Wanted Dead or Alive*, 1999.

SMITH, Amanda (org.), *Hostage to Fortune: The Letters of Joseph P. Kennedy*, 2001.

SOAMES, Mary (org.), *Speaking for Themselves: The Personal Letters of Winston and Clementine Churchill*, 1998.

SPEARS, E.L., *Assignment to Catastrophe*, vol. 1: July 1939-May 1940, 1954.

SPEER, Albert, *Inside the Third Reich*, 1995.

SPOTTS, Roderic, *Hitler and the Power of Aesthetics*, 2002.

STAFFORD, David, *Churchill and the Secret Service*, 1997.

STEWART, Graham, *Burying Caesar: Churchill, Chamberlain and the Battle for the Tory Party*, 1999.

STONE, Norman, *Hitler*, 1980.

STRAWSON, John, *Hitler and Churchill in Victory and Defeat*, 1997.

THOMPSON, Laurence, 1940, 1966.

THORNE, Christopher, *Allies of a Kind: The United States, Britain, and the War Against Japan 1941-1945*, 1978.

TREVOR-ROPER, Hugh, *The Last Days of Hitler*, 1947.

TREVOR-ROPER, Hugh (org.), *Hitler's Secret Conversations 1941-1944*, 1961.

WAITE, Robert, *The Psychopathic God: Adolf Hitler*, 1993.

WARLIMONT, general Walter, *Inside Hitler's Headquarters 1939-1945*, 1964.

WATT, Donald Cameron, *How War Came: The Immediate Origins of the Second World War 1938-1939*, 1989.

WHEELER-BENNETT, John (org.), *Action This Day*, 1968.

WILLANS, Geoffrey, e Roetter, Charles, *The Wit of Winston Churchill*, 1954.

WILLMOTT, H.P., *The Great Crusade: A New Complete History of the Second World War*, 1989.

WILSON, A.N., *A Watch in the Night*, 1996.

WILSON, Thomas, *Churchill and the Prof*, 1995.

WOODS, Frederick, *Artillery of Words: The Writings of Sir Winston Churchill*, 1992.

YOUNG, Kenneth, *Churchill and Beaverbrook*, 1966.

Agradecimentos

Como este livro foi escrito em grande parte para acompanhar uma série de televisão da BBC2, gostaria de agradecer a Laurence Rees, diretor do programa *Timewatch*, por conceber a idéia, e à superintendente Jane Root, por autorizar a série. Laurence é uma prova viva de que uma personalidade excêntrica pode sobreviver mesmo nas maiores organizações. Gostei imensamente de fazer *Secrets of Leadership* [Segredos da liderança], e em especial de trabalhar com os produtores do programa, Jonathan Hacker, Detlef Siebert, Dominic Sutherland e Andrew Williams. Foi igualmente um prazer trabalhar com Dani Barry, Lucy Heathcoat-Amory, Suzanne Hughes, Helen Nixon, Kate Rea, Lorraine Selwyn, Nancy Strange e Mark Walden-Mills por seu profissionalismo e carisma. Detlef Siebert e Dominic Sutherland fizeram-me a gentileza de ler o manuscrito deste livro; claro que a responsabilidade por quaisquer erros que ainda o infestam é inteiramente deles.

Gostaria de agradecer também às seguintes pessoas por sua ajuda, seja através de conversas ou de correspondência: Joan Bright Astlen, Paul Courtenay e Nigel Knocker da International Churchill Society, sr. James Drummond, professor sir Michael Howard, Anthony Montague Browne, Philip Reed, diretor das Salas do Gabinete de Guerra, a hon. Celia Sandys e lady Soames. Meus agradecimentos ainda ao sr. Richard Garnett, por sua hospitalidade em Hilton Hall e sua permissão para pesquisar e citar os documentos de seu pai relativos à Executiva Política de Guerra; a M. Robert Varoqui, que gentilmente me guiou pela Linha Maginot; ao major Ian Park-Weir, pela explicação sobre a época de Churchill na Real Academia Militar em Sandhurst; a Herr Hoffmann, que foi muito generoso com seu tempo, mostrando-me o quartel-general do Alto Comando alemão durante a guerra em Zossen; ao Oberregierungsrat Hans Meissner, por permitir minha entrada no Ministério da Aeronáutica de Göring (hoje o Ministério das Finanças

alemão) e a Herr dr. Palt por me dar acesso ao Ministério de Propaganda e do Esclarecimento Público de Goebbels (hoje o Ministério Federal para o Trabalho e o Bem-Estar Social); Carole Kenwright e Judith Seaward auxiliaram-me em minhas visitas a Chartwell.

Gostaria de agradecer também a Chris Wren do 11 Group Battle of Britain Operation Room na RAF Uxbridge; a Wally Bennett, Andy Mahon e Stig Thornshon, do Warship Preservation Trust, Birkenhead, por me terem permitido visitar o submarino alemão 534; a Fred e Harold Panton por me darem acesso a seu magnífico bombardeiro Lancaster “Just Jane”, estacionado em East Kirkby, Lincolnshire; a Harald Prokosch, chefe do departamento de imprensa da Siemens e Detlef Haumann, ao diretor de manutenção da fábrica Dynamo da Siemens em Berlim; ao comandante de esquadrilha Ed Bulpett por um dia fascinante na RAF Coltishall, Norfolk; ao tenente Lucas Chevalier da École Militaire em Les Invalides, Paris; ao FCO por me dar acesso ao escritório de Churchill no antigo prédio do Almirantado em Whitehall; ao pessoal da Maison Blairon em Charleville-Mézières por franquear-me a entrada no quartel-general do Grupo A do Exército do general Gerd von Rundstedt, ao capitão-de-corveta Rupert Nichol por minha visita ao caça-minas HMS *Ledbury*, e ao dr. Wilhelm Lenz, chefe do departamento do Deutsches Reich do Bundesarchiv Lichterfelde. Allen Packwood, do Churchill Archive Centre no Churchill College, Cambridge, foi também muito útil a Detlef e Dominic nas pesquisas que fizeram para essa série, pelo que muito lhe agradeço.

Como sempre, sou profundamente grato à minha equipe editorial: o editor extremamente talentoso e profissional Ion Trewin, a agente Georgina Capel e o indexador Douglas Matthews, dos quais posso me orgulhar de ser tão amigo quanto colega. Muito obrigado também a Jane Birkett, que preparou o manuscrito e a Joanne King por sua excelente pesquisa de fotografias. Por fim, gostaria de agradecer a Leonie Frieda por datilografar o manuscrito e por tudo de bom que está acontecendo em minha vida.

Este livro é dedicado a Peter Wyllie, meu amigo há vinte anos, por ter me dado o melhor conselho que jamais recebi. Sua carreira mostra que ele já compreende os segredos da liderança.

Andrew Roberts
www.andrew-roberts.net

Índice

Neste índice WSC substitui Churchill e AH, Hitler

Abdicação, crise da (1936), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Aberdeen, George Hamilton Gordon, 4º conde de, [1](#)

Abissínia: invasão italiana da, [1](#)

Adair, John, [1](#)

Addison, Paul, [1](#)

Afeganistão, [1](#)

Afrika Korps, [1](#)

Alamein, El, batalha de (1942), [1](#), [2](#), [3](#)

Alanbrooke, marechal-de-campo Alan Brooke, 1º visconde: sobre a proliferação das idéias de WSC, [1](#); e estratégia global, [2](#), [3](#); relações com WSC, [4](#), [5-6](#), [7](#); diário, [8-9](#); caráter e qualidades, [10](#); empobrecimento, [11](#)

Alemanha:

exigências de rendição incondicional feitas à, [1](#); AH sobre história e destino da, [2-3](#); carga de reparações e dívidas, [4](#), [5](#); política expansionista, [6](#); restrições ao fumo, [7-8](#); crises de escassez de alimentos, [9](#); rearmamento, [10](#); ataque e avanço no Ocidente (1940), [11](#), [12-13](#), [14-15](#); e comando de missão, [16](#); campanha britânica de bombardeio contra, [17](#), [18](#); propostas de paz, [19](#), [20](#), [21-22](#); campanha da Executiva Política de Guerra (PWE), [23-24](#), [25](#); resistência a Hitler na, [26-27](#); conquista democracia pacífica, [28](#); agências de informação, [29](#); indiferença a ações cruéis, [30](#); *ver também* Hitler, Adolf; Partido Nazista

Alexander, General sir Harold (*depois* 1º conde), [1](#), [2](#)

Algosaibi, Ghazi, [1](#)

Al-Qaeda, [1](#)

Alsácia-Lorena, [1](#)

Altmark (navio alemão), [1](#), [2](#)

Amery, Julian, [1](#)

Amery, Leo, [1](#)

Amies, Hardy, [1](#)

anti-semitismo:

de Hitler, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#); entre alemães comuns, [7](#)

Antonov, Marechal A. I., [1](#)

Ardenas:

avanço alemão nas (1940), [1](#)

Arent, Benno von, [1](#)

Aristóteles, [1](#)

Armínio, [1](#)

Asch, Solomon, [1-2](#)

Ashley, Maurice, [1](#)

Asquith, Herbert Henry, 1º conde de Oxford e Asquith, [1](#)

assassinato (político), [1](#)

assassinos, [1](#)

Astor, Nancy, viscondessa, [1](#)

Atlantic Monthly, [1](#)

Atlântico, Muro do, [1](#)

Attlee, Clement (*depois* 1º conde):
na coalizão em tempo de guerra, [1](#); no debate da Noruega, [2](#); ingressa no Gabinete de Guerra, [3](#); suspende pagamento de pensão ao descendentes de Nelson, [4](#)
Auchinleck, marechal-de-campo sir Claude, [1](#)
Auschwitz, [1](#), [2](#)
Áustria, [1](#), [2](#)
Ayer, (sir) A. J., [1](#)

Baarova, Lida, [1](#)
Bainbridge, Simon:
Napoleon and English Romanticism, [1](#)
Bakunin, Mikhail, [1](#)
Baldwin, Stanley (*depois* 1º conde), [1](#), [2](#), [3](#)
Balfour, Arthur James, 1º conde, [1](#)
Barba-Roxa, imperador *ver* Frederico Barba-Roxa, imperador
Barba-Roxa, Operação, [1](#), [2-3](#)
Batalhão de Reserva da Polícia [1](#), [2-3](#)
Beaverbrook, William Maxwell Aitken, 1º barão, [1](#), [2](#), [3](#),
Beerbohm, sir Max, [1](#)
Bélgica, [1](#), [2](#), [3](#)
Benes, Eduard, [1](#)
Bengasi, [1](#)
Berchtesgaden, [1-2](#)
Berghof (casa de campo de AH), [1-2](#)
Berlim: bombardeada, [1](#)
Berlin, sir Isaiah: *Mr Churchill in 1940*, [1](#)
Berman, M. (espião da PWE), [1](#)
Bessborough, Vere Brabazon Ponsonby, 1º conde, e Roberte, condessa de, [1](#)
Best, Geoffrey, [1](#)
Betjeman, sir John: “Slough”, [1](#)
Bevin, Ernest, [1](#), [2](#)
bin Laden, Osama, [1](#), [2](#)
Birkenhead, Frederick Edwin Smith, 1º conde de, [1](#), [2](#), [3](#)
Bismarck, príncipe Otto von, [1](#)
Bladon, Oxfordshire, [1](#)
Blair, Tony, [1](#), [2](#)
Blake, Robert, barão, [1](#)
Bletchley Park: acadêmicos em, [1](#); decifra código militar alemão, [2](#)
Blitzkrieg (guerra-relâmpago), [1](#), [2](#), [3](#)
Bloch, dr. Eduard, [1](#)
Blomberg, marechal-de-campo Werner von, [1](#)
Blumentritt, general Günther, [1](#)
Boothby, Robert (*depois* barão), [1](#)
Bormann, Martin, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Boston Daily Record, [1](#)
Bracher, Karl Dietrich, [1](#)
Bracken, Brendan, visconde, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Brauchitsch, general Walther von, [1](#)
Braun, Eva:
AH casa-se com, [1](#), [2](#); filma AH, [3](#); fotografada com AH, [4](#); relações com AH, [5](#)
Briggs, Asa, barão, [1](#), [2](#)
British Gazette (boletim), [1](#)
Brooks, general sir Reginald Alexander Dallas, [1](#)
Brooks, Mel: *The Producers*, [1](#)
Brougham, Henry Peter, barão, [1](#)
Broun, Heywood, [1](#)
Browne, Anthony Montague *ver* Montague Browne, Anthony

Browning, Christopher, [1](#)
Bruce Lockhart, sir Robert, [1](#)
Bruce, Dominic, [1](#)
Bryant, sir Arthur, [1](#), [2](#)
Buchanan, Patrick: *A Republic, Not an Empire*, [1](#), [2](#)
Bullock, Alan, barão, [1](#), [2](#); *Parallel Lives*, [3](#)
Burleigh, Michael, [1](#)
Burns, James MacGregor, [1](#)
Bush, George W., [1-2](#), [3](#), [4](#)
Butler, Richard Austen (*depois* barão; “Rab”), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Byers, Stephen, [1](#)
Byron, George Gordon, 1º barão, [1](#)
Byron, Robert, [1](#)

Cadogan, sir Alexander, [1](#), [2](#), [3](#)
Calder, Ritchie, [1](#)
califa (do Sudão), [1](#)
Câmara dos Comuns: WSC respeita autoridade, [1](#)
campanha da Noruega (1940): WSC planeja, [1](#); fracasso da, [2-3](#), [4](#); debate parlamentar sobre, [5-6](#)
Camrose, William Ewert, 1º visconde, [1](#)
Carlton, David, [1](#)
Carlyle, Thomas: *On Heroes and Hero-Worship*, [1](#), [2](#); Frederico o Grande, [3](#)
Carr, Edward Hallett, [1](#), [2](#)
Carrey, Jim, [1](#)
Cash, Bill, [1](#)
Cassell & Co. (editores), [1](#), [2](#), [3](#)
Castle, Barbara, baronesa, [1](#)
Castro, Fidel, [1](#), [2](#)
Caxemira, disputa de, [1](#)
Chamberlain, Neville:
política de apaziguamento, [1](#), [2](#), [3](#); desavença de WSC com, [4-5](#); forçado a renunciar (1940), [6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#);
sucessão de, [11-12](#); propõe adiamento da renúncia, [13](#); no Gabinete de Guerra de WSC, [14](#); forma Comitê de
Coordenação Militar, [15](#); uso de bombardeiros, [16](#); e o movimento alemão de resistência, [17](#); Charmley
defende, [18](#)
Channon, sir Henry (“Chips”), [1](#)
Chaplin, Henry, [1](#)
Charleville-Mézières, [1](#)
Charmley, John, [1](#); *Churchill: The End of
Glory*, [1](#); *Churchill’s Grand Alliance*, [2](#)
Chartwell, Kent, [1](#), [2](#)
Chatfield, almirante-de-esquadra Alfred Ernle Montacute, 1º barão, [1](#)
chefes do estado-maior: relações de WSC com, [1](#), [2](#); WSC reforma, [3-4](#)
Christian, Gerda, [1-2](#)
Churchill, Clementine, lady:
sobre a campanha de Gallipoli, [1](#); WSC escreve a das trincheiras, [2](#); situação financeira, [3](#); oferece bebê para
adoção, [4](#); e custo de Chartwell, [5](#); relações conjugais, [6-7](#); repreende WSC por maneiras com colegas, [8](#);
caráter e temperamento, [9](#); conselho a Spears, [10](#); sobre Alanbrooke, [11](#)
Churchill, lorde Randolph (pai de WSC), [1](#), [2](#), [3](#)
Churchill, Randolph (filho de WSC): sobre a pneumonia de WSC na infância, [1](#); sobre o defeito de fala de
WSC, [2](#); faz cobertura da campanha eleitoral de AH em 1932, [3-4](#);
Churchill, Sarah (filha de WSC), [1](#)
Churchill, sir Winston:
oratória, discursos e falas pelo rádio, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#); como personificação da coragem e da liderança, [6-7](#), [8](#), [9](#);
deixa o cargo, [10](#); necessidade de “forjar”, [11](#); na batalha de Omdurman, [12](#); evita guerra com Franco, [13](#);
oportunidade para a liderança, [14](#); sobre a “Grande Coalizão”, [15](#), [16](#); e vitória final, [17](#); adoção tardia da
liderança, [18](#); visão do pai, [19](#); sobre guerras entre povos, [20](#); comparado a AH, [21-22](#), [23](#), [24](#); lida
democraticamente com oposição, [25](#); falta de carisma, [26](#), [27](#), [28](#); nacionalismo, [29](#); pintura, [30](#), [31](#); bebida, [32-](#)

33; emotividade e propensão às lágrimas, 34-35; como homem de família, 36; gostos musicais, 37; funeral, 38; sobre início da luta de AH, 39; origens e início da carreira política, 40; defende Eduardo VIII na crise da Abdicação, 41, 42; alerta para ameaça nazista, 43-44, 45-46, 47, 48; dominância, 49-50; crenças religiosas e senso de fé, 51, 52, 53; escritos jornalísticos, 54, 55; atropelado em Nova York, 56; nascimento, 57-58; primeiras façanhas militares, 59; situação financeira, 60-61, 62-63; senso de visão, 64; invoca a história 65, 66; defeito de fala, 67; humor e piadas, 68, 69; pronúncia, 70; quase encontra AH em viagem pela Alemanha, 71-72; indiferença a aparência física e roupas, 73-74; sobre arquitetura, 75; melancolias 76, 77; casa em Chartwell, 78; residência oficial em Downing Street, 79; fumo de charutos, 80; relações com colegas e subordinados, 81-82; temperamento, 83-84; relações conjugais, 85-86; intrometimento e “supercontrole”, 87, 88, 89-90; método de trabalho, 91; nomeado ministro da Marinha (1939), 92; e campanha da Noruega (1940), 93, 94-95, 96, 97; sucede a Chamberlain com primeiro-ministro, 98, 99, 100-101; sinceridade pública sobre tempos difíceis, 102, 103-104, 105; efeito inspirador, 106; fala do debate da Noruega, 107-108; reforma a estrutura de tomada de decisão, 109-110, 111; autoriza bombardeio da Alemanha, 112; minutos e “preces”, 113-114; aceita responsabilidade, 115-116; preferência por mensagens escritas, 117-118; visitas pessoais, 119, 120; combate derrotismo, 121-122; hostilidade ao comunismo soviético, 123; propõe estratégia baseada no sudeste da Europa, 124; relações com líderes aliados mais poderosos, 125-126; relações com Alanbrooke, 127, 128-129; força de vontade, 130-131; na visão de AH, 132-133; adia Operação Suserano, 134; idéias sobre AH, 135-136, 137-138; visita Stálin (agosto de 1942), 139; rejeita propostas de paz de AH, 140, 141; estimula operações especiais e serviço secreto, 142-143, 144; idéias de grandeza, 145; aprende com erros, 146; demite colegas insatisfatórios, 147-148; autoriza uso de gás venenoso, 149; lealdade a amigos com falhas, 150; envolvimento com comandantes militares, 151-152; pensamento militar, 153-154; acusado de não ajudar a resistência alemã, 155; suprimimento de informação secreta, 156; crença na democracia, 157; reputação póstuma e detratção revisionista de, 158, 159-160; admite erros, 161; vastas viagens, 162; retorna ao cargo (1951), 163-164; sofre derrame (1953), 165, 166; aposenta-se, 167; escritos históricos, 168-169; recebe Prêmio Nobel, 170, 171; discurso da “Cortina de Ferro” (Fulton, Missouri, 1946), 172; arquivos comprados, 173; sobre ideal de honra, 174; *Great Contemporaries*, 175, 176, 177, 178, 179, 180; *A history of the English-Speaking Peoples*, 181-182, 183; *The Malakand Field Force*, 184; *My Early Life*, 185, 186; *The River War*, 187; *Savrola*, 188-189, 190-191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198; *The Second World War*, 199; *Thoughts and Adventures*, 200; *The World Crisis*, 201

Chvalkovsky, Flanzisek, 1

Cícero, 1

Clark, Alan, 1

Clemenceau, Georges, 1, 2

Cockran, Bourke, 1

Cohen, Eliot A.: *Supreme Command*, 1

Coleridge, Samuel Taylor, 1

Colville, sir John (“Jock”), 1, 2, 3, 4, 5-6

Comando de Bombardeiros, 1

comando de missão, 1-2, 3-4

Comitê Conjunto de Inteligência (US-GB), 1

Comitê de Defesa Imperial, 1

Compiègne, 1, 2

Confúcio, 1

Connolly, Cyril, 1

Cooper, Alfred Duff (*depois* 1º visconde Norwich), 1, 2, 3

Cooper, lady Diana, 1

Coréia, guerra da (1950-3), 1

Cossack, HMS, 1

Costner, Kevin, 1

Coulondre, Robert, 1

Courageous, HMS, 1

Coward, sir Noel, 1, 2; *Private Lives*, 3

Cowling, Maurice, 1

Cranborne, Robert Gascoyne-Cecil, visconde, e Elizabeth, viscondessa (*depois* 5º marquês e marquesa de Salisbury), 1

Crichel Down, 1

Cripps sir Stafford, 1, 2

Critchley, Julian, [1](#)
Cromwell, Oliver, [1](#)
Crossman, Richard, [1](#)

Dacre, Hugh (Hugh Trevor-Roper), [1](#)
Dalton, Hugh, [1](#), [2](#), [3](#)
Danzig, [1](#)
Dardanelos *ver* Gallipoli, campanha de
Darré, Richard, [1](#)
Deakin, sir (Frederick) William, [1-2](#)
Delmer, Denis Sefton, [1](#)
Departamento de Informação de Guerra (OWI; Estados Unidos), [1](#), [2](#)
desembarques no Dia D:
propaganda e contra-informação sobre, [1](#), [2](#); e a estrutura de comando alemã, [3](#); informações da Alemanha sobre, [4](#); *ver também* Overlord, Operação
Dietl, Eduard, [1](#)
Dill, Field Marshal sir John, [1-2](#)
Disraeli, Benjamin, [1-2](#), [3](#), [4](#)
Dodd, Martha, [1](#)
Douglas-Home, sir Alec *ver* Dunglass, lorde
Dowding, marechal-do-ar sir Hugh (*depois* 1º barão), [1-2](#)
Downing Street (Nº 10), [1](#)
Dresden: bombardeada, [1](#)
Dugdale, sir Thomas, [1](#)
Dunglass, (sir) Alec Douglas-Home, lorde (*depois* barão Home de Hirsell), [1](#), [2](#)
Dunning, John, [1](#)
Dunquerque, invasão de (1940), [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#)
Duranty, Walter, [1](#)

Eckart, Dietrich, [1](#)
Eden, Anthony (*depois* 1º conde de Avon): na Grã-Bretanha da década de 1940, [1](#); bebida, [2](#); e a reivindicação do cargo de primeiro-ministro por WSC (1940), [3](#); e a preferência de WSC por colegas pouco convencionais, [4](#); comentários de Alanbrooke sobre, [5](#); nega ajuda à resistência alemã, [6](#), [7](#); sobre os conspiradores da bomba de julho, [8](#); sucede a WSC como *premier*, [9](#)
Eduardo VIII, rei *ver* Windsor, duque de
Eichmann, Adolf, [1](#)
Eisenhower, Dwight D., [1](#), [2](#)
Eliot, T.S., [1](#), [2](#)
Elisabete II, rainha, [1](#), [2](#)
Elisabete, rainha de Jorge VI (*depois* rainha-mãe), [1](#)
Engel, major Gerhard, [1](#)
Enigma, máquina codificadora, [1-2](#)
Escritório de Investigação Interdepartamental, [1](#)
Estados Unidos da América:
WSC espera intervenção na guerra, [1](#), [2](#), [3](#); missões britânicas aos, [4](#); entra na guerra, [5](#), [6](#), [7](#); Ribbentrop subestima, [8](#); e tentativas de paz da Alemanha, [9](#); e assassinato político, [10](#); dívidas britânicas para com, [11](#); *ver também* Roosevelt, Franklin Delano
Evans, Richard, [1](#)
Executiva de Operações Especiais (SOE), [1](#), [2](#), [3](#)
Executiva Política de Guerra (PWE), [1-2](#)

Falkenhorst, general Nikolaus von, [1](#)
família real: residência durante a guerra, [1-2](#)
Feiling, sir Keith, [1](#)
Fest, Joachim: *Plotting Hitler's Death*, [1](#), [2](#)
Filipe II, rei da Espanha, [1](#)
Finest Hour (revista), [1](#)

Flower, Norman, [1](#)
Foot, Michael, [1](#), [2](#)
Força Expedicionária Britânica (1940), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Fox, Charles James, [1](#)
Foxley, Operação, [1-2](#)
França:
guerras de religião, [1](#); invadida e derrotada (1940), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#); movimento de resistência na, [9](#)
Franco, general Francisco, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Fraser, Antonia, [1](#)
Frederico Barba-Roxa, imperador, [1](#), [2](#), [3](#)
Frederico II (o Grande), rei da Prússia, [1](#), [2](#)
Freeman, John, [1](#)
Friedländer, Frau von (anfitriã), [1](#)
Friedman, Milton, [1](#)
Fukuyama, Francis: *The End of History and the Last Man*, [1](#)

Gabinete de Guerra: membros trabalhistas, [1](#); reorganizado, [2](#)
Gaddafi, Muammar, [1](#)
Gallagher, Willie, [1](#)
Gallipoli, campanha (Dardanelos, Primeira Guerra Mundial), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)
Gandhi, Mohandas Karamchand (Mahatma), [1](#)
Garnett, David, [1-2](#)
Garnett, Richard, [1](#)
Gaulle, general Charles de: Clementine Churchill reprime, [1](#); e a identidade francesa, [2](#); alegada proposta de WSC de assassinar, [3-4](#)
Gêngis Khan, [1](#)
Gesche, Bruno, [1-2](#)
Gibbon, Edward, [1](#)
Gibraltar: número de macacos em, [1](#)
Gilbert, sir Martin, [1](#), [2](#)
Giuliani, Rudolf, [1](#)
Gladstone, William Ewart, [1-2](#), [3](#)
Glebokie (propriedade), Polônia, [1](#)
Godfrey, Almirante John Henry, [1](#)
Goebbels, Joseph: promove nazismo, [1](#), [2](#); discurso público, [3](#); “brincadeiras”, [4-5](#); apresentação pública de AH, [6](#); queixa-se de Obersalzberg, [7](#); ódio a homossexuais, [8](#); antipatiza com Ribbentrop, [9](#); lê para AH no *bunker* de Berlim, [10](#), [11](#); e repressão a judeus, [12](#); sobre o discurso “sangue, suor e lágrimas” de WSC, [13](#)
Goerdeler, Karl, [1](#), [2](#)
Goldhagen, Daniel: *Hitler’s Willing Executioners*, [1](#)
Goldwater, Barry, [1](#)
Göring, marechal-de-campo Hermann: sobre fascínio de AH, [1](#); uniformes, [2](#); casa, [3](#); plano econômico quadrienal, [4](#); e a Questão Judaica, [5](#); comanda a Luftwaffe, [6](#), [7](#), [8](#), [9](#); recusa tratados de aliança, [10](#); indulgência de AH para com, [11-12](#)
Gort, marechal-de-campo John Vereker, 6º visconde, [1](#)
Grã-Bretanha: AH planeja invasão da (“Operação Leão-Marinho”), [1](#), [2](#), [3](#); identidade nacional, [4](#); aliança com URSS, [5](#), [6](#), [7](#); e propostas de paz pela Alemanha, [8](#), [9](#), [10-11](#); resiste a ameaças através da Mancha, [12](#)
Graves, Robert: *The Long Weekend* (com Alan Hodge), [1](#)
Grécia:
Mussolini ataca, [1](#); AH invade, [2](#)
Greenwood, Arthur, [1](#), [2](#)
Greve Geral (1926), [1](#), [2](#), [3](#)
Grey, sir Edward (visconde Grey de Fallodon), [1](#)
Grigg, sir Percy James, [1](#)
Grynszpan, Herschel, [1](#)
Guarda Interna (antiga Força de Defesa Local), [1](#)
Guderian, general-de-divisão Heinz, [1-2](#), [3](#), [4](#)
Guedalla, Philip, [1](#)

guerra de submarinos, [1](#)

Guerra do Golfo, [1](#)

Guerra Fria, [1-2](#)

Guerra Irã-Iraque, [1](#)

“Guerra Relutante”, [1](#)

Guilherme II, kaiser, [1](#), [2](#), [3](#)

Guilherme IV, rei, [1](#)

“Habacuc” (base aérea em *iceberg* proposta), [1](#)

Hadamowski, Eugen, [1](#)

Haider, Jörg, [1](#), [2](#)

Hailsham, Quintin McGarel Hogg, barão, [1](#), [2](#)

Halder, general Fritz, [1](#), [2](#)

Halifax, Edward Frederick Lindley Wood, 1º conde de:

Clementine Churchill repreende, [1](#); carta de WSC sobre assuntos do Ministério das Relações Exteriores, [2](#); e campanha da Noruega, [3](#); e queda de Chamberlain, [4](#); proposto como sucessor de Chamberlain como *premier*, [5-6](#); alerta para ataque alemão no Ocidente, [7](#); no Gabinete de Guerra de WSC, [8](#); e suborno de generais espanhóis, [9](#); sobre movimento de oposição alemão, [10](#); carta de WSC sobre escrita da história, [11](#)

Hamann, Brigitte: *Hitler's Vienna*, [1](#)

Hamburgo: bombardeada, [1](#)

Hamilton, general sir Ian, [1](#)

Hanfstaengl, Ernst (“Putzi”), [1-2](#), [3](#)

Hanke, Gauleiter Karl, [1](#), [2](#)

Hankey, sir Maurice, [1](#)

Harriman, Averell, [1](#), [2](#)

Harriman, Pamela (*anteriormente* Churchill; mulher de Randolph), [1](#), [2](#)

Hart, Basil Liddell, [1](#)

Hassell, Ulrich von,

Hattersley, Roy, barão, [1](#)

Hauptmann, Gerhart, [1](#)

Hayek, Friedrich von, [1](#)

Heath, sir Edward, [1](#)

Heine, Heinrich: *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha*, [1-2](#)

Heseltine, Michael, barão, [1](#)

Hess, Rudolf:

AH dita *Mein Kampf* a, [1](#); relações de AH com, [2](#); fuga para a Escócia, [3](#)

Hewel, Walter, [1](#)

Heydrich, Reinhard, [1](#)

Hillgarth, Alan, [1](#)

Hilton Hall, Huntingdon, [1-2](#)

Himmelfarb, Milton, [1](#)

Himmler, Heinrich:

AH rejeita sugestão para usar massagista, [1](#); traje, [2](#); restringe tráfego em Berchtesgaden, [3](#); proíbe fumo a oficiais da SS uniformizados, [4](#); antipatiza com Goebbels, [5](#); comanda SS, [6](#); e a bebida de Gesche, [7](#); e o serviço de informação da SS, [8](#)

Hindenburg, marechal-de-campo Paul von, [1](#)

Hiroshima, [1](#)

History Today (revista), [1](#)

Hitchens, Christopher, [1-2](#)

Hitler, Adolf:

sinceridade de crenças, [1](#); invade a Rússia, [2](#), [3-4](#); apelo carismático, [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#); ascensão ao poder, [13](#), [14](#), [15](#); e derrota final, [16](#); visto como um impostor, [17](#); prevê vitória final dos EUA e a URSS, [18](#); presença e atratividade, [19-20](#); comparado a WSC, [21-22](#), [23](#), [24](#); sufoca oposição, [25](#); nacionalismo, [26](#); pintura, [27](#); hábitos de comida e bebida, [28-29](#); repressão emocional, [30](#); início de carreira difícil, [31-32](#), [33](#), [34](#), [35](#); na prisão de Landsberg, [36](#), [37](#); idéias religiosas e senso de predestinação, [38-39](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#); sobre a história e o futuro da Alemanha, [44-45](#), [46](#); política expansionista (*Lebensraum*), [47-48](#), [49](#), [50](#), [51-52](#); oratória, [53-54](#), [55-56](#), [57](#), [58](#); visão, [59-60](#); idéias econômicas, [61](#); anti-semitismo, [62-63](#); devoção à mãe, [64-65](#), [66](#), [67](#), [68-69](#),

[70](#); suposta falta de testículo, [71](#); fúrias teatrais, [72-73](#); mímica, [74](#); “brincadeiras”, [75-76](#); quase encontro de WSC com, [77-78](#); olhar sem piscadela, [79-80](#), [81](#); cachorro (Blondi), [82](#), [83](#); poucas relações pessoais, [84](#); casamento com Eva Braun, [85](#), [86](#); imagem e relações públicas, [87](#), [88](#); casa de Obersalzberg (Berghof), [89-90](#); sobre arquitetura, [91](#), [92](#); e Chancelaria do Reich, [93](#); não-fumante, [94](#); administração do *staff*, [95](#), [96](#), [97-98](#); chamado de “*mein Führer*” por Eva Braun, [99](#); sexualidade, [100-101](#); ocupa Noruega, [102-103](#); *Blitzkrieg* contra Ocidente (1940), [104-105](#); visita Compiègne e Paris (1940), [106-107](#); comando militar autocrático, [108-109](#), [110](#), [111-112](#), [113-114](#); susta avanço contra britânicos antes de Dunquerque, [115-116](#), [117](#); planeja invadir Grã-Bretanha, [118](#), [119](#); envolvimento em minúcias da administração da guerra, [120](#), [121-122](#), [123](#); cancela invasão da Grã-Bretanha, [124](#); subestima importância de alianças, [125-126](#); força de vontade, [127](#); conversa à mesa, [128](#); sobre WSC, [129-130](#), [131](#); menospreza Stafford Cripps, [132-133](#); WSC sobre, [134-135](#), [136-137](#); propostas de paz à Grã-Bretanha, [138](#), [139](#), [140](#); morte, [141](#), [142](#); propaganda e caricaturas contra, [143](#); preferência por colegas com fraquezas, [144-145](#); vingança contra conspiradores de 1944, [146](#), [147](#); e Solução Final (contra judeus), [148](#); lealdade a velhos camaradas de *staff*, [149-150](#); afasta e substitui comandantes, [151-152](#); aversão a acadêmicos, [153](#); pagamentos e recompensas a comandantes militares, [154-155](#); complô de julho de 1944 contra, [156](#), [157](#), [158-159](#); resistência a, [160](#); planos britânicos de assassinato contra, [161-162](#); e movimento de tropas no Dia D, [163-164](#); declínio da saúde, [165](#); senso de predestinação pessoal, [166](#); declara guerra aos EUA, [167](#), [168](#); reputação póstuma, [169-170](#); culpa outros por infortúnios, [171](#); afastado do povo, [172-173](#); pesquisa nuclear, [174](#); *Mein Kampf*, [175-176](#), [177](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#), [182](#)

Hoare, sir Samuel (*depois* visconde Templewood), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Hobart, general-de-divisão sir Percy, [1](#)

Hobday, Harold, [1](#)

Hobsbawm, Eric, [1-2](#)

Hodge, Alan, [1](#)

Hogg, Quintin *ver* Hailsham, barão Holland

Holocausto: AH nega, [1](#); *ver também* Solução Final

Hopkins, Harry, [1](#), [2](#)

Howard, Michael, [1](#)

Hussein, Saddam, [1](#), [2](#)

Ickes, Harold, [1](#)

Império (Britânico), [1](#), [2](#)

Índia, Ato da (1935), [1](#)

Inglaterra, batalha da (1940), [1](#), [2](#)

inteligência, agências de, [1](#)

International Churchill Society, [1-2](#)

Iraque, [1](#)

Irving, David:

no caso Lipstadt, [1](#), [2](#); sobre WSC e a bebida, [3-4](#); e o anti-semitismo de AH, [5](#); deprecia WSC, [6-7](#), [8](#); *Hitler's War: Triumph in Adversity*, [9-10](#)

Ismay, general Hastings, Barão (“Pug”), [1](#), [2](#), [3](#)

Itália:

invade Abissínia, [1](#); desdém de AH pela, [2](#); *ver também* Mussolini, Benito Iugoslávia, [3](#), [4](#)

Ivã IV (“o Terrível”), czar, [1](#)

Jacob, sir Ian, [1](#)

Japão:

pilotos camicase, [1](#); como inimigo potencial, [2](#); AH engana, [3](#); adia ações militares contra URSS, [4](#); ataca Pearl Harbor, [5](#)

Jenkins, Roy, barão, [1](#), [2](#), [3](#)

Jesus Cristo, [1](#)

João Batista, são, [1](#)

Jodl, marechal-de-campo Alfred, [1-2](#)

Johnson, Paul, [1](#)

Jones, Jim:

e suicídios na Guiana, [1](#)

Jones, R.V., [1](#), [2](#)

Jorge VI, rei, [1](#), [2](#)

Joseph, sir Keith (*depois* Barão), [1](#)
Jozefow, Polônia, [1](#)
judeus:
e teoria da conspiração, [1-2](#); atitude de AH para com, [3-4](#); e Solução Final, [5](#), [6](#), [7](#), [8](#); AH planeja boicote dos, [9](#);
repressão nazista dos, [10-11](#)
Júlio César, [1](#)

Kaltenbrunner, Ernst, [1](#)
Katyn massacre, [1](#)
Keating, Paul, [1](#)
Keegan, sir John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Keitel, marechal-de-campo Wilhelm, [1](#), [2](#), [3](#)
Kennedy, John F., [1](#)
Kennedy, Joseph P., [1](#), [2](#)
Kennedy, Robert, [1](#)
Kershaw, sir Ian, [1](#), [2](#); *The “Hitler Myth”*, 15 Keyes, almirante-de-esquadra sir Roger, [3-4](#), [5](#)
Keynes, John Maynard, barão: *The Economic Consequences of the Peace*, 153 Kim Il Sung, [1](#)
King, Martin Luther, [1](#)
King, William Lyon Mackenzie, [1](#)
Kinnock, Neil, [1](#)
Kissinger, Henry, [1](#)
Klemperer, Klemens von:
German Resistance against Hitler, [1](#)
Kluge, marechal-de-campo Günther von, [1](#)
Korda, sir Alexander, [1](#), [2](#), [3](#)
Kristallnacht, [1](#)

Läffner, Siegfried, [1](#)
Landsberg prisão de, Baviera, [1](#), [2](#)
Lash, Joseph, [1](#)
Latchmere House, Richmond, [1](#)
Lausanne, Conferência de (1932), [1](#)
Laval, Pierre, [1](#)
Law, Richard (*depois* barão Coleraine), [1](#)
Lawrence, Neville, [1](#)
Laziosi, são Peregrino, [1](#)
Leão-Marinho, Operação, [1](#), [2](#)
Lênin, Vladimir Ilich, [1](#)
Leningrado, [1](#)
Leopoldo III, rei da Bélgica, [1-2](#)
liderança:
natureza da, [1-2](#); e dizer não, [3](#); e responsabilidade, [4](#)
Lincoln, Abraham, [1](#)
Lindemann, Frederick (visconde Cherwell; “o Prof”), [1](#), [2](#), [3](#)
Linha Maginot, [1](#), [2](#), [3](#)
Lipstadt, Deborah, [1](#), [2](#)
Lloyd George, David (*depois* 1º conde), [1](#), [2](#)
Londres: bombardeada, [1](#), [2](#)
Lorraine, sir Percy, [1](#)
Lossberg, tenente-coronel Bernhard von, [1](#)
Ludendorff, marechal-de-campo Erich Friedrich Wilhelm, [1](#)
Luftwaffe (Força Aérea Alemã):
fracassa em Dunquerque, [1](#), [2](#); organização, [3](#)
Luís XIV, rei da França, [1](#)
Lukacs, John, [1](#), [2](#)
Lullenden, Sussex, [1](#)
Lusitania (navio mercante americano), [1](#)

Macaulay, Thomas Babington, barão, [1](#)
Machtan, Lothar: *The Hidden Hitler*, [1-2](#)
Macmillan, Harold (*depois* 1º conde de Stockton), [1](#), [2](#)
Mádi, o, [1](#)
Madresfield Court, Worcestershire, [1](#)
Mágico de Oz, O (filme), [1](#)
Major, John, [1](#)
Malcolm X, [1](#)
Manchester, William, [1](#)
Manstein, general Erich von, [1-2](#), [3](#)
Margesson, David (*depois* 1º visconde), [1](#)
Marraquesh, [1](#)
Marshall, general George Catlett, Jr., [1](#), [2](#)
Marx, Karl, [1](#)
Masters, Brian: *Getting Personal*, [1](#)
Maudling, Reginald, [1](#)
Maurice, Emil, [1](#)
Maze, Paul, [1](#)
McAlpine, Alistair, [1](#)
McKinley, William, [1](#)
Meades, Jonathan, [1](#)
Meehan, Patricia: *The Unnecessary War*, [1](#), [2](#)
Melbourne, William Lamb, 2º visconde, [1](#), [2](#)
Mellor, David, [1](#)
Mend, Hans, [1-2](#)
MI5:
interrogatórios em Latchmere House, [1](#); criada, [2](#)
Milgram, Stanley, [1](#)
ministro da Defesa: cargo criado, [1](#)
Model, general Walter, [1](#)
Moisés o patriarca, [1](#)
Mola Vidal, general Emilio, [1](#)
Moltke, conde Helmuth von, [1](#)
Monckton, Walter, visconde, [1](#)
Montague Browne, Anthony, [1-2](#)
Montgomery, marechal-de-campo Bernard Law, 1º visconde:
guarda fotografia de Rommel, [1](#); vida na década de 1940, [2](#); autopromoção, [3](#); Clementine Churchill reprime, [4](#);
sobre WSC e Alanbrooke, [5](#); e concepção de grandeza de WSC, [6](#); resiste à interferência de WSC, [7](#)
Moore, Charles Ganett Ponsonby Moore, visconde (*depois* 17º conde de Drogheda), [1](#)
Moore, general sir John, [1](#)
Moore-Brabazon, John (*depois* 1º barão Brabazon), [1](#)
Moran, Charles Wilson, barão, [1](#), [2](#)
Morgenthau, Henry, [1](#)
Morrison, Herbert (*depois* barão), [1](#), [2](#)
Mortimer, Raymond, [1](#)
Morton, sir Desmond, [1](#), [2](#)
Mosley, Diana, lady, [1](#)
Mulberry, portos, [1](#)
Munique, acordo de (1938), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Murrow, Ed, [1](#)
Musharref, general Pervaiz, [1](#)
Mussolini, Benito:
visto como impostor, [1](#); WSC zomba de, [2](#); fotografado de calção de banho, [3](#); salvo em Abruzzi, [4](#); não-
fumante, [5](#); ataca Grécia, [6](#); ordem de assassinato supostamente dada por WSC, [7](#)

nacionalismo indiano, [1](#)
Nações Unidas, [1-2](#)

Nagasaki, [1](#)
Napoleão I (Bonaparte), imperador:
liderança [1](#), [2](#); e destino, [3](#); idealizado, [4](#); ameaça invasão da Grã-Bretanha, [5](#); especulações sobre morte de, [6](#);
WSC recusa-se a comparar AH a, [7](#); ameaça de invasão de, [8](#)
Narvik, [1](#), [2](#), [3](#)
Nasser, Gamal Abdel, [1](#)
Nazista, Partido (e nazismo):
comícios, [1](#); imobilidade inicial, [2](#); WSC adverte da ameaça do, [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#); ascensão ao poder, [8-9](#), [10](#);
propaganda, [11-12](#), [13](#); comparado a culto religioso, [14](#); trajes e uniformes, [15](#), [16](#); campanha antitabagista, [17](#);
propaganda contra durante a guerra, [18-19](#); elite da liderança, [20](#)
Neasden: *bunker* de WSC em, [1](#)
Neguib, general Mohammed, [1](#)
Nelson, almirante Horatio, 1º visconde:
pensão paga a descendentes, [1](#);
Neumann, Tosef, [1](#)
Nicolson, (sir) Harold, [1](#)
Nietzsche, Elisabeth, [1](#)
“Ninho na Rocha” (construção), [1](#)
Noite dos Longos Punhais, [1](#)
Norma [1](#), [2](#)
Normanbrook, Norman Craven Brook, barão, [1](#)
Normandia:
batalha da (1944), [1](#); *ver também* desembarques no Dia D; Operação Overlord
Noruega:
WSC propõe invasão da Europa a partir da, [1](#)
Norwich, John Julius Cooper, 2º visconde, [1](#)
Nova York:
ataque da al-Qaeda a, [1](#)
Nuremberg, julgamentos e execuções, [1](#)

Obersalzberg, [1-2](#)
Oitavo Exército, [1](#), [2](#), [3](#)
Olivier, Laurence, barão, [1](#)
Omdurman, batalha de (1898), [1](#)
Oran: frota francesa atacada em, [1](#)
Oriente Médio: WSC reforça, [1](#)
Osborne, sir D’Arcy, [1](#)
Ottawa: evacuação planejada para, [1](#)
Overlord, Operação (invasão da Normandia), [1](#), [2](#), [3](#)

Pacto Nazi-Soviético de Não-Agressão (1939), [1](#)
Page Croft, sir Henry (*depois* Baron Croft), [1](#)
Paris: AH visita, [1](#), [2](#)
Partido Trabalhista: ingressa no governo de coalizão (1940), [1-2](#)
Patton, general George S., [1-2](#)
Pearl Harbor, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Pearson, John, [1](#)
Penguin Books (editores), [1](#)
Perceval, Spencer, [1](#)
Péricles, [1](#)
Peruca, Operação, [1](#)
Pétain, Marechal Philippe, [1](#)
Philadelphia Inquirer (jornal), [1](#)
Philip, Terence, [1](#)
Pio XII, papa, [1](#)
Pless, príncipe de, [1](#)
Plumb, sir John H., [1](#), [2](#)

Pol Pot, [1](#)

Polônia:

invadida (1939), [1](#), [2](#); WSC faz emissão de rádio para, [3](#); russos na (1944), [4](#); e fronteiras alemãs, [5](#); judeus massacrados na, [6-7](#), [8](#)

Ponting, Clive, *1940: Myth and Reality*, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Powell, Enoch, [1](#)

Prêmio Nobel (de Literatura): WSC ganha, [1](#), [2](#)

Prince of Wales, HMS, [1](#)

propaganda e contra-informação, [1-2](#)

Proudhon, Pierre, [1](#)

Pym, John, [1](#)

Quebec, conferência de (1943), [1](#), [2](#)

Quennell, (sir) Peter, [1](#)

Quinta Coluna: supostamente na Grã-Bretanha, [1](#)

Raeder, almirante Erich, [1](#)

Raico, Robert, [1](#), [2](#)

Ramsden, John, [1](#)

Rankin, Jeanette, [1](#)

Raphael, Frederic, [1](#)

Rasputin, Grigori, [1](#)

Rath, Ernst von, [1](#)

Raubal, Geli, [1](#)

Reagan, Ronald, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#)

Real Força Aérea (RAF): papel na guerra, [1](#)

Reich, Chancelaria do, Berlim, [1-2](#)

Reiter, Mimi, [1](#)

Ribbentrop, Joachim von, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Riefenstahl, Leni, [1](#), [2](#)

Roberts, sir Frank: *Dealing with Dictators*, [1](#)

Roberts-Jones, Ivor: escultura de WSC, [1](#)

Robespierre, Maximilien, [1](#)

Röhm, Ernst, [1](#)

Romilly, Giles, [1](#)

Rommel, marechal-de-campo Erwin, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Roosevelt, Franklin Delano:

Hanfstaengl aconselha, [1](#); WSC recebe no banho, [2](#); fumante de cigarros, [3](#); e intervenção dos EUA na guerra, [4](#); sobre más idéias de WSC, [5](#); política de “Alemanha Primeiro”, [6](#), [7](#); WSC elogia, [8-9](#); na Conferência de Teerã, [10](#); e a data de invasão da Europa, [11](#); AH sobre, [12](#); exige rendição incondicional, [13](#); Marshall aconselha, [14](#); WSC encontra, [15](#)

Rose, Norman, [1](#)

Rosebery, Archibald Philip Primrose, 5º conde de, [1](#)

Rosenberg, Alfred, [1](#)

Rousseau, Jean-Jacques, [1](#)

Rowse, Alfred Leslie, [1](#), [2](#), [3](#)

Royal Oak, HMS, [1](#)

Rumsfeld, Donald, [1](#)

Rundstedt, marechal-de-campo von, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)

Russell, Bertrand, [1](#)

Rússia:

AH invade (1941), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#); Pacto de Não-Agressão com Alemanha (1939), [8](#); aliança de WSC com, [9](#), [10](#), [11](#); na Polônia (1944); [12](#)

e tentativas de paz da Alemanha, [1](#); ajuda aliada à, [2](#)

sabotagem: planejada pela PWE, [1-2](#)

Sackville-West, Vita, [1](#)

Sala 40 (Almirantado), [1](#)
Salas do Gabinete de Guerra, [1](#)
Salisbury, Robert Arthur Talbot Gascoyne-Cecil, 3º marquês de, [1](#), [2](#)
Sartre, Jean-Paul, [1](#)
Schacht, Hjalmar, [1](#), [2](#), [3](#)
Schellenberg, general Walter, [1](#)
Schulz, Gruppenführer, [1](#)
Sedgwick, tenente-coronel R.L., [1](#)
Segunda Guerra Mundial (1939-45): interesse atual pela, [1-2](#)
Seymour, lady Horatia, [1](#)
Shakespeare, William: *Henrique V*, [1](#), [2](#)
Shinwell, Emanuel (*depois* barão), [1](#)
Shirer, William, [1](#)
Sidney Street, cerco da (1910), [1](#)
Siemens Dynamo, Fábrica, Berlim, [1-2](#), [3](#), [4](#)
Simon, sir John Allsebrook, 1º visconde, [1](#), [2](#)
Sinclair, sir Archibald (*depois* visconde Thurso), [1](#), [2](#)
Singapura: cai (1942), [1](#), [2](#)
Smith, John, [1](#)
Soames, Mary, lady (filha de WSC), [1](#), [2](#), [3](#)
Solução Final (contra os judeus), [1](#), [2](#), [3-4](#)
Somervell, D.C., [1](#)
Southey, Robert, [1](#)
Spears, general sir Louis, [1](#)
Speer, Albert:
ajuda a organizar comícios nazistas, [1](#); sobre a insegurança do jovem AH, [2](#); sobre humor cruel de AH e Goebbels, [3-4](#); duelo de piscadela com AH, [5](#); casa, [6](#); sobre von Arent, [7](#); constrói Chancelaria do Reich, [8-9](#); supostas relações homoeróticas com AH, [10](#); sobre técnicas administrativas de AH, [11](#); antipatizado por Göring, [12](#); AH discute inverno russo com, [13](#); sobre gosto de AH por colegas imperfeitos, [14](#); sobre a perda da guerra, [15](#)
Spitzzy, Reinhard, [1](#)
Stálin, Josef:
visto como impostor, [1](#); lady Astor visita, [2](#); fumo, [3](#); Hobsbawm elogia, [4](#); E.H. Carr elogia, [5](#); WSC forma aliança, [6](#); na Conferência de Teerã, [7](#); pede segunda frente, [8](#); WSC visita (agosto de 1942), [9](#); sobre verdades e mentiras em tempo de guerra, [10](#); e termos de paz com a Alemanha, [11](#); conselheiros, [12](#); e guerra nuclear, [13](#); avanço especulativo sobre a Europa ocidental, [14](#)
Stalingrado, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)
Stanley, Oliver, [1](#)
Stark, Freya, [1](#)
Stauffenberg, Claus von, [1](#)
Steffens, Lincoln, [1](#)
Stone, Norman, [1](#), [2](#), [3](#)
Strachey, Lytton, [1](#)
Strathallan, John David Drummond, 13º visconde (*depois* 17º conde de Perth), [1](#)
Strawson, general-de-divisão, [1](#)
Streicher, Julius, [1](#)
Sudetos, [1](#), [2](#)
Sumatra, [1](#)
Sunday Pictorial, [1](#)
Sykes, Christopher, [1](#)

Taylor, A.J.P., [1](#)
Tchecoslováquia, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)
Teerã, Conferência de (1943), [1](#)
That Hamilton Woman (filme), [1](#)
Thatcher, Margaret, [1](#)
Thomas, Hugh, barão, [1](#)

Thomson, Alice, [1](#)
Thorne, general sir Andrew, [1](#)
Thorpe, Jeremy, [1](#)
Trevor-Roper, Hugh (barão Dacre): *The Last Days of Hitler*, [1](#)
Trollope, Anthony: *The Prime Minister*, [1](#)
Turing, Alan, [1](#)

Ultra:
sobre cancelamento de planos alemães de invasão, [1](#); WSC vê dados, [2](#); sigilo mantido, [3](#)
União Européia, [1](#)
União Soviética ver Rússia

Vane-Tempest, lorde Herbert, [1](#)
Varsóvia, [1](#)
Vaypayee, Atal Bihari, [1](#)
Venlo, incidente (1939), [1](#)
Versalhes, Tratado de (1919), [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)
Viena: AH em, [1](#)
Vietnã, Guerra do, [1](#)
Völkischer Beobachter (jornal), [1](#)

Wagner, Richard, [1](#)
Wall Street, Craque de (1929), [1](#), [2](#)
Wannsee, Conferência de (1942), [1](#)
Warlimont, general Walter, [1](#), [2-3](#)
Washington Post, [1](#)
Wavell, marechal-de-campo Archibald, 1º conde, [1](#)
Wedgwood, coronel Josiah, [1](#)
Wedgwood, Cecily Veronica, [1](#)
Wellington, Arthur Wellesley, 1º duque de, [1](#), [2](#)
Wheeler-Bennett, sir John, [1](#)
Wiedemann, Fritz, [1](#)
Wilder, Thornton: *The Bridge of San Luis Rey*, [1](#)
Wilson, A.N., [1](#)
Wilson, Harold, barão, [1](#)
Windsor, Edward, duque de (*antes príncipe de Gales, depois rei Eduardo VIII*): sobre choro de WSC, [1](#); na crise da Abdicação, [2](#), [3](#), [4](#); visita AH em Berghof, [5](#); Irving sobre, [6](#)
Wingate, general-de divisão Orde, [1](#)
Woburn Abbey, [1](#)
Wood, sir Kingsley, [1](#), [2](#), [3](#)
Woolton, Frederick James Marquis, 1º conde de, [1](#)
Wordsworth, William, [1](#)

Young, G.M., [1](#)
Young, Tom, [1](#)



Hitler em 1930.
O olhar diz tudo.



Discurso na mão, Churchill sai de Downing Street para comunicar à Câmara

dos Comuns o afundamento da frota francesa em Orã, a 4 de julho de 1940.



A Liga das Donzelas (algumas mais para matronas) cultua a seu ídolo sob o olhar de Heinrich Himmler.



O Comício pela Honra e a Liberdade em Nuremberg, 1936.



Churchill, com um sobretudo descosturado, conserta um telhado durante seus anos de ostracismo.



Churchill envergando seu *siren suit*, ou “macacão”, em Chartwell, 1939.



O ministro das Finanças Winston Churchill, acompanhado por seu secretário particular Bob Boothby, sua filha Diana e o guarda-costas, inspetor W.H.

Thompson, caminha em direção à Câmara dos Comuns para apresentar seu orçamento para 1929.



O general Werner von Blomberg acreditava que um simples encontro com Hitler poderia curá-lo de um resfriado.



Hermann Göring pensava que Hitler podia convencê-lo até de que era uma mulher.



Dez meses após o acidente na Quinta Avenida, Churchill, ainda convalescendo, é carregado para sua residência em Londres, em outubro de 1932.



Uma coroa de louros para o Führer na prisão em Landsberg.



Hitler, recém-eleito chanceler, em uma rara postura submissa, ao se encontrar com seu antigo comandante-em-chefe, presidente Hindenburg, em Potsdam em 21 de março de 1933.



Praga, 15 de março de 1939: fora do Castelo [Hradschin], o Führer inspeciona as tropas, no dia em que invadiu o restante de uma passiva Tchecoslováquia.



O comediante Weiss-Ferdl, de Munique, em seu camarim em 1930. Hitler estudou seu *timing*, forma de falar e técnicas.



Hitler banca o canastrão para seu fotógrafo favorito, Heinrich Hoffmann.



Da Casa Branca, Churchill faz um pronunciamento pelo rádio, 1943.



Hitler com Blondi.



Hitler com Eva, que até seu casamento forçado sempre o tratava por “mein Führer”.



Registro raro: Hitler, que era míope, usando óculos. Ele temia que fotos assim pudessem prejudicar sua imagem de super-homem.



O Führer foi um pioneiro no oportunismo político de se deixar fotografar com crianças.



Quando o ditador italiano Benito Mussolini foi fotografado de calção de banho, Hitler reagiu com escárnio.



Churchill não se preocupava muito com a aparência.



Hitler vestia-se sobriamente para enfatizar sua simplicidade *vis-à-vis* seus generais.



Goebbels usava o humor para dissuadir o Führer e eliminar seus rivais.



O arquiteto Albert Speer e Hitler admiram sua obra na inauguração da nova Chancelaria do Reich, em 1938.



Era preciso transpor mais de 270 metros de uma esplêndida galeria antes de se chegar ao gabinete do Führer.



Mesmo como primeiro-ministro e em plena guerra, Churchill andava a pé pelas ruas de Londres, como nesse registro de 26 de maio de 1940.



Os secretários de Hitler fumavam em sua ausência.



Hitler com dois papais-noéis numa festa em 1937.



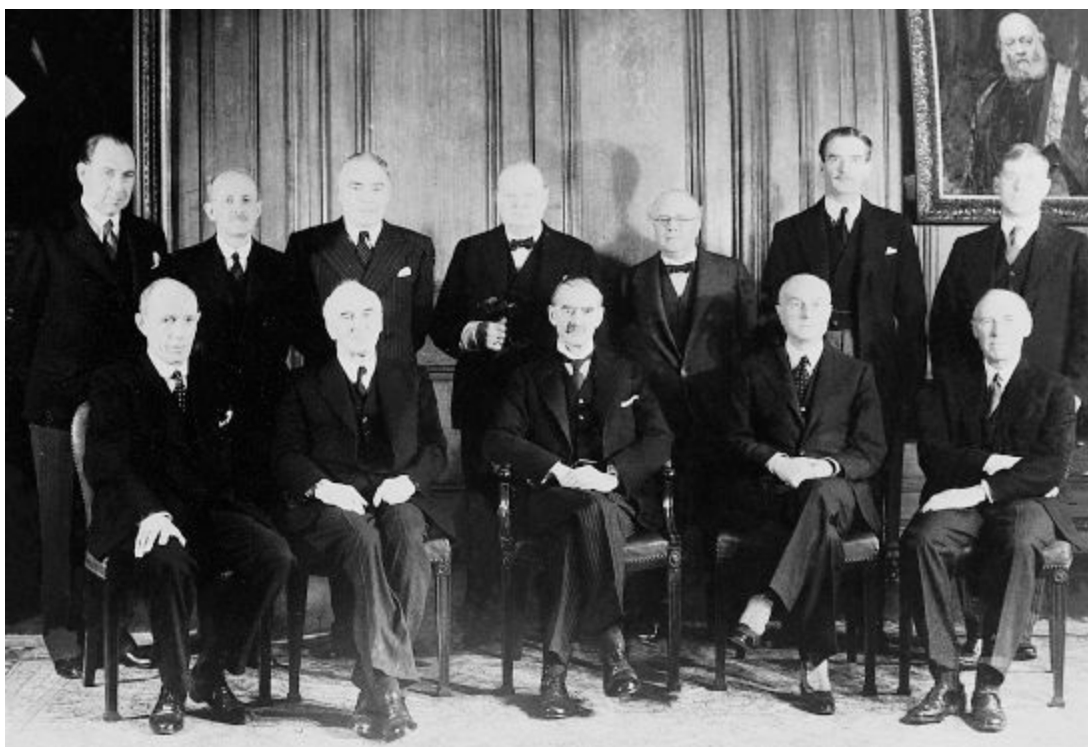
Hitler cogitou utilizar o serviço diplomático alemão para seduzir Mary, filha de Churchill (à esquerda). Isso nunca chegou a acontecer.



O ministro das Finanças Hjalmar Schacht saúda o busto do Führer, em 1935.



Kingsley Wood e Anthony Eden aconselham Churchill após uma reunião do Gabinete, horas antes de ele se tornar primeiro-ministro, em 10 de maio de 1940.



O Gabinete de Chamberlain em outubro de 1939. Na fila de trás, da esquerda para a direita: John Anderson, Maurice Hankey, Leslie Hore-Belisha, Winston Churchill, Kingsley Wood, Anthony Eden e Edward Bridges. Na fila da frente: lorde Halifax, John Simon, Neville Chamberlain, Samuel Hoare e lorde Chatfield. Ao fundo, um retrato de lorde Salisbury.



O general-de-divisão Erich von Manstein, arquiteto do “Golpe da Foice”, que levou à Queda da França em 1940.



O general Walther von Branschitsch, Hitler e o general Franz Halder à frente do comando de missão no “Golpe da Foice”.



O marechal-do-ar sir Hugh Dowding do Comando de Caças, vencedor da batalha da Inglaterra.



Bob Boothby foi grande amigo e confidente de Churchill até se envolver, em 1941, na história sórdida conhecida como “o caso do ouro tcheco”.



Os marechais-de-campo lorde Alanbrooke e Bernard Montgomery com Churchill na França em 1944.



Churchill foi o único primeiro-ministro britânico a usar uniforme militar. Na Conferência de Teerã ele se assemelhava mais Stálin do que Roosevelt.



Hitler inspeciona os danos após o Complô da Bomba de 20 de julho de 1944, cuja explosão o jogou pela janela.



Bruno Gesche, o comandante alcoólatra da SS de Hitler, por duas vezes ameaçou usar sua arma quando estava bêbado, mas preservou seu emprego.



„Was wir einmal haben, das halten wir fest.“

Adolf Hitler

am 8. November 1942 in München.

Foto forjada e depois distribuída como cartão-postal pela Executiva Política de Guerra (PWE) britânica. A legenda cita um dos discursos de Hitler: “O que temos, seguramos.”



Alguns livros afirmam que o Führer era homossexual.



Hitler usando a Cruz de Ferro de primeira classe, a braçadeira com a suástica e o quepe pontudo — suas únicas insígnias.



Churchill com alguns de seus acessórios favoritos: chapéu *homburg*, colete listrado, gravata-borboleta de bolinhas e lenço num arranjo elaborado. “Nunca se esqueça da sua marca!”, disse ele certa vez a um colega do Parlamento.

Título original:
Hitler & Churchill
Secrets of Leadership

Tradução autorizada da primeira edição inglesa
publicada em 2003 por Weidenfeld & Nicolson,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2003, Andrew Roberts
Copyright da edição em língua portuguesa © 2004:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Produção do arquivo ePub: [Simplíssimo Livros](#)
Edição digital: setembro 2013
ISBN: 978-85-378-1045-3